CRUZ E SOUZA

EVOCAÇÕES

1.ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
Typ. Aldina — Rua da Assembléa, 96.
1898

CRUZ E SOUZA

EVOCAÇÕES

1ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
TYP. ALDINA— Rua da Assembléa, 96.
1898

Cruz e Souza

A Raphael Bordallo Pinheiro, uma expressão votiva da amizade que lhe consagro.

Rio - 30 - 8 - 1899

C. Fernandes

EVOCAÇÕES

Les seuls vivants méritant le nom d'Artistes sont les créateurs, ceux qui éveillent des impressions intenses, inconnues et sublimes.

(*L'Ère Future*) VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.

INICIADO

> Desolado alchimista da Dôr, Artista, tu a depuras, a fluidificas, a espiritualisas, e ella fica para sempre, immaculada essencia, sacrametando divinamente a tua Obra.

Pedrarias rubentes dos occasos; Angelus piedosos e concentrativos, a Millet; Te-Deum glorioso das madrugadas fulvas, através do deslumbramento paradisiaco, rumoroso e largo das florestas, quando a luz abre immaculadamente n'um som claro e metallico de trômpa campestre —claro e fresco, por bizarra e medieval caçada de esveltos fidalgos; a verde, viva e viçosa vegetação dos vergéis virgens; os opalescentes luares encantados nas mattas; o crystalino cachoeirar dos rios; as collinas emotivas e saudosas, — todo aquelle esplendor de colorida paisagem, todo aquelle encanto de exhuberancia de prados, aquelles aspectos selvagens e magestosos e

ingenuos, quasi biblicos, da terra acolhedôra e generosa onde nasceste,—deixaste, afinal, um dia, e vieste peregrinar inquieto pelas inhospitas, barbaras terras do Desconhecido...

Vieste da tua paragem feliz e meiga,—amplidão de bondade patriarchal,primitiva—, mergulhar na onda nervosa do Sonho, que já de longe, dos êrmos rudes do teu lar, fascinava de magneticos fluidos, de imponderados mysterios, o teu bello ser contemplativo e sensibilisado.

Chegas para a Via-Sacra da Arte a esta avalanche immensa de sensações e paixões uivantes, roçando esta multidão insidiosa, confusa, dubia, que de rastos, de rojo, borborinha, farejando anciosamente o Vicio.

Vens ainda com todo o sol fremente do teu solitario firmamento provinciano na carnação vigorosa de forte, de virilisado n'aquelles ares; trazes ainda no sangue accêso a impetuosidade dos lutadores alegres e heroicos e ainda todo esse organismo desenvolvido livremente nos campos respira a saude brava d'aquella athmosphera casta e verde, dos amplos céos humidos da tinta fresca das manhans, aguarellados delicadamente de claro azul.

Mas, d'ahi a pouco, uma vez immerso completamente na Arte, uma vez concentrado

definitivamente n'ella, todo esse brilho e viço victoriosos, por uma surprehendente transfiguração, desapparecerão para sempre, e então, tu, livido, tremulo, espectral, phantastico, terás o impressionante aspecto angustioso e fatal do lugubre apparato de um guilhotinado...

A Arte dominou-te, venceu-te e tu por ella deixáste tudo: a viva, a penetrante, a tocante affeição materna, de um humano enternecimento até ás lagrimas, até á morte, até ao sacrificio do sangue. Por ella deixaste esse affecto extremo, louco, quasi absurdo, de tua mãe—cabeça branca estrellada de amarguras, Espirito celestial do Amor, aquella que nas miragens infinitas e nas curiosidades enigmaticas da Infancia, santificou, ungio o teu corpo com o oleo sacrosanto dos beijos.

Tudo esqueceste, para vir fecundar o teu ser nos seios germinadores da Arte. E, quando alimentado, quando conquistado e vencido por ella, quizeres voltar depois aos braços acariciantes de tua mãe, n'um risonho movimento de affectiva alegria, clara, fresca, espontanea, sadia e simples como a de outrora, esse movimento lhe parecerá funesto e acerbo, como o rictus de uma caveira, sem jamais o antigo encanto e frescura.

E tu, então, surgirás para ella como a sombra, o phantasma do que foste, um desvairado, perdido, errante na Dôr—taes e tantas serão em ti as duras rugas, imprevistas e prematuras, para sempre pungitivamente produzidas pelo dilaceramento da Paixão esthetica.

Mas tua mãe te fallará das bizarras correrias da tua mocidade, mais florida e mais virgem do que um campo de rosas brancas nas agrestes regiões onde nasceste.

E a alma da tua mocidade, a tua joven bravura de mocidade, andará, vagará já, errando, errando, esquecida do mundo, como um solitario monge, através dos longos e sombrios claustros da Saudade.

E, não só tua mãe, mas teus irmãos, teu pae, todos os teus te olharão depois, secretamente abalados, como a um desconhecido, sentindo, por vago instincto, que os caracteres ignótos e supremos do teu ser não são apenas, elementarmente, os mesmos caracteres da simples e natural consanguinidade; que tu, por mais unido que estejas a elles por laços inevitaveis, fataes, estás longe, afastado d'elles a teu pezar, sem malicia, de alma desprevenida e sã, como as estrellas nas soberanias transcendentes da sua luz estão para sempre afastadas da obscura Terra.

E tudo isso por andares attrahido por forças redemptoras, perdido nos centros fascinantes do absoluto sentir e do absoluto sonhar!

Agora, ainda trazes a alma como a mais excentrica flôr do Sol, com todas as febrilidades e deslumbramentos do Sol,—flor da força, da impetuosidade das seivas, aberta, rasgada em rubro, viva e violenta a vermelho, cantando sangue...

Porém, se és vitalmente um homem, e trazes o cunho prodigioso da Arte, vem para a Dôr, vive na chamma da Dôr, vencedor por sentil-a, glorioso por conhecêl-a e nobilital-a. Tira da Dôr a profunda e radiante serenidade e a solemne harmonia profunda. Faze da Dôr a bandeira real, orgulhosa, constellada dos brazões soberanos da poderosa Aguia Negra do Genio e do Dragão cabalistico das Nevroses, para envolver-te grandiosamente na Vida e amortalhar-te na Morte!

Vem para esta ensanguentada batalha, para esta guerra surda, absurda, selvagem, subterranea e soturna da Dôr dos Loucos Illuminados, dos Videntes Ideaes que arrastam, além, pelos tempos, para os infinitos do incognoscivel futuro, as purpuras fascinadoras das suas glorias tragicas.

Se não tens Dôr, vaga pelos desertos, corre pelos areaes da Illusão e pede ás vermelhas

campanhas abertas da Vida e clama e grita: quem me dá uma Dôr, uma Dôr para me illuminar! Que eu seja o transcendentalisado da Dôr!

Vem para a Dôr, que tu a elevas e purificas, porque tu não és mais que a corporificação do proprio Sonho, que vagueia, que oscilla na luxuria da luz, através da Esperança e da Saudade— grandes lampadas de luas de uncção piedosa, cuja velada claridade tranquilla dá ao teu semblante a expressão immaterial, incoercivel, etherea, da Immortalidade...

E essa Immortalidade em que meditas é a das Idéas, da Forma, das Sensações, da Paixão, crystalisadas maravilhosamente n'um corpo vivo, quente, palpitante, que sintas mover, que sintas estremecer, agitar-se n'uma onda de sensibilidade, fremer, vibrar nas effervescencias da luz...

Condensa, apura, perfectibilisa, pois, o teu Sonho—Sol estranho, em torno ao qual vôam condores e aguias victoriosas de garras e azas conquistadoras...

Para a genese desse Sonho, para a genese dessa Arte, é necessario o Optimismo da Fé, poderosa e religiosamente sentida; é necessario que a tua alma, forte, avigorada para a grande Esphéra, tenha a Crença edificante e paire presa

ás correntes invisiveis, ignótas, de um sentimento espiritualisado e sereno.

Ao Pessimismo de Schoppenhauer, que tu, pelo fundo de critica psychologica e de alada e fagulhante ironia adoras, como Satan, por diabolica phantasia, adora os abstrusos venenos do Mal; a esse Pessimismo sêcco, duro, dictador e esterilisante, prefere antes o Optimismo religioso de Renan, que não abate nem enviléce as almas, mas antes as alevanta e illumina, sem lhes tirar a rectidão austéra da Verdade, as linhas justas e solemnes da alta comprehensão da Vida.

Do pessimismo e do optimismo, do conjuncto dessas duas forças, tira a linha geral do teu ser, para que a visão da tua alma fique perfeita e profunda e não ganhe nem hypertrophias nem vicios de percepção nem graves e antipathicos desiquilibrios de sensibilidade, na frescura abençoada e nos rejuvenescimentos e reflorescencias da Fé.

Assim, concordará a acção com a sensação, estarás em immediata e clara harmonia com a tua extrema natureza, estudados os fundamentos que intimamente a constituem: a bondade, o affecto, o enternecimento, a delicadeza, a resignação, a brandura, a abnegação, o sacrificio e a calma, latentes qualidades essas todas puramente de um

Optimismo religioso, porque são essas qualidades que representam o fundo sincero e serio das faculdades estheticas, presas sempre a um Ideal abstracto, que é, na sua essencia, o Ideal do Infinito, da Immortalidade, da Religião, da Fé.

Se tens Fé, se vens inflammado vehemente e intensamente para o sentimento original da Concepção e da Fórma; se te devora a anciedade lancinante de uma Aspiração que arrebata em azas, que desprende vôos brancos e largos para regiões muito além da Morte; se percorrem os teus nervos, em prodigios de harmonia, musicas estranhas e coloridas como paixões e sensações; se dentro de todo o teu ser ha o Inferno dantesco, tumultuoso de Visões, épico de magestade mental, a crescer, a crescer, a subir mediterraneamente em ondas cerradas, compactas de somnambulismos esthéticos; se sentes a attrahente vertigem da palpitação dos astros, a dolencia pungente das melancolias ennevoadas e doentes que insensivelmente humedecem os olhos; se na luz, se no ar, se na côr, se no som, se no aroma tens a fina, a delicada, a subtil percepção da Arte; se sabes ser, ter na Arte uma existencia una, indivisivel, és o Eleito della, o Impressionado, o Iniciado.

Não tens mais do que agir fatalmente pelo teu temperamento, n'uma funcção original, n'uma castidade ingenita de emoções, na expontaneidade do teu sangue novo e dos teus nervos aristocraticos, tensibilisados pela esthesia.

Mas, para livremente chegares a esse resultado artistico, é mister que preceda a tudo isso um systema de principios integraes, fecundos e profundos na tua natureza, dando-te, por esse modo, uma firmeza e serenidade emotiva.

Não é, apenas, querer, não é poder, apenas —é Ser! — E se tu sabes ser, se tu és, numa legitimidade flagrante, n'um enraisamento muito intenso de todo o teu organismo, vivendo a Arte e não a Arte vivendo em ti; se assim tu és, na profundidade real d'esse exquisito e maravilhoso estado, meio-inconsciencia, meio-névoa, que te impulsiona para a Concepção; se assim tu és, por germens inevitaveis, fataes, a tua Obra, ainda em gestação, attestará eloquentemente, mais tarde, as inauditas manifestações do temperamento.

Tudo está em seres a tua Dôr, em seres o teu Goso, homogeneamente; em sahires, por movimentos expontaneos, livres e simples, representativos de um vivo e affirmativo Phenomeno, da Esphéra do méro Instincto para a

Esphera rehabilitadôra, pura e radiante do Pensamento.

Se é certo que trazes em ti a principal essencia, as expressivas raizes, a flamma eterna, o nebuloso segredo dos Assignalados, um poder magico, irresistivel, a que não poderás fugir jamais, te arrastará, te arrojará, como Visão legendaria, prophetica, n'uma grande convulsão e estremecimento, para fóra das humanas frivolidades terrestres, para fóra das impressões exteriores do Mundo, mergulhando-te soberanamente, para sempre!, no fundo apocalyptico, solemne, das Abstracções e do Isolamento...

Se trazes essa verdadeira, perfeita aristocracia genésica do Sentimento; se sentes que toda a limpida e nobre grandeza está apenas na simplicidade com que te despires dos vãos ouropéis mundanos, para entrar larga e fraternalmente na Contemplação da Natureza; se vens para dizer a tua grave, funda Nevróse, que nada mais é do que a eloquente significação da Nevróse do Infinito, que tu buscas abranger e registrar; se tens essa missão singular, quasi divina, vae sereno, o peito estrellado pelas constellações da Fé, impassivel ao apedrejamento dos Impotentes, firme, seguro, equilibrado por essa força occulta, mysteriosa e suprema que illumina

milagrosamente os artistas calmos e poderosos na obscuridade do meio ambiente, quando floresce e alvoresce nas suas almas a rara flor da Perfeição.

Que importam a excommunhão e os desprezos mordazes sobre a tua cabeça?! Que importam os arremessados lançaços d'aço e de ferro contra o broquél do teu peito e contra o vigor de tronco em rebentos verdes do teu flanco?! Os impios não pairam n'estas orbitas, não gyram n'estas chammejantes Esphéras, não se incendeiam e não morrem n'estes augustos e inéditos Infernos.

Segue, pois, os que seguem contrictos, sob um arco-iris celestial de esperanças vagas, a alma como uma flor exótica dos trópicos ceruleamente aberta ás mésses de ouro do sol e a bocca, no entanto, seccamente, asperamente amordaçada sem piedade pelas sêdes tenazes e amargas dos mais inquietantes desejos...

E vae sereno, como os Eleitos da Arte, extremados e apaixonados na chamma do seu Segredo, da sua excelsa Vontade—levitas extraordinarios, martyrisados nas inquisições truculentas da Carne, mas bemditos, purificados, sem culpa de peccado mundano, na recondita manifestação das Emoções e do Entendimento.

Segue resoluto, impávido, para a Arte branca e sem mancha, sem mácula, virginal e

sagrada, desprendido de todos os élos que intibiem, de todas as convenções que enfraqueçam e banalisem, sem as explorações deshonestas, os extremos de dedicação falsa, as fingidas interpretações dos cynicos apostatas, mas com toda a forte, a profunda, a sacrificante sinceridade, da tua grande alma, conservando sempre intacta, sempre, a flor expontanea e casta da tua sensibilidade.

Para resistir aos perturbadores ululos do mundo fécha-te á chave astral com a alma, essa esphéra celeste, dentro das muralhas de ouro do Castello do Sonho, lá muito em cima, lá muito em cima, lá no alto da torre azul mais alta d'entre as altas torres coroadas d'estrellas.

Vae sereno, bello Iniciado! Vae sereno para esta prodigiosa complexidade de Sentimentos, agora que abandonaste a franqueza rude das montanhas, além, longe, na solidão concentrativa, no silencio banhado de impressionante, communicativa e augusta poesia, da tua terra de selvas e bosques biblicos!

Vae sereno! a cabeça elevada na luz, vitalisada e resplandescida na nevrosidade mordente da luz e os fatigados olhos sonhadores, graves, ascéticos, attrahidos pelo mysterio da Vida, magnetisados pelo mysterio da Morte...

SERAPHICA

Como as illuminuras dos Missaes, que resaltam de marfins eburneos, era infinitamente seraphica, da beatitude angélica dos cherubins, aquella pallida mulher juncal, de um moreno triste e contemplativo de magnolia crestada.

Seus grandes olhos negros, profundos e velludosos, de finissimos cilios rendilhados, raiados de uma expressão judaica, tornavam ainda maior o relêvo do pallôr esmaiado do rosto melancólico, que a singular formosura brandamente illuminava de claridade velada...

As linhas harmoniosas do seu busto sereno, perfeito, davam-lhe encanto vago, aéreo, siderações egrégias, prefulgencias de Archanjo.

Pairavam nessa mulher jalde-esmaiado, que na luz loura do sol tinha tóques d'ouro, suavidades de canticos sacros, caricias de aves, e rhythmos preciosos de cytharas e harpas finamente vibradas travez a sonoridade clara das languidas aguas do Mar.

Altiva e alta, com o sentimento frio do marmore das Imagens amarguradas, fluiam-lhe da voz, quando raramente fallava, scysmativas dolencias, fundas nostalgias ennevoadas...

Mas, muda, na mudez das religiosas claustraes, ficava então de uma belleza divinal e secréta, da excelsa resplandescencia sagrada dos Hostiarios.

E, quando erguia os cilios densos e setinosos e o clarão dos olhos brilhava, como que se evaporisavam d'elles chammas e musicas paradisiacas, uma espiritualisação a glorificava, effluvios de arôma, a leve irisação da graça.

Dominadôra, triumphal, na auréola do esplendor que a circumdava, parecia reinar n'um altar ethéreo, por entre os finos astros immortaes.

Fazia crêr que todos os sentimentos affectivos purificados, que todas as emanações originaes da terra, correriam, perpetuamente, em cortejos reverentes, a vêl-a passar, a beijal-a na epiderme de cêra, a veneral-a, emfim, com esse amor ideal, indelével, eterno, da natureza abstracta...

O perfume e a radiação da sua cabeça magestosa, astral, não fascinavam, não attrahiam apenas, mas idealisavam sempre — como se a Seraphica fosse a Apparição symbólica, surgindo de um fundo livido de lua, uma Santa Theresa,

bella e ascética nos silicios da religião do Amor, amortalhada na castidade das açucenas e lyrios ..

A alma dos Estheticos, dos curiosos Emocionados, se deslumbrava em extasis de occasos ao vêr-lhe a aristocratica esveltez monjal, os grandes olhos negros e magoados, de belleza deifica, os ondeados cabellos tenebrosos e a bocca purpurejante, anhelante, lethargica, ligeiramente golpeada de um travôr enervante de volupia dolorosa...

Os seios deliciosos e tépidos, origem branca e bella da graça e do desejo, eram duas raras rosas intemeratas, cujo aroma exquisito e vivo meigamente deixava um fino encanto e uma suave fascinação no ar...

Virgem ainda, com todo o impolluto verdôr do seu corpo mysterioso, fechada nos recatos ingénitos do pudôr, a Morte, afinal, veio entoar o Canto Nupcial de Seraphica, o seu Epithalamio...

E ella, no thálamo da Morte, nessa mystica melancolia de outr'ora, que a velava, e n'aquelle esmaiado pallôr, lembrava, aos entendimentos delicados, aos solemnes e reclusos prophétas da Grande Arte, ter emmudecido glacialmente para sempre, sem os impundonorósos, profanadôres contactos, de uma exótica e asiatica doença...

MATER

N'aquella hora tremenda, grande hora solemne na qual se ia iniciar outra nova vida, foi para mim uma sensibilidade original, um soffrimento nunca sentido, que me desprendia da terra, que me exhilava do mundo, tal era o cho. que violento dos meus nervos nesse momento, tal a delicada e curiosa impressão da minh'alma n'esse transe supremo.

Ella, abalada por gemidos, na dôr que a dilacerava, quasi desfallecia, com a mais rara expressão mysteriosa nos grandes olhos, os labios lividos, o semblante de uma contemplatividade de martyrio, transfigurada já pela angustia sagrada d'aquella hora, no instante augusto da Maternidade.

Todo o meu ser, arrebatado por essa immensa tragedia de sacrificios, de abnegação christã, de heroismos incomparaveis, soffria com o estranho ser da Mater toda a amargura infinita do

magestoso apparato da Vida prestes a surgir do cháos, da chamma palpitante, préstes a irromper da treva...

Como que outra natureza, uma paixão viva e forte, um carinho maior me inundava, subia vertiginosamente pelo meu ser, me incendiava n'uma onda flammante de luz virginal, de claridade vibrante, que me trazia ao organismo alvoroçado rejuvenescimentos inauditos, mocidade viril, poderosa, alastrando em seiva fremente de sensações, nervosamente, nervosamente impulsionando o sangue.

A's vezes ficava como que n'um vacuo, só, n'uma sinistra amplidão vasia de affectos, sob o electrismo de correntes invizíveis que me prendiam, me arrastavam ao pensamento da Morte, ao auge do dilaceramento, da afflicção, do delirio despedaçador da lembrança de vel-a morta, sem estremecimentos de vitalidade; sem que as suas mãos cheias de affago, as suas mãos clementes, bemaventuradas, misericordiosas, perdoadôras, sagradas, relicariamente sagradas, me acariciassem mais; sem que os seus braços longos, lentos, languidos, me acorrentassem de tépidos abraços; sem que o contacto dos meus beijos apaixonadamente profundos a acordasse,—fria, insensivel, horrivel, gelada ao meu clamôr de adeus,

ao meu grito tenebroso, tremendo, de leão despedaçado, ferido pela flécha envenenada de uma dôr omnipotente, rojado de bruços, baqueando em soluços sobre a terra maldita e barbara!

De subito, porém, as lancinantes incertezas, as brumosas noites pesadas de tanta agonia, de tanto pavôr de morte, desfaziam-se, desappareciam completamente como os tenues vapores de um lethargo...

E uma claridade ineffavel de madrugadas de ouro, alvorescida das aves brancas de um paiz sideral, apagava em mim a dor fria, exacerbante, desses pensamentos impacientes e tôrvos; davame o vigoroso alento, a grande esperança de que ella sobreviveria, de que ella sentiria, com Orgulho sagrado, nesse primeiro movimento da Maternidade, correr nas veias todo o impulso delicioso e nobre, toda a delicada aptidão ingenita poderosa, profunda, para amamentar, fazer florir e cantar no hostiario sacrosanto dos seus seios, aquella doce e vicejante existencia que na sua attribulada existencia se gerára.

E toda a antiga e virtual castidade, a adolescencia promissôra, prenuncial, o mago segredo pubere da sua passada virgindade se transfigurariam na opulencia, no fausto de sensibilidade, de nervosidade, da compléxa paixão materna.

Mas o momento da angustia suprema se approximava, fazia-se uma pausa religiosa nesse monologo mental que me agitava em febre, na concentração aflictiva dos meus pensamentos—agora mudos, no reverente silencio, na anciedade calada de quem espera. . .

Era chegado o momento, grande, grave e bello momento entre todos, em que a mulher, perdendo a volubilidade, a gracilidade diaphana e o alado encanto de virgem, se transfigura e recebe uma auréola, um serio resplendor de nobre martyrio, de sympathico consolo, envolve-se n'uma sombra e n'um silencio de piedade e de sacrificio, n'um Angelus abençoado de amor.

Era chegado o momento em que aquellas fórmas se espiritualisavam, se etherisavam, tomavam asas de sonho, inflammadas por um novo e alto sentimento, tão tocante e tão augusto, que parecia afinado e fecundado nos céus pela graça divina e peregrina dos anjos. E' quando a mulher paréce disprender-se, libertar-se suave e secretamente da argilla que a gerou e crear para si, solemnemente, uma esphéra perfeita e eleita de abnegação infinita e de resignação sublime. Quando os seus seios magnificentes, nos renascimentos da Belleza, symbolos delicados da maternal Ternura, florescem á vida dos pequenos seres que

nascem, n'uma alvorada carinhosa e tépida de agasalho, amamentando-os com o nectar delicioso do leite.

Nessa hora extrema em que paréce desprenderem-se da mulher, desatarem-se, evaporarem-se véos translucidos de virgindade, para surgir, como de um caule mysterioso, a meiga e magica flor da Maternidade.

Todo aquelle organismo fecundado estremecia, estremecia, nesse inicial e materno estremecimento virgem, vagamente lembrando as fugitivas vibrações nervosas de sonóra harpa nova, de ouro puro, original e intacta, pela primeira vez vibrada com excepcional emoção por dedos inviolados e ageis...

E, em pouco, então, como n'um sumptuoso levante de purpuras, atravez de gemidos pungentes, de gritos e ancias delirantes, a cabeça docemente pendida n'uma contemplativa amargura, os olhos adormentados pelas brumas crepusculares e lacrimosas de um presentimento vago, magoada e esmaecida toda a suave graça femenina, na extrema convulsão do corpo d'ella, todo aquelle surprehendente phenomeno foi como que accordando, alvorescendo, surgindo das névoas mádidas e somnolentas, lethargicas, de pesadello...
E a flôr maravilhosa e rubra da materia, gerada

na immensa dôr, abrio, emfim, em prodigios, pomposamente.

N'uma apotheose de sangue, respirando o sangue impetuoso, abundante, que jorrava em auroras, em primavéras vermelhas de viço germinal, raiara como clarão accêso de Vida, n'um grito intimo, latente, do seu tenro organismo elementar ainda—um grito talvez relvagem, um grito talvez barbaro, um grito talvez absurdo, arremessado para além, ao Desconhecido do mundo em cujos dédalos intrincados esse delicado ser acabára de penetrar agora por entre ensanguentamentos.

Parecia que de uma zona phantastica, dessa India ouro e verde, opulenta, feerica, como caprichoso thesouro de Lendas e de Balladas, alvorára o Encanto, creára azas e viéra, com o pollen radiante da fecundação, insuflar a vertigem, dar o fremente sopro creador á cabeça, aos olhos, á bocca, aos braços, ao tronco, a todo o corpo n'um movimento quebrado, voluptuoso, languido, de germens que se concretisam, que se condensam e vão adquerindo aos poucos, com infinitas delicadesas e ineffabilidades, todas as fórmas perfeitas, todas as linhas ducteis, todas as curvas e flexibilidades sensiveis, todas as fugitivas expressões correctas e harmoniosas.

Alli estava aquelle vivo e eloquente rebento, illuminado pelos idealismos da minh'alma, vivendo dos florescimentos olympicos, da alacridade cantante, do ruido em festa, da immaculada frescura da minha livre e forte alegria antiga de adolescente.

Alli estava, para o meu amor sereno, para o consolo meditativo das minhas grandes horas de anceio, para o recolhimento ascetérico da minha fé esthesiaca, a Imagem palpitante, gárrula, trefega, da Infancia já passada.

Alli estava agora a vida desabrochante, o encanto alegre, aflorado, ridente—hymno viçoso e verde e virgem e evocativo e suggestivo de uma ventura morta, saudade intensa, chammejante, como que espiritualisada no Filho, rememorando, evocando, n'uma expressão elegiaca, todos esses longinquos, remótos e significativos deslumbramentos, canticos, miragens, sóes e estrellas da primeira idade tão enternescivelmente assignalada.

Era como que a retrospectividade luminosa de um tempo, que subia, em incensos, de um fundo ennevoado: terra sagrada e extincta, saudosa e verdejante Palestina que eu entrevia longe, nas brumas vagas da memoria, d'entre hosannas e sycomoros ;—pagina recordativa que as estrellas e

os arômas docemente fecundaram de amor e de sonhos.

E eu ficava por muito tempo a olhal-o, a olhal-o, a revêr-me na frescura candida d'aquella carne, a aspirar com avidez o perfume violento d'aquella flôr viva, considerando, meditando sobre todos os seus traços, sobre a expressão curiosa, de pequenina mumia, do seu corpo velludoso, como que embalsamado no óleo virtuoso de preciosas hérvas verdes e virgens.

Alli estava, emfim, quem me tornava de ora em diante soturno, calado, no extase mudo da contemplação, como sob o impressionante poder cabalistico, sob a eloquencia vidente de hyerogliphos mágicos...

E, assim mentalmente considerando, eu sentia o mais reverente, o mais profundo, o mais concentrado respeito, o affecto mais vibrantemente tocante, auréolado de lagrimas, pelo templo magestoso e santo d'aquelle bello ventre, onde emfim se officiára a primeira Missa de Propagação perpetua.

Todas as perfeições espirituaes do ser que se liberta da materialidade vil, todos os anceios supremos pelas fórmas intangiveis das transcendentes sensibilidades, me transfiguravam, contemplando em silencio aquelle ventre precioso e bom,

onde tomára corpo, se consolidára em organismo o gérmen quente e intenso da Paixão.

Contemplando em silencio aquelle ventre venerando e divino—Vas honorabile!—de onde o sentimento épico e mystico das sempiternas Abnegações ondulou como aroma eterno e celeste; ventre gerador e poderoso que se purificara e sagrára triumphantemente com os sacrificantes milagres da Fecundação; Olympo glorioso que abrira os pórticos fabulosos á dominativa emoção, á phantasia heroica, á graça d'azas seraphicas, do Genio consoladôr, estóico e elyseo das amparadôras, misericordiosas Mães!

O' Ventre obscuro e carinhoso, soberbo e nobre pela egrégia funcção de gerar! Ventre de affectivas sublimidades, d'onde cantou e florescêo á luz a dolente victoria de uma existencia, a encarnação soberana, a fugitiva tulipa negra para idealisar singularmente os Infinitos nostálgicos da minha Crença! O' Ventre amado! Como fôram extremamente puros e penetrantes e frementes os beijos de apaixonada volupia e reverencia sacrosanta que eu depuz sobre o teu ébano!

Em torno, no ambiente carregado da intensidade de toda essa maravilhosa sensação, errava o segredo rhythmal de Litanias, de préces que Visões resavam baixo, por Céos ineffaveis, n'um

abrir e fechar d'azas archangélicas, d'azas limpi das, d'azas e azas rumorejantes, aflantes, cujo suave e ciciante ruido eu na Imaginação escutava enlevado...

E a doce Mater, mais calma, n'uma uncção de bemaventurança, n'uma auréola déifica, serenada já da dor profunda da Maternidade, parecia penetrada de um sentimento celeste, de fluidos virtuaes do grande Amor, de resignada piedade, — agua lustral, da maternal paixão, que a lavava do mal do torturante peccado, purificando a sua alma simples, illuminando-a toda com o altivo esplendor de uma força heroica.

Lembrava uma d'essas excélsas Divindades espirituaes, a Entidade das Abstracções dos reclusos mysticos, Apparição immortal, cuja face, no resplendor translucido d'aquelle soffrimento regenerante, tinha para mim o encanto mais alto, a ternura mais bella, a abnegação mais serena.

Sentia-me diante de completa Religião nova que evangelisava a Crença n'aquella Mãe e n'aquelle Filho, — inteira Religião nova, cujos rituaes e cultos eternos eram para mim agóra esses dous seres extremadamente amados, cujo sangue irradiava no meu sangue, cuja vida penetrava na minha vida, inoculando-a de um jubilo e de uma graça prophética — graça de Anjos e

Astros em claridades, musicas e canticos, por fios subtis de multiplas córdas d'harpas, d'harpas e harpas, d'entre os Azues e as Constellações...

Ao mesmo tempo sentia então que profundos e penetrantes frémitos me abalavam, me convulsionavam todo, como se se operasse no meu organismo transformações reconditas, gerando uma outra alma, trazendo-me sêde insaciavel da Vida, o resurgimento de esthesia particular e rara.

Força estranha, que eu até ahi não conhecia, circulava com vehemencia nos meus nêrvos, dava-lhes tensibilidade e vibratibilidade mais leve, mais fina; e, grandes azas diaphanas de Aspiração e Sonho, alavam-me ás supremas serenidades da Piedade e do Amor.

O desejo que me clamava dentro do peito, em claras trômpas guerreiras, n'uma onda sonóra e impetuosa, era o de ir além, fóra, longe do tédio das cidades murmurejantes, longe das curiosidades indiscrétas dos indifferentes e frivolos, das sentimentalidades apparatosas, dos enternecimentos calculados, decorativos e classicos, das expansões d'estylo, ornamentaes como corpos em tatouage, de tudo o que grulha e reina na boçalidade magestatica da especie humana.

O meu desejo indómito era de ir além, fóra das brutas portas de pedra da Região dos Egoismos,

gritar, gritar, clamar, livremente, á natureza virgem, aos campos, ás florestas, aos mares, ás ullulantes tempestades, aos sóes em febre, ás noites triumphaes, coroadas d'estrellas, aos ventos coroados de pezadellos, que esse Filho extravagantemente amado nascêra, que surgira emfim do mysterio somnambulo da Maternidade...

A anciedade que me agitava, levantando dentro de mim o desconhecido, convulsionando este organismo n'um incendio de sensação, era de deprécar ao Indefinido das Cousas, ao Abstracto das Fórmas, ao Intangivel do Espirito, á Eloquencia dos Presagios, para que me dissésseem o que ia ser d'esse fragil obscuro, d'essa timida flor da Desgraça, o que ia ser d'aquelles membros tenros, débeis; que estupendos augurios dormiriam no brilho fugitivo d'aquelles olhos inconscientes, perdidos no vago de um fluido sentimento, sob o fundo fatal das impuresas da Carne, das inquietações do Peccado — gérmens latentes ainda, apesar do desdobramento millenario das éras, da absoluta e primitiva Culpa humana.

Anciava que me dissésseem que mágicos philtros de gnômos da Noite o predestinariam; que frémitos de desejo convulsionariam essa bocca ainda tão impolluta, sã, ainda sem laivos visguentos; que luxuria intensa e nova inflammaria,

accenderia scentelhas nessa bocca humida, fresca, viçosa, apenas entreaberta já n'um indefinido anhélo, sedenta, inquiéta, impasciente, ávida já da instinctiva volupia do leite...

Todo o evocativo estremecimento das saudades, das esperanças, das alegrias, das lagrimas, me invadia a alma n'um sonho exquisito, exótico, oriental, por entre os nardos quentes, perturbadores e magnéticos, da Abyssinia e da Arabia Ideal de todos os meus pensamentos fugidios, circulando, gyrando, torvelinhando, como sylphos procreadores, em torno áquella meiga e venerada cabeça.

Eu ficára absôrto, contemplativo ante as suggestões delicadas que o supremo phenomeno trazia, nessa manifestação singular de curiosidades, de preciosas revelações ingenitas e caprichos ignótos da Natureza, sentindo que o Filho poderosamente me fascinava, que a mais irresistivel attração me chamava para elle, attração vital, immediata, eterna, do sangue communicativo e fraterno que clama pelo sangue fraterno.

Ella, affectiva Sacrificada, Mater, dolorosamente ahi ficaria na terra, gravitando nos centros nervosos da Vida, —Sombra divina e errante!— para o futuro, para a obscuridade, para a velhice, para o silencio e esquecimento dos tempos...

Elle, Filho, surgindo das nebulosidodes da Materia, caminhando, caminhando a Via-Sacra das horas e dos dias pelas êrmas e infinitas encruzilhadas dos Destinos, iria então, resignado ou desesperado, para o Vilipendio ou para as mediocres conquistas do Mundo, atravez dos conclamadores Anathemas, atravez dos lancinamentos inconcebiveis, atravez das taciturnidades melancólicas, atravez de tudo, tudo, tudo o que chóra d'alto, profunda e apocalypticamente, o Requiem solemne, a soberana magestade, tremenda, tragica, da imponderavel Dôr!...

CAPRO

Dentro d'aquelle organismo em seiva fremente de novilho espojando-se na amplidão dos campos relvosos, trinavam, cantavam passaros, vibravam fanfarras marciaes.

Temperamento de guerra, ostentoso como um carro de triumpho, outr'ora, nas hóstes hellenicas, era a volupia que lhe rhythmava as idéas, que lhe dava diapasão ao entendimento.

Virginal, como a alva constellação dos astros, a sua Arte abria-se n'uma florescencia vigorosa, dimanando o arôma natural, puro, creador e intenso, de terras lavradas e germinaes, revolvidas de fresco, a doçura verde das tenras e viçosas folhagens, entre as quaes brilha ao sol a loura abundancia sazonada dos fructos.

A sua natureza deveria ser estudada sem roupagens, sem atavios, livremente, a golpes crús e acres, a tons violentos e rubros, profundos e flagrantes, na plenitude de toda a

extravagancia e de toda a idyosincrasia que o singularisava.

A affloração da sua força psychica fazia lembrar uma phantastica floresta vermelha por effeito de um incendio colossal:—largas e longas manchas de sangue alastrando tudo, clarinando tudo de gritos, de brados, de purpuras de indignação, de odios artisticos, de despeitos, de tédios mortaes, de spleens ennevoados.

A côr, a luz, o perfume, para a sua exquisita e caprichosa sensibilidade, sangravam, vertiam sangue sinistro de dolorosa volupia; e, todos os aspectos, todas as perspectivas, pareciamlhe á retina requintada e mysteriosa outras tantas manchas de sangue, que a sua esthesia doente mais vivas, mais flagrantes via por toda a parte.

E nessa tendencia espiritual organica para os effeitos sangrentos, preferia á chlorose das magnolias e lyrios brancos a rubente coloração das rosas e cravos bizarros.

Superexcitado pelas nevróses ardentes do Pensamento, desde as liturgias symbólicas de Verlaine até aos satanismos de Huysmans, exigindo as linhas em alto requinte da Arte, toda a sua esthetica se manifestava então por uma corrente impetuosa de luxuria, de caprismo, de lubricidade pagã de satyro, de fauno mythico,

estirado ao sol, como certos animaes no periodo da incubação, gozando, sybaritamente, a mórna caricia do eterno clarão fecundante.

Diante da retina coruscavam-lhe deslumbramentos de idéas, com claras, cantantes côres.

Feriam-lhe agudamente a retina, impressionando-a, hypnotisando aquella idyosincrasia fatal, o ensanguentamento dos occasos, os vermelhos clarinantes dos clarões de fogo, os rubros candentes, imflammados, das forjas, os escarlates violentos das purpuras, os alacres rubis de certas tropicaes florações e folhagens, os rubôres quentes de certos sumarentos e selvagens fructos, a sulpherina coloração delicada de vinhos tépidos, todos os rubros magestosos, potentes, embriagantes, toda a clamante allucinação dos vermelhos crepitando em sensações de chamma, todas as attroantes fanfarras e gammas infinitas e finissimas das côres como que aperitivas, palataes, genealógicas do Sangue.

Os livros carnalissimos, que porejam luxuria, accendiam-lhe, mais flammejantes, os instinctos sensuaes ; e ficava então puro mahometano, revestido em sêdas e pedrarias prodigiosas de gozo, nesse lasso luxo oriental em que a Asia se perpetúa como o languido sol decadente das exóticas sensualidades.

Nos seus nêrvos, nas suas veias circulavam flammas geradôras dessa Originalidade trucidante que naturezas febris anciosamente procuram, como buscariam o recondito veio profundo da agua nas camadas mais obscuras da terra.

Olfacto delicado, claro, que tudo sentia, que tudo respirava, ainda por extremo requinte de volupia, era extraordinaria, maravilhosa a sensibilidade aguda da sua membrana pituitaria, fariscando activamente, em cios.

Mas, os cheiros mais predilectos, mais suggestivos para elle, que lhe penetravam e cocégavam mais a mucosa nasal, n'uma actuação de esfregamento, como que no attrito agradavel provocado na pelle para a cessação de irritante prurigem, eram os cheiros acres de materias resinosas, as emanações de folhas silvéstres machucadas, a exhalação ubere dos estábulos, o arôma estonteador e verde das maresias, o odôr do sedimento de certos liquidos, o fartum que diversos animaes seggrégam, o hircismo quente dos bódes, o estimulante de fermentação da cevada nas cervejarias, o sumo travoroso e activo dos limões verdoengos, quasi que tocados de um sentido penetrante, claro, intelligente e todos os amargos sabôres das fructas ácidas e cálidas que como que lhe feriam, abriam n'uma chaga, em apetites

aguçados e picantes, o grôsso labio enervado pela volupia lethargica.

E como elle se empurpurasse, se enlabaredasse no esplendor triumphal da Arte, esses odôres todos o penetravam, o fascinavam, alertando-o, transfigurando-o para a Escripta, para a Fórma.

Era como se sahisse de andar em volta de vasta coivára a arder e viésse d'ella aquecido, com o sangue esporeado, as veias latejando em fébre, n'uma sensação intensa de productividade.

Mas, uma vez cahido em frente ao papel branco, que tinha de receber o exuberante póllen do seu espirito, todos esses impetos, esses fervôres esmoreciam, o calôr dessa temperatura artistica baixava logo e eil-o então novamente vencido, numa especie de côma, no adormecimento que lhe tolhia sempre o proprio esforço da vontade.

E, subito, n'aquella espiritual anciedade de natureza impotente, como que a dolorosa e enervante crise olfactiva continuava, mais violenta, dava-se o mesmo phenomenal periodo de volupia capra, nervosa, mental, no qual o sentimento pituitario dominava, impunha-se, avassalava as outras funcções de modo verdadeiramente estranho.

E o seu olfacto desejava, anciava sentir o talho sangrento nos açougues, as carnes rasgadas nos amphitheatros anatomicos, as feridas abertas nos hospitaes de sangue, d'entre os aços frios e cortantes dos instrumentos, como indifferentes, desdenhosos apparelhos, rindo, em rijas cutiladas sonóras, cantando o hymno dos metaes fulgentes ante as torturas humanas da materia dilacerada.

No entanto, outr'ora, esse lascivo, natureza dispérsa, sem unidade de conjuncto, produzira já algumas bellas paginas cantantes, estylos com flammejamentos de espadas, vibrações candentes de bigórna, scintillantes como os polidos, espelhados broqueis antigos.

Fôra isso na adolescencia, quando a sua natureza não se achava absorvida pela pestilencia do meio ou mesmo quasi constituindo, como agora, as proprias cellulas d'elle. Eram primicias, prodigalidades do seu cérebro ainda não sazonado completamente ; a abundancia expontanea, mas não produzida por selecção, de um temperamento fecundo, farto de idealisação e de força, mas sem a intensidade essencial que nasce da condensação e da synthese. Aquellas paginas eram verdadeiros viços, opulencias de rebentos, florescencias inéditas e castas que lhe brotavam do ser com o

mesmo impeto de germinação dos vegetaes rasgando a terra.

Mas, desde que o seu temperamento chegára ao mais cabal desenvolvimento, que attingira á Elevação, subindo a extremos requintes, elle sentira essas paginas descoloridas, ôcas, vasias, sem mergulharem no mar convulsivo, volcanico da sua Imaginação, sem dizerem, sem fallarem, sem reproduzirem todo o sol e toda a tréva da sua recondita Nevróse.

Armado de coruscante cóta de malha de espirito, tecida de diamantes, elle agora quereria para a Esthetica um magestoso damasco de Inauditismo, a psychologia imprevista que os organismos virgens e novos provócam na sua evolução lenta e curiosa.

Impotente, no entanto, para revellar, sob uma fórma graphica, os segredos espirituaes que o dominavam ; incapaz de concentração, de isolamento para agrupar e dar corpo ás visões que ondulavam em torno do seu centro ardente de acção mental, o pólo das emoções do Capro, talvez por um doentio e instinctivo despeito dessa Impotencia, era a sensualidade, e era gosar, atravez das puras manifestações da Carne, sem a dolorosa expressão escripta, a volupia secreta de um anceio transcendental, de um Ideal rebuscado e

uno, olfactando tudo, tocando mentalmente tudo, para ver se encontraria nas cousas o odôr do Desconhecido, a essencia singular, a emanação casta e original que tanto o inquietava e attrahia.

A idéa da Morte, com os seus terrores occultos, obscuros e surdos, imponderados, com os seus enregelamentos supremos, lançava-lhe sempre á espinha um frio de angustia, soprava-lhe no cérebro trêdo tufão tenebroso, esmagando-o e deleitando-o ao mesmo tempo, n'um deleite luxurioso e fatal, que o envenenava como de ódio terrivel, sanguinolento.

Vinha de um fundo mysterioso, de reconditas raizes de soffrimento, de ancias e desesperos concentrados, esse vendaval ululante de sensações imprevistas que o abalavam até ao intimo do seu ser, perante a idéa vulcanisadôra da Morte, da livida, da rigida, da impenetravel Morte...

Era o estremecimento latente, lancinante, de um terror absurdo, que o esmagava, que o dilacerava, como se já andasse de rastros, agrilhoada ás sombras e á gelidez tumulares, toda a sua convulsa existencia de extasiado olympico, de absôrto egrégio nas luminosas volupias da Arte.

E quando lhe soava nos nervos a hora alta da febre da grande allucinação para a perpetuidade do nome no espirito das Gerações que

surgissem; quando se surprendia absôrto, na contemplatividade muda d'esse inquietante e vago Aspirar que fecunda as almas anhelantes de Indeffinivel; n'esses impressionativos momentos em que elle, transfigurado, empallidecia, os que mais e melhor sentiam todos os intimos segredos, todos os voluptuosos encantos da sua mentalidade, lhe perguntavam pela obra que deixaria, lhe diziam:

— Então! nada tens feito que revéle a tua esthesia, que determine as tuas sensações, a tua sensibilidade extrema. Vives preguiçando, dormindo lassos, longos somnos de luxuria... Olha que a morte ahi vem, ahi vem já, irremovivel e obliqua, sôffrega, sequiosa da tua carne e te vae surprehender inutil, mudo, sem nada dizeres ao mundo, cérebro bhudicamente indifferente, bocca fechada n'uma contracção torturante de impotencia doentia rodando na mesma poeira vertiginosa, no mesmo tôrvo e banal rodomoinho dos homens e das cousas, sem nunca revelares todo esse estranho Infinito que trazes na alma.

Sentes o mundo vão, estreito, de dolorosa dureza e no entanto não quéres ou não sabes fugir d'elle pela unica larga porta estrellada que se te offeréce ao teu espirito, esse vasto campo ideal onde livremente cólhes a cada passo tanta admiravel flor de pensamento! Olha a morte, olha a

morte!... Ahi vem ella, irremovivel e obliqua... Olha o tempo, olha as horas fataes que te cahem na cabeça, negras e surdas, fulminando-te, com a inevitabilidade inquisitorial do lento supplicio do pingo d'agua.

Elle ficava, ante estas abaladôras palavras, em sobresaltos assustadores, aterrado, azoinado e vencido, quasi cambaleando, como um homem que léva de repente em cheio uma forte pedrada em pleno peito.

Abria-se então na alma inquiéta do Capro um rasgão de mar e estrellas, dava-se no seu temperamento fugitivo um tocsin de alarma, um bimbalhar de carrilhões ruidosos, um estrugir de musicas marciaes em marcha, clarões que rompiam névoas de vacilação, de timidez psychica, um flavo e transfigurado accordar de alvoradas, todo um sol de alvoroço e triumpho que o illuminava, impellindo-o ao trabalho tenazmente, insistentemente, mergulhando-o na chamma das concepções, dos estylos virgens, das fórmas não sonhadas ainda — orbitas estrelladas e azues onde a sua astral natureza com tanta anciedade gyrava.

Mas desde que essas transfigurações o impulsionavam ao trabalho, desde que elle procurava traduzir, por fórmas caprichosamente sensacionaes

e singulares, as impressões que o abalavam, que viviam n'elle vida curiosa e intensa, todo esse poderoso esforço tornava-se vão; o pulso, de repente, gelava-se-lhe, a mão não agia com efficacia e os pensamentos, confusos, embaralhados, emmaranhados, n'um tropél, fugiam, recuavam como paisagens encantadas, feéricas, como ondulantes zonas de luz que desapparecessem da retina deslumbrada de um opiado visionario.

Um vácuo tenebroso, um vasio sepulchral, horrivel fazia-se logo no seu cérebro, como se uma onda pestifera, violenta e glacial, lhe varresse os pensamentos desoladoramente.

Ficava então suffocado, em ancias, respirando mal: parece que lhe faltava ar, sol, céo. Erguia-se da mesa do trabalho, inquiéto, livido; sentava-se de novo; erguia-se outra vez; sahia, corria, desorientado, desesperado, a vagar n'algum cáes, onde o mar parecia estar de grandes braços abertos para recebel-o, para dar-lhe generosamente toda a seiva dos seus abysmos glaucos; ou então buscava com anciedade a paz bucólica de algum campo proximo, respirando assim com avidez e consolo o halito virgem, as sadias emanações fortalecentes da vegetação e das ondas salgadas, como se procurasse haürir n'ellas todo o poder secreto que não possuia, toda a força

de concentração, de generalisação e de synthese que no momento fatal da Concepção tão capciosa se lhe mostrava e tão impiedosamente lhe fugia.

Era como se elle fosse um condemnado a quem estivessem para sempre interdictas as portas livres e luminosas da salvação. Natureza que a intemperante sensualidade, já pela sua expressão alcoolica, já pela sua expressão carnal, já pela sua expressão de preguiça inérte e até mesmo, por fim, de gula, ia aos poucos devorando funestamente. Dir-se-hia que procurava nos inebriamentos, vertigens, delirios e perturbações da Carne como que o vehiculo mais prompto, mais facil, embóra inferior, para n'elle fazer mover e canalisar allucinadamente a Sensação que trazia.

As qualidades que lhe tinham de vir unas, homogeneas, condensadas para o espirito, dispersavam-se na sensualidade, transformavam-se em instinctos puramente sensuaes, como que para mais e melhor justificar, aggravando, a sua impotencia conceptiva.

Nas claras e fundas horas abstractas de julgamento proprio que cada um tem no seu Intimo, seja o mais puro ou o mais perverso dos homens, o mais superior ou inferior, elle reconhecia toda

a sua Impotencia, via-se flagrante no espelho cruel e nú do seu Nada.

Assim como ha certos intellectuaes que na superioridade dos grandes meios ficam radicalmente esmagados, emquanto outros ganham o mais extraordinario esplendor e vigôr, como que absórvem o céo e a terra, os continentes, são infinitos que se desdóbram no Infinito ; ha tambem, especialmente nas regiões da Arte, seres que trazendo comsigo a alta responsabilidade do Espirito, pelo verbo fallado, não a podem registrar, entretanto, pelo verbo escripto.

Como que se dá com elles o mesmo phenomeno curioso e afflictivo de um cégo que sente tactilmente as cousas mas que não as póde ver ; de um mudo, que possúe o orgáo vocal, mas que não póde fallar...

Nesses momentos acérbos de irrequietabilidade morbida, doentia, quando lhe fugiam todos os raios de unidade amoravel e harmoniosa do seu ser e que alguem lhe surprehendia o flagrante do sentimento, o intimo do intimo da alma, certas negruras venenosas, o Capro perdia-se na floréstà de brumas, afundava-se nos atoleiros lubricos do alcool, como n'uma capciosa desculpa de vicio, de miséria e de tristeza, para que não

lhe sentissem os gritos surdos e o ranger de dentes d'aquella Impotencia.

Parece que se dava n'elle um transbordamento exquisito de natureza, uma anomalia da visão e da imaginação, de modo a não se poderem ligar entre si os fios subtis e harmonicos do entendimento e do sentimento, a não terem correspondencia directa e rhytmica as correntes psychicas do seu cérebro e da su'alma. Parece que falta a esses sêres mais um gráo de *visão* para abrangerem o complexo todo psychico ou que algumas das suas cellulas não tem a intensidade una, a energia prompta, a expontaneidade essencial e igual para manifestar por completo as sensações que experimentam...

E o Capro perdia-se, mergulhava no centro devorador do seu nirvana de impotencia; succumbia sob as garras feroses e os despedaçadores tentaculos do seu Irremediavel!

Ah! éra o eterno, o tremendo e incognoscivel soffrer da dor das Idéas, implacavelmente, no tormento profundo das mais acerbas agonias.

Mas essa insaciabilidade, essa aguda inquietação indomavel, tensibilisando-lhe cada vez mais os nervos, requintando-lhe os sentidos, galvanisando-lhe o rosto n'um espasmo livido, ia no

entanto cavando d'enxadadas brutaes e inevitaveis a sua propria cóva.

Toda a desharmonia geral, todo o desequilibrio do seu esforço ingénito de mentalisado, toda a acção desvirtualisada dos seus pensamentos, que éra já o desmoronamento final provocado pela hypertrophia, ou annullação de uma funcção do seu cérebro, todo o desmembramento intellectual do Capro, resultante do seu subjectivismo facilmente transbordante, sem centros de intensidade, de condensação, tudo isso apressava já os seus passos impacientes, ávidos nas *batidas* da Vida, para a sepultura, dando-lhe á physionomia gasta e dolente um lugubre macabrismo de esqueleto...

E, quando afinal o vi na Morte, pairando-lhe na face fria o extase ignóto da indefinida, incoercivel visão do Sonho, não sei por que vaga suggestão d'aquella improductiva concupiscencia psychica, d'aquelle lascivo e psychologico sentir e pensar desordenado, os seus pés, hirtos, enregelados no féretro, pareciam ter tambem, sinistra e ironicamente, estranha evidencia capra, como se toda aquella espiritualidade que transbordára em luxuria, como se todo aquelle vão e dilacerado esforço houvesse, por agudos phenomenos de sensibilidade nervosa, por

crystalisação de angustias lancinantes, desesperadas, supremas, transformado phantastica e exóticamente o seu ser n'aquella expressão animal revelladôra do seu espirito, por um espectral e derradeiro desdem da Natureza...

A NOITE

O' doce abysmo estrellado, nirvana somnambulo, taça-negra de aromas quentes, onde eu bebo o elixir do esquecimento e do sonho! Como eu amo todas as tuas magestades, todas as tuas estrellas, todos os teus ventos, todas as tuas tempestades, todas as tuas fórmas e forças! Como eu sinto os perfumes que vem das grandes rosas mysticas dos teus Maios; os effluvios vibrantes, candidos e finos dos teus Junhos; o grasnar dos teus abutres e o claro bater das azas dos teus anjos! Como eu aspiro sedento todos esses cheiros salgados do mar dominador, essa vida aromal das folhagens, das sélvas reverdecidas com os teus orvalhos revigoradores, com a tua esquiva castidade mysteriosa!

Ah! como eu te amo, Noite! Como a tua eloquencia muda me falla, me impressiona e me chama, Apparição seraphica, fabulosa irmã do Cháos e das Legendas!

O peito cheio de vibrações anciosas, a alma em canticos de amor, os olhos illuminados por esplendores secrétos, como é maravilhoso vagar no solemne tabernaculo dos teus silencios, no *inpace* do teu Sonho!

Como faz bem e tonifica mergulhar profundamente a cabeça nos teus mysterios que deslumbram, adormecer com elles, deixar que a alma se emballe n'elles, vaguear pelo Infinito, tendo todos esses mysterios immaculados como o vasto manto consolador da Piedade e do Descanso!

A tua docilidade e frescura, o teu carinho, os teus affagos, a tua musica selvagem, as tuas solemnidades augustas, o teu antediluviano encanto biblico, as monstruosas risadas mephistophélicas dos teus fantasmas tenebrosos são como seres singulares, verdadeiros irmãos da minh'alma.

Mordido de nervosidade aguda, perdido no teu solitario regaço maternal, ó estranha Noite, eu sinto que o cavallo de azas da minha consciencia galópa, vôa longe, livre, sumindo-se na infinita poeira de ouro dos astros; que os movimentos dos meus braços ficam tambem livres, para abraçar as Chiméras; que os meus olhos, alegremente felizes, se libértam do carnivoro animal humano, para só fitarem sombras; que a minha bocca aspira o Vácuo estrellado, para

saciar-se d'elle, para beber todo o seu luminoso vinho nocturno; que os meus pés érram melhor, oscillantes e vagos embóra na embriaguez e na cegueira da tréva, para melhor se desilludirem de que se arrastam na terra; que as minhas mãos se estendem e se móvem largamente, como azas de expontaneo vôo bizarro, para dizerem triumphante adeus por algumas horas ás terriveis contingencias da Vida!

Perdido nas solidões da tua tréva vibram-me as tuas harpas, seduzem-me os teus extases, arrebatam-me os teus mysticismos.

Com os olhos radiantemente abertos, como si fossem duas curiosas flôres de raios celestes, eu noctambúlo em silencio, na concentração de um missionario contemplativo vagando n'um immenso templo deserto e cheio de sagradas sombras...

Em cima, sobre a cabeça, sinto cantar-me, doce e terna, a fina luz das meigas estrellas, e essa luz arde, chammeja melancolicamente como uma alma que aspira...

Dentro de mim uma sensibilidade imcomparavel vibra e vive como essas estrellas delicadas e meigas.

Todos os quebrantos da noite fascinam-me, enlévam-me e eu me surprehendo arrebatado por

uma transfiguração que não sei de onde parte, que não sei de onde vem, mas que me enche a alma como de uma crença maior, como de um revigoramento de marés picantes, como de um largo e bello sôpro natal de revivescencias juvenis!

E quando levanto acaso religiosamente os meus olhos, no meio da candidez da solidão nocturna, para o azulado e magoado estrellejamento do céo e vejo o céo sumptuoso e mudo com os seus astros, os meus olhos, felizes e gloriosos por te olharem, Noite, exilam-se cada vez mais na tua mudez, vivem cada vez mais do teu deslumbramento e do teu goso, inteiramente orphãos de todas as outras perspectivas, como dous principes hamléticos exilados para sempre n'uma sombria, mas ineffavelmente amoravel região de luto.

Quando um pezadello sinistro cavalga o meu dorso, me opprime o peito e os rins, tira-me a respiração — pezadello gerado do Nada que nos envólve a todos — a tua fascinação astral é para mim um allivio supremo, a tua liberdade ampla é para mim larga emanação vital.

As tuas subtilesas me accórdam, os teus stradivarius me espiritualisam, os teus preciosos rhythmos me afinam...

O' Noite! inimiga irreconciliavel dos que não te sabem engrinaldar com os lirios das suas

saudades, encher com os seus soluços, estrellar com as suas lagrimas! Hóstia negra dos Sonhos brancos que eu eternamente commungo! Tu que és misericordiosa e que és bôa, que és o Perdão estrellado suspenso sobre as nossas desgraçadas cabeças, tu que és o seio espiritual dos miseraveis seres, embalsama-me com os teus ósculos perfumados, com o effluvio da infancia primitiva dos teus idylios, abençôa-me com o teu Isolamento, cobre-me com os longos mantos de velludo e pedrarias das tuas volupias, purifica-me com a graça dos teus Sacramentos.

Phantasista do soturno, do galvanico, do livido; Colorista do shakspereano e do dantesco; Mater dos meios tons e das meias sombras, das silhouettes e das nuances; trombeta de Josaphat, que fazes caminhar todos os espectros, ressuscitar todos os mortos; mascara ironica de todas as chagas; confissionario de todos os peccados; liberdade de todos os captivos, como eu recórdo a galeria subterranea dos teus mórbidos bebados, dos teus ladrões cavilosos, das tuas lassas meretrises, dos teus cégos sublimes e formidaveis, dos teus morphéticos obumbrados e monstruosos, dos teus mendigos teratologicos, de aspecto feroz e perigoso de tigres e ursos enjaulados, acorrentados na sua miséria, dos teus errantes e desolados

Cains sem esperança e sem perdão, toda a negra bohemia cruel e tormentosa, ultra-romantica e ultra-tragica, dos vadios, dos doentes, dos degenerados, dos viciosos e dos vencidos!

E a peregrina bohemia dos teus cães uivantes e contemplativos no amoroso espasmo do luar, dos teus gatos sonhadores, exilados e raros esthétas felinos deslisando subtis pelos muros, hystéricos da lua, os olhos phosphorescentes como a luz de estranhos santélmos!

Noite que abres teus circos funambulescos, cheios de palhaços rubicundos, tatuados de mil côres, de acrobatas de fórmas e movimentos aligeros e elásticos como serpentes; que expões todo o arco iris inflammado dos teus bazares, a vertigem de zumbir de abelhas dos teus fagulhantes cafés cantantes, o olho ignivomo e solitario dos pharóes no mar alto e toda essa ondulação de aspectos e sonhos fugitivos, essa nebulosa do rumor e da emoção, que é o teu véo de noiva, que é o teu manto real!

Tu apagas a mancha sangrenta da minha vida, fazes adormecer as minhas ancias, és a bocca que sópras a chamma do meu desespero, és a escada de astros que me conduzes á minha torre de sonho, és a lampada que desces aos

carcavões da minh'alma e fazes desencantar, caminhar e fallar os meus Segredos . . .

Tens uma expressão millenaria de Epopéas, um curioso e extravagante sentimento druidico, e como que toda melancholia archaica da Decadencia latina.

No fundo velho e pittoresco do teu Oriente, ó Noite, meu caprichoso e exotico Crysanthemo; nos longes dos teus grandes e famosos Frescos ondulam em curvas lascivas e donairosas as romanticas e visionarias virgens, os pallidos poetas meditativos, os ascetas lividos que vellam á claridade magoada dos cyrios, os fascinantes e capciosos Fra-Diavolos, os galhardos, zumbentes e coruscantes carnavaes de Veneza da tua prodigiosa Phantasia e as kermésses louras e cor de rosa dos cherubins da Infancia, que dormem sonhando, lyrios de commovida ternura, meigamente seduzidos e embriagados no delicado e casto regaço do mysterio dos sexos.

O' bemdita Noite! dá-me a morte na irradiação dos teus raios, para que eu rompa o sello cabalistico dos teus segredos; dá-me a morte na crystalisação dos teus astros, nas auréolas das tuas nuvens, no pesado luxo das tuas constellações, no vaporoso de tuas visões de lagos, na solemnidade biblica das tuas montanhas

ennevoadas, nas cerradas cegueiras apocalypticas das tuas maravilhosas florestas virgens, quando lentas luas langues florescerem nos céus como grandes beijos congelados de brancas noivas gigantes encantadas e mortas...

MELANCOLIA

Fallo ainda e sempre a ti, branco Lusbel das espirituaes clarevidencias! A ti, cuja ironia é ferro e é fogo! Cuja eloquencia grave e vasta faz lembrar, como a de Bossuet, longas alamêdas de verdes e frondejantes, altos plátanos chorosos. A ti, que amargurado deplóras toda esta decadencia dos seres; a ti, que te voltas desolado e saudoso para os tempos augustos que se foram, quando a Honra vã de hoje, era, como um poderoso e altivo brazão de aguias negras atravessado de uma espada no centro!

Sim! branco Lusbel, nós caminhamos para o irreparavel impedernimento; desde o sólo até aos astros, homens e cousas, tudo vae quedar de pedra. Será um somno universal de uma universal esphinge. Tudo, na pedra, dormirá um somno de pedra. A pedra respirará pedra. A pedra sentirá pedra. A pedra almejará pedra. E esta tremenda aspiração de pedra profundamente symbolisará os sentimentos de pedra dos

homens de hoje. E, então, branco e illuminado Lusbel, mais claro do que nunca, verás que os olhos dos homens só luzem diante do dinheiro! Que pelo Amor nenhum se sente com animo de brandir um facho, de agitar um gladio ou desfraldar uma bandeira! Que pelo Sacrificio nenhum se arrojará nos Nirvanas transcendentes, porque dóe muito abandonar o Conforto! Que pela Abnegação nenhum se collocará na vanguarda, porque custa muito anniquilar o Interesse.

Bem sei que tu, ainda com uns restos de clemencia, não sei se diabólica, não sei se divina, acharás paradoxal esta intuitiva prophecia; mas, para te fazer apagar de uma vez as ultimas claridades de crença inexperiente que ainda consérvas na alma, vou ministrar-te um rápido e curioso exemplo— synthese preciosa de que o Sentimento está metallizado em ouro, de que a alma anda em chéques universaes, no cambio feróz do egoismo humano:

—Meu filho, ouvi perguntar um dia a uma creança de sete para oito annos que chegára desse rude e corrupto mundo europeu a tentar fortuna nestas novas terras azues, — meu filho, você, com certeza, deixou lá fóra familia, sua mãe, seu pae, não?!

— Deixei, respondeu elle.

— E não tem vontade de voltar, não tem saudade d'elles ?

— Eu ! saudades, replicou a innocente creança de sete para oito annos ; eu não vim cá para ter saudades, vim para ganhar dinheiro !

Ahi tens tu, branco e illuminado Lusbel, a bocca dessa exquisita creança, na qual deveria desabrochar a flôr tépida de um affecto candido, instinctivamente grangrenada já por tamanhas abjecções de palavras duras!

Nesse ingenuo bandidosinho ahi tens tu a imagem symbolica, a mais que exacta medida da alma humana universal que tu desoladamente observas com tão desesperada melancolia, cuja psychologia secréta tu penetras tanto nos requintes de toda a tua inquieta Indignação !

CONDEMNADO A' MORTE

Soyez victorieux de la terre.
BALZAC (Seraphita).

Desde que elle, o doloroso Esthético, penetrou n'aquelle Noviciado divino, que se sentio para sempre condemnado á Morte!...

Bem o presentio logo, bem o comprehendeu, assim que em torno á sua cabeça melanchólica e triumphante um clangôr de guerra echoou, victoriando-o, e cem mil estandartes gloriosos dos phalangiarios do Ideal se desfraldaram e abatêram ante seus pés, n'uma solemne homenagem de conquista.

A Vida terrena do Tangivel que flammejasse lá fóra, nos turbilhões cruentos dos dias, no dilaceramento das horas; os homens que se atropellassem e gemessem e rojassem sob a móle formidanda das paixões; o gozo, a ebriedade do gozo, o prazer picante e alacre, futil, leve, facil, que cantasse sobre a terra, que agitasse todos os

seus guizos jogralescos, rufasse todos os seus tambôres festivos, fizesse resoar todos os seus clarins ovantes...

Elle, o Esthético doloroso, não! Dentro d'esse Noviciado divino estaria perpetuamente condemnado á Morte — visão, phantasma, sombra do Imponderavel, arrebatado não sei por que estranho Mysterio, não sei por que exquisita impressão abstracta, não sei por que fluido maravilhoso, para a Morte, antes mesmo da consummação da materia, por condemnar as vãs alegrias que arrastam tantas almas, as venturas banaes que fascinam e embriagam tão loucamente os homens.

Outros que se alassem ás correrias preciosas da Mocidade, ás opulencias, ao fausto, ao esplendor das pompas exteriores, ao estridente rumor das festas, perdidos pelas estradas interminaveis, longinquas, êrmas, dos Destinos desencontrados.

Elle, o Esthético doloroso, não! N'aquella intuição tocante de Illuminado, ficaria no Desconhecido, para a consagração do Espirito, olhando, n'uma indisivel tristeza de mar nocturno, as gerações que se agglomeram e mutuamente devóram nos pórticos desolados do Universo, pela batalha barbara do Existir...

Elle estivéra já em contactos com o Mundo, sentindo-o, respirando o mesmo ar, chocando-se com os sentimentos mais abstrusos e soturnos, com as paixões mais vorazes, com os corações mais gelados, roidos pelo cancro alastrante de um tédio doentio, de um nirvanismo agudo, de um nihil slavo...

Sentira todas essas psychoses sangrentas, todas essas manifestações exóticas de uma especie de absurda teratologia mental; todas essas complexidades d'alma de um fundo cahótico, esmagador, anniquilante, de onde a Fé fugio desoladando e enrigecendo tudo, ficando apenas o granito de umas naturezas hirtas, impassiveis, extractificadas no egoismo e na indifferença das cousas, vendo a perfeição, a belleza serena das abstracções ideaes, das fórmas omnipotontes e singulares, com os vêsgos olhos da lascivia, da impotencia ou da inveja reptilosa e lesmenta.

Elle vio attritarem-se convulsamente os leprosos, os aleijados, os epilépticos, os morphéticos, os tisicos, os cégos, enroscados todos na sua negra mortalha de suicidas, cambaleantes, ébrios de dôr, de desespero, na agonia da carne que se dilacéra, que se rasga, que se despedaça — emquanto o soberbo sol, dos Altos, como um pagão, bizarro, cantava sobre todas essas chagas

abertas, sarcasticamente, diabolicamente, indifferentemente, a musica offenbachiana, do seu clarão communicativo e cortante...

Elle vio, como um largo mediterraneo, todo o assombro das lagrimas recalcadas, toda a epopéa sinistra, toda a magestade dolorosa da alma humana, torcida n'um espasmo de angustia, lancinada, amargamente lancinada n'uma afflictiva treva de dilaceramentos.

Elle observára tudo, descêra a esses subterraneos fataes, a essas cryptas lethificas de nevroses e spleeneticas doenças, onde parece errarem duendes infernaes e onde como que uma lua livida, espectral, d'além-tumulo, tremula e triste, derrama somnolenta e esverdeada claridade de augurios medonhos e indefiniveis.

Vira tudo isso, mas vira igualmente todas as graças e arômas da terra na fascinação satanica da mulher, no encanto virginal da sua carne, na tantalica tentação dos seus braços tentaculosos.

Mas, tendo desde logo entrado na pósse secreta de si mesmo, o doloroso Esthetico só sentira mais a mulher nas linhas e aspectos da visão, desprezára a carne, idealisara, espiritualisára a mulher.

Elle vira os fatigantes prazeres, as bizarras e galhardas alacridades do Vinho — quando a

mocidade ruidosa, n'um alvorôço, arrebatada nos phantasiosos corcéis alados da alegria, por ser futilmente, mas intensamente amada, abre os braços nervosos á loucura, com todo aquelle sangue exuberante, claro, vigoroso, de leão dominador, que mais tarde a bocca visguenta da cóva ha de beber, sugar então fartamente para sempre.

Tudo, absolutamente tudo, elle vira; tudo o que é ventura breve, mas tangivel, mas real, tudo o que se gósa pelo olfacto, pelos olhos, pelo paladar e pelo tacto; tudo o que constitue o epicurismo grêgo e o que constitue o jubilo mundano, a felicidade classica, official, convencionada, das sociedades cansadas, decadentes, esgotadas pela degenerescencia do sangue, pela intensidade da Analyse, torporisadas e entorpecidas no amollecimento e no postiço das fórmulas, sem ter enfibratura para a Grande Vida, em regiões estrelladas, ao de leve, subtil e delicadamente, n'outra chamma, n'outra esphera mais fina, mais pura. . .

Completamente tudo, afinal, elle vira e sentira com profundidade, enclausulado n'aquelle Noviciado divino, pelo qual, como de dentro da terrivel, solemne e hieroglyphica porta do Inferno, deixára lá fóra no Mundo toda a esperança de gosos ephemeros, de ambições mediocres, de acclamações decretadas, de acolhimentos

e apotheoses mundanas, de séquitos reverentes e cortezãos arrastando a pompa impura, enxovalhada, rôta, ridicula, da larga purpura de ovações sediças e seculares.

Se ainda lhe fosse permittido ouvir o écho adormecido, distante, vago, das Illusões, das Alegrias livres, dos Sonhos de ha vinte annos, das Esperanças immensas, das Saudades intraduziveis da sua adolescencia, para lá destas éras rudes e austéras do Pensamento e do Sentimento, outra cousa não repetiriam, não clamariam todas essas sacrosantas Imagens, todas essas ineffaveis Visões, senão que o doloroso Esthético é agora um perfeito condemnado á Morte — sereno e grande condemnado que ufanamente esqueceu e desprezou, para traz, para os tempos de outr'ora, tanta luz de tranquillidade, de paz ingenua, para vir então expontaneamente entregar-se aos martyrisantes cilicios das Idéas.

As sensações que poderia experimentar com simplicidade, como natureza elementar, sem febre, sem delirio de impressões, sem agudezas de nervosismos; essas sensações communs de sentir, physicas, flagrantes como ferro em brasa chiando em cheio nas carnes, o doloroso Esthetico deixou intensamente de experimentar, para mais intensas sentir as outras sensações que tocam por toda

a escala dos nervos, por todo o enraizamento das fibras por toda a delicadeza ethérea, aériforme, da ductilidade e da vibração.

Impassivel diante de tudo que não seja a expressão de uma Esthetica, a affirmação de uma esthesia rara, a latente, profunda originalidade sensacional e vivendo por entre o ruido, a confusão, a vertigem da multidão que ri, que goza com distincções boçaes, com a sua cellulasinha empirica,—Elle não vive a vida externa dos homens, não partecipa, de facto, do meio ambiente— antes o seu estado vital é a morte, por uma condemnação perpetua e logica de todos os vários elementos da Materia contra elle conclamados. . .

Isolado do Mundo, no exilio da Concentração, solitario, na tristeza magestosa de um bello deus esquecido, as outras forças multiplas que ágem na Terra, na luta desenfreada de cada dia, que equilibram as sociedades, que régem a massa vã dos principios, que dão rythmo á onda eterna do movimento e entram na vasta elaboração da cultura das raças, sentiram-se hostilisados diante da sua intuitiva percuciencia de vidente, da sua ironia gelada de ascéta, do seu desdem soberano de apostolo, da sua Fé indestructivel, serena de missionario, de extraordinario levita sombrio de um culto extranho, que léva aos labios, em

extremo, o Calix mystico da communhão suprema da Espiritualidade e da Fórma.

E então, o doloroso Esthético, soberbo e sublime na sua solidão e no seu silencio, vagueou —afastado do fóco real, positivo da Vida—sem existir de facto, como um simples comdemnado á Morte, errante phantasma na sombra de sepulchros, mysteriosamente vibrado por grande Sonho doloroso rhythmado nas longas, monotonas e amargurantes melancholias do Mar, para sempre gemendo e sonhando, nocturnamente, velhas lendas barbaras.

E' que o Esthético viéra da caudal mysteriosa dos que acharam clarevidentemente o inédito das suas almas, que se sentiram seres, que se salváram do Cháos universal com a evidencia simples e clara de uma natureza affirmativa.

Mas, afinal, assim mesmo condemnado á Morte, sob os philtros negros da Morte, elle, purificado do Espirito, perfectibilisado da Alma, remido e libertado da Materia, ficou symbolisando, no entanto, o unico ser verdadeiramente livre e legitimamente ser, o mais bello, o maior, o mais alto ser, ainda que desolado e sombrio, victorioso da Terra!

ANHO BRANCO

Lembrava frescura de humidas rosas desabrochadas, efflorescencia de magnolias e a candidez de alma de pastores aquella carnação opulentamente branca.

Existencia singela, segetal, um tanto primitiva, de serranias alpestres, o espirito a imaginava surgindo d'entre vergéis de lyrios e açucenas, n'uma clara fulguração de brancuras, como se as constellações a houvessem fecundado.

Uma luz desconhecida parecia rodeal-a de auréolas archangelicas, celestiaes ...

No entanto, a sua carne viva, virgem, radiantemente alva, da translucidez requintada da lua, determinava bem a sua terrestre descendencia.

Pelos campos, pelos prados, ella surgia com o sol, ella noctivagava com as estrellas, branca e de fino ouro flavo nos cabellos.

Surgia com o sol, na lactescencia immaculada do seu corpo de flexibilidades e delicadezas de

linho; noctivagava com as estrellas, na chamma doirada dos seus cariciosos, suaves cabellos.

Na alvorada pubere desse sangue magestoso de Virgem, ineffavel infinidade de sereias de volupia cantava.

Relampagos vagos de desejos chiméricos cruzavam, abriam claridades iriadas nesse sangue triumphal impolluto, tão puro e verde nas exuberancias como as verdes e tropicaes vegetações dos campos claros que a geráram.

A alma adormecia no azul doce, langue, balouçante, dos seus olhos radiantes, festivos, inundados de uma frescura sylvéstre de nayade onde, por vezes, a dolente melancholia de amargas aguas de mar em repouso vagava.

Carne casta e branca, tenra e velludosa, epiderme de leve luz rosada, cujas transparencias subtis extasiavam, tinha, no entanto, uma fascinação animal, um quebranto delicioso de peccado, uma provocante fléxura nervosa nos quadris afelinados, qualquer cousa de inebriante segredo selvagem, no extravagante conjuncto dos linhas ducteis da alva e flavescente figura.

Certos caprichos que a dominavam, certos arrojos e aventuras, trazim-lhe mesmo affinidades selvagens: — em saltar aos valles, logo pela manhã, aos primeiros e luxuosos coloridos; em

coroar-se de rosas agrestes, pelos prados, garrula, trefega, no aspecto bizarro, no movimento fugidio e arisco de passaro airoso; na ousada graça montanheza de subir a arvores frondejantes e dormir depois á sombra d'ellas, livre, descuidosa, na expansão vegetal dos campos, identificando-se larga e singularmente com todos os arômas e mysterios da Natureza.

E era surprehendente vél-a assim, transfiguradamente formosa, errando pelos vergéis, pelas campinas e valles, voando quasi, na febre da luz e da paisagem verde que a impressionava, que a electrisava, como se occultas azas a levassem, a levassem, para sempre confundida e mergulhada nas efflorescencias abundantes das louras, sazonadas seáras.

E, por entre os giestaes engrinaldados de flores amarellas, por entre a rubente coloração das papoulas, a espessura densa das folhagens glaucas, a gradação pinturesca da verdura e pela margem das lagôas e lagos prateados e somnolentos, á beira dos brejos e alagados, das fontes, cachoeiras e rios e ainda sob a tenda abrigadôra dos tamarineiros e jambeiros perfumados, e ainda por entre as galhardas alacridades dos cravos, por entre os amargosos e acres rosmaninhos, era o encanto picante, o supremo extase ver como essa

Nympha branca das sélvas corria, corria, toda resplandescida de sol, arrebatada atravez das seivas impetuosas, dos travorósos odôres, dos balsamos, das resinas, das cheirosas e vertiginosas emanações de todas as hervagens e plantas exhuberadas, na fascinante volubilidade aligera de movimentos imprevistos de gamo, accusando ainda mais, fazendo ainda mais viver e scintillar, em luminosos relêvos, no desalinho soberbo da corrida, a gloria da carne branca, a pubescencia maravilhosa das fórmas.

E essas seducções prófugas, essa timidez e melindre gracioso, junto ás audacias e vivacidades másculas, ás surpresas e revelações do seu borboletismo irrequiéto, faziam meditar, em silencio e melancolia, nos sigillos assignaladôres, nos reconditos, secrétos pudôres, na recatada e ingénita malicia de alguma curiosa filha de lendario e poderoso gigante, viçada branca, sob o inflammado e fecundativo póllen do sol, na luxuria animal e verde das florestas.

E ella corria, corria, galgava as ribanceiras, transpunha pomares em fructo, sébes de madresilvas e acacias, e perdia-se, perdia-se phantasiosamente pelos infinitos estrellados de flores e de brilhos de todas aquellas amplas, sonóras, e prodigiosas regiões de virgindades campestres.

Errava um primitivo e saudoso sentimento de Creação paradisiaca sempre que ella irrompia atravéz da vaga esmeralda das vinhas, do purpurejamento palpitante das rosas, entre as aves que abriam e batiam azas cantando em torno á sua esvélta e fascinadora cabeça d'ouro virgem.

Na solemnidade épica dos valles, dos bosques, das collinas e campos, onde bois resignados e magestosos tocante e melancholicamente mugiam com os grandes olhos de um sentimento biblico, espiritualisados por um suavissimo luar de lagrimas de evangélica bondade, esse corpo branco, de brancura olympica de deusa—óde das ódes vivas, Cantico dos Canticos, Via-Lactea transfundida em carne — parecia ter a influencia mysteriosa de um sylpho aládo, parecia derramar, por aquelles horisontes augustos, o luar de immensos e voluptuosos pesadellos dos phenomenos infinitos da Germinação...

E'ra a estranha Visão florestal que, quando apparecia, como que tornava brancos todos os aspectos, fazendo a retina sentir, por effeito dos deslumbramentos e ampliações visuaes, vastas miragens brancas, vertigens de côres brancas, perspectivas brancas, nuances brancas, tudo nevadamente accêso em fulguramentos e cambiantes brancos.

Nem o sol, com a sua clarinante chamma flava, conseguira jamais empallidecer, dar tons de razão a essa brancura intacta, da inviolabilidade de tabernaculos, que parecia sempre repurificada nas origens das extremas lactescencias, das néves inaccessiveis, dos indeléveis florescimentos.

E essa incomparavel brancura magnitisava os sentidos como effluvios de óleos exoticos e mysticos vaporosamente queimados...

Mas, as curvas exquisitas do seu perfil ágil, lépido, tentadoramente assignalado por fugitivos meneios animaes e curiosos; o colleante movimento dos braços de languidas nervosidades de áspide; a dilatação sedenta das narinas accendidas n'uma aspiração de sôrver os cheiros vitaes das terras fundamente revolvidas e das hervas sumarentas e quentes; a gula farta da bocca humida n'um viço rubro, exhalando lilaz e trevo; as mórnas e magas magnolias embriagantes dos seios; as finas e elyseas claridades azues dos olhos, e, emfim, a candidez e brancura suave das pompas da carne virgem, despertariam nos temperamentos violentos, selvagens, anceios intensos, accordariam o gozo idiosyncratico, não de desvirginal-a, de violal-a, na brutalidade feroz dos instinctos, mas de a morder, de fazer sangrar

á faca, com volupia, com febricitante paixão, carne tão odorante, tão balsamica, tão lyrial e nevada, engolphando saciadoramente n'ella o aço fúlgido e rijo, rasgando-a com a lamina acerada e aguda em talhos vehementes, vivos, gritantes de sangue fresco e fumegante, escorrendo, gottejando rubinosos vinhos de aurora, toda ella flagrantemente aberta n'uma esdruxula floração boreal.

E, então, toda, toda essa sexual magnificencia, toda essa casta belleza, fazia extravagantemente despertar a lembrança, dava a impressão suggestiva, ao mesmo tempo profana e sagrada, da uncção angélica, da encarnação humanada e miraculosa do alvo, tenro e meigo cordeiro immaculado, do lhano, doce e delicioso Anho branco original dos Ermos, para a effusiva Paschoa nova das transcendentes luxurias...

O SOMNO...

> Ceux qui rêvent éveillés ont connaissance de mille choses qui échappent à ceux qui ne rêvent qu'endormis. Dans leurs brumeuses visions, ils attrapent des échapées de l'éternité et frissonent, en se réveillant, de voir qu'ils ont été un instant sur le bord du grand secret.
>
> (ELEONORA) EDGAR PÖE.

A tua voz! a tua voz! Clamo em vão pela tua voz, procuro-a como por uma ave maravilhosa e a tua voz está estranhamente adormecida no somno : . .

Está adormecida no somno, muda, calada de gorgear, de cantar na tua garganta e na tua bocca, aquella voz que eu sonhára philtrada dos raios do sol, tecida dos raios do sol, de uma prodigiosa essencia etherea na qual radiasse o o sol, todo o esplendor do sol.

Tu estás nostalgicamente dormindo, e esse somno em tão profundo e mysterioso Além te immergio, que pareces de marmore. E é, assim,

em vão que clamo, tremulo e desvairado, pelo brilho quente dos teus olhos, pela vida da tua voz, que me sacia de vida, que me afoga, que me embriaga de vida.

Accorda! accorda! accorda! accorda os olhos e a voz, e mergulha-me na vida que se derrama d'elles: quero sentir os teus olhos olharem, a tua bocca palpitar de voz, como um rio transbordante, perennal, que chammejasse, ondulando em gorgolões e vertigens.

Esse somno frio, hirto, que me afflige, que me dilacera, lembra uma esperança que dorme perpetuamente, um desejo, uma alegria que não accorda mais e dorme, dorme para sempre nos gelos infinitos.

Os meus ciumes, bravos leões accordados, instigam-se, açulam-se com a tua mudez, feridos de penetrante susceptibilidade por não sentirem os fremitos, o alvoroço nervoso da tua voz.

Eu quero toda a fremencia, toda a palpitação da tua voz, accordada em musicas, em symphonias de beijos, atordoando a dôr da minh'alma, como harmonioso e estonteante carinho, como extasiante licôr rhenano, vivendo na intensidade, nos turbilhões do movimento, do ar...

Quero a sensibilidade, a flexibilidade voluptuosa da tua voz alvorecida do somno como de

uma noite polar, resurgida, lavada do chaos, clara, immaculada de som.

Quero a tua voz, agil, ductil, aflante como azas e como azas abrindo e fechando em tépidos e alvoroçados véos...

Accorda! falla! falla! No teu somno pairam neblinas glaciaes, as primeiras nevoas do esquecimento... As auréolas mysticas, os nimbos scintillantes do Sonho, as miragens e os iris, circulam a tua bella e imaginativa cabeça; e hordas invisiveis de resplandescentes archanjos, vibrando citharas, alaúdes, harpas e violinos, n'uma ineffavel surdina, guardam, vélam de rhythmos vaporosos o teu somno seraphico...

Eu não sei que sentimentos estão agora em curiosa genese dentro de mim, que na minha allucinação e superexcitação nervosa apalpo ancioso o vacuo, que o somno em que mergulhas encheu de segredos cabalisticos, e procuro, procuro em vão as fórmas, as fórmas, as fugitivas fórmas intangiveis, extremas, ondeantes, subtis, as fórmas de perfume, as fórmas de luz e as fórmas de som da tua voz, que o emoliente somno levou não sei para que necropoles vasias, não sei para que geladas steppes de egoisticas e mortaes indifferenças.

Vêr-te assim, dormindo, esmaiada, branca e languida, n'esse abandono de deliquio, n'um

aspecto e espasmo sonhador de lua morta, faz-me experimentar a mais dolorosa anciedade, como que a sensação flagellante de esquecer-te, uma angustia, uma agonia de sensibilidade tal, que os meus nervos quasi se despedaçam, tão grande, tão profunda é a tensibilidade d'elles quando te apercebem dormindo, e que os teus olhos, fechados por longas e pesadas trévas, não deixam ver os reconditos deslumbramentos; e que a tua bocca, muda, calada, encerrando em carcere mysterioso a tua voz virginal, não deixa sentir a alada harmonia das fórmas e dos aromas!

Oh! accorda! falla! falla!

Vivamente accordada, que sejas, em flamma ardente de vida, n'esse hosanna triumphante da immortal belleza, eu agito-me, estremeço, vibro e desvairo, para beber insaciavelmente todos os encantos delicados e ignotos da tua voz, todas as ciciantes caricias e luxurias.

E só com a martyrisante lembrança de que talvez esse somno seja eterno e eu não ouça, não sinta jamais, nunca mais! as vibrações e as chammas da tua voz, percorrem-me o corpo todo estranhos calafrios, lethaes pesadellos allucinadores me suffocam...

E eu clamo, clamo, num tremor convulso, pela tua voz: procuro-a transfigurado, pergunto

inquietamente ao Vago em que mysterio a esconden, em que abysmo infernal de trevoso horror rolou, vôou e extinguiu-se, apagou-se, desappareceu, como a alma original dos ventos e da luz, a tua colorida e chammejante voz!

Invade-me a ancia de te sentir a voz fluir, borbotar dos labios, accêsa na paixão de existir, de viver, de sensacionalmente viver.

A ancia, o desejo sedento de ver a tua bocca febrilmente, frementemente palpitar com o meu nome, dizel-o, repetil-o, repetil-o sempre, sempre, ungil-o e acaricial-o na voz, perpetual-o com amor, com compaixão, com misericordia, com volupia, com febre, com essa emoção e agitação de sentimento que impelle, arrebata a alma aos extases da Eternidade!

Dormindo, no nebuloso e mago somno, onde a mórbida flor das melancholias e desdens amargos murcha e outomnalmente desfolha, e onde esvoaçam em torvelinhos magneticos as borboletas translucidas e multicoloridas da Chimera, o carinho e a piedade maior, mais intensa, mais viva, dos teus olhos e da tua voz, deixam-me desamparado, só, num deserto de silencio e de frio, tiritando de pavor e desespero, envelhecendo cego, tacteando de abandono, de desolamento...

TRISTE

> Je devorais mes pensées comme d'autres dévorent leurs humiliations.
>
> (HISTOIRE INTELLECTUELLE DE LOUIS LAMBERT) DE BALZAC.

Absôrto, perpléxo na noite, diante da rarefeita e meiga claridade das estrellas eucharisticas, como diante de altares sidéreos para communhões supremas, o grande Triste mergulhou taciturno nas suas profundas e constantes cogitações.

Sentado sobre uma pedra do caminho, immoto rochedo da solidão—elle, monge ou ermitão, anjo ou demonio, santo ou sceptico, nababo ou miseravel, ia percorrendo a escalla das suas sensações, accordando da memoria as fabulosas campanhas do dia, as incertezas, as vacillações, as desesperanças; inventariando com rara meticulosidade e um rigôr de detalhes verdadeiramente miraculoso todos os factos curiosos, coincidencias e controvérsias engenhosas que se haviam dado durante o dia, como um genero insólito e singular de tortura nova.

As estrellas resplandeciam com a sua doce e humida claridade térna, lembrando espiritos fugitivos perdidos nos espaços para, compassivamente, entre soluços, conversar com as almas...

E o grande Triste, então, proseguia no seu monologo exquisito, mentalmente pensado e sentido e que de tão violento que éra nos fundos conceitos, naturalmente até aos mais revolucionarios e independentes do espirito achariam, por certo, ser um monologo injusto, pessimista, cruel:

— E assim vae tudo no grande, no numeroso, no universal partido da Mediocridade, da soberana Chatez absoluta!

O caso está em ser ou parecer surdo e cégo, em tudo e por tudo, conforme as conveniencias o exigem.

Pôr a mão, de dedos abertos, sobre o rosto e parecer, fingir não ver e passar adiante, porque as conveniencias o exigem.

Essa é que é afinal a theoria commoda dos tempos e que os tempos séguem á risca, a todo o transe, ferozmente, selvagemmente, com o queixo innabalavel, duro, inaccessivel ao celebre e pittoresco freio da Civilisação, protegendo-se contra o perigoso assalto da Lucidez.

— Apaguem o sol, apaguem o sol, pelo amor de Deus; féchem esse incommodativo gazometro

celeste, extingam a luz dessa supérflua lamparina de ouro, que nos offusca e irrita; matem esse moscardo monotono e monstruoso que nos mórde, é o que clamam os tempos. Deixem-nos gosar a bella expressão — locomotiva do progresso — tão sufficiente e verdadeira e que cabe tanto na agradavel e estreita órbita em que gyramos e não nos afflijam e escandalisem com os taes pensamentos, com as taes espiritualidades, com a tal arte legitima e outros paradoxos de loucura. Deixem-nos pantagruélicamente patinhar, suinar aqui no nosso lodoso e vasto buraco chamado mundo, anediando pacatamente os ventres velhos e sagrados, eis o que dizem os tempos. Que excellente, que admiravel regálo se a humanidade se tornasse toda ella n'uma machina de bôas válvulas de pressão, um simples apparelho util e economico, do mais irrefutavel interesse — sem saudade, sem paixão, sem amor, sem sacrificio, sem abnegação, sem Sentimento, emfim! Que admiravel regálo!

Inutil, pois, continúa a sonhar o Triste, todo o estrellado valôr e bizarro esforço novo das minhas azas, todo o egrégio sonho, orgulho e dôr, sombrias magestades que me corôam — monge ou ermitão, anjo ou demonio, santo ou sceptico, nababo ou mizeravel, que eu sou — inutil tudo...

Por mais desprezivel que fosse esta procedencia, ainda que eu viésse da salsugem do mar das raças, não seria tanta nem tamanha a minha atroz fatalidade do que tendo nascido dotado com os peregrinos dons intellectuaes.

Assim, dada a situação confusa, esquerda, tumultuaria, do centro onde vou agindo, estas nobres mãos, feitas para a colheita dos astros, tem de andar a remexer estrume, immundicie, detritos humanos.

Adaptações, pastiches, intellectualismos, especie de verdadeiros inxertos da Intelligencia, esses, floréscem faceis logo, porque bem difficil e raro é determinar a pureza infinitamente delicada, sentir onde reside o fio profundo, a linha subtil divisória que sepára, como por maravilhoso traço de fogo, os Dotados, dos Feitos ou Transplantados.

E, pois, com a alma tocada de uma transcendente sensibilidade e o corpo preso ao grosso e pesado carcere da materia, irei tragando todas as offensas, todas as humilhações, todos os aviltamentos, todas as decepções, todas as deprimencias, todos os ludibrios, todas as injurias, tudo, tudo tragando como brazas e ainda cumprimentos para cá, cumprimentos para lá, para não susceptibilisar as vaidades e presumpções ambientes.

Como fléchas envenenadas tenho de supportar sem remédio as piedades aviltantes, as compaixões amesquinhadôras, todas as ironiasinhas anonymas, todos os azedumes pervérsos e tediosos da Impotencia ferida.

Tenho que tragar tudo e ainda curvar a fronte e ainda mostrar-me bem innócuo, bem ôco, bem energumeno, bem mentecapto, bem olhos arregalados e bem bocca escancaradamente aberta ante a convencional banalidade. Sim! supportar tudo e cahir admirativamente de joelhos, batendo o peito, babando e beijando o chão e arrependendo-me do irremediavel peccado ou do crime sinistro de ver, sonhar, pensar e sentir um pouco... Supportar tudo e obscurecer-me, occultar-me, para não soffrer as visagens humanas. Encolher-me, enroscar-me todo como o caracól, emmudecer, apagar-me, n'uma modestia quasi ignóbil e obscena, quasi servil e quasi cobarde, para que não sintam as anciedades e rebelliões que trago, os Idealismos que carrégo, as Constellações a que aspiro... Recolher-me bem para a sombra da minha existencia, como se já estivésse na cóva, a minha bocca contra a bocca fria, da terra, no grande beijo espasmódico e eterno, entregue ás devoradôras nevróses macabras, inquisitoriaes, do verme, para que assim nem ao menos a

respiração do meu corpo póssa magoar de leve a pretenção humana.

E, sobre tudo, nem affirmar nem negar: — ficar n'um meio termo commodo, aprazivelmente neutral.

Que até nem mesmo eu póssa, na melancholia crepuscular dos tempos, dar com uncção emotiva e com cordialidade o braço a certos profundos e obscuros Segredos intimos e, levemente irónico e pungido de dolencia, errar e conversar com elles atravez das avenidas sombrias de minh'alma.

Nada de pairar acima de tudo isto que nos cérca, dos turbilhões ignáros do rumor humano, deste estrondo attroadôr de rugidos, desta ondulante materia, desta convulsão de lama, ácima mesmo destas Esphéras que cantam a luz pela bocca dos astros.

E que o mundo veja e sinta que eu o conheço e comprehendo e que apezar da obscuridade com que me attrito commummente com elle, apezar dos contactos execrandos na rodante contingencia da Vida, tenho-o como que fechado nesta pequena e frágil mão mortal.

Dizendo tudo ao mundo, originalmente tudo, com o verbo inflammado em vertigens e chammas da mais alta eloquencia, que só um

complexo e singular sentimento produz, o mundo, espantado da minha ingenuidade, fugirá instinctivamente de mim, mais do que de um leproso.

E até mesmo lá n'uma certa e feia hora em que se abre na alma de certos homens uma torporisada flôr tóxica de perversidade, lá muito no intimo, lá bem no recesso das suas consciencias, n'uns vagos instantes vêsgos e obliquos, quantos dos mais generosos amigos não acharão, embóra fallando baixo, muito baixo, como que n'um piscar de olhos ao proprio eu, mais ridiculo que doloroso o meu interminavel Soffrimento!

Mas, por mais que me humilhe, abaixe resignado a desolada cabeça, me faça bastante eunucho, não mormure uma syllaba, não adiante um gésto, ande em pontas de pés como em camaras de morte, suffóque a respiração, não ouse levantar com audacia os olhos para os graves e grandes senhores do saber; por mais que eu lhes repita que não me orgulho do que sei, mas sim do que sinto, porque quanto ao saber elles podem ficar com tudo; por mais que lhes diga que eu não sou deste mundo, que eu sou do Sonho; por mais que eu faça tudo isto, nunca elles se convencerão que me devem deixar livre, á lei da Natureza, contemplando, mudo e isolado, a eloquente Natureza.

E, então, assim, infinitamente triste, réprobo, maldito, secular Ashaverus do Sentimento, de martyrio em martyrio, de perseguição em perseguição, de sombra em sombra, de silencio em silencio, de desillusão em desillusão, irei como que lentamente subindo por sete mil gigantescas escadas em confusás espiraes babélicas e labyrinthicas, como que feitas de sonhos. E essas sete mil escadas babylonicas irão dar a sete mil portas formidaveis, essas sete mil portas e essas sete mil escadas correspondendo, como por provação das minhas culpas, aos sete peccados mortaes.

E eu baterei, por tardos luares mortos, baterei, baterei sem cessar, cheio de uma convulsa, afflictiva anciedade, a essas sete mil portas—portas de marmore, portas de bronze, portas de pedra, portas de chumbo, portas de aço, portas de ferro, portas de chamma e portas de agonia—e as sete mil portas sete mil vezes tremendamente fechadas a sete mil profundas chaves seguras, nunca se abrirão e as sete mil mysteriosas portas mudas não cederão nunca, nunca, nunca!...

N'um movimento nervoso, entre desolado e altivo, da excélsa cabeça, como esse augusto agitar de jubas ou esse nebuloso estremecimemto

convulso de sonambulos que accórdam, o grande Triste levantára-se, já, de certo, por instantes emmudecida a pungente voz interior que lhe clamava no espirito.

De pé agora, em toda a altura do seu vulto agigantado, arrancado talvez a flancos poderosos de Titans e fundido originalmente nas fórjas do sol, o grande Triste parecia maior ainda, sob os constellados diadêmas nocturnos.

As estrellas, na sua doce e delicada castidade, tinham agora um sentimento de adormecimento vago, quasi um velado e commovente carinho, lembrando espiritos fugitivos perdidos nos espaços para, compassivamente, entre soluços, conversar com as almas...

E, na angelitude das estrellas contemplativas, na paz suave, alta e protectora da noite, o grande Triste desappareceu,—lá se foi aquelle errante e perpetuo Soffrimento, lá se foi aquella prêsa dolorosa dos rhythmos sombrios do Infinito, tristemente, tristemente, tristemente...

ADEUS!

Zulma, adeus! Adeus, Zulma! O derradeiro abraço, o derradeiro beijo, e adeus!

Os primeiros esmorecimentos do dia déscem e um crepusculo de scysmas, de brumas mysteriosas, turva as claridades bizarras e palpitantes de ha pouco.

E' o crepusculo da noite — velha saudade dos tempos, recordação fugidia das éras primitivas, spleen das almas, — accendendo no alto das collinas remótas e enternecedôras do Passado, todos os pharóes apagados das reminiscencias, fazendo scintillar claros todos os preságos santélmos das Navegações vellejantes, outr'ora, pelos paizes da Illusão!

Adeus, Zulma! O derradeiro abraço, o derradeiro beijo, e adeus!

As inclementes amarguras do Mundo viéram já gralhar agoirentamente dentro da necropole sombria deste coração... E tu fôste a maior dessas amarguras, que em fórma de ave sinistra, gralhaste os teus dolorosos agoiros.

Atravez dos dilaceramentos da Vida, das tortuosidades do Desejo, das inquietações do Espirito, uma tarde — bella e mágestosa tarde foi essa! — cheia de silencios e sombras, vi pela primeira vez o teu perfil fascinativo, que o rhythmo nobre de uma estranha musica de perfeições e graça sonorisava serenamente.

Pareceu-me que desconhecida Divindade inspirava e illuminava a tua belleza, envolvendo n'um sacrario d'estrellas a tua castidade branca.

Uma auréola de exclamações cercava-te, vibrantemente, em assombros admirativos, em hymnos e alleluias acclamatorios.

Colleantes, subtis, de rastros, iam as minhas impaciencias, os meus frémitos, o meu anceio profundo, formando igneo terreno vulcanico, um chão de chammas, por onde tu passavás indifferentemente, alta no esplendor translucido da belleza.

E'ra, para mim, surprehendente revellação, o typo extravagante, irreal, da tua não sonhada formosura — typo de pureza e pompa brava, evocando, trazendo comsigo os segredos grandes dos Védas.

Qualquér cousa de prodigioso fazia flammejar os teus olhos negros, negros, negros até á fadiga, até ao pezadello, até á saciedade, negros,

intensamente negros até ao tenebroso requinte da côr negra, até aos profundos tons exagerados, até a uma nova e inédita interpretação visual da côr negra.

E os meus sentidos sentiam, por attração irresistivel, os attritos, os contactos da tua pelle embalsamada de ambrosia, quentemente impressionante ; corria pelos meus nervos uma volupia doce e mórna, que no entanto me fazia estremecer e tiritar de inexplicavel gozo, como por calafrio de immenso mêdo . . .

Mas, ah ! que tentadôra belleza, abençoada ou maldita, éras, então, tu, Zulma, que assim me deixavas extatico, dominado, vencido, sem quasi acção no pensamento e só acção e chamma e febre e transfiguração no gozo ? Onde éra o teu Céo, onde éra o teu Mar, onde éra a tua Terra ou o teu Inferno — deusa dos Astros, deusa das Ondas, deusa dos Bosques, deusa infernal ? !

Onde éra ? ! Não sei ! Só o que sei é que a fascinação produzida pela tua bocca accesa em lavas de desejo, pelo negrôr de cháos biblico dos teus olhos, pela cisterna farta de leite dos seios verdemente virgens e pulchros, pela crystalisação de todas as tuas fórmas, fez florescer em mim a Vinha exuberante e ardente da Paixão, cujos fructos, afinal, me embriagaram de tal modo, tão

violentamente me arrebataram, de taes travôres tóxicos me angustiaram e acidulàram a alma, de tão finos dolorimentos e agoniados transes a lanceraram, que eu parto hoje para sempre de ti desilludido, deixo, abandono, para nunca mais! a amplidão larga, tépida e magnética dos teus braços, á cuja sombra mancenilhosa adormeci descuidoso, sonhei e accordei agora fundamente envenenado por lethaes narcotismos . . .

Fuji de ti, desilludido, fatigado de percorrer as steppes da tua alma, cançado de gyrar absorto em torno dos enigmaticos caracteres egypciacos dos teus caprichos indomaveis, do sepulchro tremendo onde jaz a mumia fria do teu Affecto.

Não póssa mais entregar-me ao cilicio martyrisante da tua insana volubilidade, aos calvarios tantalicos da tua sêde egoistica e vingativa de gélidos e apunhalantes desdens, aos teus sorrisos negros, aos teus beijos negros, ao teu coração sombriamente morto como um relogio parado n'uma casa deserta, aos teus encantos sinistros, a todos os teus feminis e seductores encantos sinistros . . .

Parto, sigo, vou-me para sempre embóra!

A tua voracidade de Aguia famulenta fez-me delirar de incertezas, de duvidas e blasphemar

dessa belleza augusta, do bronze magestoso onde por certo algum demonio inquisitorial e régio modelou satanicamente a encarnação soberana dessas fórmas.

Adeus, Zulma! Lévo no coração a vertigem sanguinolenta d'aquelles desesperos allucinantes do ciume; e no labio ancioso, anhelante, a palpitação inquieta deste adeus supremo, torturado, afflictivo; deste adeus soluçado n'um crepusculo amargo; deste adeus de vôos solitarios, cujas azas, como as de um passaro tôrvo de erradias e taciturnas tristezas, vôam longe, para além das lembranças, para além das saudades, para além da recordações e reminiscencias antigas...

Adeus! Adeus! Adeus!

Fujo arrebatadamente de ti, levando para desertos áridos, sáfaros, longiquos, ás regiões do Esquecimento, lá, muito para lá da monstruosa Terra, o unico talisman precioso que me déste — a Dor!

E, como para perpetuar a commoção crepuscular deste adeus, destas trasfiguradas lagrimas de adeus, todo o infinito nirvanico deste adeus, nesta hora poente em que os Céos comé-çam a revestir-se dos soturnos e solemnes ensombramentos da Noite, eu irei erigindo, levantando com essa Dôr, com os seus despedaçamentos,

dilaceramentos e gritos, as torres de Mysterio e Melancholia dos negros castellos maravilhosos da Paixão, em cujos soberbos, longos e silenciosos paços constellados as nossas duas almas erráram lethargicas, somnambulas, acorrentadas pelos Estigmas imponderaveis dos Sentimentos humanos e em cujos terraços altos e desolados tanta vez me debrucei aterrado e vencido, nas fundas horas da fadiga, da saciedade e das allucinações do Tédio, sentindo em torno rugir, bramar temporaes, trovões, fóra, surda e confusamente na Natureza, os desgrenhados invernos lividos...

TENEBROSA

Alta, alta e negra, de uma quasi gigantesca altura, torso direito e forte, retesada na espinha dorsal como rigido sabre de guerra; cóllo erguido de ave pernalta, aprumado, gargalado e toroso; longos braços roliços, vigorosos, cahidos, como extensas garras de falcão, ao amplo dos quadris abundantes e de linhas serenas, esculpturaes, de soberana estatua de marmore,—semélhas bem uma nocturna e carnivora planta barbara, ardente e venenosa da Nubia.

Olhcs grandes, largos, profundos, cheios de tropical sensualismo africano e abertos como estrellas no céo da refulgente noite escura de ebano polido do rosto redondo—alta, alta e negra, de uma quasi gigantesca altura—lembras tambem o astro nublado, caliginoso da Paixão, gyrando na órbita eterna da humanisada dolencia da Carne, como mancha na luz, ou soturna mulher da Abyssinia, cujos luxuriosos sentimentos pantherisados sinistramente gelaram e petrificaram na muda esphinge dos sêccos areaes tostados.

E eu quizéra possuir o teu amor—o teu amor, que deve ser como frondejante arvore de sangue dando fructos tenebrosos. O teu amor de impetos de fera nas brenhas e nas sélvas, sobre os broncos, graniticos penhascos, na caustica solar de exóticos climas quentes de raças tropicalisadas na emoção, porque tu és feita do sol em chammas e das fuscas areias, da terra cálida dos desertos êrmos . . .

Quizéra possuil-o—inteiro, estranho, eterno, esse amor! E que me parecesse, se o possuisse e o gozasse, possuir e gozar o Mar, ter dentro de mim o oceano coalhado—como a minh'alma está coalhada de sonhos--de navios, de hiates, de escunas, de lúgares, galeões, náus e galéras, por uma tormenta avassalladôra em que trovões formidaveis e cabriolas electricas de raios phosphorescentes, bréchando o firmamento, sacudissem, n'um brusco arrepio procelloso, o túmido cóllo crêspo e ullulante das Vagas.

Quizéra amar-te assim! E que nesse Mar tormentoso, sob a angustiosa pressão dos elementos, a um cabalistico signal meu, como se absoluto poder me houvésse constituido o Deus terrivel e supremo da Terra—hiates, navios, lugares, escunas, náus e galéras, conduzindo toda a humanidade a várias regiões do monstruoso

mundo, de repente sossobrassem juntos, subitamente se afundassem nas guélas hiantes do Mar escancarado, abysmante, tremendo...

Nós dois, então, fulminados pelo mesmo raio, batidos, esporeados pelo mesmo estertoroso trovão, seriamos arremessados ao seio glauco do oceano, abraçados na extrema contracção spasmódica do gozo, indo dar ás illimitadas praias do Ideal os nossos cadaveres, ainda fortemente, desesperadamente unidos, enlaçados, prêsos, como se a derradeira agonia cruciante da sensualidade e da dôr houvéssem juxtapôsto os nossos corpos na fremencia carnal dos allucinados sentidos!

Alguma cousa de aventuroso—phantastico, como o espirito de Byron, accêso pela caricatura viva de uma deformação physica; alguma cousa de estranho e satanico como Pöe, tantalisado tambem pelas agruras da ironisante materia, e por isso mesmo ainda mais esfusiante e flammejante; alguma cousa, emfim, de infernal, de diabolico, de luminoso e tétrico, ficaria então para sempre esvoaçando e pairando em torno da nossa memoria, sobre o Nihil das nossas vidas, como sinistra ave desgarrada d'outras ignótas regiões inaccessiveis e cujo canto soturno e maravilhoso reproduzisse a magoada plangencia da harpa

mysteriosa dos nossos sentimentos, infinitamente vibrando e soluçando atravez do lento desenrolar das longas éras que passam.

Quizéra amar-te assim! Vibrado ao sól do teu sangue, incendiado na tua pelle flammante, cujos penetrantissimos arômas selvagens me alvoróçam, entontécem e narcotisam.

Assim amar-te e assim querer-te—núa, lúbrica, nevrótica, como a magnética serpente de cem cabeças da luxuria—os olhos livorescidos, como prata embaciada; a fila rutila dos rijos dentes claros cerrada no deslumbramento, no explendor animal do coito; os nervos e musculos contrahidos e os formosos seios de setinoso tecido elevados como dois pequenos cômoros negros, cheios de narcotismos lethaes, impundonorosamente nús—nús como todo o corpo!—excitantes, impetuosos, tensibilisados e turgescidos, na materna affirmação sexual do leite virgem da procreação da Especie! E que a tua vulva velludosa, afinal! vermelha, accêsa e fuzilante como fórja em braza, sanctuario sombrio das transfigurações, camara magica das metamorphóses, crysól original das genitaes impurezas, fonte tenebrosa dos extases, dos tristes, espasmódicos suspiros e do Tormento delirante da Vida; que a tua vulva, afinal, vibrasse victoriosamento o ar com as

trômpas marciaes e triumphantes da apotheóse soberana da Carne!

Assim, arrebatado no teu impulso fremente de aguia famulenta de alcantiladas montanhas alpéstres, eu teria sobre ti o poderoso dominio do leão de magestosa juba revôlta, amando-te de um amor immaterial, sob a impressão miraculosa de transcendente sensação, muito alta e muito pura, que se dilatasse e ficasse eternamente intangivel sobre todas as vivas forças transitorias da terra.

Então, na cella mystica do meu peito, como n'um sacrario, eu sentiria passar em vôos brancos esse grande Amor espiritualisado, estrella diluida em lagrimas, lagrimas convertidas em sangue, como a expressão de um sonho, ao mesmo tempo carnal e ethereo, humano e divino, que palpitasse, vivesse no meu ser e me trouxésse o travo, o sabor picante e amarguroso da Dor, que é a consagração, a perfeita essencia do Amor.

Seria esse um requintado gozo pagão, cujo arôma enervante e capro, como o arôma selvático que vem do bafo môrno e do cio dos animaes das africanas florestas virgens, embriagasse o meu viver, désse ao meu espirito a alada fórma de passaro e désse á Arte que cultualmente venéro, a a pompa larga e bravia desse teu bufalesco temperamento e o resistente bronze inteiriço e

emocional do teu nobre corpo de bizarro corcél guerreiro — ó alta, alta e macissa torre de treva, de cuja agulha elevada, esguia, aguda e expirante no Azul, o condôr do meu Desejo vertiginosamente tremúla e vae as azas ruflando em torno...

REGIÃO AZUL...

As aguias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumôr d'azas e uma rara resplandescencia solemnemente immortaes.

As aguias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul. E o azul, o azul virginal onde as aguias e astros gozam, tornou-se o azul espiritualisado, a quintescencia do azul que os estrellejamentos do Sonho corôam...

Musicas passam, perpassam, finas, diluidas, finas, diluidas, e d'ellas, como se a côr ganhasse rhythmos preciosos, parece se desprender, se diffundir uma hamonia azul, azul, de tal inalteravel azul, que é ao mesmo tempo colorida e sonóra, ao mesmo tempo côr e ao mesmo tempo som...

E som e côr e côr e som, na mesma ondulação rhythmal, na mesma etherificação de fórmas e volupias, conjunctam-se, compôem-se, fundem-se nos corpos alados, intégram-se n'uma só onda

de orchestrações e de côres que vão assim tecendo as auréolas eternaes das Esphéras...

E dessa musica e d'essa côr, dessa harmonia e desse virginal azul vem então alvorando, atravez da penetrante, da subtil influencia dos rubros Canticos altos do sól e das soluçadas lagrimas nocturnas da lua, a grande Flôr original, maravilhosa e sensibilisada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno á qual as aguias e os astros, nas magestades e delicadezas das azas e das chammas, descrévem claros, largos gyros ondeantes e sempitérnos...

SOMNAMBULISMOS

Foi pelas horas concentrativas de uma noite tropical de verão, n'uma dessas noites em que o espirito se debate e anceia na infinita vertigem das profundas e sombrias cogitações, alanceado por amarguras incomparaveis, n'uma noite em que desfallecimentos supremos me assediavam, que a minha visão ficou somnambulamente deslumbrada por este espantoso e imaginoso espectaculo da Lua.

Todo o azulado espaço estrellára já, fina e aristocraticamente.

Na floreada constellação da Via-Lactea, na vasta, solemne e celeste, alta Nave dos Astros, alvas scintillações pompeavam, rútilos fagulhamentos, faustosas chammas claras sideralmente accêsas, palpitação de harmonias, de fórmas, de brancuras immaculadas.

Como que diamantinas córdas tensibilisadas de harpas miraculosas afinavam sonóramente de rhythmos ineffaveis a solidão sagrada, eucharistica, da noite; e como que tambem vinham

desfilando, descendo lentas e lethargicas pelos fios ethéreos das estrellas, álas e álas fulgentes de cherubins e archanjos revestidos das pratarias, da translucidez, da névoa vaporosa da Via-Lactea.

E eu sentia leves, doces rumorejos d'azas que aflavam, gyrando n'um torvelinho, n'um rodemoinho branco de plumagens suaves...

Mas, nas subtis vibrações ignótas do Ether, errava certa sensibilidade, o dolorimento secréto de imperceptiveis nêrvos delicados de freira hysterica, dilacerada nos infinitos extases do mysticismo allucinado, dos intensos refinamentos, dos requintes exquisitos das macerações.

Parecia que nas esparsas correntes do ar a dôr circulava, crystalisada, philtrada na tenuidade vaga da luz...

As transparencias luminosas da noite tinham altos silencios augustos de sacrarios, fazendo meditar e sonhar...

E toda a amplidão das Estrellas éra de uma solemnidade e magestade muda.

Atravez de brumas diaphanas, como atravez de uma paizagem de nevoeiros polares, vinha lentamente vogando, vogando, lassa, leve, como n'uma athmosphéra aquosa, a angustiada apparição da estupenda lua, immensa, mólle, e mórbida, unctuosa, magnetisadôra Flôr de philtros lethaes,

Odalisca Fabulosa do opulento Mar-Sultão, derramando uma paz branca, mórna, claridade viscosa nas vastidões em torno.

Do modo porque eu a via, porque eu a estava sentindo na imaginação e na visão, a lua parecia crescer, crescer, ir avolumando cada vez mais e, á proporção que avolumava, ir adelgaçando, adelgaçando, frouxa e oleosamente, n'uma fórma glutinosa e elástica de estranho Vérme sulfúreo rastejando em preguiçosas, felinas ondulações e enchendo, avassallando todo o espaço com a redonda auréola luminosa e langue...

E então todo o firmamento ficava invadido por essa maravilhosa face da lua, que velava completamente as estrellas.

E éra só uma ampla lua que formava o espaço inteiro, éra só aquella face fria, branca, que dominava de phosphorecencia toda a vastidão do horisonte.

Mas essa mesma face fria como que depois se transfigurava ainda; certos aspectos, os caracteres, as linhas, o contorno breve que lhe dá a semelhança de uma mascara de mumia, as manchas e sombras que por vezes turvam a eburnea candidez do seu pallejante clarão, subitamente desappareciam, se desfaziam; e ella, a lua espectral, a lua frigida, cadavérica, começava a experimentar

a sensação de um ser, a viver a vida de uma alma...

Pouco e pouco se accentuavam linhas, traços, aspectos, iam apparecendo novas fórmas intensas, que accusavam já a contornação de um vulto destacado nos amplos céos, gerado da face livida da lua.

Immensa dolencia e immensa tristeza, transfundidas na asiatica belleza judaica de Rabbino erradio e sacrosanto, como que envolviam n'uma bruma ideal de paixão essa mogoada e scismadôra figura.

E éra, afinal, agora, pela metamorphose da luz, todo o busto sereno, a face dolorosa do Christo, como que surgindo n'um grande e profundo soluço mudo.

E'ra a face do Christo, apparecendo nos sudarios do Infinito, ciliciada no meio de esplendores sidéreos, com a imaginativa cabeça enxameada de curiosos e fascinadores apologos, coroada de épodos, inflammada dos segredos ardentes e voluptuosos do Christianismo!

E essa cabeça legendaria, de triste e de pathetica doçura, de emotiva pallidez romantica, avultava, avultava mais, n'um relêvo fundo, como si se quizesse corporificar e mover, abrindo desmesuradamente os olhos cheios de mysterios

incomparaveis e fazendo ondular no ar a espêssa cabelleira ennovelada, derramada em longos coracóes flavescentes pelas espáduas divinas...

E eu olhava, absôrto, para o surprehendente espectaculo da lua, assim sagradamente transfigurada!

Ah! e como a branda face de Jesus sorria agora para mim com magoado sorriso de piedade; como esse sorriso me acarinhava, derramava perdões e clemencias, do alto, sobre a minh'alma terrena! Um sorriso da mais bemaventurada bondade, da ternura mais celeste, um sorriso infinito que abrangia toda a amplidão e se confundia com a claridade dormente da noite.

E era bem para mim esse sorriso, porque elle me attrahia, me magnetisava com o seu vaporoso fluido, radiando como esmaecida, livida madrugada, na bocca sensual e roxa pelo fél da agonia, bocca contorcida no derradeiro espasmo, do Christo peregrino, do Christo errante lacerado de chagas...

Com esse enternecido e perdoador sorriso eu me sentia lavado de todos os soturnos e rudes males, via-me purificado de tudo, vivendo nas essencias immaculadas do Bem.

Ao mesmo tempo parecia que aquelle prodigioso sorriso se transformava n'um gésto de

mão poderosa, omnipotente, mas, que me affagava meigamente a vertiginada cabeça, com doçura, com ternura, com amor, accordando em mim indefinidos estados d'alma, cellulas que adormeciam ha muito os seus desencontrados pensamentos e arrebatando allucinadamente todo o meu ser não sei para que estranhos mysterios e phenomenos da sensação...

E eu, abstra! ido, enlevado, gosava com volupia, sob aquella mão divinal e terna que me acarinhava, que me mergulhava, quasi adormecido, em branduras ineffaveis de tufos de sêdas alvas, de linhos repousantes, de velludosidades, de arminhos consoladôres.

E dizia commigo, mentalmente:

—Sim! Tu és, afinal, o meu Deus, bom e justo, Todo poderoso, o Unigénito, que te sorris para mim abençoando-me e protegendo-me contra o Mal com o teu sempiterno perdão! Eu me humilho á tua Omnisciencia e á tua Graça, porque eu pensava sempre que te haveria de encontrar um dia, uma hora, um momento, bom e justo, dando-me o allivio extremo! Oh! és tu! és tu! que eu reconheço bem! E's tu o louro Deus prophético e apaixonado das saudosas terras da Asia!

Oh! és tu! és tu! Bem te reconheço, pela magestade das transcendentes misericórdias que

semêas e pelas ciliciantes grinaldas de sonhos que te circumdam a afflictiva, desolada cabeça...

Tanto clamei, tanto bradei por ti nas solidões, que tu afinal appareceste para me salvar do fundo desta géhenna onde em vão me debáto e rójo. Do fundo desta géhenna que me devóra, apertando-me nos seus cem mil circulos de ferro.

Sim! vens consolar-me de tudo na atroz géhenna do Mundo, vens suavisar-me estes áridos dias de pedra em que até mesmo o sol é para mim a pedra mais indifferente de todas as pedras.

Vens trazer-me justiça, Deus sempiterno— justiça, a quem vive sequioso por ella; justiça, a quem vive de agonias por ella; justiça, a quem combate e depréca no mundo por causa d'ella.

Se eu aqui me desalento e desólo perante a tua Imagem não é que eu duvide da tua suprema clemencia nem da tua suprema justiça! Não é porque eu julgue a justiça uma palavra inutil, convencional, vã, perfeito engodo doirado para illudir as almas crédulas, para favorecer os potentados e punir os humildes! Não é! Não!

Mas, um dia, já um visionario do Infinito, um d'esses errantes do Ideal, uns olhos espiritualisados de tysico, contou-me que lá no seu paiz

barbaro, uma vez que elle quiz justiça, que elle clamou por justiça, responderam-lhe com esta espada fria de sarcasmo:

—Ah! tu quéres justiça, vaes ter justiça: Mettam este diabo n'uma jaula, derretam-lhe os pés em azeite a ferver, arranquem-lhe a pelle a ferro em braza e arranquem-lhe a lingua pelas cóstas, se é que elle, na verdade, quer justiça, da pura e boa justiça, da imparcial, da generosa justiça!

Tu, Deus excélso, sim, tu não illudes ninguem, tu vens trazer-me justiça, eu bem creio, eu creio muito, porque o sorriso ineffavel que abre essa original aurora nos teus labios não póde enganar jamais.

E mesmo os mais descrentes, os mais scépticos e pessimistas acreditariam, se vissem! como eu agora vejo n'esse teu piedoso sorriso tão carinhosamente illuminado da mais imcomparavel irradiação de justiça. . .

Sim! vens trazer-me justiça! vens trazer-me justiça!

Parecia mesmo, então, que para como que affirmar ainda mais os meus amargurados pensamentos, um pranto immenso, diluvial, me inundava, cahindo do alto; que o Christo chorava, chorava, n'um monotono chôro soluçante que eu

escutava pungido e enternecidamente agradecido a Elle por tanto e tanto comprehender e sentir assim a minha Dôr e assim chorar por mim. . .

Mas, de repente, como por uma transmutação de mágica, tive um fundo sobresalto ; do meio d'aquella especie de torpôr fui violentamente sacudido por uma impressão de deslumbramento, e, então, vi! estupefacto, que aquelles divinos labios lividos a pouco e pouco se satanisavam e enrubesciam, passava sobre elles um relampago de fogo ; aquella bocca martyrisada afinal abriase estranhamente rubra!—e desvairadas gargalhadas vermelhas estaláram e roláram retumbantemente pelo espaço afóra como atroantes excommunhões. . .

E as estrepitosas risadas roláram rispidas, cortadas sangrentamente de sarcasmos e ensanguentando e abalando todo o espaço, como risadas de um novo Christo satanico, despenhado e rebélde na eterna confusão dos séculos. . .

Toda aquella face de celeste ternura desapparecêra, a doce expressão piedosa d'aquelles olhos se exilára para longe e apenas então ficára o mais duro e feroz semblante, com a apocalyptica expressão sagrada e selvagem do Archanjo titanico dos Exterminios agitando no ar o gládio fulminante.

E a bocca rubra dessa face tremenda ria, ria, bruta, grosseiramente como os Gétas da Thracia, barbaras, empedernidas risadas d'escarneo que rolavam, rolavam pela noite a dentro, de écho em écho, com o clangôr monstruoso de turbilhões, de cerradas massas de sons de trombetas conclamantes ou formidaveis e pesados carros de batalha, phantastica e atropelladamente arremessados atravez dos biblicos, profundos e tenebrosos despenhadeiros de Josaphat!

DÔR NEGRA

> E como os Areaes eternos sentissem fome e sentissem sêde de flagellar, devorando com as suas mil boccas tórridas todas as rosas da Maldição e do Esquecimento infinito, lembraram-se, então, symbolicamente da Africa!

Sanguinolento e negro, de lavas e de trévas, de torturas e de lagrimas, como o estandarte mythico do Inferno, de signo de brazão de fogo e de signo de abutre de ferro, que existir é esse, que as pedras regeitam e pelo qual até mesmo as proprias estrellas chóram em vão millenariamente?!

Que as estrellas e as pedras, horrivelmente mudas, impassiveis, já sem duvida que por millenios se sensibilisaram diante da tua Dôr inconcebivel, Dôr que de tanto ser Dôr perdeo já a visão, o entendimento de o ser, tomou de certo outra ignóta sensação da Dôr, como um cégo ingénito que de tanto e tanto abysmo ter de cégo

sente e vê na Dôr uma outra comprehensão da Dôr e ólha e palpa, tacteia um outro mundo de outra mais original, mais nova Dôr.

O que canta Requiem eterno e soluça e ullula, grita e ri risadas bufas e mortaes no teu sangue, calix sinistro dos calvarios do teu corpo, é a Miseria humana, acorrentando-te a grilhões e mettendo-te ferro em brasa pelo ventre, esmagando-te com o duro cothurno egoistico das Civilisações, em nome, no nome falso e mascarado de uma ridicula e rôta liberdade, e mettendo-te ferro em brasa pela bocca e mettendo-te ferros em brasa pelos olhos e dansando e saltando macabramente sobre o lodo argiloso dos cemiterios do teu Sonho.

Tres vezes sepultada, enterrada tres vezes, na especie, na barbaria e no deserto, devorada pelo incendio solar como por ardente lépra sidérea, és a alma negra dos supremos gemidos, o nirvana negro, o rio grosso e tôrvo de todos os desesperados suspiros, o phantasma gigantesco e nocturno da Desolação, a cordilheira monstruosa dos ais, mumia das mumias mortas, crystalisação d'esphinges, agrilhetada na Raça e no Mundo para soffrer sem piedade a agonia de uma Dôr sobre-humana, tão venenosa e formidavel, que só ella bastaria para fazer ennegrecer o sol,

fundido convulsamente e espasmodicamente á lua na cópula tremenda dos eclypses da Morte, á hora em que os estranhos córceis colossaes da Destruição, da Devastação, pelo Infinito galópam, galópam, colossaes, colossaes, colossaes...

SENSIBILIDADE

Com os seus lindos bandós brancos e o seu rendado mantelete de vidrilhos, aquella doce velhice tinha, apesar de enrugada e trémula, um certo encanto nobre.

Fazia lembrar uma gravura antiga e grave, d'essas, solemnes e vagas, que pousam tristes, quasi apagadas na téla, mas saudosas, ao fundo de algumas salas severas.

O seu nome carinhoso e parnasiano, recordava á primeira vista, pelo esmalte claro das syllabas, a fórma de delicada porcelana, um fino e precioso mosaico ou os embutidos luxuosos dos xarões.

E esse nome, avelludadamente azul—Lucia—cantava-me ao ouvido com a doçura, a terna suavidade da mais intima, penetrante caricia.

Rara e obscura existencia, cabeça embranquecida nos gêlos das sombrias dores ignoradas e apunhalantes, Lucia, no entanto, andava d'entre auréolas invisiveis de bemaventurança, dentre

ethereas redômas de clemencia divina, como se nunca roçasse as diaphanas e niveas azas subtis das suas illusões e reminiscencias no lutulento, lethifico charco da terra...

Era assim uma alma ainda não esgotada, ainda intacta, inédita, purificada nos rios claros e evangélicos das esperanças, atravessando o mundo sem ruido, occulta, calada, vivendo baixo, de vagar, nos suggestivos silencios, como n'uma eterna pausa de todos os rumôres, pedindo aos reconditos dilaceramentos do coração que emmudêcessem, ou magoassem e affligissem, mas em segredo, para que lá fóra o faustoso clamôr da Vida, desdenhoso e vão, não se importunasse e humilhasse.

Era uma dessas assignaladas e tocantes velhinhas que impressionam e das quaes, muita vez, a tremenda complexidade da Dôr fica como que encerrada aos olhos insensiveis da formidanda massa do Mundo, atravez das brumas do egoismo.

E ella mesma como que faz pensar em todas essas brumas, porque o seu perfil é brumoso, são brumosos os seus bellos cabellos, é brumosa toda a sua contemplativa figura, que as brumas, as neblinas, os nevoeiros de fundo mysterio envólvem de um luar solitario...

Outr'ora toda a sua bondade espiritualisava-se, subia á serenidade dos Astros, quando, pelas manhãs d'ouro e linho virgem, frescas de sol, eu a via, junto ao mar melancólico, gosando a saudade das vagas.

Por alli, perto das vagas, erguia-se um muro austéro e alto, d'onde bucolicamente pendiam immensas e exhuberantes latadas, verdes tentaculos de folhagem estrellados de rosas jaldes, de rosas brancas e de rosas rubras. Atravez de um gradil aberto viam-se louçanias de jardins, preciosidades de plantas, uma alegria pinturesca de vergéis e um repouso secreto e claro de Recolhimento, quebrado em dadas horas pelo quente esplendor bizarro de risadas.

Era uma pagina de communicativa emoção, de emoção sempre crescente, sentir, no ouro e na prata fluido-vagante das manhãs, o pequenino perfil da Lucia, vago e triste, tão humanisado naquelles momentos, tão existente, tão ser, tão vivo na irradiação alegre, clarinal do dia, olhando ao mesmo tempo, com igual enternecimento, o mar e os jardins proximos ruidosos em certas horas.

O peito desopprimia-se, respirava ao largo amplos e sadios haustos de mar diante dessa velhinha meiga, tão infinitamente sensivel, tocada

de uma graça de amor supremo, talvez pouco da terra já! mas que parecia ser o symbolo sagrado das resignadas, abnegadas mães.

Toda aquella vida éra, entretanto, assediada de agitações constantes, com todos os phenomenos do Desconhecido, phenomenos profundos, com origens e raizes longinquas e em cujo centro cyclonico, terrivel, ella gyrava amargamente, confusamente, arrebatada na vertigem do Mundo.

E tudo, em redór, como que a torturava em fogueiras accêsas de inquisições, fazendo-a delirar de angustia, d'essa lancinante impaciencia, dessa inquiétitude que alvoróça os corações velhos que não têm a esperar mais nada.

E quantas, quantas vezes eu a vi, perdida nos tumultos, circulando por entre as multidões cerradas e atordoantes—êrma, isolada, tremula e triste, como se levasse toda a fatigada velhice lutadôra de rastros ao sacrificio dos desdens eternos, á indifferença de ferro das barbaras hórdas humanas.

E tão só, tão só caminhava, talvez sem objectivo, talvez sem rumo, que a minh'alma compadecida a acompanhava de longe, n'uma grande e genufléxa piedade muda de companheira mysteriosa e solitaria.

Mas com que dolorosa agonia, com que tormento, quasi voluptuoso, ella circulava atravez multidões, errava atravez do ruido, atravez do alarido das ruas, das praças, atravez dos borborinhantes enxames de uma população variada, diversa de attitudes, de sensações, brutal de instinctos, impetuosa de gestos, frivola, futil, mechendo-se em ondulações de estupendos bichos vorazes, venenosamente serpenteando...

Muitas vezes éra pelos dias de abrazante sol e poeira, quando os mormaçósos estios relampejam e tórram as vegetações recentes e o ar pésa electrico, tumido de trovões e raios.

As correntes intensas e luminosas do calôr, as athmosphericas flulgurações zumbentes e escaldantes, atravessadas da poeirada fatigante, punham no ambiente lassa preguiça tropical, dando uma forte exhaustão de nervos, que pedia longas, demoradas séstas...

Era por esses dias febrilmente calmosos, em que o espaço, hirto, rigido, parece feito de metaes incandecentes e de vidro.

Candente dureza estéril, surda, suffoca, n'uma asphixia mortal.

Paira em tudo a prostração, a combustão de um incendio prodigioso em longas extensões de florestas, de sélvas interminaveis, de mattas

escuras e virgens; a tontura mórna e enervante da chammejação poderosa, luxuosa, rica, de grossas e resinosas cordoalhas alcatroadas ou das linguas flammivomas e phantasticas de enormes agglomerações de carvão de pedra ardendo com feéricas e estrepitosas labarédas.

Como que chiantes e algazarrantes crepitações de cigarras, riscam, retalham e córtam nervosas, com a vibratil tensibilidade das asas, as fremencias rispidas do sol aberto, accêso estranhamente nos altos.

E o sol, devorando ferózmente as seivas, n'uma insaciabilidade animal de tigres e pantheras esfaimadas, faz lembrar horrivel, tremendo e torturante carrasco levantando no Infinito guilhotinas atrozes, cujos formidaveis e igneos cutellos invisiveis fulminam medonhamente os corpos...

E a retina fatigada, cançada de fitar os aspectos quentes, as paisagens abrasadas, offuscada pelos deslumbrantes estrellejamentos que a constelláram, descáe langue, frouxa, perdendo já a percepção clara das linhas.

Lucia, entretanto, nomade eterna, errava entre essa athmosphéra de sol e poeira, como nas torridas, áridas vastidões de um deserto. E o seu humilde perfil de peregrina, martyrisado pela

inclemente acção caustica da luz, parecia convulsionar-se, contrahir-se, contorcer-se espiralmente em electrismos ardentes de sérpes ébrias de cio, encolher-se, murchar como planta exquisita e melindrosa que a chamma crésta, devóra. . .

Era de uma sensibilidade que magoava até ás profundezas da alma, ver gyrar sob o sol em fogo, na amollentadôra dormencia da poeira turva, o vulto triste dessa velhinha,—alquebrada, aturdida, somnolenta nos entontecedores espasmos, nas radiantes nevroses do sol. . .

Parecia que todo o fino tecido, todas as fibrilhas e filamentos da claridade fulva, vibrante, a magnetisavam, a prendiam como que em redes scintillantes de raios, de brilhos, de scentelhas, de siderações, de flammas, de ardencias solares, de coruscantes crepitações.

Parecia que as chammejativas e agulhantes aspides mordentes e circumdantes do sol a apertavam, a comprimiam, a enlaçavam, roçando, babando, lambendo sedentas, sedentas, a epidérme engelhada da suppliciada velhinha, embebedando-a de sensações infinitamente compléxas e esdruxulas com as attritantes e cocegantes flexibilidades circulatorias dos seus filiformes e mólles organismos. . .

Deveria, ao certo, emballal-a, adormecel-a, fazel-a sonhar um pouco, ao certo, toda aquella luminosidade lethargica, anciante, flagellativa, que mórbidamente a atravessava, a inoculava de toxicos e alcoolisadôres amavios, de feitiços narcotisantes, de venenosos e deliciosos ópios, de subtilezas, de delicadezas nervosissimas de uma sensibilidade quasi lasciva, de tão martyrisante, dolorosa e penetrante que éra atravez dos espêssos, densos nevoeiros da poeira e do sol. . .

Fazia pensar que uma desconhecida voz, que ella não sabia de onde vinha, chamava com carinho por ella, a abençoava na sua afflicção, no seu dilaceramento, suavisando-a na dor, protegendo-a na torturante peregrinação, compadecendo-se della, bradando, clamando, como atravez do nebuloso pesadello de um somno ou de brumas de luar, o o seu nome meio velado, meio sonhado e soluçante: Lucia, Lucia, Lucia — como o consolo da Sombra, como a piedade do Mysterio, como a clemencia do Vago: Lucia, Lucia, Lucia!

O seu coração agoniado vibrava com mais vehemencia, com mais impeto, com mais febre, n'um profundo extase de soffrimento; e os seus amortecidos olhos, turvados pela névoa das lagrimas, espiritualisavam-se, languesciam, como n'um torpôr comatoso e ella então voltava,

voltava, tornava a circular, alli, além, lá, por entre a multidão tenebrosa, como ainda na ultima esperança de alcançar o que buscava, o que em vão procurava no torvelinhoso cháos da existencia — velhinha, tremula, triste, frágil, a cabeça agitada n'uma convulsão, no lancinamento angustioso de todo o seu ser fatigado, sob o flagello inflammado das cortantes refracções luminosas, das faiscas e fuzis cambiantes e circumvolventes e da inquietante poeirada turva que subia em turbilhões no ar...

Parecia que aquelle coração soffredor, arrancado violentamente do peito, eu sentia e via palpitar, sangrando ainda, suspenso, sôlto, alado, magnetisado, attrahido pela intensa e estonteante vibratibilidade aérea, ao alto do Ether vertiginoso, com todos os seus gemidos, com todos os os seus soluços, com todos os seus ais, com todo os seus gritos, com todos seus gritos, com todos os seus gritos!

Penetrado de uma curiosidade doentia, desse indefinido desejo de mergulhar no absoluto das cousas, o espirito a acompanhava, sem se aperceber quasi, por um movimento instinctivo e sympathico de attracção pelo que é obscuro, isolado, só, como acompanha as emoções e sensações que abrem azas á noite, fugindo ao esmagamento do dia.

Não éra apenas uma velhinha, tremula, engelhada, que vagava todas as manhãs, desamparadamente: — éra a Dôr, a Dôr cruel e ignóta, que ninguem sentia, ninguem via, mas que vinha sempre sombriamente viver junto á estranha vida que no mar palpitava.

E, quem olhasse bem para ella, com affecto piedoso, com todo o concentrado sentimento, e demorasse n'um exame lento, silencioso, detalhado, de todas as suas feições, de todas as suas feições, de todas as suas rugas, veria então como a Lucia se transfigurava sempre que ouvia a matinal correria no jardins do Recolhimentos, sempre que encarava por muito tempo o mar, fitando-o como horrivel inimigo que se não póde jamais destruir, mas apenas odiar em vão.

Um amargôr, um fél, uma anciedade, anciedade de tudo, anciedade mortal a crucificava, e ella então começava a percorrer novamente ao longo das praias, mas tão febril, tão inquieta, tão vertiginada a nobre e doce cabeça branca, que se temeria que ella fosse enlouquecer ou morrer alli de desespero.

Fazia mesmo lembrar um louco, igualmente cégo e mudo, encarcerado e tacteando na sua desgraça, debatendo-se para espedaçar as perpetuas grades do carcere tenebroso da loucura, da

cegueira e da mudez, ensanguentando inutilmente as mãos nos grilhões imaginarios, com o delirio supremo, a afflicção tremenda de uma alma que não sabe, que não póde dizer quanto soffre e soffre ainda mais por isso e suffóca e soluça e convulsiona e rebenta de soffrimento.

Era uma dôr que tinha a sensibilidade curiosa de um violino miraculoso, vibrando freneticamente, com requintada nevróse, atravez de nevoeiros frios, n'algum paiz polar, e cujo som, partindo em aréstas finissimas e inflammaveis, em vez de deliciar de harmonia, ferisse, cortasse e queimasse as carnes.

A principio aquella Dôr subia como leve, melodiosa ballada fria e triste, por turvo luar, sobre lagos calados, entre paisagens de lenda.

Subia suspirantemente, na magoa dilacerante dos adeuses derradeiros, afflictiva lancinancia das préces... Depois, transfigurada por invisivel vendaval sinistro, éra uma Dôr que avassallava todo o seu organismo como um espasmo de allucinação, rugindo em bramidos de mar alto nos bravios costões desertos, nas abruptas penedias, nas brenhas brancas, sob as trévas soturnas e avernicas das tempestades, cruzadas pelos Signos diabólicos e phosphorescentes dos relampagos...

Ah! como eu a amava, como eu me apiedava d'ella assim, como me identificava com o seu sentir, como penetrava nos crepusculos estrellados da minh'alma, assim dolente, assim fatalisada, essa extraordinaria Creação dos dolorimentos, das incoerciveis angustias imponderaveis!

Vencida pela saudade e suggestão evocativa das ondas, ella vagava sempre, sem que ninguem soubesse qual éra o seu objectivo secreto... E essa maravilhosa dôr como que se ampliava, se derramava, enchia as vastidões do Mar imaginativo, cortado de lubricidade e tédio, ennevoado de spleen, embriagado de um vinho sombrio e glauco, fascinador, inebriante, atordoativo, de somnambulismos esparsos, sedento da monstruosa, da satanica paixão dos naufragios, soturnamente cantando, com triumphos d'inquisidor, as elegias das noivas—mais formidavel que a Morte!

E enchia, enchia, enchia profundamente o Mar a grande Dôr, filtrava-se pelos raios fluidos da luz, diluia-se no cheiro azotado e virginal das marés, ethérificava-se, era essencia, éra effluvio de emoção, éra gérmen de sonho, perdido no ambiente picante, ácre e ácido, das largas, amargas aguas marinhas; éra sensibilidade humana depurada, crystalisada, vivida na sensibilidade voluptuosa das ondas, partindo, vagando, errando como aroma

e brilho flavo de sol nos turbilhões fugitivos das velas nomades, tambem infladas, palpitantes tambem de fluctuante, balouçante volupia e da mais alanceada e nostálgica sensibilidade do Infinito...

AZAS...

Abertas em iris, pelos espaços intérminos, esvoaçam as Azas, vôam a regiões antigas ennevoadas de dolencia e de lênda, ás velhas maravilhas do mundo: — pelos Jardins da Babylonia, pelas Pyramides do Egypto. Vão á Persia, palpitar no fulgôr de alcatifas e tapeçarias; vão á Arabia, voar entre os incensos orientaes, e, condorisadas, sempre pelas fulvas, fagulhantes opulencias do Oriente em fóra, ruflar e subir, perder-se alem das esguias agulhas alanceoladas das mesquitas, que arrójam para o firmamento as lithurgias mahometanas...

E as Azas flavéscem, doiram-se ao sol prisco dos tempos, á chamma accêsa da Immortalidade — porque as Azas são o Desejo, o Sonho, o Pensamento, a Gloria — que tomam assim sempre essa fórma, mil vezes, alada, peregrina, errante, das azas.

Porque a Fórma, a Fórma é esse anciar para o alto, esse fremente ruflar e abrir largo d'azas

impulsionadas na Luz, na refulgencia das Estrellas, de onde, a musica, a harmonia pura da Arte, serena e rythmalmente canta...

Mas, essa Fórma que abre, cinzelada em astro flammejante, essa mesma Fórma sae pontuada de lagrimas, como um relicario onde eternamente ficassem guardadas as hóstias impolluidas de um amor sideral infinito.

E essas mesmas lagrimas são azas — azas espirituaes, partindo da fremencia de um sentimento doloroso, pungente, que nos alanceia, impacienta e agita em febre — sentimento fundamental do Profundo, do Vago, do Indefinido...

Turbilhões d'azas, turbilhões d'azas, turbilhões d'azas — azas, azas e azas immensas, amplas, largas, infinitamente rufladôras, infinitamente, infinitamente, cruzando-se e accumulando-se nos tempos, nas orgias bacchicas do Sol, nas deblaterantes e atroantes nevróses das tormentas, no rouco e surdo regougar de epilépsias satanicas dos ventos.

Azas leves. finas, borboleteantes, phalenosas, dos magnificentes, dos radiantes, dos delicados, dos febris, dos imaginosos, dos vibráteis, dos penetrantes, dos emotivos, dos subtis, curiosas abêlhas d'ouro, inséctos flavos do sol, esmeraldas

e meteóros voejantes e azas gigantescas, condoreiramente titanicas, dos herculeos Protheus do Sentimento e da Fórma.

Tudo recebe singularidades, impressionantes transfigurações de azas — azas que abrem e tumultuam com vertiginoso e confuso tropél nos Céus, que da Terra vibrando partem, azas, azas e azas, em enigmas sphingicos, n'um anceio, n'um frémito, n'um delirio de alcançar, subir além, maravilhosamente subir, com pujanças repurificadôras e a magestade melancólica das aguias, á Aspiração Suprema!

ESPIRITUALISADA

Agora fechando de leve os olhos, fechando-os, como para adormecimentos vagos, vejo-te, no entanto, melhor, sinto-te etherisada, de uma essencia finissima onde ha diluidamente talvez muito do sol e muito da lua...

Assim, mudo e só, n'este obscuro aposento, onde apenas uma janella alta dá para o claro dia, como um coração que abre e pulsa para a vida, goso a divina graça de ficar isolado, intacto, neste momento, ao menos, dos attritos nauseantes da laureada banalidade, de certo fundo chato de plebeismo intellectual de sentir.

Nos seis ou sete palmos deste aposento, que ainda não são, comtudo, os sete palmos da cóva, eu vejo-te das prefulgentes transcendencias da minha Piedade, e, aristocratisando a alma, como um céo se requinta aristocraticamente d'estrellas, sinto que me appareces espiritualisada pelo grande Affecto que te fecundou e sinto que ha de ti para mim uma tal influencia esthésica, uma

identidade tamanha, uma tão intensa irradiação, que as nossas naturezas fundem-se n'um mesmo extase, n'um mesmo espasmo emotivo e n'uma mesma chammejação de beijos...

E, assim, ainda assim, nobre Palmeira de sagrada sombra que me abrigas o coração errante; e, ainda assim, pelas virtudes sublimes do teu ser, canta-me na alma o Cantico claro de que não me separarei jamais de ti, que me acompanharás, boa, crente, do castello branco das tuas altas virtudes, pelas jornadas eternaes da Morte, saciando-me a sêde anciosa, inquieta, de Infinito, com as cisternas puras e transbordantes da tua etherisada Bondade.

E como o nosso pequenino filho prêso á tua carne pelo cordão umbilical, eu ficarei para sempre prêso aos teus graciosos cuidados e fugitivos enlêvos, gyrando em torno á tua ternura,— vibrante abobada de musicas e de luzes,—como um velho passaro fatigado abrindo e fechando lenta e amorosamente as azas sem no entanto desprender o vôo através do atordoamento e rumôr das Esphéras...

Crê, tem fé profunda na profunda chamma que por ti me eléva.

Fechando de leve os olhos, como para adormecimentos vagos, mais eu vejo a curiosa belleza

negra dos teus olhos transfigurados por olhares pouco terrestres e olhares de tão scintillantes fluidos, de raios tão penetrantes, de tão affagadoras, consoladôras balladas, que só olhares de olhos resignados, perfectibilisados por egrégio Soffrimento, podem por tal fórma exprimir a impressionante transfiguração dos teus olhos.

Crê, pois, que eu te amo, crê que eu te amo com a magestade serena de um apostolo e a meiguice tremula de uma creança. Crê que eu te amo com a alma simples, com o coração innundado de frescura, illuminado de bondade. Crê que eu te amo, sacrosantamente te amo de um affecto indissoluvel, indelevel, indefinivel, que se perpetúará alem da minha morte, sobreviverá aos meus suspiros, aos meus amargos gemidos, abraçar-te-ha com abraços muito longos, beijar-te-ha com beijos ainda mais longos que esses abraços, n'uma caricia lenta, muda e afflicta, sob o repouso branco das estrellas, na immensa magoa, no desolado enviuvamento das noites...

Assim, maternisada, ó boa e generosa terra de sangue de onde brotou a flor nervosa e languida do filho ; assim, transfigurado pelo sentimento purificante da Maternidade, ó ser docemente, archangélicamente formoso, dessa formosura triste, mas nobre, mas excélsa, mas immaculada, das

almas que se sensibilisam e vibram ; assim, n'essa expressão tocante, fina, subtil, do teu semblante que a dolencia pungente da Maternidade enluarou de harmonia, fluidificou de delicadezas, angustiou de mysterio, és, afinal, a Eleita peregrina do meu Sonho, coroada de um diadêma de lagrimas...

ASCO E DÔR

Ultimos risos palermas, ultimos escancaramentos de boccas parvas nos fins destroçados de um carnaval, por tarde ardente e nevoenta. Massas de nuvens tôrvas tumultuam no firmamento, sob multiplas conformações fabulosas. Raios derradeiros de sol em poente languescem do alto, mornamente crepusculares.

Um tédio enorme espreguiça, estremunha no ar, languido, lethargico, invencivel, indefinivel...

Por uma rua estreita, sombria e lôbrega como um prolongado corredôr de convento ou uma infecta galeria subterranea, vem desfillando, aos pinchos, saracoteiando toda, desconjunctando-se toda, uma turba miseravel de carnavalescos, impondo aos ultimos raios tristes do sol as suas carantonhas mais horrivelmente tristes ainda, as suas vestimentas funambulescas, fazendo lembrar differentes aspectos de loucura, gráos de imbecil demencia, angulosidades de crime, estados

primitivos de ignorancia amassados n'uma embriaguez morbida, selvagem e sinistra.

Os pinchos, os saracoteios, os zig-zags dos quadris elasticos das mulheres, com os molles seios bambos e as nadegas proeminentes, n'um debóche nú de Inferno relaxado onde vinhos allucinantes entrassem como oceano canalisado para as boccas: os perfis osseos, anfractuosos, dos homens, mascarados de sapo, de gorilla, de serpente, de crocodillo, de dragão de córnos, de morcêgo, de monstro bifronte, de urso, de elephante e de mentecapto, dão á turba carnava lesca a sensação formidavel do descaro final, do pandemonium derradeiro, da nudez lubrica, desbragada, bestial, da céga hediondez dos instinctos sôltos na hora eclyptica do anniquilamento do mundo!

Mas, eis que do centro do desprezivel bando, vestida em farrapos, boçal, congestionada de bestialidade, urrante de chascos, destaca-se uma terrivel figura mais grotesca do que as outras, trazendo na cabeça, em fórma de tropheo, uma trunfa alta, feita de cobras emmaranhadas, com as caudas em pé, semelhando uma corôa de vicios em convulsão. E no meio do circulo que as outras formam e ao som de palmas cadenciadas e batuques selvagens, atravéz de risadas

aparvalhadas do publico, fica então a dansar allucinadamente. Nas suas pernas magras, espectraes, de esqueleto ironicamente esquecido pela cóva, dir-se-ha que lhe puzeram azougue e lhe puzeram tambem rodizios nos pés.

E ella fica então a rodar, a rodar, macabra, doida, n'uma febre, n'um delirio, como se fosse esse todo o extremo esforço das suas faculdades de dançarina. E ella roda, roda, vae rodando, em vertigens e vertigens, em gyros exquisitos, fazendo fluctuar os dourados farrapos da veste, dentre uma saraivada grossa de risos e acclamações, gosando triumphos na miseria d'aquillo tudo, como a rainha da lama humana. E a grotesca figura roda, mascarada de mumia verde—allucinação que ondula, desvairamento que serpenteia—a exemplo de uma cousa amorpha, de um bicho inconcebivelmente estranho que se tivesse ao mesmo tempo absurdamente tomado de uma epilépsia nervosa e da dansa de S. Guido...

De vez em quando piparoteiam-lhe a pansa, as nadegas molles e ella então, ignobil animal aguilhoado por essa baixa caricia, saracoteia mais, espaneja-se toda no seu lodo como n'um leito de volupia.

Ah! d'aquella momice cynica, d'aquella desordenada bebedeira d'instinctos erguiam-se,

horridos phantasmas de sangue, de lama e lagrimas, o Asco e a Dôr!

Eu para alli me arrastára, no amargo tédio da tarde, na ancia crepuscular do sol, que lembrava um palhaço senil e lugubre, sem mais alegria, vestido de ouro e morrendo, só, desamparado até mesmo das ovações ou dos apupos da rôta garotagem, no fundo de um becco immundo...

Levá ram-me para alli não sei que desencontrados sentimentos, que emoções oppostas, que vagos presentimentos... A verdade é que eu para alli fôra, talvez fascinado por certo encanto mysterioso d'essa miseria cega: para embriagar-me de asco, para envenenar-me de asco e tédio e d'esse tedio e d'esse asco talvez arrancar os astros e ferir as harpas de alguma curiosa sensação. A verdade é que eu para alli fôra, quasi hypnotisado, de certo modo mesmo impellido pela extravagante turba carnavalesca, pela sua monstruosa miseria.

Mas, agora, todo esse mixto de animalidade, de suinice, esse hybridismo mascarado, de paixões rastejantes, vermiculares, essas fórmas humanas que atrozmente se convulsionavam como feras devorando, todo esse ambulante sabbatt foi então desfilando por outras ruas, seguindo o seu rumo de calcêtas do ridiculo, bambamente,

aos boléos sob o fim tôrvo da tarde que parecia, tambem mascarada de feiticeira, rindo uma risada de augurio feral aos ultimos bamboleios carnavalescos que se afastavam, finalisando como a tarde finalisava, dispersando-se, desapparecendo pelos obliquos beccos tortos n'um tropel de manadas de gado estropiado que uma pèste assolou...

E emquanto a multidão, vêsga, atordoada, tonta, azoinada de calor, de rumor, de carnaval e de poeira, applaudia com gritos e zumbaias delirantes, ensurdecedôras, aquella turba vil, incaracteristica, a minh'alma sentia-se como que pendida de um cadafalso que a estrangulava, accorrentada a um asco mortal, a uma dôr tremenda que não tinha linhas de unidade, de conjuncto e de entendimento com as outras dôres; dôr ingenitamente virginal, que não participava, em nenhuma das suas fibras, em nenhuma das suas interpretações sensacionaes, das outras dôres do mundo! Dôr legitimamente outra, que não tinha limites no limite da dôr commum, dôr que me parecia cobrir o céo de luto, ennegrecer tudo, augmentando-me o asco de tal sorte que o ar, os horisontes ennublados, as arvores, as pedras da rua, as paredes dos edificios, a multidão que borborinhava, tudo me parecia estar possuido do

mesmo asco e da mesma dôr. Dôr sem raizes conhecidas, sem rhythmos definidos, sem origens encontradas nem na vida, nem na morte, fóra das correntes eternas, das correlações das espheras, das circumvoluções do pensamento! Dôr inaudita, cujas particulas sagradas, eram formadas da flammejante constellação de um anceio transcedental, da luz mysteriosa das espiritualisações supremas, de sentimentos fugidios, subtis, de sensações que volteiavam e ondulavam em torno da minha cabeça, como aureolas psychico-esthesiacas, por paragens ultra-terrestres.

Asco que era para mim como se eu me sentisse coberto de lesmas, lesmas fazendo pasto no meu corpo, lesmas entrando-me pelos ouvidos, lesmas entrando-me pelos olhos, lesmas entrando-me pelas narinas, pela bocca asquerosamente entrando-me lesmas. Um asco feito de sangue, lama e lagrimas, composto horrivel de um sentimento inexplicavel, hediondo, d'onde brotava a flor de fogo e veneno de uma dôr sem termo.

Asco d'aquellas postas de carne que além obscenamente se rebolavam n'uma mascarada infernal, bebadas, bambas, fóra da razão humana, á toda a brida no Infinito do deboche, sem fé e sem freios, na confusão dos instinctos como na confusão do cháos.

Dôr e asco d'essa salsugem de raça entre as salsugens das outras raças. Dôr e asco d'essa raça da noite, nocturnamente amortalhada, d'onde eu vim atravéz do mysterio da cellula, longinquamente, jogado para a vida na inconsciencia geradora do óvulo, como um segredo ou uma reliquia de barbaros escondida n'uma furna ou n'um subterraneo, entre florestas virgens, nas margens de um rio funesto...

Dôr e asco d'esse apodrecido e lethal paúl de raça que deu-me este luxurioso orgão nasal que respira com anciedade todos os aromas profundos e secretos para perpetual-os atravéz da mucose; estes olhos penetradores e languidos que com tanta volupia e magoa olham e assignalam as amarguras do mundo; estas mãos longas que mourejam tanto e tão rudemente; este orgão vocal atravéz do qual somnambula e nebulosamente gemem e tremem veladas saudades e aspirações já mortas, soluçantes emoções e reminiscencias maternas; este coração e este cerebro, duas serpentes convulsas e insaciaveis que me mordem, que me devoram com os seus tantalismos.

Dôr e asco d'essa esdruxula, absurda turba bruta que além, sob a tarde, uivava, desprezivelmente ridicula, na infrene mascarada, com os

seus infimos vultos sinistros transfigurados em crocodilos, em serpentes, em sapos, em morcêgos, em monstros bifrontes, todos, todos da mesma origem tenebrosa de onde eu vim, negros, sob a lua selvagem e somnolenta dos desertos, no seio torsido das areias desoladas...

Asco e dór d'essa ironia que para mim vinha, que para mim era, que só eu estava comprehendendo e sentindo assim particular e exotica —ironia gerada nos lagos langues do Léthes, fundida nas perpetuas chammas do Abstracto das Espheras, ironia para mim só, só para mim descoberta nas camadas infinitas da Vida; ironia só para o meu Orgulho mortal, só para a minha Illusão humana, só para o meu insatisfeito Ideal, ironia! ironia! ironia rindo ás gargalhadas no fim da tarde pelas mascaras obtusas e pela bocca parva da multidão que applaudia truanescamente como o supremo truão eterno.

E, ó Dôr maior! Asco mais estranho ainda!

D'aquelles circulos momicos, d'aquelles circulos de chacota e de zumbaias, d'aquelles requebros de quadris obscenos, d'aquellas vertigens morbidas e redomoinhos de corpos lassos, entorpecidos, suarentos, empoeirados, esfalfados; d'aquellas caras bestialmente cynicas, ignaras e negras, sem mascaras algumas, pintalgadas a côres vivas,

a *tatouages* grosseiras; d'aquelles languores mornos e doentios de olhos suinos, de todos esses grilhões medonhos, de todo esse lodoso carcere fatal eu ficava como uma sombra irremediavelmente presa dentro de outra sombra, querendo fugir d'alli por esforços inauditos e vãos, debatendo-me no vacuo contra esse golfo sem fundo, contra esses vortices tremendos da materia, de onde, no entanto, a minh'alma viera, crystalisada em essencia, requintada n'uma immaculabilidade d'estrellas purificadas nos cadinhos celestes.

E a minha'alma circumvagava, ia e vinha allucinada, atravéz de adormecidas zonas de sonho, oscillante como um pendulo de pezadellos, n'uma afflicta ondulação de nevroses, meio dividida entre a barbara turba mascarada e meio dividida entre a natureza, circumdante, cá e lá guilhotinada mysteriosamente pela mesma dôr e pelo mesmo asco, cá e lá misturada, amalgamada e perdida em iguaes miserias de sangue, lama e lagrimas, ainda e para sempre com o mesmo asco e com a mesma dôr...

INTUIÇÕES

—Mas, afinal, porque és triste ?!

—Sou triste, porque o fundo de toda a Natureza é triste. Triste, porque a tristeza é Deusa, Deusa sevéra e soberana, com a sua larga, longa chlamyde magestosa sombriamente pendida em graves, grandes rugas, envolvendo para sempre os Desolados... Atristeza medita... E é poderosa e sagrada, porque symbolisa a profundidade dos Phenomenos que nos rodeiam. Olha tu para tudo. E'rgue d'alto a visão do pensamento por essa inclemencia dolorosa da Vida e vê lá, se, no intimo, no recondito das origens eternas, não está a tristeza irreparavel de tudo ?! Ouve os teus tumultos interiores! Busca as correntes da Vida e as correntes da Morte. Procura as tuas aspirações suprêmas e vê lá se não é pela estrada infinita, mas excelsa, da tristeza, que ellas seguem. Amo a tristeza, porque ella fecunda a todos os sentimentos de uma nobre paixão abstracta. E, é doce, suavisador e piedoso

para mim quando ás vezes encontro, pelos caminhos que trilho, tão augusta Deusa transfigurando os scelerados, purificando os bandidos, dando paz e morte serena aos corações dos cynicos.

Ser fundamentalmente triste não exclue, no entanto, a alegria, a alegria sã—essa alegria mesma que é mais sincéra e séria porque foi fecundada na sinceridade e seriedade da propria tristeza.

Não essa alegria rômba, a alegria dos adolescentes espirituosos, que é a fórma mais expressiva da imbecilidade distincta.

Não a alegria dos que não são vitalmente alegres, dos que riem, pelo estylo, pelo o tom de rir, por ser official o riso, por estar, d'alto a baixo decretado, na grande causerie famosa do Mundo, que se deve rir, porque o riso, dá maneira, porque o riso, dá egrégias virtudes, porque o riso, dá belleza, e não se póde, nos centros da fina gente, deixar, emfim, de proclamar o riso!

Não é essa alegria fácil, futil, essa que chêga a celebrisar-se, a formar typo, que constitue o singular encanto sereno de certo modo de ser e sentir...

Mas, bem differentes, outros aspectos e linhas da alegria, bem variados e nobres.

A alegria de um lindo rosto louro de Ruth angélica e segétal ; uma serenidade côr de rosa de face de Cybéle branca surgindo d'entre lyrios ; a alegria verde da originalidade dos viços virgens, dos immaculados renóvos ; a alegria nova dos vergéis em Maio, sob o Te Deum do sol.

A alegria phantasiosa de um Baccho empurpurado de vinho ; a alegria pagã de um grêgo engrinaldado de acantho ; a alegria ideal do Diabo coroado de córnos ; a alegria obscura e ascética do Isolamento ; a alegria clemente, justa, do orgulho natural e simples ; a alegria modesta e sóbria da fé convicta e messianica ; a alegria tranquilla e fria do desdem calado e secréto ; a alegria da bondade simples e radiante, a alegria emfim, fecundadôra e sã dos que se sentem fortes porque se sentem dignos!

A solemnidade dessas alegrias todas vem das linhas, da harmonia, da austeridade pura da tristeza—noite miraculosa que géra sóes.

A alma anceia ficar intacta das argillas lodosas, o espirito aspira envelhecer casto, na velhice millenaria da Dôr, mas elevando bem alto o sacro cibório das communhões intellectuaes.

E, assim, essa tristeza é o tabérnaculo sevéro e sombrio d'onde o espirito érgue-se calmo e mudo, intenso e seguro nas multiplas faces da

Vida, conhecendo e sentindo com eloquencia os homens e tirando desse conhecimento e desse sentimento as forças altas e os nobilitantes vigôres para a prophética, fécunda clemencia.

Pois no fundo dessa tristeza resultante das fadigas e tédios que deixa o insano ardôr por se haver dado o balanço final aos Homens e ás Cousas, existe a felicidade forte, de robustez de fundamentos, uma especie de Optimismo desdenhoso, que é a unica e compensadôra alegria mais elevada e pura das almas.

Sou triste, sem ser scéptico; sou triste, porque creio ainda, vendo já, no entanto, tudo a esphacelar-se em ruinas...

Por isso, por essas causas absolutas, sou triste.

E'ram dous vultos que caminhavam estrada a fóra, atravez de paisagens, mergulhados n'uma intensa paléstra d'idéas, por clara tarde maravilhosa de luz.

Um d'elles, adolescente, imbérbe, conservava a apparencia reservada e sisuda de um monástico, accusando mesmo, pelo seu rosto um tanto alongado e o seu perfil bisonho, soturno, haver pertencido a um desses antigos seminarios de provincia, reclusos d'entre muros contemplativos e brancos e rodeados das sombras silenciosas de altas e recordativas arvores frondejantes.

Visto um pouco ligeiramente parecia ter na face uma expressão dura, rigida, uma tonalidade sêcca e scéptica, a Voltaire.

Mas, bem reparado de frente, os seus doces olhos grandes, tenebrosos e raiados levemente de vermelho, quebravam essa impressão voltaireana.

Tudo, de expressivo e occulto, que elle tinha, estava nos olhos. Uma onda de seivas virgens parecia fluir milagrosamente d'elles. Dormiam talvez ainda, lá, como princezas encantadas em bósques fabulosos, as mysteriosas Paixões do Pensamento e da Fórma.

Olhos revelladores, de uma expressão inédita de sentimento, dizendo limpido na sua transparente claridade humida todos os segredos e sonhos que andem somnambulamente romeirando nas almas.

Desses olhos para cujo centro profundo e luminoso paréce affluir toda a essencia pura, todo o idealismo claro e são, todo o alto requinte de Sensibilidade de uma geração mais elevada, mais bella, préstes a surgir!!

O outro, mais sevéro, mais perseguido de perto pelas desillusões, com o ar fatigado de quem vem de muito longe—olhos de uma penetração aguda de brilho fundo, um tanto adormentados por uma melancolia nomade; bocca de

mordacidade viva, de onde as palavras deveriam irromper incisivas como dardos ou suggestivas como parabolas.

Sentia-se logo que éra d'outras Regiões, transfigurado dos Rumos espiritualisantes, dos Fatalismos sombrios, reivindicador solitario do peso negro e venenoso das grandes culpas e por isso, agora, calmo, seguro, como os que trazem comsigo, sem até mesmo presentirem, o cunho singular das Predestinações imprescriptiveis a sêde e a febre de um saber intuitivo, contemplativo.

De vez em quando, no dialogo que ia estabelecendo com o outro, a sua bocca sorria, n'um sorriso de resignada esperança, de muda contemplação, ou, ferida por um sarcasmo tão puramente justo que a idealisava, ria claro, ria, mas um riso leal, bom e regenerante, fresco, balsamico, capaz de inundar e immacular de bens as millenarias e malléficas impurezas do Mundo decahido.

E a tarde, n'uma paz luminosa, em auréolas de ouro, os envolvia beatificamente.

As duas figuras, unificadas n'aquelle instante por um identico e chammejante pensamento, caminhavam de vagar na tarde, sob a effusão sympathica da suave claridade da tarde.

Entretanto, o diálogo continuára.

—Sim, sou alegre, como Deus, intediado, invejando o Inferno ; sou triste, como o Diabo, arrependido e sonhando, querendo voltar para o Céo !

Sinto esta tristeza impaciente do Irreparavel, do Irremediavel do Perdido.. . E, a febre que me devóra, a vertigem que me alvoroça, é por não poder fundir as almas sob nóvas fórmas, dar-lhes intuições novas, entendimentos inauditos, encarnar-lhes o sentimento n'outros móldes mais bellos, fazel-as, emfim, mais fléxiveis, mais ducteis, tornal-as mais espirituaes e vibráteis para as grandes commoções do Imprevisto.

A paixão da minha tristeza é por não poder fecundar de novo essas almas, não lhes poder dar as malleabilidades sensiveis, inocular-lhes o fluido estranho de uma vida aperfeiçoada, quintescenciada n'uma chamma eterna.

A doença espiritual da minha tristeza é por não poder impolluir, virginar jamais as consciencias já violadas ; por não poder fazer brotar n'ellas a flôr melindrosa e bôa da timidez simples, que o peccado brutal das luxurias imponderadas e das intemperanças ferózes fez para sempre murchar.

A nevrose da minha tisteza é por não me ser dada a graça magna, o dom soberano e assignalado

de vasar, nos cadinhos de ouro da fecundação perpetua, só seivas prodigiosas, inéditamente bellas, só germens sãos e perfeitos, só sementes preciosas e raras, para que, talvez, assim então se gerassem as Fórmas impeccaveis, as Correcções extrêmas, as Perfectibilidades impereciveis.

Para os que, como tu, se fundam nos mysterios da sua propria natureza; para os que surgem das obscuras geneses, no movimento de expontaneidade das Origens vivas, das affirmações eloquentes e cujo espirito vae, no tempo e no espaço, se organisando por céllulas, fecundando por sonhos, completando por vibrações de nêrvos, por gérmens de paixão, por glóbulos de Vida, aguardando, calmos e resolutos, sentindo a intuição de esperar o instante original para irromper da Sombra,—para esses, deve significativamente impressionar toda a fundamental tristeza destas Manifestações suprêmas.

O certo é que a humanidade érra pelo phantastico, que a natureza está toda sobrecarregada de phantastico. E nem mesmo ha homem que não tenha o seu lado extravagantemente ideal, phantasioso; que não percôrra, nas vagas horas da Desolação, as galerias sinistras dos phantasmas ou que não vá em busca do Sonho, que existe na Realidade, como os phenomenos physicos existem

esparsos no organismo concréto do Universo. O Ideal é real, desde que radia no mundo creado á parte, na circumvolução cerebral de cada ser. Tudo está em saber accordar, com estylo e emoção, esse sonho, onde elle exista, ou na alma do selvagem ou na alma do culto. Para isso os Artistas de todos os tempos produzem as suas Obras que nascem sempre por um movimento de meio inconsciencia conceptiva, para serem assim mais fortemente vivas e mais transcendentemente sensacionaes.

Porque o real é cheio de brumas de sobrenatural, o verdadeiro e cheio de brumas de phantastico e no fundo original da grande Causa está o Sonho.

—Ah! Sim! Sim! Clamou o outro, n'um grito de alvoroçado assentimento:—o natural na Arte é o alto Absurdo, é o Absurdo, o Phantastico, Intangivel! Se eu dissésse, em paginas mais tarde, os extases volupicos que dominavam no silencio discréto do Seminario, diante da Immaculada Conceição, doce e candida no seu rosto de porcellana fina, com aquelles olhos paradisiacos que tanto me approximavam da serena e celeste luz! Se eu dissésse quanta nevróse, quanto delyrio sexual percorreu a minha carne n'aquelle solitario noviciado; quanto mysticismo mórbido me

ciliciou a alma ; quanto espasmo languido me dominou o corpo, certo me julgariam louco... E depois, quando deixei a paz austéra do Seminario, a sua clausura mésta, os seus habitos duros; quando dexei toda aquella vasta, longa melancholia que dentro d'elle reinava como nevoenta Visão de meditações e recolhimentos; quando despedi-me das suas paredes brancas, das suas torres symbolicas, das suas arvores evangélicas, da sua fachada ampla e adormecida olhando para a alegria verde do Mar,—e cahi então na plebéa profanação da Existencia—ah! que complicadas sensações de praser, de recordação, de mundadismo, de mysticismo, de liberdade, de saudade, de inexprimivel angustia, promiscuamente vivendo dentro de mim e viçando os mais tenebrosos, os mais negros e já agora irremediaveis tédios!

No entanto, se eu descrever um dia com flagrancia de tintas, com violencias e cruesas, todo este trecho passado da minha vida; se eu lhe dér todo o impressionismo abstracto, todo o requinte de sensibilidade e mesmo até de impressões phantasticas, dirão que eu não tenho a minima observação do Natural, que não obsérvo a verdade inteira, e sou, em tudo, absurdo.

—Bellas palavras, essas, a verdade, a observação!

Tanto é verdade aquella que determinadas individualidades apênas vêm com os olhos, apalpam com o tacto das mãos, ouvem com os ouvidos, experimentam pelo paladar, aspiram pelo olfacto, apprehendem com a attenção, lembram com a memoria, percebem, emfim, com todos os sentidos inferiores, como é verdade a verdade que a Imaginação vê, que a Concepção crêa, que o Ideal fecunda, que o Sonho transmitte, desde que não haja, no modo de reproduzir essa verdade vista pela Imaginação, uma completa hypertrophia sensacional e sim, de certa fórma, um fundo lógico, rhythmico, harmonioso e equilibrado, até mesmo no proprio Absurdo.

Tanto é verdade todo esse mechanismo, todo esse apparelho montado, todo essa photographia exacta, de exactidão até á futilidade e banalidade, como é verdade, tanto mais verdade ainda, tudo que os Esthesiacos sentem atravez dos seus entontecedôres desvairamentos, atravez dos seus espiritualisantes espásmos, dos seus extases emocionaes e profundos.

A verdade na Arte existe em cada temperamento sincéro que se manifesta, em cada singular sentimento que se revélla, em cada alma original que vem dizer o seu segredo á Vida!

Porque a perfeita verdade da Vida na sua alta e pura essencia, não é tangivel--é intangivel. Para apanhal-a não se faz myster uma visão directa, uma observação immediata, muito perto dos factos, muito em cima dos typos nem um psychologismo scientifico systhematico, à *outrance*.

A phrase do egrégia Balzac—o artista advinha o verdadeiro—é de uma eloquencia profunda e transcendental neste assumpto.

A vida é real e é ideal, é ideal e é real. As inverosimilhanças, as coincidencias, os acasos, os presentimentos, a fatalidade dos seres, os absurdos, as excepções dos phenomenos geraes, as correntes de attracção sympathica ou antipathica, as impressões desconhecidas, os espasmos ou estados pathéticos, o contacto, o chóque, o encontro magnético e curioso das almas, o Indeffinido das cousas, como que constituem o secréto lado ideal, phantastico, de sonho, da Vida.

A alta verdade da Vida está em Hamlet—pendulo miraculoso e eterno que marca as oscillações da Alma.

Hamlet surge-nos de um fundo deluido e tocante de lagrimas e lyrios, da evocação sympathica e doce do Angelus das almas, n'um crepusculo abençoado de infinita dolencia, espiritualisado como um cyrio divino bruxoleando na

camara mortuaria das almas n'uma luz final consoladôra.

Hamlet é o céo melancholico das almas, cujas estrellas tristes, contemplativas, deslumbram-nos de um goso quintescenciado e nos tórnam cégos e perpléxos de Indeffinivel...

Hamlet é a grande anciedade do Sonho, é o Sonho se dilatando, se dilatando, como celeste, sideral serpente, na esphéra da Dôr, tomando essas transfigurações, esses velados, sombrios silencios e essas nevro-hysterias mentaes da Duvida.

Hamlet é o violino immortal e secréto do Pensamento humano que as torturantes noites nebulosas da Consciencia férem de sons desolados.

Hamlet é o Archanjo supremo das nostalgias, branco e bello, meigo, arrebatador e convulsivo, cujo gladio em chamma phosphorescente flammeja n'um fundo de sombra de exótico e fulminante desdem e cujo grave genio pallido, de uma alta e velha aristocracia de Sensibilidade, requintada e esquecida para além nos limbos da Saudade, se debruça, desespéra e chóra delyrantemente sobre o ideal firmamento de astros mortos do seu amor...

Hamlet não é louco, não é doente, não é epiléptico, conforme o veredictum, as investigações e cogitações dos criticos, dos physiologistas e psychologos de todos os tempos.

Hamlet é o zenith da alma humana nos seus momentos augustos e tremendos, nos seus estados soberbos e soberanos de laceração. E' o espasmo do desdem e do orgulho transcendentalisados, ácima das camadas da Terra, gyrando no Absoluto. E' o Abstracto que odeia e que ama, que perdôa e que castiga. E' a Materia que tem sêde de ser Sombra, para esvair-se, para apagar-se, para desapparecer da Matéria que a encarcéra, e que a tortura. E' a vibrante chamma sensivel da Aspiração insaciavel que sonha ser o pó do Nada, para que o envólucro physico e ephemero que a contêm póssa acabar de aspirar e de soffrer. E' o Sentimento da volupia radiante, redemptôra e purificadora da Morte na Vida, secretamente embalsamando de um aroma lethal estonteador, como um longo e lento beijo immortal de além tumulo, os infinitos da Eternidade.

Cada homem, quando se escuta a si mesmo, quando se ólha a si mesmo, quando se palpa a si mesmo, quando désce em silencio á funda cistérna immensa de si mesmo, ha de sentir um pouco de si mesmo no Hamlet, d'aquellas

irrequietabilidades, d'aquelles surdos, soturnos e subterraneos desesperos, d'aquelles preguiçamentos edénicos, d'aquella alma não alma, d'aquelle ser não ser, d'aquelles sublimes vácuos candidamente e mysteriosamente cheios ainda de tépidas e chiméricas irradiações de estrellas apagadas.

Os typos de Shakspeare nem são absurdos propriamente ditos, nem são phantasticos; todos, mais ou menos, existem nos phenomenos livres e simples, expontaneos, ainda que muito pouco viziveis ou perceptiveis, da Natureza; isto é, cada um no seu conjucto, no seu todo, tem as particularidades secrétas peculiares a cada ser. São typos que rigorosamente não existem no seu modo compléxo. Mas cada sentimento obscuro, exquisito, raro, subterraneo, mysterioso, de cada ser em particular, representa uma cellula do organismo de cada typo de Shakspeare, uma qualidade formadôra d'aquellas concepcões. Esses sentimentos todos, na summa unidade geral, na mais alta condensação, é que concórrem para a formação capital das sintheses maravilhosas de Shakspeare.

Porque n'elle os typos vinham por blócos inteiriços, por avalanches de paixões, por complexidades suggestivas, o que por isso lhes dá a significativa toda especial de Creações.

Entretanto essas Creações não entram em absoluto nas regiões do incognoscivel absurdo nem do incomprehensivel; são, pelo contrario, possiveis e verosimeis no Tempo e no Espaço, no infinito dos sentimentos humanos, porque deffinem esses proprios sentimentos em theses formidaveis, embóra não sejam tangiveis os objectivos que taes Creações genéricamente representam e symbolisam.

Mas, justamente porque a natureza subtil de certos phenomenos da alma e da consciencia nos typos de Shakspeare se encontra harmonicamente n'um dado momento com a natureza subtil dos phenomenos da alma e da consciencia humana, n'um chóque emocional profundo de fórças e de elementos que se reconhécem e equilibram é que as obras symthéticas de Shakspeare serão eternamente acclamadas, ainda que só intimamente e mais profundamente admiradas e sobretudo mais sentidas por capacidades artisticas, por intensidades mentaes nervosas cujos phenomenos gyrem, mais ou menos, pelos mesmos pólos por onde gyra a genialidade assombrosa de Shakspeare.

Para isso é preciso subir toda a escalla mysteriosa da Intuição e chegar a certos altos espasmos psychicos da alma.

Esses que dizem perceber Shakspeare, admirar Shakspeare, sentir Shakspeare, para o fazerem véstem casacas de erudicção por dentro, concentram-se officialmente, ficam graves e sérios, tornam-se os difficeis e os inaccessiveis da Sabedoria, porque, no entender d'elles, é necessario toda essa compostura solemne, todo esse apparato classico de maneiras e attitudes, quando, no entanto, para ver Shakspeare basta penetração clara, pureza e nitidez de ser, porque elle é uma expressão da Natureza, por certo a maior, a mais intensa, a mais condensada, a mais transcendente, mas uma expressão, uma força phenomenal d'ella deslocada, como se deslócam os corpos meteorologicos e cósmicos. Sendo um fóco central Shakspeare é, no entanto, uma expansão natural dos elementos vivos e superiores da materia organizada, é uma voz de todas as vozes, uma hora de todas as horas, um tempo de todos os tempos, uma athmosphéra de todas as athmosphéras, um ser de todos os seres, uma alma de todas as almas.

Se Shakspeare não tivésse atraz de si séculos, nem as gravidades dos doutos juizos dogmaticos, nem as fundamentações de theses criticas, nem os rebuscamentos fundos de analyses psychologicas, de agudos commentarios, nem as réplicas e

tréplicas famosas das argumentações cerradas e fecundas como as camadas da Terra, Shakspeare não seria visto com essa enscenação prodigiosa nem com esses estylos officiaes nem com esse fundo sonhado que lhe dá a distancia do tempo. Quasi que já se aliena do cérebro a idéa de que Shakspeare fosse materia animada, estivésse sujeito ás leis physiologicas dos outros homens. Hoje o seu Genio pérde-se no Espaço, é como o fio do infinito do Espirito unindo-se ethereamente ao fio do infinito da Materia e formando um sŏ corpo abstracto.

Para entender, para amar, para sentir Shakspeare é apenas preciso vel-o sem convenções nem preconceitos obscuros de consciencia, na mais facil, franca e vital nudez do Sentimento, na expontaneidade do ser, em toda a larguesa genésica das suas obras, em toda a sua amplidão de Liberdade, em todos os seus gritos de Justiça, em todos os seus brados de Misericórdia, em todos os seus ais de Piedade, em todo o seu clamor de Desespero, em todo o seu soluço universal, em toda a sua dôr augusta, suprema, em todo o seu amor integral e germinal da Natureza.

Shakspeare é uma d'essas crystalisações puras e excepcionaes das Paixões, o seu consummado e colossal gladiador.

Shakspeare, assim como Dante, pelo maravilhoso das chammejantes esphéras psychicas onde os seus espiritos rodavam estranhamente, singularmente, pela grandiosidade pathética dos seus aspectos sublimes, pela resplandescente flagrancia, pelo caracter genuinamente livre, altivo e soberano da sua Imaginação, pelas iconoclacias á formula da Comprehensão secular estreita, pelas irreverencias ao Methodo e ao Dogma, deduzidas fatalmente e logicamente dos grandes traços geraes e dos profundos golpes de vista das suas obras, dos seus themas fundamentaes e revolucionarios em absoluto, por conseguinte contra a Convenção moral e espiritual do Mundo; Shakspeare e Dante, fóra do officialismo e do classicismo dos seus renomes immortaes, mas vistos em toda a larga e luminosa amplidão da Natureza, como devem ser vistos os grandes Espiritos, são os tragicos e magestosos pharóes magnos de todas as épocas, os orgãos poderosos a magicos da Sensibilidade humana.

Shakspeare nos evóca as correntes volcanicas, largos e fundos abalos athmosphéricos, rara e curiosa elaboração de um novo systhema planetario, valles de rosas e de lagrimas, eclypses de sol e de lua, o Cháos tomando fórma e

tomando corpo, a luz, por fim, se projectando e illuminando a Immensidade.

Shakspeare é a Vida por camadas densas, chammejando e clamando, polarisada no abysmante Infinito do Sonho.

Shakspeare é o Grandioso do Bello-Horrivel, do Tragico-Sublime e do Tragico-Grotesco, do Riso-Lugubre, do Sarcasmo de lama, estrellas e ais — é o Deus infernal e o Diabo divino.

Shakspeare é a Flóra absurdamente gigantesca, exquisita e ensanguentada do estranho e morno mar marulhoso e maravilhoso dos gemidos, dos soluços, das lagrimas.

Quanto á observação, essa é o fatigado, o gasto logar commum dos que muito pouco ou mesmo nada possuem além d'ella. E' evidente que um artista, desde que chegou a requintes superiores, desde que a sua concepção e fórma attingiram gráos elevados, se espiritualisáram, se etherificaram em abstracções, a origem dessas perfectibilidades, o crysol onde esse artista se apurou foi no da observação, no da analyse. A observação paréce a força mais poderosa, a qualidade mais particular para os realistas da ultima hora, porque no Realismo a observação é flagrante pelo documento humano, é flagrante nos objectos,

nos aspectos, nas attitudes, nos typos. Ligeiramente visto, parece, com effeito, ser a mais radical qualidade, por ficar mais em evidencia, mais no primeiro plano, fazendo como que um grande relêvo no Realismo e sendo assim, por isso, mais accessivel ás faculdades inferiores da attenção, da visualidade e da memoria. Mas, o que é certo, é que em todos os tempos, para dizer um aspecto de céo, de paizagem, para traçar um facto ou um typo, nas narrativas, novellas e romances antigos, houve sempre a observação, senão com a perfeição e apprehensão modernas, ao menos com os elementos que as épocas forneciam. E mesmo nunca se poderia prescindir dessa observação na occasião de puras descripções e desenhos de lugares, de horas, de acontecimentos, de paizagens. Por isso não me paréce pue seja a observação faculdade suprêma. Acho-a muito evidencial, muito physica, muito de nota e informação subsidiaria, participando muito da natureza dos trabalhos de investigação material, de detalhes, de minudencias, para poder constituir e representar a força magna do Pensamento humano. E' até ás vezes faculdade elementar, conseguida mais pela tenacidade de organismos por algum modo officiaes, inferiores, pela pesquiza pasciente, de visão

perscrutadôra, do que pelas linhas profundas que fórmam a esthesia eleita de um artista.

A observação constitue a força básica do artista, d'ella é que elle parte para as mais altas abstracções estheticas, como os Decadentes, os Symbolistas, os Mysticos, partem das cruesas brutaes do Materialismo, da tangibilidade do Realismo e do agudo e livre exame das Idéas positivas, além de outras absolutas origens idealistas névro-psychicas, n'um movimento natural, simples e até nobre e claramente evolutivo, de requintes da alma.

Se dado artista chegou logicamente a um apuro maior de emoções e só as determina de um modo abstracto, vago, fluido, não quér isso dizer que elle não tenha observação, pois essa se enuncia e consubstancia muitas vezes apenas n'um vocabulo exacto, determinante proprio e profundo do sentimento, essa ficou, como os residuos de um corpo liquido que se philtra, no fundo d'aquellas mesmas emoções mais requintadas. E, como a natureza não dá saltos, uma physionomia legitima de artista, desde que se perfectibilisou no pensar e no sentir, passou primeiro pelos procéssos, embóra obscuros, desconhecidos, méramente mentaes, da mais pura observação, deixando simplesmente d'ella, para traz, tudo quanto ella tem

de mais presente, sêcco e documental. E' precisamente um trabalho delicado de alchimia da Emoção, para dar crystalinidade astral ao Espirito e á Fórma, que no organismo artistico intuitivamente e invizivelmente se opéra.

De outro modo, não se daria então o caso dos artistas que não são realistas se compenetrarem, com inteira comprehensão e uncção, do sentimento de observação e analyse de todas as obras verdadeiramente notaveis, singularmente bellas do Realismo.

Aqui mesmo, agora, no que vamos naturalmente dizendo, com este ar de livre e leve bom humôr, estamos exercendo a observação, mais do que a observação a analyse, mais do que a analyse, a directa, a penetrante psychologia das Cousas.

A observação, a analyse, a psychologia, depuradas, philtradas pela Sensibilidade, produzem, em essencia, a Abstracção.

E, já que abordámos estes pontos curiosos, attrahentes, ouve ainda o que penso: Quanto á prosa, para ligar um fio de palestra que já ha dias tivémos e que agora correlacciona-se a estes assumptos, dir-te-hei que a prosa não é qualidade excepcional dos prosadôres exclusivos. Para um espirito compléxo de Arte, para o verdadeiro Clarevidente, para o Poeta, na grande accepção de

sensibilidade desse vocabulo, prósa e verso são téclas, orgãos differentes onde elle fére as suas Idéas e Sonhos. Prosa e vérso são simples instrumentos de transmissão do Pensamento. E, quanto a mim, se me fôsse dado organisar, crear uma nova fórma para essa transmissão, certo que o teria feito, afim de dar ainda mais ductilidade e amplidão ao meu Sonho. Nem prosa nem verso! Outra manifestação, se possivel fôsse. Uma Força, um Poder, uma Luz, outro Aroma, outra Magia, outro Movimento capaz de vehicular e fazer viver e sentir e chorar e rir e cantar e eternisar tudo o que ondeia e turbilhôna em vertigens na alma de um artista deffinitivo, absoluto.

A prosa não póde ser sempre de caracter immutavel, impassivel diante da flexibilidade nervosa, da aspiração ascendente, da volubilidade irrequiéta do Sentimento humano. Não ha hoje, nesta Hora alta e suprêma dos tempos, fórmulas preestabelecidas e constituidas em códigos para a estructura da prosa, principalmente quando ella é feita por uma sensibilidade *doentia* e extrêma. Ha tantas maneiras de fazer cantar a prosa, de a fazer viver, radiar, florir e sangrar, quantas sejam as diversidades dos temperamentos reaes e eleitos.

E' um cachetismo intellectual ou cavilosidade dos que só produzem verso e dos que só produzem

prosa, não perceberem que determinado artista se manifésta igualmente no verso e na prosa, especialmente quando nessa prosa elle conségue traduzir, communicar com clareza, com profundidade, a sua esthesia, a sua idyosincrasia, os seus extases, as suas anciedades intimas. Pouco importa que essa prosa não guarde regularidades de preceitos, de dogmas, de convenções, que embóra partindo ás vezes de cérebros até certo ponto livres, são ainda, de certo modo, por certas causas, convenções puras. O que impórta é que o artista consiga dizer imperturbavelmente, com a sinceridade dos seus nêrvos e da sua visão, o que de mais delicado e elevado experimenta.

Desde que elle tenha conseguido com lealdade esthetica essa profunda manifestação do seu temperamento, tem funccionado na prosa como n'um legitimo e perfeito orgão da sua Arte, com toda a virginal originalidade das fórmas inquiétas, dos estylos que não são apenas litterariamente feitos, que não são apenas litterariamente burilados, intellectualmente brunidos, mas das fórmas sentidas, vividas, mas dos estylos arrancados, sangrados, vibrados eloquentemente da Alma.

Se essa determinada prosa dá suggestões, dispérta curiosidades, faz accordar a imaginação e conségue trazer no estylo modalidades

perfeitamente originaes, correspondentes á originalidade do temperamento do artista, como, pois, que o que elle produz, não é prosa, não se deverá chamar prosa?

Por um lado até mesmo paréce que não deveria ser esse o seu nome; não por não abranger o pretendido sentimento e fórma especiaes, particulares, da prosa, mas por ultrapassar, por superiorisar-se, por tomar outra elasticidade, outras vibrações, outras modalidades que a prosa convencional e feita sob móldes estabelecidos jamais comporta.

Demais, prosa e verso, n'uma dada natureza, são córdas vibráteis, manifestações integraes e simples de uma Esthetica pura e á parte.

E, dessas córdas vibráteis, se muitos possuem apenas uma, com delicadeza, intensidade e correcção superior, não quer isso dizer que outros não póssam, por excepcionalidade possuir duas, com igual ou maior correcção ainda, o que simplesmente indica complexidade e força.

Um ser artistico, assim é como uma harpa exotica de duas córdas: — uma córda para a prósa, outra córda para o verso, formando os sons de ambas essas córdas uma igual harmonia.

Ha horas em que o espirito, por infinitas dolencias, pela volupia do Vago, pelo desejo

consolador de elevar canticos ás Esphéras, de compôr musicas leves, subtis, rhythmos langues, finas balladas, peregrinas barcarollas, de murmurar, emfim, queixas veladas, cinzéla estrophes, vaga pelas gondolas sideraes da Poesia...

Mas, ha tambem outras horas, em que o espirito, revestido de sevéras vestes talares, é arrastado por suggestões desconhecidas de uma eloquencia magna, mais inductiva, communicativa e directa e falla então clarevidentemente pelo Psalmo austéro da prosa.

Da prosa que nos faz viver com as suas videncias suggestivas, que crêa para nós novos mundos imaginativos, que nos revella thesouros virgens, intactos de pensamento e que nos ábre de par em par as portas de uma outra Vida.

Da prosa clarevidente e percuciente — alvorada de fanfarras de ouro e diamantes, que accórda, chamando alvoroçadamente e nervosamente a póstos, os bellos e bravos legionarios da Reivindicação do Espirito!

Do verso que nos dispérta, que nos chama com seu amor, que nos procura, que vem a nós generosamente, que nos conquista e que nos bate heroicamente ao peito com suas azas de aguia.

Do verso que renásce, que resuscita na gloria da Fórma e que semeia d'estrellas e de lagrimas o seio branco, candido e fecundo da Alma.

E a Originalidade — alacridade nervosa, vinho acidulo e delicioso da sensação, extravagante humôr côr de rosa, —timbra claro e quente, com os afidalgamentos do Estylo, a emotiva e exdruxula linguagem do atormentado Sentimento.

Depois, ha naturezas que são como crystaes de multiplas facêtas; têm diversas irradiações, brilhos imprevistos, que são fugidios, escapam a muitas percepções.

Depois, certas percuciencias, certos atilamentos, certos gólpes acres e fundos, embóra por synthese, em tudo o quanto é meandro e capciosidade do medalhismo, certos sentidos, exotismos de fórma, dão, para certa classe incolôr e inodôra de intelligencias, um effeito d'escandalo obsceno. Como que perfeitamente causam, sempre, em todas as épocas, em todas as phazes, a sensação brusca, violenta, de um homem flagrantemente nú entre outros homens inteiramente vistidos e muito apertados n'uma especie de espartilho de convenção intellectual.

—E' como a velha questão das escólas, dos grupos, que desorienta e confunde a tantos.

—E' verdade, as escólas, as escólas! As escólas só ficam com os principaes, com os chefes ou fundadôres. Só os que conseguem marcar fundo a expressão de um sentimento e de uma fórma, os que têm os arrebatamentos e allucinações do Sonho e que pairam fóra das órbitas geralmente traçadas. Os mais, são apenas satellites, refléxos pállidos, mettidos n'uma comprehensão restricta como em escuros, lôbregos e estreitos corredôres. Essas feliações, pois, desde que não ha grandes azas desvairadas para plainar no alto, só amesquinham e vão aos poucos inoculando o espirito frivolo de móda nos que não possuem temperamento ingénito nem essa força de isolamento mental para crear sem suggestões directas, immediatas. Quanto aos grupos, tanto quanto é mystér a organisações sociaes, não ha grupos constituidos, como a Sociedade Amor ás Lettras, a Palestra Amena, a Brisa e o Gremio do Momento Solemne. Os grupos, como se comprehende, são os que se póde dizer creados por abstracções, isto é, individualidades que já existindo, aqui, além, lá, em todo o tempo, vem a se ligar mais tarde, no mesmo meio ou fóra d'elle, por grandes linhas geraes, por correntes de sympathia intellectual, por inteiras relações de affinidade esthetica, por harmonia de requintes até

certo modo unos, embora cada uma dessas individualidades tenha a sua enfibratura especial correspondente a um dado requinte. Os grupos, quanto a mim, só se estabelecem assim, independente da vontade propria de cada um, mas por um impulso desconhecido, por um instinctivo apuramento, por uma selecção natural que fóge a todas as régras preestabelecidas.

Assim, meu caro e saudoso seminarista de outr'ora, de que servem argumentos de ferro, de que valem confuzões e attropêllos, se tudo, na Arte, vae se aclarando n'uma luz meiga, ineffavel, serena como a desta tarde que nos envólve. Se tudo são embaraços que desapparécem uma vez que se adquire a força altiva, embora obscura e humildemente desenvolvida, de uma convicção e fé verdadeiras ?!

Em Arte é escusado negar quem fôr um ser definitivo, supremo, como tambem é escusado affirmar quem o não fôr. Não é a opinião deste nem d'aquelle nem mesmo do mundo inteiro que affirma ou que néga; mas sim unica e simplesmente a Natureza nas expontaneas, flagrantes Revellações, no poder mysterioso, na inevitabilidade dos seus phenomenos profundos.

Depois, quando se chêga a certas claras alturas; quando, transfigurados, nos encontramos

frente á frente, e de olhos leaes e limpidos, com a verdadeira magia do Bello; quando, afinal, sentimos dentro em nós viver o Absoluto, ficamos vagamente sorrindo, serenos e silenciosos, a cabeça um tanto inclinada n'uma attitude beatifica, como, na eloquente mudez das Esphéras, sob a augusta solidão das estrellas, a attitude pathética e meio somnambula de um demonio divino.

De que sérvem, pois, mófas, de que valem, pois, apupos?

E' de ti, deste, d'aquelle, que fallam, que vociferam? Pois as boccas, que élles trazem, para que fôram feitas? Para fallar, não é assim? Pois que fallem, as boccas... Pois que unjam de fél o teu nome, as boccas... Pois que se saciem de ti, as boccas... Pois que lubricamente te devórem, as boccas...

Que te néguem, por pregões ridiculos, por decretos grotescos, que façam, em torno do teu nome, a campanha cavilosa do silencio ou das perfidias e calumniasinhas da mediocridade e nullidade triumphante—que importa isso!—se tu, na serena força da tua Fé, vaes calmo, vaes tranquillo, no radiante humôr, despreoccupado, simples, dos que caminham, dos que seguem desdenhando sempre?!

Riem de ti, acaso ?! Pois, então, ri-te, tu, do riso... A tudo isso, a tudo isso, ri-te, ri-te... Por mais venenos, por mais perversidades, por mais volupia maligna, por mais crime, por mais vicio psychico que essas risadas póssam ter, fica simples e alto, intacto, imperturbavel diante de tudo isso e ri-te,—risadas, risadas, grandes risadas vibradas d'alto e ao largo a tudo isso—grandes risadas, grandes risadas!

E, um dia, pelas razões ingenitas da tua organisação, se tiveres uma natureza genuinamente eleita, tocando alto no Sentimento; um dia que a manifestares toda inteira, amplamente, tal como se foi ella de gráo em gráo fecundando, verás o abalo, os turbilhões de ar que irás aos poucos deslocando em torno de ti.

A principio, os mais fátuos, que te julgarem conhecer melhor, só sentiram e conhecerão de ti os lados viziveis, os pontos de perfeita tangibilidade.

Mas, quando a obra que estiver chammejando dentro de ti fôr tomando complexidades, absurdos novos, exotismos, eloquencias esquisitas e por isso innocentemente aggressivas, attacantes e demolidôras nas suas linhas geraes, sem part-pris, sem pose, mas por fundamentações e integrações, tudo se bandeará do teu lado, os de

mais lisura ou mais affectados apenas de intellectualidade recuarão de ti como se tivesses lepra ou troucesses estygmas infamantes, labeos ignóbeis, e, desde logo, a scisão fatal se dará então subitamente, pejando o ar de dissabôres amargos de vehementes dissenções...

E' como se tu fôsses por um livre caminho a fóra com defferentes companheiros e de repente o caminho se bifurcasse :—varias encrusilhadas, uma direita, clara, extensa, as outras curtas e tortuosas, se te apresentassem diante dos olhos.

Tu seguirias pela mais longa, pela mais ampla, pela mais larga. Poucos te acompanhariam. A maior parte tomaria as faceis encruzilhadas curtas mas tortuosas...

E, se um dia, chegado primeiro que elles ao termo da viagem, em virtude da mais prompta accessibilidade do caminho largo, franco, direito, tivésses de os encontrar mais tarde, poderias, não ha duvida, apertar-lhes lealmente as mãos, fallar-lhes com simplicidade e affecto, abrir-lhes cordealmente os braços mas terias ficado, pelas dispersadôras fatalidades do tempo, já muito affastado, muito longe d'elles.

E' que as almas, quando chêga a hora alta e grave dos supremos julgamentos, das selecções supremas, separam-se inevitavelmente, sem

remedio, irreconciliaveis e tristes, só ficando juntas sempre aquellas que marcham para o centro inflammado do mesmo Objectivo.

Depois, mesmo, neste deserto de pedra das almas, as almas brancas, essas que trazem a Grandeza e a Espiritualidade consigo, essas, em virtude das Duvidas, das Oscillações ambientes, têm que soluçar até á morte!

Emquanto passares por certa phaze de insipiencia; emquanto déres a esperança de ser uma eterna esperança; emquanto te julgarem o perpetuo acolyto reverenciador e discreto, a facil mulêta de apoio ás suas vaidades e pretenções, todos te bafejarão como um recemnascido beijocado de minos, amamentado com carinhos babosos, cercado de cuidados infinitos, de enleios affagadôres. A Hydra das Litteraturas, suppondo-te timido e nullo, te emballará em seu seio, illudida comtigo, dizendo soturnamente:— este é dos nossos! este é dos nossos!

Mas, assim que levantares resoluta e innabalavelmente a fronte, assim que começares a manifestar mais a recondita sensibilidade dos teus nervos, a insatisfação da tua esthesia, assim que o teu espirito fôr se diffundindo no espaço, enchendo as Espheras, a boa Hydra-Mãe te

será carrasco, forjando para a tua cabeça, subterraneamente, a guilhotina feroz!

Vendavaes de antipathias, de ódios, de despeitos, de retorcidas e esverdeadas invejas soprarão desencadeados sobre os teus hombros athléticos e firmes...

Emfim, carregar cruzes, arrastar calvarios, irás pelo mundo, irás pelo mundo!

Se trazes com effeito comtigo uma feição nova da Arte, trazes comtigo uma Dôr nova...

Se trazes com effeito comtigo a inflammada materia prima para fundir os Ideaes mais nobres e bellos, agora é só communicar-lhes vida, intensos sôpros de vida, te concentrares nelles, e resplandescer, e alar...

N'essas romarias e escaladas obscuras em que por ora vaes, pelo Espirito, não sejas dos apportunistas da Arte.

Acompanhe-te, illumine-te sempre esse profundo sentimento artistico de abnegação cultual, de resignação, ou antes de conciliação na Dôr, de desprendimento completo das Ambições e Ostentações, do Grande-Languido Verlaine, alma de meigo lyrismo, essa frescura e velhice candida de emoção, Fauno-Sacerdote a officiar nos Missaes hieroglyphicos da suprema volupia da Forma ou d'esse outro ducal, auréoladamente

flor-delisado e excélso Villiers de L'Isle Adam, sublime e celeste Artista, que tem para mim um encanto mysterioso de scintillação planetaria e uma solemnidade sagrada de tabernaculos intactos.

Que a tua fórma seja florésta, seja mar ou seja ceu!

Ségue, com uncção e contricção, essa especie dolente de martyrisados Santos sem nichos— Santos temerarios que affrontam com impassibilidade os incendios devoradores das paixões do mundo; que, como Santo Estevão, se deixam brusca e impetuosamente apedrejar na concavidade do peito, tendo a douta, a erudita clemencia apostolica de Santo Agostinho.

Ségue esses Santos tristes—meio obscuros e poderosos, meio humildes e rebellados, meio ironistas e sarcásticos. Seres mórbida e voluptuosamente esthesiacos elles como que trazem um curioso desvio do séxo, fazendo evocar Santa Thereza de Jesus, cuja requintada mortificação no recolhimento da cella parecia significar a tortura máscula, viril, do sentimento de um eleito da Grande Arte, que se tivésse ido phenomenalmente asylar, por subtil, imperceptivel êrro genésico, n'um delicado e nervoso temperamento feminino...

Fallo-te assim, venho formando diante da tua imaginação prenuncial de noviço esta athmosphéra de Evangelho e Religião, não por abusados e calculados mysticismos, mas por que fallo a quem, pelo menos, sentio já, nas reclusões aquietadôras do Seminario, os grandes e graves Ensinamentos e Eloquencias e Intuições da Religião, na sua essencia livre, na sua esthética original e na sua harmonia.

Segue, pois, com todos os teus exagêros de natureza, com todos os teus grandes defeitos acclamados, que a Chatez gloriosa ha de esmiuçar e descobrir mais tarde, para não se sentir muito pequena, diminuida na tua presença ; defeitos só correspondentes a grandes qualidades, e que constituiriam, só por si, de tão eloquentes e francamente excepcionaes que são, as obras mais expontaneas e impressionantes dos que não trazem nem mesmo esses grandes defeitos, dos que são apenas individualidades feitas, intellectualisadas, mas não originadas de fataes e enraizados fundamentos artisticos.

Ah ! esta suffocação de ar, esta asphixia, estes escrupulos, esta susceptibilidade por ver-se a gente livre de todos os incipientes, de todos os noviços, que são eternamente incipientes, eternamente noviços "porque não tem horas vagas para

obrasinha, porque isso de Litteraturas não dá pão para a bocca" e outras capciosas razões de impotencia que elles entre si discutem.

Sim! porque quanto a mim o Artista é um predestinado!

Quanto a mim elle é como uma ave estranha que já nascesse com as suas azas poderosas e gigantescas, ainda retrahidas embora por algum tempo, mas que depois as fosse abrindo aos poucos, abrindo, abrindo, até que se distendessem de todo pelos espaços fóra, projectando então a sua grande e consoladôra sombra de Amor sobre o velho mundo fatigado.

Ah! esta anciedade de seggregar-se a gente desses liliputianos proliferos, que se reproduzem mais indefinidamente que os bichos de sêda; que nos agarram pelo braço, que nos entram pelos ouvidos, pelos olhos, que nos attordôam com prosas e versos, sempre muito superiores e requintados!

D'essas individualidades grotêscas, que querem tomar a Arte de assalto e á bruta, sem nunca comprehenderem profundamente as cousas, por mais que fallem, por mais que gesticulem; verdadeiros animaes de corrida que pensam que a Arte é uma questão de apósta para vêr quem chega primeiro e mais garboso ao final.

Iconoclastasinhos, sem essa venèração nobre, sem esse recato elevado, esse melindre das naturezas concentradas, cujo acatamento e cujo fundo de timidez caracteristica são o toque mais bello e mais digno dos que reconhecem justa e eloquentemente a superioridade dos outros, exprimindo e demonstrando tambem assim, por essa fórma simples e sympathica, uma das faces da sua propria superioridade.

Oh! insaciavel, ardente aspiração de arvore antiga, legendaria, que quizesse ficar completamente liberta de todas as parazitas, de todas as hérvas, de todas as lianas, de todos os musgos, de todas as trepadeiras e baraços e nervosidades e vertigens de folhagens que a abraçassem, que subissem por ella acima, que a povoassem de verdura alheia— deixando-a só, só, simples e cheia de sombra, vivendo serena e silenciosa, ou gorgeada da Alleluia dos passaros, para a Amplidão azul!...

Não, não será por um estreito pessoalismo egoistico, por uma comprehensão acanhada, por uma presumpção individual que tu te manifestarás com excepcionalidade de sentir, de ver, de pensar.

Mas o teu labio arderá de tanta inquietitude, palpitará de tanta febre, sangrará tanto que tu exprimirás então por Syntheses tudo o que

constitue a essencia do teu ser e passarás assim por iconoclasta e pessimista à outrance, apregoador de falsos paradoxos, demolidor sem o fundo de um objectivo honesto, futil, folgazão, mundano que afinal até inveja as glorias mais decantadas que cem mil trombetas proclamam das velhas muralhas de Jerichó da Opinião !

Mas tu, como um inquizidor original e santo purificarás com o fógo benéfico do teu Espirito, essas chagadas consciencias humanas debatendo-se, desoladas n'uma impotencia que escondem sempre bem fundo como certos tysicos escondem, negando, o grão agudo da doença corrosiva e lenta que os dilacéra.

Nós outros, que por ahi dolorosamente andamos desbravando as florestas virgens da lingua, deflorando os viços puberes do vocabulo, procurando dizer claro, claro como trompas sonóras estrugindo no mar sargaçoso e resplandescente, n'uma rosada manhã de pesca, claro como se o sol fallasse, os nossos estados d'alma, os nossos extases, as nossas idyosincrasias e inquietitudes, de abelhas nos caprichos curiosos da colméia, somos como phantasmas múmicos, por desertos, batemos de cheio em paredes de bronze, rebentamos horrivelmente a cabeça contra tenebrosas masmorras de granito...

E vê, vê tu lá que não é isso uma visão do avêsso, um modo rude, violentamente carregado, de sentir ;— mas, tu que sonhas, que ambicionas já ser limpo nas tuas Ennunciações, trazer o signal caracteristico, o cunho immaculado, á prata e a bronze, a ouro e a aço, a sol e a sangue, de uma evidencia firme, vê lá bem se não é assim tudo, se tudo não é córja, córja, corja que rasteja, córja que raiva, córja que ruge, hórdas brutas que bramem, barbaras, hórridas hordas...

Atravéz da névoa delicada das scysmas que te técem brando e emovente crepusculo nos olhos, eu vagamente presinto radiantes lineamentos, revelações curiosas do teu Oriente espiritual futuro, como das neblinas tranquillas e luminosas desta carinhosa tarde que finda antevejo a aurora flavescente de amanhã...

Suggestivamente, agora, cheia de concentrações e de vago, a tarde descia, mystica, suave e sagrada, evangélica, para a Religião solemne do Silencio...

Derradeiras harmonias veladas, de sol e sombra, érram indeffinidamente nos espaços...

E, sombra e sol, na transição dessa hora meditativa, como que parecem sensibilisados, tocados de emoção humana, de musicas ennevoadas, mysteriosas, sonorisando os affectivos

accórdes de almas virgens, mortas, felizes e firmes, com alvuras meigas de Castidade, na solidão da Fé christã.

Dôrsos de collinas, ao fundo do mar calmo, recórtam-se nitidamente no horisonte, já mais vago, esfuminhado o doce tom de verdura que ao longo e ao largo avelludésce.

Um barco, lentamente, fére as aguas melancolicas do verde e vasto mar amargo.

A emballadôra dôrmencia dos aspectos dá um repouso pacificante...

E, d'entre a crepuscular serenidade, mais densa aos poucos, vôa, vae e vem e vólta atravez da espuma branca das ondas, pelos aloendros floridos e salitrosos, uma ave alvinitente, de incomparavel suavidade, que não canta, mas que dá saudosamente á tarde a mais tocante espiri tualidade só com o encanto aéreo dos vôos, só com o rhythmo leve, fino, das azas simples e venturosas...

O sol, nos opulentos damascos do Poente, immergira já de todo, profundamente :— Néro lascivo, em tédios augustos, no goso mórbido das chammas rubras do incendio de Roma ; Rei guerreiro, por entre as purpuras sanguinolentas de acres batalhas.

As sombras, vagarosas, no deliquio afinal do dia, déscem, déscem...

Estrellas, n'um esmalte finissimo de crystaes e pratas, começam a florescer, a marchetar o firmamento, em faiscantes e tremulas claridades de Reliquias miraculosas.

Soberba, immensa, prodigiosamente branca, mysteriosa, como eterna paixão estranha, uma lua brumosa, feiticeira e lendaria, surge, trazendo vivamente um desejo na face triste, atormentada, arrastando pezadellos sinistros de assignaladôres presagios de Vingança...

A paisagem amplia-se n'um adormecimento luminoso e velado, toda ella rescendendo aromaticos effluvios, como se névoas delicadas de perfumes luxuriosos, queimados em amphoras invisiveis, ondulassem vaporosamente...

E, sob a noite, que pompeava profunda, auréolada da resplandescencia maravilhosa das Estrellas e da Lua, os dous vultos, como missionarios graves dos sombrios e supremos Sacrificios seguiram mudos, calados, a cabeça descoberta ao sabor carinhoso da aragem perfumada.

Assim graves e abstractos caminhando atravessavam agora as abobodas cheias de segredos nocturnos das grandes arvores frondosas de um vasto parque, parecendo, então, pela austeridade

religiosa que os exaltava n'esse momento, penetrarem, reverentes e calmos, paramentados solemnemente, no magestoso Vaticano da Arte.

MORTO

No féretro negro, por entre os cyrios langues, o grande, o doloroso Errante está serenamente morto.

Está morto, no féretro negro, para nunca mais resurgir! aquelle espirito doentio e torturado, aquelle organismo triste, tenebroso, que tragicos pessimismos humanos fecundaram do odio mais canceroso, gangrenado.

Alli está, gélido, rígido, alto, esquelectico, com o fino aspecto delicado e singular de um magno aristocrata martyrisado, inquisitoriado, a cujo fugitivo semblante duros cilicios déram a expressão lancinante de sacrificio ascético.

Não sei sob que suggestão de pezadello ou de lethargo fica o pensamento diante desse mortuario apparato, que o morto parece avultar aos meus olhos, ter a enformatura titanica, a grande e extraordinaria corpulencia de gigante rojado por

terra, subjugado, vencido pela magestade suprema de uma dôr avassalladôra, immensa...

Do tom negro do féretro destacam, brusca e pavorosamente, os tons brancos, álgidos, crús, irritantes, dos gêlos da Morte...

O corpo, hirto, tensibilisados os nervos na extrema convulsão do tremendo e derradeiro momento, tressúa um frio horrivel, lesmento, que parece, tal a agudeza da impressão mortal que se experimenta, tocar, envenenando, por philtros lethaes, o pensamento...

No silencio afflictivo e tôrvo do ambiente como que vagam, n'um refrain lugubre, n'uma sinistra litania, errantes, incoerciveis vózes de alem-tumulo, crocitando : morto, morto, morto !

E a impiedosa palavra, amargamente desdobrada em angustias, echôa, echôa, perde-se no silencio afflictivo e tôrvo do ambiente, como um dóbre agudo, cortante, arripiando e pungindo :— morto, morto, morto !...

No entanto, esse aristocratico cadaver, que agora tudo aterrorisa e lésma, edificou outr'ora na Imaginação palacios encantados de Indias opulentas, bebeu o vinho perturbador da Vida até á saciedade, sentiu com intensidade a paixão das cousas como chammas eternas que o devorassem

e, como por um lodo verde e putrefacto, foi vorazmente invadido pela febre pestilenta do Mal...

Gósa-se agora uma sensação exquisita, mas eloquentemente bella, em evocal-o em Vida: quando elle voltava da vertigem, da allucinação das turbas; quando elle errava exilado, perdido, livido, soturno, silhouettico na sombra da multidão desdenhosa, arrastado pelo turbilhão devorador dos factos, sem hora e sem rumo, como fóra de todo o tempo e de todo o espaço,—phantasma do Vácuo, impellido pela avalanche sangrenta dos sentimentos atrózes que o apunhalavam, que o retalhavam...

Evocal-o em Vida, desde a profunda cabeça que um nirvanismo bhudico assignalava, cabeça venenosa de serpente que em vão a si propria morde, cabeça d'onde voejaram idéas sinistras como famulentas aves de rapina.

A face, branca e languida, de um estremecimento precocemente senil,que os livôres de intensa magoa tornavam ainda mais branca, mais esmaecida e transfigurada... Face tremula e fria, como velho e maravilhoso marmore movel, accusando todos os nervosismos interiores, todas as vibrações reconditas, todos os tédios desesperados e infinitos.

Os olhos lúridos, desse lúrido sombrio que dá a biliosa expansão dos odios, olhos turbados pelos nevoeiros da amargura, pela melancholia da meditação, ou estranhamente illuminados pelos incendios do dilirio e onde a feérica phantasia rutilára e cantára outr'ora ; esses olhos fatigados que tanto se queimaram de curiosidades exóticas, de visualidades phantasticas, de miragens excentricas que tanto se embriagaram na orgia da luz e do sangue, que tanto viram, gosaram, se extasiaram e esgotaram na paixão de olhar, que tantas vezes sentiram, attonitos, estupefactos, a Visão do Ignoto perseguil-os, affligil-os, agonial-os...

A bocca, a bocca mordaz de outr'ora, acre, violenta, remordida ásperamente de um sarcasmo satanico, anciada de appetites, aberta na febre voluptuosa de devorar os fructos attrahentes do peccado, e rubra, rubra, accêsa n'um colorido vermelho de guerra, gritando e cantando guerra, gritando e cantando guerra, gritando e cantando guerra, guerra, guerra, guerra, por toda a parte, por toda a parte, por toda a parte...

Evocal-o nas mãos, nas luxuosas mãos de principe esvelto, esgalgado, nas mãos de phalanges longas, e rememorar que gestos curiosos, magos, que hieroglyphos demoniacos, que symbolos

miraculosos aquellas mãos não traçariam finamente no ar!? Quanto poder dominativo, real, que solemnes predominios, que magestade suprema, só com um signal rhythmico dessas mãos inteiriçadas agora! Quanto ideal e quanta gloria impulsionados no gesto simples, sóbrio, das mãos que tão vehementemente palpitaram, que tanto estremeceram e pulsaram vivas como dous estranhos corações que vibrassem juntos! Que fugidias expressões nas linhas, nas curvas e que fluido de mysterio, que segredo nos attritos, no contacto quente dessas mãos que foram já os seres caprichosos, flexiveis, ducteis, das delicadesas da forma. Dessas mãos batalhadoras, combatentes, tenazes, onde uma vitalidade excepcional de actividade circulava; mãos intrépidas, victoriosas, cheias de emoção, de sensibilidade, de alma, penetradas de uma bravura indómita de applicação, de altivez e sereno orgulho; mãos d'onde parecia alarem-se leves azas diaphanas e triumphaes de um sonho e cuja ramificação das veias, em mutiplos raios estriados, parecia tambem accusar uma efflorescencia perpetua de qualidades, de aptidões, de sentimentos, de gostos, de secretas e particulares predilecções do tacto...

Para onde foi, já, todo esse surprehendente encanto das mãos, toda essa maravilha de

subtilezas de passaro, de névoa, de nuvem, que as duas mãos enigmaticas desse enregelado e esgalgado cadaver por tanto tempo prodigiosamente contiveram ?! Onde, já, a belleza artistica do seu gesto, a graça da sua ductilidade, a eloquencia do seu movimento ?...

E os pés,—ah!—e os pés ?! Por onde ficou perdido todo aquelle alvoroço e ardor de caminhar, toda aquella sêde insaciavel, toda aquella angustia de percorrer caminhos, de demandar estradas, de conquistar distancias, de romper nervosamente, infatigavelmente, o rumo de um Destino desconhecido ?! Onde essa febre, essa febre de caminhar, de vagar somnambulo, pelas noites, pelos dias, taciturnamente? Onde? Onde essa nervosidade, esse calor latente para errar, para noctambular só, por entre os rudes aspectos hostis da Naturera fechada em trévas, mudo e só nas noites, sem estrellas e sem rumo!

Onde a anciedade vertiginosa, delirante, desses pés agora frígidos, parados no espasmo terrivel, no doloroso enregelamento, petrificados na amargurante saudade de rasgar caminhos ermos e infinitos ?! Pés inquiétos, impascientes, atormentados pela desolação dos desertos, queimados pelas tórridas areias saaharianas, e agora—ah!—para sempre álgidos, hirtos e horriveis, rígidos no

féretro, para jámais caminharem, para jámais errarem, como que n'uma glacial ironia de mudez e terror...

VULDA

Os velludos e arômas nocturnos do teu proprio nome, Vulda, têm o estranho encanto d'essa indiana magestade brahmanica e ao mesmo tempo uma volupia mórna de luar de Verão, derramado languido, lento, mollemente, pelas longas e caladas praias claras...

Disperta-me o desejo do longe, do ignoto, do remoto, do êrmo, do indefinido, na nonchalance, na displiscencia e preguiça aristocratica de um principe exul, que erra e sonha, contemplativo e solitario, nas arcarias gothicas dos nobres pórticos onde viera vêl-o, outr'ora, a Amada peregrina.

Sempre que o pronuncio, sempre que elle me afflóra aos labios, Vulda, experimento a sensação exquisita do sabôr de um fructo delicioso, de maravilhosa tonalidade, sazonado n'um clima d'ouro e d'azul, por sóes germinaes e terras virgens.

Sempre que o pronuncio, como que sinto o labio sangrar, sangrar, pelo goso vivo, intenso, de o pronunciar, como se a minha bôcca mordêsse com avidez, com gula, a pôlpa deslumbrante de aurea carne viçosa, pubescente, fina.

Fico n'um extase de o murmurar baixo, mansamente, e o ficar gosando, gosando, quasi palatalmente, no requinte voluptuoso de todos os sentidos apurados.

Evapóra-se d'elle o effluvio emoliente, langue, da pennugem sedosa das gatas, a colleante e hypnótica nervosidade das serpentes, tentando, fascinando, tentando, magneticamente fascinando pelo brilho agudo, aterrorisante e electrico, dos sinistros olhos lethificos...

Como que escórre do teu nome um oleo doce que tudo fluidifica, dilúe...

E faz pensar n'um vasto mar desolado, deserto, em regiões longinquas, onde, d'alto, d'aza espalmada e ufana, passaros tardos vôam...

Nome excentrico, lembrando o tropicalismo de uma vegetação exhuberada, exultante de seivas, que dir-se-hia profundamente vibrada de sensação psychica, vivendo a nevrose esthetica de sentimentos delicados.

Elle evóca-me o colorido extravagante, exótico, de uma Flôr selvagem e rara destas

prodigiosas florestas da ampla e verdejante America—Flôr aberta atravez as vertigens e as pompas de folhagens seculares e atravez as plantas gigantescas e esdruxulas, de uma complexidade original de germens, de fibras, de infinitas raizes, de cheiros ácres, mórnos e intensos, de nuanças e formas multiplas, como de desejos e aspirações vivas.

Teu nome suggestivo, conceptivo, constella-me a Imaginação de bizarras e preciosas phantasias.

E só de o lembrar, só de o recordar e accender nos labios, uma grande Saudade fére-me pungitivamente a alma, que agitada estremece, e tu, então, surges, Vulda, surges do meio de um clarão esmaecido—não sei se viva, não sei se morta!...

Não sei se viva, com a bocca alvorada n'um beijo em febre, os olhos crepitando na chamma de uma luxuriosa anciedade, e vagos, vagos na perdida dolencia infinita das scismas e melancolias.

Não sei se morta, álgida, mumificada, os impollutos braços e seios florescentes outr'ora, agora lividos, rigidos, desvirginados pela peçonha lesmenta, larvosa, da Morte...

E ha tambem o languôr d'onda quebrada, adormentada, Vulda, no teu nome nostalgico e evocativo de extasiantes occasos—nome harmonioso, rhythmal, de voluptuosa graça d'ave, voando, Vulda ; nome somnambulo de mysterio, Vulda ; nome impressionante, velado, solitario e dolente, de monja, Vulda ; nome de Visão alanceada, martyrisada, em cilicios e sonhos circulando, volteando, Vulda ; nome, emfim, de tragica, de barbara e bella, sanguinolenta Rainha de aventuras e apaixonada, apunhalando, em gondolas, sobre golphos, nos allucinamentos do ciume, pelas maravilhosas noites prateadamente estrelladas do Adriatico, n'um delirio romantico, os pathéticos Manfredos espiritualisados e pallidos...

ANJOS REBELLADOS

Trindade de tristes e de trémulos, sombrio tercêto do Dante, todas as tardes, pela violacea bruma poente, aquellas velhas obscuras appareciam, solitarias, soturnas, e tomavam directamente o nebuloso caminho do Campo Santo.

As suas tres altas e graves figuras de impressão violenta, talhadas em relêvo forte, evocavam mesmo, juntas, um titanico tercêto dantesco, pela expressão funda e singular, pela magestade sagrada que resaltava dos seus semblantes pállidos e macerados.

Mas, quem olhasse bem para ellas, quem lhes penetrasse as psychologias profundas, sentiria que atravez de toda essa austéra e estranha physionomia pairava uma candura diaphana, a meiga e terna suavidade de Grandes Anjos brancos e piedosos.

O encanto de um sonho, o sentimento de uma infinita nostalgia, dessa nostalgia de seres

emigrados de regiões longiquas e mysteriosas, nimbavam os seus perfis assignalados de uma uncção celeste.

Era como se ellas tivéssem realmente descido dos céus, brancas e archangelícas, as grandes azas excelsas palpitando, o grande resplendor das Omnipotencias e das Graças nas frontes intemeratas, para purificar e tornar perfeitas as pobres almas na Terra.

Toda a intensa e nobre vida affectiva, toda a resignação, todos os abnegados sacrificios, todo o immenso martyriologio humano cantavam elegias, melancolicas sonatas nos seus olhos mysteriosamente nublados pela névoa das desesperanças...

Percebia-se que éram Mães, pelo accentuado das solemnes figuras, pela linha das cabeças sublimadas, grandiloquas, que uma larga auréola de estoicismos circundava, santificando.

Mas, porque a Dôr transfórma as almas mais bellas, faz blasphemar as consciencias mais firmes e crentes, faz poluir de deprecações e anathemas as boccas mais castas, mais impollutas e santas, as tres Dolorosas se transfiguravam, os seus corações traspassados das espadas dilacerantes da agonia infinita, enchiam-se de um torturante fél, de um mal secreto, de uma terrivel

colera sacrilega contra o Vago, o Desconhecido, o Incerto.

E, então, os Grandes Anjos brancos e piedosos éram agora os Anjos Rebellados, illuminados pela luz das Vinganças absolutas, de joelhos junto aos tumulos amados dos filhos, com os braços abertos em extase, na anciedade e palpitação de azas que desejam abrir vôo para além, para além das recordações.

A angustia que lhes agitava os espiritos, a athmosphera circundante: — campas, contemplativos cyprestes, chorões suspirantes, eucalyptus nervosos e contorcidos, a doentia vegetação de todo o Campo Santo, aquelle ambiente carregado de impressionismos lugubres, de silencios penetrantes, de solemnidades pantheistas, davam ás tres velhas e afflictivas figuras uma eloquencia suprêma de Videntes.

A rudeza, as asperesas, os volteios chãos e simples da sua linguagem, vestiam-se, pelo effeito mágico das intuitivas inspirações, de sumptuosos velludos; pompas augustas de phraze davam deslumbramentos inauditos ás suas queixas, illuminavam as suas blasphemias, imponderalisavam os seus sacrilégios, que vinham mais radicaes, mais irrefutaveis que Dogmas!

E as imprecações lhe jorravam vivas e violentas das fundas boccas amargas e murchas...

Uma lividez de desesperos contidos, mais forte lhes avivava a mascara tragica dos rostos engelhados, cujas peles resequidas tinham, por vezes, com a febre interior do sangue, leve brilho fugace.

Ventos desencontrados e duros, sôprando rijos no crepusculamento da tarde, agitavam como frouxas e flébeis córdas d'harpa os fios sonoros e setinosos dos seus cabellos alvos, atravez dos quaes passava uma ligeira musica convulsiva, que os desgrenhava...

E'ram tres pesadellos deblaterantes, hirtos,—cabeças brancas elevadas ao céo, braços espectraes abertos, abertos, abertos na ancia das inconsolaveis saudades, abertos em busca dos bens amados que lhes fugiram, como vasias cruzes de estradas êrmas esperando em vão os Christos mysticos e ensanguentados que imprevistamente as desampararam levados por transluzentes Archanjos invizíveis.

E, das suas fundas boccas amargas e murchas, a linguagem blasphematória, assim épica e transcendentemente, em monólogos, clamava:

—Aqui estou, meu Deus, Senhor! nesta penitencia de angustia, batendo o peito, junto á

sepultura querida do meu filho, murmurando as rézas, as orações da minha Fé.

Tanto que te pedi, tanto que te suppliquei que me deixasse morrer primeiro que o meu Luiz, ou que me deixasses acabar ao menos perto d'elle, para que pudésse cobrir de ardentes beijos os seus olhos azues que eu adorava, as suas mãos que batalháram por mim, sentir o ultimo clarão da sua doce intelligencia e alma pura que só, só para mim viviam, só por mim éram felizes e carinhosas! O meu primeiro filho, que tanta luta me custou, tantos perigos, tantos e tão grandes me fez soffrer! O que eu te pedia, só Senhor! é que me deixasses meu filho, tão rico de mocidade, tão rico de esperança, tão protegido do meu amor e que lá se foi morrer longe de mim, náufrago, nessa cóva medonha do Mar, por uma noite de tempestade, talvez já sem velas o barco e sem ao menos, ah!, quem sabe!, sem ao menos estrellas no céo, Senhor, sem estrellas no céo, Senhor!

Apenas um consolo tive e esse bem amargo, bem amargo do consolo foi.

Quando encontráram o seu cadaver e que m'o viéram piedosamente trazer para que eu o enterrasse, para que eu sentisse a commoção derradeira de vel-o e emfim dar-lhe a sepultura, a

ultima despedida do meu olhar, o desesperado adeus final; quando m'o vieram trazer, quando vi aquelle cadaver amado perto de mim, ah! como estremeci de horrôr e de agonia... Como estava tão mudado, tão desfigurado, tão monstruosamente feio, de tal modo inchado e esverdeado pela asphixia do Mar, que não parecia mais ser elle, o meu filho, o meu Luiz adorado que eu troucéra outr'ora com extremos tamanhos dentro de meu ventre.

Tu, Senhor, apezar de estares em toda a parte, de tudo saberes e advinhares, nunca soubeste o que éra o meu filho, coração simples, religioso e suave como as humildes ermidas brancas, bondade mansa, evangélica como a dos bois que elle pastoreava alegre, cantando...

E como eu me orgulhava quando o via, forte, generoso, franco, leal como a arvore que dá sombra, como a fonte clara e fresca que mata a sêde, como o céo estrellado que dá encanto aos olhos. Oh! como elle percorria aquelles campos intimos da sua mocidade, onde a sua infancia desabrochou como as rosas, onde a sua adolescencia vio e sentio ir embranquecedo os meus cabellos, aprofundando a melancolia das minhas rugas.

Vê tu, pois, que viuvez agora no meu peito, que desconforto na minh'alma, que vasio immenso em torno a mim sem o amparo, a bondade do meu filho, esse bordão seguro a que eu me arrimava na cegueira da minha velhice, o meu filho, a unica, a melhor e maior claridade que illuminou sempre a minha pobre cabeça branca.

O' Deus sem piedade, ó Deus sem religião e compaixão, maldito sejas! Que Satanaz, o Vencido por ti, vingue todas as Mães, vencendo-te, conquistando todo o teu poder, triumphando eternamente de ti nas masmorras negras do Inferno!

E a outra bocca, amarga e murcha, blasphemou então:

—Jesus dos Amargurados, Jesus dos Tristes, Jesus dos Desamparados! A mim roubaste a filha, a minha idolatrada filha; e, tão sem piedade o fizéste, que não foi até mesmo um castigo que mandaste pelos meus peccados, foi um crime que commetteste. E tão sem misericordia, com tamanha crueldade, que tu não paréces, Jesus, filho dessa angélica Maria que allucinada gemeu e se desolou teus martyrios!

Roubaste a minha filha quando ella éra noiva, quando estava a cingir a grinalda branca

e virgem, quando estava a galgar, timida, com os pudôres da puberdade, o altar sagrado, sob o véo resplandescente como um pedaço de nuvem do teu céo estrellado !

Como hei de viver sem o seu encanto, sem a candidez da sua alma, como me hei de tranquillizar neste deserto onde vivo sem ella, onde existo, solitaria, sósinha por este Mundo, inteiramente sósinha, como perdida n'uma escura floresta, n'um lodaçal sinistro, ouvindo uivar lobos ?

Pois não te bastava tanta vida que ceifas dia a dia, tanta lagrima que fazes correr em silencio ? Não te saciáram já tantas e tão preciosas existencias que levaste, éra preciso ainda roubares minha filha, formosa e já noiva, radiante da alegria de ser depois tambem mãe coma eu ?

Ah ! se tu soubésses, quando ella adoeceu, que cuidados, que sacrificios, que vigilias, quanto doloroso esforço para dar-lhe logo a saude !

Eu te pedi tanto, te suppliquei tantas vezes de joelhos, roguei tanto á tua Omnipotencia, tanto me affligi e cancei pedindo o teu soccorro para ella e, no entanto, foi tudo inutil, o teu desdem me ferio, o teu despreso me apunhalou e tu de repente a levaste, ella, afinal, morreu...

Depois, quanda a vi completamente morta nos meus braços, como soffri, quantos padecimentos horriveis, que chôro perdido e convulso me suffocou a garganta, que delirio me accommetteu!

Ah! foram estas mãos magras, esqueléticas, estes dêdos ressequidos que lhe collocáram, tremulos de commoção, dolorosamente internecidos, a grinalda e o véo de noiva de que ella foi vestida. Foram estas mãos cadavéricas que ornáram aquella cabeça loura, linda; que ageitaram com delicadeza entre aquelles admiraveis cabellos os niveos botões das flores de larangeira; que collocáram entre aquellas mãos gentis e enregeladas o ramo branco symbolico, o crucifixo de marfim e o pequeno missal azul de fechos de prata.

Depois, depois, já deitada no caixão, n'um somno sereno de Cherubim, quando uns homens vestidos de negro, indifferentes, de certo, estranhos á minha dôr, viéram arrancal-a, arrebatal-a de junto a mim, estremeci tanto, tantos abalos me atravessaram, tantos e tamanhos horrôres, tal luz allucinante me cegou os olhos, que eu pensei enlouquecer de tormentos, cahida de bruços, soluçando, chorando, gemendo sobre o caixão medonhamente fechado que para sempre a levava...

Ah! nunca pensei que aquelle corpo adorado que vi crescer e florescer aos poucos, ganhando graça e bellêza, descesse tão cêdo ao irremediavel apodrecimento; que o branco enxoval perfumado, feito com carinho, com alegria feliz, com todo o enternecimento, servisse apenas para tão depressa amortalhal-a !...

Jesus das suprêmas bençãos, dos infinitos perdões, dos infinitos consolos, das infinitas misericórdias! Do fundo do meu coração despedaçado de saudades, de desesperanças, de afflicções, eu te lanço todas as blasphemias, todos os anathemas, todo o fél á tua Inclemencia!

E a ultima, amarga e murcha bocca, ainda deprécou assim, mais convulsa e violentamente que as outras :

— O' Santa Virgem das Dores, Mãe de todos os desamparados, de todos os sós, de todos os famintos, de todos os cégos, de todos os nús, de todos os Jobs, de todos os desilludidos! Como tu foste desnaturada para mim! Que angustias me reservaste! Que tormentos! Que dilacerações! Que prantos! Que dôres! O' Santa Virgem dos Martyrios! Mãe vã, que concebeste por obra e graça do Espirito Santo! Mãe sem Maternidade verdadeira, sem o parto brutal e ensanguentado do teu Filho, sem os olhos d esvairados no

humano transe de dar á luz, sem as entranhas rasgadas, despedaçadas, sem os gritos horriveis, sem os espasmos catalépticos, sem os lethargos febris! O' Mãe sem nervos e sem sangue, sem estremecimentos, sem sensibilidades, sem extases, sem frémitos, sem convulsões da carne na hora augusta de gerar, ah! como tu dilaceraste entre os teus dedos sagrados, como entre garras ferozes, o meu humilde e frágil coração materno! N'um só dia, por um sêcco simoun de péste, levaste todos os meus tres filhos, negros e apodrecidos ainda quentes pelo atroz phantasma da morte.

Pequeninos, anjos que eram, dizem, talvez para me consolar agora, que elles fôram para o Céo. Mas, no Céo, no Mar, na Terra, mortos como estão, tudo são cóvas, Virgem das Dôres, tudo são covas e eu bem sei que elles jazem enterrados, medonhamente enterrados!

No entanto, quando as chuvas são torrenciaes, á noite, e o vento ruge com violencia, arripiando as arvores, vento gemente e gelado de tempestade, ah! como parece á minha pobre cabeça dolorida e tresloucada de Mãe sem consolo, tristemente horrivel o frio que elles hão de sentir lá, lá em baixo desses buracos negros! Como parece aos meus extremos allucinados, á minha

afflicção de demente que elles hão de tiritar sem remédio dentro dessas cóvas, sósinhos, lá, tão fundo, tão fundo nas sepulturas !

Eu bem sei e bem sinto ainda agora com os meus brancos cabellos arripiados de pavôr até á raiz, que linguas e dentes glaciaes de vérmes os devoráram sem se saciarem ; que nunca mais os beijarei como outr'ora ; que não terei, palpitando mais, aquecendo-se ao meu seio protector, aquelles corpos tenros, delicados ; que tudo, afinal, acabou, acabou, Santa Virgem das Dôres, Maria ! Mãe ! Mãe desnaturada que eu d'aqui amaldiçôo, n'uma imprecação selvagem, atirando pragas profundas como facadas contra a sementeira improductiva da tu'alma...

Não é só em nosso nome mas em nome de todas as mães que te fallamos nós tres, que pela grandeza do Amor que nos liga e sublimisa descendêmos directamente do Christianismo e somos tres apenas, representando juntas o sentimento uno da Maternidade.

E' em nome de todas as mães que vem soffrendo desde o principio do mundo que nos dirigimos a ti : das mães que viram seus filhos morrêr na guilhotina ; que os perdêram nas guerras, rasgados os ventres por bayonetas e por metralhas ; que os viram devorados pelos

incendios; que os soubéram naufragados, na agonia horrivel das ondas, ou mortos nas minas, operarios miseros, ou loucos, andando como phantasmas, ou cégos, caminhando como sombras.

Ah! é por tudo isso, por todo esse infinito de dôres que eu me rebéllo contra ti, que eu te amaldiçôo, que eu te amaldiçôo, que eu te amaldiçôo! Tres vezes! Em nome do Diabo Todo Poderoso, Creador do Inferno e do Mal! Eu te amaldiçôo! Eu te amaldiçôo! Eu te amaldiçôo! Que tu te transfórmes na serpente negra que tens aos pés sobre a esphéra estrellada e azul e que uma péste barbara, infernal, péste de fome e fogo, dessóle, extermine esse teu Céo fatal, gangrêne esse teu Paraiso falso, cujas bemaventuranças são mentiras, cuja piedade e consolação só trazem crueis e atterradôras torturas!

E, a cada monólogo, os braços esqueléticos dessas tres piedosas figuras, assim tão profundamente transfiguradas pela Dôr, agitavam-se, debatiam-se no ar aflictivamente, aflictivamente, abertos ás inexprimiveis magestades da solidão do Campo Santo.

Os eucalyptus, cyprestes e chorões, como que impressionados, tocados da emoção que se derramava em fluidos magnéticos desse tremendo

tercêto dantesco, espiritualisavam-se de segredos somnambulos, gemendo baixo nas nervosidades e retorcidos movimentos convulsos, epilépticos, das melancólicas ramagens.

Mas, de repente, nas cópas mais densas e altas das grandes arvores corpulentas, os ventos como titans despenhados, sopráram tôrvos, attroantes trovejamentos; emquanto grásnos corvejantes de bruxas iam sarcasticamente crocitando rispidas, rápidas risadas, atravez das finas e sensibilisadas casuarinas siflantes e dos cyprés-tes vetustos...

A noite, desabrochada na Amplidão com estranho esplendor tenebroso, florira de estrellas claras ao alto.

Em torno, d'entre os montes longiquos, uma scintillante neblina fria vinha então harmoniosamente emergindo, emergindo, e, subito, o plenilunio cydrento, de marfinal claridade mortificada, ondulou e fulgio sereno sobre a paysagem da Morte.

E as tremulas Velhas symbólicas, arrebatadas n'uma mesma fébre, levadas por igual allucinação de dôr, já de pé sobre a terra humida e revôlta das ultimas cóvas, clamavam ainda em côro:

—Maldição! Maldição! Maldição! desapparecendo depois silenciosas, como almas esquecidas

n'um abandono de ruinas antigas, por entre as sombras esparsas — Grandes Anjos Rebellados, de azas impotentes, vencidas, com os dolorosos vultos funéstos agora parecendo mais altos, quasi gigantescos, mais velhos, mais brancos, mais mysteriosamente alvejados e findos sob a volupia triste, a mágoa muda do luar elegiaco e macerado...

UM HOMEM DORMINDO...

Les hommes endormis et les hommes morts ne sont que de vaines peintures.

(SHAKSPEARE) MACBETH.

Eil-o, na noite, apoz as inclementes fadigas do dia, corpo estirado sobre o leito, gozando o repouso de algumas horas, mudo e immovel dormindo . . .

O descanço, como um bem misericordioso, como um óleo consolador, unge-o voluptuosamente, emquanto a grande aza crepuscular da ave taciturna da Scisma faz-lhe uma sombra piedosa, grave e doce como uma benção paterna, em torno do corpo cançado.

Na indifferença quasi da morte, que o envólve todo de um vago esquecimento das cousas, deitado sobre o leito, como estirado sobre a terra, com a face mergulhada n'um meio-luar galvanico de lividez, esse homem de hombros

vigorosos e largos, de torax poderoso, de estatura gigantesca, hercules fatigado e melanchólico da Natureza, talvez o vencedor de batalhas formidaveis, parece, agora, tão pequeno, deitado!

De pé, ha pouco no dia, caminhando, andando, gyrando no absurdo Contingente, sob as guerras armadas da Vida, como esse homem se projectava verdadeiramente grande, se compenetrava do valôr do aço do seu peito, se illudia a si mesmo com os seus invejaveis musculos, com a sua forte andadura de animal de campanha— lésto, tenaz, recto, preciso e affouto nas distancias e nas culminancias a galgar!

Mas, agora, deitado no leito, como esse homem forte paréce fraco, como toda a sua força herculea se evaporou á tôa pelos intersticios da prisão brumal do somno e, como simplesmente, mas fatalmente elle recórda, exprime bem a rastejante attitude de um verme!

Ha n'elle a expressão do mais completo aniquilamento, da mais funda inanição; elle sente-se suffocado pelos espectros subrépticios do Nada que vertiginam e ródam em torno ao eterno absoluto.

Deitado, dormindo, elle não é mais o homem, mas o silencio, o vácuo, o além, o esquecimento. Dormindo, elle consérva essa apparencia,

essa abstracção afflictiva, essa espasmada allucinação de um ser que já foi ser, de uma voz que se tornou mudez, de um movimento que se fez impassibilidade.

Não importa mesmo que todos os seus orgãos não estejam totalmente paralysados, sob camadas lethaes de gelo. Mas a expressão do somno é por tal fórma auréolada de mysterios, taes segredos escapam dessa indifferença, que o homem que dórme estirado no leito fica nesse momento mais indefeso, mais frágil e mais inócuo do que uma creança, que na sua vibrante garrulice côr de rosa e crystalina, impõe mais acção, mais vida, disprende mais rhythmos e accórdes do sangue, projecta mais ondas sonóras e nervosas de movimento.

Pelo estado inérme desse homem que está dormindo paréce que uma força occulta, uma catastrophe inesperada, invisivelmente suspensa ha muito sobre a sua existencia, vai, afinal, certeira e rápida, desapiedadamente esmagar-lhe, cahindo dos altos Destinos, a atormentada e vaidosa cabeça com a mais natural facilidade. Pois não é tão facil, sem duvida, destruir um obscuro reptil que se arrasta na terra ?!

Toda a sua coragem louca de guerreador da Existencia, toda a aspiração allucinada, todo o

sonho de Infinito que lhe povôa a alma, sem mesmo elle se aperceber d'isso, e que ás vezes, por acaso, escapa, trahindo-se pelo brilho mysterioso dos olhos e por vagos, perdidos suspiros desolados que elle desprende á tôa, sem mesmo saber porque, na inconsciencia dos phenomenos ingénitos do seu ser; tudo isso está por algum tempo desvanecido, apagado, sumido já n'essa amesquinhada posição de homem deitado, a quem, só falta, cerradas como estão as palpebras, cruzar sobre o ventre as mãos e unir os pés para semelhar um morto.

Entretanto, no silencio e na sombra desse somno como que se está gerando secrétamente, subtilmente e profundamente, átomo a átomo, um mundo de phenomenos, uma tragédia muda de phenomenos.

Entretanto, assim parecendo despreoccupado dos segredos e signos da Vida, renunciando a tudo, agora, nesse aspecto de apparente tranquillidade simples do somno, elle está alli curiosamente, em fundas brumas, vivendo uma alta e intima vida psychica muito mais intensa, muito mais compléxa e preoccupada do que a outra.

Porque ninguem sabe que, a seu pezar, elle, por mil subtis combinações transcendentes e engenhosas do querer latente do seu organismo

anhelante deseja attingir, tocar e radiar entre as esphéras sideraes do magestoso Espirito.

Porque mesmo não ha alma nenhuma, por mais vã, por mais humilde, por mais obscura que seja, que não aspire subir, por secretos movimentos instinctivos e intuitivos, que são as transfulgentes escadas do Abstracto, ás transfiguradoras montanhas do Sonho, ao desenvolvimento melhor, á pura perfectibilidade; penetrar, consolada, alheiando-se de tudo, nas transcendentalisantes auroras boreaes do Sentimento, satisfasendo assim, embóra inconscientemente, a anciedade de Infinito que cada alma traz mais ou menos em si, por maior ou menor que seja a esphéra de acção onde ella gravite.

No somno como que esses phenomenos tomam vulto, coméçam a gyrar, a gyrar, a gyrar, em iris de sensibilidade, em halos de lua, na Imaginativa do homem dormindo, cujo fundo vago carregado de narcotismos e de ópios secretos e fascinantes fica como uma rara região, rara e polar, gerando flores exoticas de quintescencia.

E nas volupias e melancholias do somno a alma paira absôrta, perpléxa, tacteando em brumas maravilhosas, como celeste céga de sêde da Immortalidade, nos circulos convulsos das lagrimas...

Véos diaphanos adelgaçam-se para além da visão terrena! Véos de fimbrias de luar! Véos de scentelhas de luar! Véos de fogos fátuos de luar!

E o ser, mudo, solitario, solemne, pállido, indifferente, mysterioso, fugitivo, tragico, bello, horrivel, no espasmo elixirico do somno, dormindo, dormindo aspira, dormindo, dormindo anceia, dormindo, dormindo gósa e sóffre e geme e soluça e suspira e chóra para além da outra vida dos sentidos encarcerados no somno e na outra vida do somno sonha com a Morte libertadôra, engrinaldada de virgem, esqueleto estravagante de nervosismos e hysterismos terriveis e curiosos de Eternidade,—noiva do Soluço, branca, friamente bella e branca, de um terror que vence, que attráe, que esmaga, e que faz delirar de sinistra magestade e de sinistra belleza.

E' que o ser bebeu, esgotou até ás fezes o licôr sombrio, taciturno e estranho do somno pelo calix amargo da Fadiga e ficou embriagado de sombra, vencido de sombra, desceu ao pôço cheio de scismas e pezadellos do Nada para no Nada dormir anciando, para no Nada viver dormindo, para no Nada dormir sonhando...

O somno em que elle está embalsamado põe-lhe em torno á fronte fatigada uma auréola

de martyrio, mas de um martyrio tão singular e tão abstracto que parece como que glorifical-o, immortalisal-o, dando-lhe a apparencia secréta de estar gozando um gozo muito bello e muito triste, vagamente empoeirado de Esquecimento...

Nessa hora de descanso transitorio, a magoa, os dissabores, os infortunios inclementes, as desgraças sem remedio, as paixões desmanteladas e sem termo, as afflicções, os desesperos, os sentimentos obscuros que revéstem uma expressão magicamente cabalistica, toda essa horrivel escalla humana de desventuras e misérias, tudo está, por um pouco, sem movimento, inérte, como animaes de emboscada, á socapa, eternamente de espreita na vida desse homem, esperando que elle de novo accórde para de novo assaltal-o e para de novo vencel-o.

E ah! como a esse homem que dórme estirado no leito da sua noite de misero e ephemero repouzo, quasi mergulhado na calma negra da morte, ha de talvez parecer sempre essa noite, pútrida, esverdeada e formidavel valla commum onde pódem perpetuamente caber biliões e biliões de corpos humanos!

NO INFERNO

Mergulhando a Imaginação nos vermelhos Reinos feéricos e cabalisticos de Satan, lá onde Voltaire faz sem duvida accender a sua ironia rubra como tropical e sanguineo cactus aberto, encontrei um dia Baudelaire, profundo e livido, de clara e deslumbradora belleza, deixando fluctuar sobre os hombros nobres a onda pomposa da cabelleira ardentemente negra, onde dir-se-hia viver e chammejar uma paixão.

A cabeça triumphante, magestosa, vertiginada por caprichos d'omnipotencia, circulada de uma auréola de espiritualisação e erguida n'uma attitude de vôo para as incoerciveis regiões do Desconhecido, apresentava, no entanto, immenso desolamento, apparencias pungentes de angustia psychica, fazendo evocar os vagos infinitos mysticos, as supremas tristezas decadentes dos opulentos e contemplativos occasos...

Como que a celeste immaculabilidade, a candidez elysea de um Santo e a extravagante, absurda e inpuisidora intuição de um Demonio dormiam longa e promiscuamente somnos magos n'aquella ideal e assignalada cabeça.

A face, branca e languida, escanhoada como a de um grego, destacava calma, n'um vivo relevo. d'entre a voluptuosa noite de azeviche molhado, poderosa e tépida, da ampla cabelleira.

Nos olhos dominadores e interrogativos, cheios de tenebroso esplendor magnetico, pairava a anciedade, uma expressão miraculosa, um sentimento inquietador e eterno de Nomadismo...

A bocca, lasciva e violenta, rebelde, entreaberta n'um espasmo sonhador e allucinado, tinha brusca e revoltada expressão dantesca e symbolisava aspirar, soffregamente, anhelantemente, intensos desejos dispersos e insaciaveis.

Parecia-me surprehender n'elle grandes garras avassalladoras e grandes azas geniaes archangelicas que o envolviam todo, condoreiramente, n'um vasto manto soberano.

Era no esdruxulo, luxuoso e luxurioso parque de Sombras do Inferno.

Em todo o ar, d'envolta com um cheiro resinoso e acre de enxofre, evaporisava-se uma

azulada tenuidade brumosa, fazendo fugitivamente pensar no primitivo Cháos d'onde lenta e gradativamente se gerāram as côres e as fórmas...

Como que diluente, fina harmonia de violinos vagos abstrusamente errava em rhythmos diabolicos...

Arvores esguias e compridissimas, em alamedas interminaveis e sombrias, lembrando necropoles, apresentavam troncos estranhos que tinham aspectos curiosos, conformações inimaginaveis de enormes toraxes humanos, fazendo pender phantasticas ramagens de cabellos revoltos, desgrenhados, como por estertorosa agonia e convulsão.

Pelas longas alamedas exóticas do fabuloso parque, deuses hirsutos, de patas caprinas e pelluda testa cornóide, riam com um riso aspero de gonzo, n'uma dança macabra de gnomos, cabriolando bizarros.

De vez em quando, as suas azas fulgurantes, furta-côres e fórtes, ruflavam e relampejavam...

Baudelaire, no entanto, sumptuoso e constellado firmamento de alma reflectindo em lagos esverdeados e mórnos, d'onde fecundas e exquisitas vegetações como que somnambula e nebulosamente emérgem, estava mudo, immovel, com

o seu perfil suavemente cinzelado e fino, fazendo lembrar a figura austéra e altiva, a alada graça perfeita de um deus de crystal e bronze,—tranquillamente de pé, como n'um sólio real, na posição altanada de quem vae proseguir nos excélsos caminhos dos inauditos Designios...

Por conhecer-lhe os impetos, as allucinações da audacia, as indomabilidades esthesiacas, os alvorôços idyosincraticos da Phantasia, eu imaginava encontral-o, vêl-o revôltamente arrebatado para os convulsos Infinitos da Arte por potentes, negros e rebellados corcéis de guerra.

Mas, a sua attitude serena, concentrada, isolada de tudo, trahia a meditação absorvente, fundamental, que o encerrava transcendentemente no Mysterio.

E eu, então, murmurei-lhe, quasi em segredo:

— Charles, meu bello Charles voluptuoso e melancolico, meu Charles *nonchalant,* nevoento aquario de spleen, propheta musulmano do Tédio, ó Baudelaire desolado, nostalgico e delicado! Onde está aquella rara, escrupulosa psychose de som, de côr, de aroma, de sensibilidade; a febre selvagem d'aquelles bravios e demoniacos cataclismos mentaes; aquella infinita e arrebatadora Nevrose, aquella espiritual doença que te enervava

e dilacerava? Onde está ella? Os thezouros d'ouro e diamantes, as pedrarias e marchetarias do Ganges, as purpuras e estrellas dos firmamentos indianos, que tu nababescamente possuiste, onde estão agora?

Ah! se tu soubesses com que encanto ao mesmo tempo delicioso e terrivel, ineffavel, eu góso todas as tuas complexas, indefiniveis musicas; os teus asiaticos e lethificos arômas de ópios e de nardos; toda a myrrha arabica, todo o incenso lithurgico e estonteante, todo o ouro régio thezourial dos teus Sonhos Magos, magnificentes e insatisfeitos; toda a tua frouxa morbidez, as doces preguiças aristocraticas e edenicas de decahido Archanjo enrugado pelas Antiguidades da Dôr, mas inaccessivel e poderoso, mergulhado no cháos fundo das Scysmas e de cuja Omnisciencia e Omnipotencia divinas partem ainda, excelsamente, todos os Dogmas, todos os Castigos e Perdões!

Oh! que demorados e travorosos sabores experimento com o quebranto feminil das tuas volubilidades mentaes de bandoleiro...

Essa alma de funestos Signos, como que gerada dentro de atordoante e feiticeiro sol africano, com todas as evaporações flammivomas, com todas as barbarias das florestas, com todo o

vácuo inquietante, desolador, inenarravel, dos desertos, flexibilisa-se, vitrabilisa-se, adquire suavidades paradisiacas de açucenaes sidéreos, do céo espiritualisado pelos mortuarios cyrios rôxos dos occasos...

Açula-me a desvairadora sêde, espicaça-me a anciedade indomavel de beber, de devorar, sorvo a sorvo, soffregamente, o extravagante Vinho turvo, de lagrimas e sangue, que orvalha, como um suor de agonias, todas essas olympicas e monstruosas florações do teu Orgulho.

Ah! se tu soubesses como eu intensamente sinto e intensamente percebo todos os teus alanceados, lacerados anceios, todas as tuas absolutas tristezas dormentes e magestosas, o grande e longo chorar, o desmantelamento vertiginoso das tuas noites soturnas, as fascinadoras ondas febris e ambrosiacas da tua insana volupia, as bizarrarias e milagrosos aspectos da tua Rebellião sagrada; a fulminativa ironia dolorida e gemente, que evoca melancholias de dóbres pungentes de Requiem æternum rolando atravez de um dia de sol e azul, vibrados n'uma torre branca junto ao Mar!... Como eu ouço religiosamente, com uncção profunda, as tuas Préces soluçantes, as tuas convulsas orações do Amor! Como são fascinativos, tentadores e embriagantes, os perfumosos

phalérnos da tua sensação, os esquecidos Reinados ennevoados e exóticos onde a tua clamante e evocativa Saudade implorativa e contemplativamente canta, ondula e freme com lascivia e nonchalance! A tua inviolavel e millenaria Saudade, velha e antiga Rainha desthronada, aventurosa e famosa, que érra nos brumosos e vagos infinitos do Passado, como atravez das luas amarguradas e taciturnas do tempo. A tua lancinante Saudade de beduino, perdida, peregrinante por paizes já adormecidos nas éras, remótos, longe, nos neblinamentos da Chiméra, onde os teus desejos agitados e melancolicos tumultuam n'uma fébre de mundos multifórmes de gérmens, em estremecimentos sempiternos; onde as tuas caricias nervosas e felinas sybaritamente dormem ao sol e espójam-se com sensualidade, n'um excitamento vital frenético de se perpetuarem com os arômas cálidos, com os cheiros fórtes que impressionativos e aphrodisiacos provócam, atacam, cocégam e férem de extrema sensibilidade as tuas aflantes e capras narinas.

Ah! como eu supremamente vejo e sinto todo esse esplendor funambulesco e todas essas magnificencias sinistras do teu Pandemonium e do teu Te-Deum!

O' Baudelaire! O' Baudelaire! O' Baudelaire! Augusto e tenebroso Vencido! Inolvidavel Fidalgo

de sonhos de impereciveis elixires! Soberano Exilado do Oriente e do Léthes! Tres vezes com dolencia clamado pelas fanfarras plangentes e saudosas da minha Evocação! Agora que estás livre, purificado, pela Morte, das argillas peccadôras, eu vejo sempre o teu Espirito errar, como vehemente sensação luminosa, na Alleluia fúlgida dos Astros, nas pompas e chammas do Septentrião, talvez ainda sonhando, nos extases apaixonados do Sonho...

E a singular figura de Baudelaire, alta, branca, fecundada nas virgens florescencias da Originalidade, continuava em silencio, impassivel, dolorosamente perdida e eternisada nas Abstracções supremas...

E, emquanto elle assim immergia no Intangivel azul, velhos deuses capros, teratologicos Diabos lubricos e tábidos, desapercebidos desse egrégio vulto satanico, scysmativo e sombrio, dançavam, saltavam, infernalmente gralhando e formando no ar quente, em vertigens de diabolismos, os mais curiosos e symbólicos hieroglyphos com a flexibilidade e deslocamento acrobatico e magico dos hirsutos corpos pelludos e elasticos...

Mas, em meio do mysterioso parque, elevava-se uma arvore estranha, mais alta e prodigiosa que as outras, cujos fructos eram astros e cujas

grandes e solitarias flores de saugue, grandes flores acérbas e temerosas, flores do Mal, ébrias de arômas mórnos e amargos, de dolencias tristes e bhúdicas, de inebriamentos, de segredos perigosos, de emanações fataes e fugitivas, de fluidos de venenosas mancenilhas, deixavam languidamente escorrer das pétalas um oleo flammejante.

E esse oleo luminoso e secréto, escorrendo com abundancia pelo maravilhoso parque do Inferno, formava então os rios phosphorescentes da Imaginação, onde as almas dos Meditativos e Sonhadores, tantalisadas de tédio, ondulavam e vagavam insaciavelmente...

A NODOA

N'aquella hora de super-excitação nervosa, tarde na noite nevoenta em que os ventos lugubremente grasnavam, rondando, rondando, Mauricio entrou agitado da rua...

Via-se bem, pela lividez espectral do seu rosto, os tumultos sinistros que trazia comsigo.

Com o cérebro escaldando, n'uma temperatura mental inconcebivel, parecia que alguma cousa dentro do seu ser estava sendo guilhotinada e que grandes, caudalosas torrentes de sangue vivo, quente, o alagavam interiormente, deixando-o exangue, desfallecido...

Era, na verdade, um aspecto extravagante o desse cardiaco lascivo, desse neurasténico que o alcool andava aos poucos devastando e povoando já das suas visões trementes e delirantes, lá do fundo absynthico das impenitentes bohemias; desse sombrio e ferrenho misanthropo fechado ao alto da sua velha torre tôrva de melancholia,

sentindo em torno o mundo, grosso mar vasto, ullulando deprecações...

Cabellos em desalinho, olhos estupefactos, bocca n'um espasmo de angustia, mãos convulsas e avelhantadas, braços tacteando o ar como garras, pérnas tremulas, tudo n'aquella desgraçada materia determinava uma vulcanisaçã muito intima, um desespero muito particular, talvez o desmoronamento absoluto.

Era o lance cruel de uma dessas vidas despedaçadas, dilaceradas, sem centros harmonicos de um objectivo ideal, sem pontos de apoio, gyrando fóra das órbitas da unidade dos sentidos e que vagam, de um a outro extremo da alma, de um ao outro polo do ser, sem uma luzerna, sem um santélmo, sem Refugios interiores, quasi o vácuo de si proprias, batidas por um frio sinistro de desolação, sob a lei inexoravel, horrivel, dos desiquilibrios e degenerescencias. Demonios morbidos, fataes, arremessados á terra para cobril-a, como de um luto de péste, do sentimento negro, pervérso, infernal, do anniquilamento e das culpas.

Qualquer cousa de curioso, de secreto, davase, sem duvida, no fundo dessa exepcional natureza que a noite tanto e tão intensamente carregára dos seus esparsos fluidos mysteriosos.

Apenas mergulhado no aposento, triste tugurio abandonado e frio, accendeo logo, com a mão febril, nervosamente, a pequena lampada que pousava sobre um velho móvel querido que alli jazia como a recordação de vagos e inolvidaveis tempos...

Assim que a luz coou em torno a sua tibia claridade amarellenta Mauricio approximou-se da luz, soffrego, a fronte em suór, n'uma anciedade muda.

Em sobresaltos, inquieto, palpitando, nervoso, cada vez mais nervoso, uma agitação continua na pupilla, quasi n'um delyrio, arrastado por curiosidade torturante e ao mesmo tempo por medo avassallador, chegou uma das mãos á luz, approximou-a da luz, approximou-a mais da luz, quasi a fazendo arder, crepitar, estalar na chamma da luz, inquirio mentalmente toda a palma da mão, o cabalistico M lethal, as unhas, uma por uma as phalanges, novamente a palma da mão, examinou-a, palpou-a, analysou-a longamente, demoradamente, com movimentos singulares de somnambulo e de mago, conservando no rosto tal expressão horrivel, tal expressão transfigurada que não era mais deste mundo...

E elle olhava e tornava a olhar para a mão, a prescrutal-a bem, detendo-se em cada linha, em

cada traço da mão, como sob impressão magnética.

—Mas, não, não! dizia, arripiando o labio n'um velado sorriso contrafeito, macabro. Não! Eu vi! Eu vi! Eu bem lhe fui acompanhando a gradação, o vulto que fazia aqui em toda a mão; a principio tenue, leve, pequena; depois grande, densa e negra, enchendo a mão toda pavorosamente, reptilmente rastejando, pondo-me calafrios tremendos na espinha. Sim! Eu bem a vi, aqui, aqui, persistente, entranhada, a horrivel nódoa negra, manchando-me a mão toda, não sei como, não sei d'onde mandada.

E os outros que lá estavam tambem como eu no cabaret, na sua hora d'alcool, sentiram-me a obsessão e riram e perguntaram se eu não estaria louco, se não era de facto um demente.

Mas eu ouvi e nada lhes disse, nada lhes respondi porque eu bem via, bem estava vendo a nódoa tomar-me pouco a pouco conta de toda a mão, alastrar-se por ella, negra, em breves momentos. Eu bem a vi! E o que importava o desdem ou a indifferença dos outros, o ridiculo que os outros me lançassem, se só eu a via, só eu! unicamente eu percebia que ella cá estava, funda, intensa, sem que eu a pudesse extinguir, fazel-a desapparecer para sempre. Sim! Ella cá

estava! Senti então de repente um pavôr maior lembrando-me se ella me tomasse o corpo todo, me subisse pelo tronco, me manchasse o rosto, envolvendo-me tenebrosamente na sua oleosa baba negra. E assim pensando parecia-me estar já avassallado por ella, que me cobria como de um manto funebre.

E nesta suggestão doentia, n'uma extraordinaria vibração de nervos, que titilavam de horror, voei pelas ruas em busca de repouso em meu triste aposento, pois era tão forte a obsessão, tão violenta, punha-me em tal estado, que até julguei, com essa infantilidade ingenua que nos transfigura nas intimas e esmagadôras afflicções, que desappareceria aquella nodoa lugubre logo que eu estivesse tranquillamente repousado.

Sim! este meu triste, generoso e leal aposento que com tanto e tanto carinho me acólhe sempre na hora do meu grande abandono, dos meus extremos desfallecimentos, saberia condensar todas as suas diluentas amarguras, todas as suas queixas secrétas, todas as suas magoas esparsas, dar-lhes corpo, dar-lhes vida e alma para, consolando-me, trazer calma piedosa a esta minha agitação profunda.

Com effeito, agora, olho e torno a olhar para a mão e nada encontro n'ella, nada do que eu vi,

porque eu vi! Não encontro mais a nodoa, não está cá. Olho e torno a olhar, reparo, observo bem tudo e não encontro, não vejo mais a nodoa...

E não a vejo, mesmo, por mais que examine, em nenhuma das mãos! Ah! respiro! Não a vejo em nenhuma das mãos! Respiro, emfim! Que allivio! Que allivio suprêmo!

Foi, sem duvida, foi loucura minha, neblinoso torpôr de embriaguez, visão, sombra, pezadello de momentos. Tinham razão os outros em rir... Foi simples loucura minha, simples loucura minha, simples loucura minha!

Entretanto, como se uma diabolica força occulta no seu pobre cérebro demente insistisse, agisse dentro d'elle com perversa e feroz tenacidade calculada, fisgando-lhe as aréstas crúas e agudas de cerrada argumentação casuistica, mas em certos planos, de certo modo, irrefutavel, Mauricio collocou-se diante de um espelho oval que havia no aposento, e mirou-se bem n'elle, com attenção, com minucia.

Como que queria reconhecer-se, como que acreditava ter perdido a legitimidade do seu ser, terem reapparecido, por um d'esses incomprehensiveis phenomenos nervosos, a perfeita identidade das suas feições, as linhas do seu semblante, da

sua natureza, e com ellas a sua propria sensibilidade.

Mas, não! Elle alli estava, vendo-se apenas tão desfigurado, tão abatido, com esse aspecto vago, ignóto, retrospectivamente antigo, de quem já além viveu... Quasi se desconhecia! Não era mais o intrépido, o affouto Mauricio de outr'ora, que a bravura de sentimentos bizarros illuminava de esplendor e força. Não era mais o adolescente, amado desse amor frivolo da mundanal mocidade, e cuja alma engrinaldava-se de rosas, esmaltava-se d'estrellas, vibrava de canções e canticos, na frescura e no azul matinal de um idyllio que lhe parecia eterno. Não era mais esse Mauricio que atravez dos longos rumos do tempo se perdêra e desapparecêra...

Era agora um outro Mauricio, todo vivamente abalado, é certo, por inquietos sonhos de indeffinivel anciedade, mas por isso mesmo acabando, findando já para tudo.

Na encruzilhada dos caminhos que percorrêra, elle, imbevecido, perplexo, como que divulgava, pela curiosa, desoladôra e ironica suggestão do espelho, duas nobres figuras de ineffavel expressão contemplativa que se enlaçavam n'um ampléxo enlevativo e saudoso de idolatrados

sentimentos velhos, surgindo das brumas algidas do Esquecimento.

Uma d'essas figuras o olhava, attenta, nova e cariciosamente risonha, na meiguice mais candida, a cabeça loira pendida n'uma attitude de enternecimento supremo.

Igualmente o olhava a outra, subjugada pela febre devoradora do desespero, curvada de annos, por entre rugas e soluços... E ambas essas figuras evocativas se enlaçavam, emocionantemente se enlaçavam, do fundo sombrio e longinquo d'aquelle espelho, no abraço extremo, profundo, infinito, como que fundidas na mesma apaixonada e embriagada convulsão da Vida...

E, então, por uma exquisita affinidade de pensamento, como se por acaso mais essa outra obsessão da identidade perdida desnaturasse o rumo lógico do seu raciocinio, esclarecendo, mesmo por esse facto e com igual irrefutabilidade, o phenomeno da nódoa que o perseguia, Mauricio espalmou diante do espelho ambas as mãos, certificando-se de tudo, pois até quasi lhe parecêra, na agonia cruciante d'aquellas implacaveis conjecturas psychicas e por lenta comprehensibilidade nebulosa, labyrinthica do cerebro, mesmo por certa infantilidade demente, que o espelho,

reflectindo assim sobre o seu busto, desnevoaria, arrancaria mais depressa toda a fatal verdade sobre a nódoa do que apenas a simples chamma dubia e ammarellenta da doce luz da lampada.

E o espelho, no seu fundo glacial de bocca turva, crepusculada, de pôço; cóva de névoas e treva de onde n'aquella hora se desenterravam todos os seus Affectos; alma de crystal onde um delicado sentimento de esquecimento e de saudade parecia estar diluido; o espelho, naquella alta hora nocturna dormente e somnolentamente mergulhado na doce luz amarellentada, da lampada, lembrava brumoso valle de lagrimas aureolado de luar...

E Mauricio revia-se no espelho, consultava-o, analysava, commentava, analysava os proprios refléxos e mutismo do espelho; feria a fina córda vibratil dos seus nervos, dos seus sentidos de desiquilibrado, de impotente, monologava com elles e esse exame tão detalhado, tão minudente, tão penetrante, dava-lhe certa attracção doentia, certa volupia martyrisante, certa lassivia de angustia.

Mas, nada. Mesmo ante o espelho elle não distinguia nada nas mãos, nem no rosto, nem em parte alguma do corpo. Estava salvo, effectivamente estava salvo do caprichoso e funésto

abalo que o sacudira e gelára! Estava salvo! Estava salvo!

N'isto, de repente, como se com aquellas arguições e investigações mentaes tivesse dispertado, provocado violentamente o Mysterio, rasgado os profundos veos translucidos e transcendentes do Mysterio, eil-o que agora fixa demoradamente os olhos na mão esquerda e, recuando como um phantasma até á outra extremidade do aposento, sólta este grito surdo.

—Ah! a nódoa!

Então, a visão que elle teve nesse momento, foi tremenda. Recuado até ao fundo da parede, o tronco vergado, a cabeça vencida, na expressão dos supremos anniquilamentos, os braços desalentados, os olhos accesos n'uma phosphorescencia e parados n'uma immobilidade persistente de olho de cyclope, a bocca escumando todo o horror até alli concentrado, dolorosamente vivido n'aquelle organismo, encolhido como um fardo humano, na attitude feroz de um animal acuado, Mauricio estava medonho.

Sentia que a nódoa da mão já lhe tomava um braço todo, depois outro, que lhe envolvia o peito e o ventre, que lhe descia ás pernas e aos pés e que subia fatalmente, n'uma inexorabilidade terrivel, n'uma avassallação dessolante de

péste, pelo rosto, como langue lesma negra, viscosa e envenenada lagarta de paues apodrecidos, nódoa que até lhe amortalhava os olhos, que o tornava irremediavelmente cégo. E por todo elle era só aquella nódoa, aquella nódoa, aquella flagelladôra nódoa a crescer implacavelmente. Nódoa que mesmo lhe suffocava a gargante para os gemidos e para os gritos, lhe tirava o olfacto, lhe roubava os movimentos, o paralysava e gelava todo e o arremessava agora alli, mudo, para um canto, como uma cousa inutil, n'uma semi-idiotismo exquisito, n'uma lividez mortal, rangendo os dentes e olhando o vacuo, pasmosamente olhando o vacuo...

E, assim encolhido, atirado a um canto, as feições já invadidas de subita e precóce senilidade, dentes rigidamente cerrados, olhos muito abertos vidrados do espanto, do terror singular concentrado no fundo devastado das orbitas, Mauricio foi encontrado morto, devorado pela sensacional obsessão delyrante d'aquella estranha nódoa que, no entanto sem que elle soubesse ou pudesse determinar nitidamente no cérebro allucinado, era a profunda, a incoercivel, a grande nódoa negra symbolica da sua propria vida.

TALVEZ A MORTE?!..

Sob a florescencia casta e voluptuosa da lua, n'uma noite em que eu ia embebido n'um desses sonhos que nos transpórtam ainda mesmo accordados, deparei com um vulto de mulher, alta, esgalgada e livida, vestida de negro e velada pela redoma vaporosa da bruma da lua...

Parecia trazer, como auréola extravagante, a nostalgia de échos e rumores extinctos...

O seu rosto branco, lactescente, na magestade do negror das véstes, tinha uma belleza augusta.

A fronte éra como um céo pallido e sereno para constellar de beijos soluçados de imprevista e suprêma paixão.

Os cabellos, iriados d'orvalho luminoso, como que disprendiam certa phosphorescencia leve... Não éram louros, éram negros e de um oleoso quente, impressionante, fascinativo.

Os olhos chammejantes lembravam dous astros ardendo n'uma tréva densa e ondulante, coruscando no abysmo das duas órbitas fundas, fatidicamente emballadores como berceuses de um doce e delicioso Nirvana...

O nariz, ainda que bello e de uma aristocracia increada, tinha uma expressão de anciosas luxurias de além-tumulo, um sentimento de austéra firmesa e inexorabilidade de causar mysterio e pavôr...

A bocca, de um languôr quebrado e lethal, de uma expansão meio morta, fazia recordar os allucinamentos e o gozo de uma flor de melanchólico desejo alvorescida nos frios terrores de uma cóva.

O andar, lento e grave, de um gracioso e nervoso balanceado de sonambulismo, maravilhava todo o seu vulto exquisito de um encanto desconhecido, como se ella, na verdade, caminhasse sob a magia de um sonho.

Vagamente, o espirito ficava arrebatado a scysmar n'um grande lyrio tenebroso de perfume adormecedor e fatal!

De longe, olhando-a entre o ennevoamento do luar, ella passava-me na retina ferida de deslumbramento phantasioso, com scintillações de uma estranha serpente branca e negra, nos

movimentos colleantes e ondulosos do andar lento e grave de curiosidades e de rhythmos imaginarios.

Dir-se-hia a visão das tormentosas nevroses, a deusa candida das singularidades emotivas, embriagada por vinhos sombrios e subtis de soberanos requintes.

Eu experimentava ao vel-a um estremecimento de fascinação e uma tontura de abysmo, como se ella propria fosse um abysmo que apezar meu, bella e tremenda, me viésse estrangular com os seus abraços não sei de que sensação e nem de que delyrio, n'um amor venenoso e luminoso ao mesmo tempo...

Não se sentia n'ella o contacto carnal, o travo miserando, a garra cruel da matéria. Não era a lama vil que tomava aquelles inauditos aspectos. Certo não a carne venal mundanisada!

Uma força secréta fazia com que ella vagasse, caminhasse... Uma espiritualisação nobre a revestio de vida miraculosa—philtro das Esphéras, anciedade palpitante do Infinito, magno amor dos Espaços, immortalidade invisivel das Cousas, quintescencia da dôr do Nada!

Como que da su'alma de pinturesco de vitraes, sobre um fundo de madrugadas violaceas, deveriam irradiar alleluias lugubres...

Mas, pela obsessão de olhal-a, parecia-me agora que ella não se movia mais, que quedára n'um ponto, imperturbavelmento olhando os longes indistinctos, alta e branca, afilada como uma torre perdida nos descampados do céo, sob a lua em silencio supersticioso...

Doze badaladas sombrias, mensageiras funéstas do Sortilegio, resoáram, soluçaram, cavas no ar, lentas, compassadas, monotonas...

Inquiéto, febril como nunca, cravei o olhar agitado, soffregamente, no ponto onde devia estar a visão; porem ella havia desapparecido, se desfeito, quem sabe! reentrado nos seus mundos, ante as badaladas choradas e cabalisticas da Meia-Noite!

Ah! quem era, afinal, essa Visão, essa ave de luto e melancholia celeste?! Talvez a Arte?! Talvez a Morte?!

IDOLO MÁO

> ...voici que, tout à coup, ces élus de l'Esprit sentent effluer d'eux-mêmes où leur provenir, de toutes parts, dans la vastitude, mille et mille invisibles fils vibrants en lesquels court leur Volonté sur les événements du monde, sur les phases des destins, des empires, sur l'influente luer des astres. sur les forces déchaînées des éléments.
>
> Axël (Villiers de L'Isle Adam)

De descáro em descáro, de deboche em deboche, as tuas paixões, os teus vicios, monstros leviathanicos, empolgaram-te.

Estás agora preso á calcêta de sentimentos negros e, obscenamente, te arrastas, lesmado e vil, preso a calcêta de sentimentos negros.

Na tua alma iniqua, pestilenta e vencida, nada mais arde, nada mais flammeja, nada mais canta.

Como a ave nocturna e luciferina do—Nunca mais!—d'esse peregrino e archangélico

Pöe—como essa ave nocturna, pairou sobre ti a desillusão de todas as cousas.

E tu, agora, só ouves os mysteriosos carrilhões da noite, da grande noite do Nada, convulsamente soluçarem e só vês errar os espectros lividos da Saudade arrastando as longas tunicas inconsuteis e brancas.

De descáro em descáro, de deboche em deboche, as tuas paixões, os teus vicios, monstros leviathanicos, empolgaram-te.

De tal sorte te afundaste, te abysmaste no cháos infernal da malignidade, de tal sorte o crime absurdo, feio, tôrto, te avassalou supremamente, que a propria origem de lama, de onde surgiste, nega-te, rejeita-te, repelle-te.

Tu não morrerás mais!

Ficarás na terra—immenso Purgatorio—regenerando, purificando, crystalisando a tu'alma dessa mancha sinistra e lutulenta, que a envolve toda.

Não morrerás mais! Te perpetuarás, para te remires do teu enorme Peccado, cuja sombra orbicular põe nódoas fundas no sol, doentias penumbras no luar, turva, entenebréce a fina pedraria branca das estrellas.

Entretanto, legiões e legiões de homens deixam-se fascinar por ti; tu os attraes insensivelmente ou calculadamente, os suggestionas, os

arrastas, e, fetichistas tristes, buffos lugubres, elles vivem de sugar o veneno hediondo das tuas palavras e das tuas obras, com a alma e a consciencia de rastos a teus pés, na covardia langue, lassa, dos que dão toda a veneração vilã aos idolos malignos.

Nem o retalhante knut siberiano, nem os supplicios fabulosos do Tantalo, nem os horriveis martyrios de Ugolino são sufficientes cilicios para remir e immacular o teu ser da mácula de lôdo e sangue que tanto o está manchando cada vez mais intensamente.

Tal é a malignidade, o descarnado cynismo em que reinas, bandido e bonzo, que pareces o portabandeira funesto das fantasticas legiões armadas do Anniquilamento supremo, trazendo como divisa fatal esta inscripção formidavel :— Fome! Peste! Guerra!

E's, pois, o proclamador da Fome, da Peste, da Guerra. Vieste sob a claridade assignaladora de um iris prenuncial, sob os eclypses presagos, sob os sóes reveladores, sangrando em chaga, d'entre circulos de fogo, sob as luas auguraes, mórbidas e somnolentas, de amarellidão defunta.

Entretanto, se não fôra a preguiça mental, um verdadeiro servilismo, uma covardia crassa

que tolhe-te completamente os nervos do Pensamento, poderias salvar-te ainda.

Porque tudo está na espiritualidade, na alma. Tudo está em fazer da alma nova hostia, um sol imcomparavel, a quintescencia do Sentimento, para que a alma seja mais eterna que a luz, mais forte que os bronzes, mais ethereal do que os astros.

Alma, alma, mais alma, mais alma, muita alma, muita alma, toda, toda a alma, toda a infinita alma!

E' mistér que pouco a pouco te devóre uma doce anciedade secreta e nobre; que uma suavidade celestial desça por sobre ti; que um encanto maravilhoso te engrandeça, te levante e faça sonhar; que aspires ás sublimes purificações, ás emocionaes magnitudes, ás surprehendentes transformações, ás grandes eloquencias da Sensação que perpetuamente constellam as naturezas assignaladas.

E' mister que a serena e immaculada Sideralidade dê-te o poder das Reivindicações; que de ignobil e rojado aos mais terrestres vilipendios, surjas, como de um Baptismo novo e original, Archanjo das Transfigurações, alto e calmo dominando, vencendo os Vandalos em torno.

E que uma rara fé, mais forte que toda a fé christã, mais ardente, mais viva, te inflamme e illumine com a suas chammas prodigiosas.

E' de lagrimas, é de dezejos, é de gemidos, é de aspirações e agonias que se fecunda a immortalidade.

Se tu tornares bem intensos os teus pensamentos, bem chammejantes, bem profundos, arrancados do mais intimo do teu ser com todas as estranhas raizes da tua sensação, tu te salvarás ainda, te remirás do teu crime nefando, do teu cynismo bandido, do teu escarnecedor debóche de scelerado.

Se souberes manifestar toda a expansão do temperamento, com os segredos da Intuição ; se desabrochares como força propria, entranhadamente propria e poderosa, sem veres apenas o que te for tangivel aos olhos, sem imaginares o que já foi imaginado, sem sentires o que já foi sentido, sem te nivelares com a materialidade da massa humana, serás uma affirmação um estado de existir, de impressionar. E, emfim, se ficares livre, inteiramente livre de todas as peias obscenas da miseria collectiva e da convenção dourada, serás verdadeiramente um espirito, originalmente um homem, matrimoniando-te com o

sentimento, como o sol nos frementes e lubricos esponsaes com a terra.

Basta, apenas, para te purificares de todo e com solemnidade desse descáro e desse debóche, que te possuas de ti proprio, que commungues os Sacramentos abstractos, que te unjas de dons incomparavelmente preciosos e bellos, despindo-te primeiro de todas as necedades, de todas as vanglorias, para que, emfim, vivas, excepcionalmente vivas; para que sintas, intuitiva, eloquente, a posthuma volupia espiritual de te perpetuares, de te deffundir no Azul, de ainda, atravez dos tempos, viver...

Basta, para isso, que renasças de ti mesmo, com enthusiasmos bizarros, revitalisados pelo fluido de ouro, rico e fecundo, dos Idealismos, olhando as cousas com olhos sonóros, harmoniosos; que ascendas á Perfectibilidade e surjas, simples e sereno, da lama esverdeada onde coáxas de descáro em descáro, de debóche em debóche,—sapo asqueroso de sensualidades tristes—Astro immortal do Sonho, assim singularmente, curiosamente remido e perdoado para sempre de tudo, na palpitação extatica das Luzes, das Fórmas, das Transcendencias ! ...

BALLADA DE LOUCOS

> Oui, nulle souffrance ne se perd, toute douleur fructifie, il en reste un arome subtil qui se répand indefiniment dans le monde!
>
> M. DE VOGUÉ

Mudos a talhos á fóra, na soturnidade de alta noite, eu e ella, caminhavamos.

Eu, no calabouço sinistro de uma dor absurda, como de feras devorando entranhas, sentindo uma sensibilidade atroz morder-me, dilacerar-me.

Ella, transfigurada por tremenda alienação, louca, rezando e soluçando baixinho rezas barbaras.

Eu e ella, ella e eu!—ambos allucinados, loucos, na sensação inédita de uma dor jamais experimentada.

A pouco e pouco—dois exilados personagens do Nada—paravamos no caminho solitario, cogitando o rumo, como, quando se leva a enterrar alguem, as paradas rhythmicas do esquife...

Eram em torno paizagens tristes, torvas, arvores esgalhadas nervosamente, epilepticamente—espectros de esquecimento e de tedio, braços multiplos e vãos sem apertar nunca outros braços amados!

Em cima, na eloquencia lacrimal do céo, uma lua de ultimos suspiros, morta, agoniadamente morta, sonhadora e nihilista cabeça de Christo de cabellos empastados nos lividos suores e no sangue negro e esverdeado das lethaes gangrenas.

Eu e ella caminhavamos nos despedaçamentos da Angustia, sem que o mundo nos visse e se apiedasse, como duas Chagas obscuras mascaradas na Noite.

Longe, sob a galvanisação espectral do luar, corria uma lingua verde de oceano, como a orla de um eclipse...

O luar plangia, plangia, com as delicadas violetas doentes e os cirios accesos das suas melancholias, as phantasias romanticas de sonhador espasmado.

Parecia o fóco descommunal de tocheiros ardendo mortuariamente.

A pouco e pouco—dois exilados personagens do Nada—paravamos no caminho solitario,

cogitando o rumo, como, quando se leva a enterrar alguem, as paradas rhythmicas do esquife...

Beijos congelados, as estrellas violinavam a sua luz de eternidade e saudade.

E a louca lugubres litanias rezava sempre, soluços sem o limitado do descriptivel—dor primeira do primeiro ser desconhecido, originalidade inconsciente de um dilaceramento infinitamente infinito.

Eu sentia, nos lancinantes nirvanescimentos daquella dor louca, arrepios nervosos de transcendentalismos immortaes!

O luar dava-me a impressão diffusa e dormente de um estagnado lago sulfurescente, onde eu e ella, abraçados na suprema loucura, ella na loucura do Real, eu na loucura do Sonho, que a Dor quintescenciava mais, fossemos boiando, boiando, sem rumos imaginados, interminamente, sem jamais a prisão do esqueleto humano dos organismos—almas unidas, juntas, só almas vogando, almas, só almas gemendo, almas, só almas sentindo, desmollecularisadamente...

E a louca rezava e soluçava baixinho rezas barbaras..

Um vento erradio, nostalgico, como primitivos sentimentos que se foram, soprava calafrios nas suas velhas guzlas.

De vez em quando, sobre a lua, passava uma nuvem densa, como a agitação de um sudario, a sombra da aza de uma aguia guerreira, o luto das gerações.

De vez em quando, na concentração esphingetica de todos os meus soffrimentos, eu fechava muito os olhos, como que para olhar para o outro espectaculo mais fabuloso e tremendo que accordava tumulto dentro de mim.

De vez em quando um soluço da louca, vulcanisada ballada negra, dispertava-me do torpor doloroso e eu abria de novo os olhos.

E outro soluço, outro soluço para encher o calix daquelle Horto, outro soluço, outro soluço.

E todos esses soluços parecia-me subirem para a lua, substituindo miraculosamente as estrellas, que rolavam, cahiam do Firmamento, seccas, ocas, negras, apagadas, como carvões frios, porque sentiam, talvez! que só aquelles obscuros soluços mereciam estar lá no alto, crystalisados em estrellas, lá no Perdão do Céo, lá na Consolação azul, resplandecendo e chammejando immortalmente em logar dos astros.

A pouco e pouco—dois exilados personagens do Nada—paravamos no caminho solitario, cogitando o rumo, como, quando se leva a enterrar alguem, as paradas rhythmicas do esquife...

O vento, queixa vaga dos tumulos, esperança amarga do passado, surdinava lento.

De instante a instante eu sentia a cabeça da louca pousada no meu hombro, como um passaro morbido, meiga e sinistra, de uma doçura e archangelismo selvagem e medroso, de uma perversa e febril phantasia nirvanisada e de um sacrilego erotismo de cadaveres. Ficava tocada de um pavor tenebroso e sacro, uma coisa como que a Imaginativa exaltada por cabalisticos apparatos inquisitoriaes, como se do seu corpo se desprendessem, enlaçando-me, tentaculos lethargicos, velludosos e doces e fascinativos de um animal imaginario, que me deliciassem, aterrando...

Eu a olhava bem na pupila dos grandes olhos negros, que, pela continua mobilidade e pela belleza quente, davam a suggestão de dois maravilhosos astros, raros e puros, abrindo e fechando as chammas no fundo magico, feérico da noite.

Naquella paizagem extravagante parecia passar o calafrio aterrador, a glacial sensação de um hymno negro cantado e dansado agoureiramente por velhas e espectraes feiticeiras nas trevas...

A lua, a grande magoa requintada, a velha lua das lagrimas, plangia, plangia, como que na

expressão angustiosa, na sêde mais cega, na mais latente anciedade de dizer um segredo do mundo...

E eu então nunca mais, nunca mais me esquecerei daquelles ais terriveis e evocativos, daquellas indefiniveis dolencias, daquella convulsiva desolação, que sempre pungentemente badalará, badalará, badalará na minh'alma dobres agudos e lutuosos de uma Ave-Maria maldita de agonias, como se todos os bons Anjos da Mansão se rebellassem um dia contra mim cantando em côro reboantes, conclamantes hosanas de perseguição e de fél!

Nunca! nunca mais se me apagará do espirito essa paizagem rude, bravia, envenenada e maligna, todo aquelle avérnico e ironico Pittoresco lugubre, por entre o qual silhoueticamente desfilámos, eu, allucinado n'um sonho mudo, ella, alienada, louca—simples, fragíl, pequenina e peregrina creatura de Deus, abrigada nos caminhos infinitos deste tumultuoso coração.

Só quem sabe, calmo e profundo, adormecer um pouco com os seus desdens serenos e sagrados pelo mundo e escutou já, de manso, através das celas celestes do mysterio das almas, uma dôr que não fala, poderá exprimir a sensação afflictivissima que me alanceava...

Ah! eu comprehendia assim os absolutos Sacrificios que redimem, as provações e resignações que transfiguram e renovam o nosso ser! Ah! eu comprehendia que um Soffrimento assim é um talisman divino concedido a certas almas para ellas advinharem com elle o segredo sublime dos Thesouros immortaes.

Um Soffrimento assim despertava em mim outras córdas, fazia soar outra obscura musica. Ah! eu me sentia viver desprendido das cadeias banaes da Terra e pairando augustamente naquella Angustia, tremenda, que me espiritualisava e disseminava nas Forças repurificantes da Eternidade!

E como dentro de mim estava aberto para ella o sumptuoso altar da Piedade e da Ternura, eu, com supremos estremecimentos, acariciava essa allucinada cabeça, eu a levantava sobre o altar, accendia todas as prodigiosas e irisantes luzes a esse phantasma santo, que ondulava a meu lado, no soturno e solemne silencio de fim daquella somnambula peregrinação, como se ambos os nossos seres formassem então o centro génesico do novo Infinito da Dor!

ESPELHO CONTRA ESPELHO

Tu, Alma eleita, que trazes essa sêde de Espaço, essa anciedade de Infinito, essa doença do Desconhecido que te fascina os nervos, que vieste ao mundo para fallar pelas outras boccas, para ser a voz viva de todas as vozes mortas; tu, que andas em busca de uma dôr que venha ao encontro da tua; tu, que interprétas tanta queixa, tanta queixa, tanta queixa dos Corações, tanta queixa dos Espiritos, tanta queixa das Almas, tudo porque não ha resposta a esta pergunta horrivel: porque nos déram a Vida?! Tu, que legaste toda a delicadeza virginal do Sentimento a este Apostolado doce e amargo da Arte, bella e triste; tu, que sentes chammejar e cantar a ineffavel poesia que te alimenta como o oleo alimenta as lampadas; tu, cujo espirito é uma fonte de dons maravilhosos onde os sedentos se debruçam e bebem á farta a agua mais crystalina, mais clara; tu, que tão sagradamente te revóltas, na magestade ideal das aguias e dos

leões e que na candidez, na ingenuidade casta e santa da tua alta nobreza de Arte attinges com a ponta das azas espirituaes a ponta das azas dos Anjos! Tu, ó alma aureolada de deslumbramentos brancos, Lyrio esthético que um luar de sonhos sensibilisou, ouve este verbo vehemente, vivo, de quem procura sentir os altos segredos da Existencia, perscrutar-lhe as intimas origens fugidias.

Ouve este verbo vulcanisado, convulso, cheio das grandes tempestades ideaes que abalam o Sentimento do mundo. Ouve este verbo accêso, inflammado na chamma do Absoluto, para elle subindo e para elle palpitando sempre. Ouve este verbo indomavel—vento que sópra pelas trômpas do mar e que soluça pelas harpas do céo toda a grandeza de uma Illusão, toda a magestade de uma Fé.

Eu fallo a ti, Alma eleita e desolada nos crepusculos da Scisma; não fallo ás almas antipathicas, cruamente ardentes, acres, como terrenos crestados, muito flagrantes de sol, sem sombras consoladôras... Fallo a ti, que sentes e sabes o frio que vae pelo mundo, como as almas tiritam sem agasalho, desabrigadas, como as consciencias enregélam sem amor e sem bondade na ferocidade dos brutos instinctos, como a doce

e nobre Humildade se encolhe e protége nos obscuros vãos de uma porta para não morrer esmagada pelo barbaro tacão da Prepotencia, como a philaucia triumpha e como a Grande Virtude de todos os tempos está céga e péde esmola envôlta em duros frangalhos! Tu, Genial, que tens suspiros, que tens ancias, que tens lagrimas para esta Comédia funebre, mas dolorosa, em que vae o mundo; tu, singular e livido demonio que te fizeste monge, que tens a tua ironia santa que divinisa e nirvanisa, o teu rebellado sarcasmo em brazas, toda tua mordacidade inclemente para essas tristes cousas terrenas, não pódes ver sem abalo, sem commoção profunda, almas de mocidade já sem dedicação intensa, sem energias claras, sem enthusiasmo absoluto. Não d'esse enthusiasmo official, collectivo, das massas—mas esse enthusiasmo propulsor das cellulas, esse enthusiasmo ductil, voluptuoso, nervoso, que vem da extrema sensibilidade; esse enthusiasmo que é tonico, que é ether puro, que é oxigenio matinal, que é essencia creadôra, que é chamma fecunda e aza branca no genuino espirito; esse enthusiasmo que é força altiva, que é dignidade serena, que é emoção original e casta, que infiltra azul e sol nas veias, accende aurora e vibra canticos no sangue.

Ha de doer-te fundo esse desolamento, essa morte das almas, essa aridez, essa petrificação de sentimentos em tudo. Ha de doer-te muito que os impotentes se liguem aos impotentes, os nullos aos nullos, os frouxos aos frouxos, os esgotados aos esgotados. Que nada os separe, nada os affaste. Que quanto mais se reconhêçam tartufos mais se unam no intuito e no instincto de se conservarem inattacaveis, embora, mesmo, no fundo, e fatalmente, se destruam, se odeiem, achando um incommoda a existencia dos outros. Ha de doer-te muito que uma envenenada relação secréta os una, os congregue, os irmane, para juntos darem batalha subterranea, cavilosa e vilã, aos que trazem a clara força tranquilla de um alto Designio, como armadura de astros, no peito.

Ha de affligir-te muito que na hora da mais profunda, da infinita Desolação, até os mais intimos te abandonem, desapparêçam, como que tocados pela idéa de que os teus extremos fatalismos são inconvenientes e contagiosos!

Ha de fazer brotar em ti a luminosa flôr da ironia, o aspecto ousado do Asinino, que quer a todo o transe medir-se comtigo, pôr-se no mesmo parallelo, por que vê tanto como tu, sente tanto como tu, sonha e é tão legitimo ser como tu!!

Se tu lhe dizes versos elle diz-te versos, se tu lhe dizes prosa elle diz-te prosa, oppondo a natureza delle a tudo, attropellando as cousas, attrabiliariamente, acertando, ás vezes, por acaso, por assimilação facil, por percepção de simples arguto, mas não trazendo os fundamentos de sangue e de sonho, esse longinquo infinito de origem, essa harmonia interior e essa belleza heroica tão pouco perceptivel e penetravel.

Sentirás no Asinino a préssa de communicar primeiro que ninguem idéas que já Alguem poz em circulação no tempo, nas correntes do ar; idéas que já foram acariciadas por outro com delicadeza mais particular, com véhemencia mais extrema, com intuição mais clara, com amor mais eloquente, com entendimento mais recondito. Sentirás no Asinino a natureza essencialmente auditiva, que ouve e torna-se o écho facil, ingenuo, irresponsavel, mas errado, mas corrompido, impuro já, da Grande Voz poderosa, honesta e pura que ouvio, porém que ouvio mal, sem a plasticidade necessaria para receber, no seu primitivo apuramento immaculado, todas as complexas e infinitas vibrações, nuances e modalidades dessa Grande Voz.

Sentirás no Asinino a intenção capciosa de ser o teu reflector, de cruzar nos teus os seus

raios, de produzir os mesmos refléxos, de apresentar as mesmas faces illuminantes, as mesmas irradiações e gólpes de luz, as facetas do mesmo crystal e o fundo do mesmo aço.

Sentirás no Asinino a revelação da tua revelação, o dispertar do teu dispertar, a suggestão da tua suggestão—mas isso truncado, hypertrophiado, inteiramente desviado dos eixos centraes do teu Objectivo, sem a unidade inicial dos orgãos ingénitos que propulsionáram e déram a integração final ás linhas geraes da sensibilidade do teu ser, á zona compacta e luminosa do fóco supremo das tuas Intuições.

Sentirás no Asinino a imitação do teu Silencio, a imitação da tua Sombra—sombra e silencio d'espelho, sombra e silencio reflectidos do teu silencio e da tua sombra, sombra e silencio reproduzidos d'espelho contra espelho.

Não poderás projectar o teu vulto n'um lago que o Asinino não projecte tambem o seu vulto no mesmo lago; não poderás aquarellar o teu perfil n'um luar que o Asinino não aquarélle tambem o seu perfil no mesmo luar.

Se a tua Imaginação é virgem, reverdéce agora nos luminosos pomares da Phantasia, a Imaginação do Asinino tambem é virgem e reverdece agora nos mesmos luminosos pomares.

Não pódes vir da raiz viva e violenta de uma sensação, da agudeza de uma Causa, da livre enunciação de um phenomeno porque o Asinino tambem vem de lá, tambem de lá procede, tambem de lá se origina. Não ha originalidades subjectivas, clama o Asinino, não ha o puro sentir, o novo sentir, o excepcional sentir! Tudo já passou depurado pelo meu organismo, que é o crysol das purificações, clama o Asinino.

Vida do eu visual, do eu olfactivo, do eu mental, do eu sensivel, faz vida original, faz vida de temperamento, portanto, vida ingenitamente particular e nova, dirás tu na perfectibilidade da tua visão.

Mas, o Asinino, que é a Rotina secular, que é a Regra universal, argumenta com pedras em vez de argumentar com sentimentos, com emotividades, com ductilidades e mysterios de alma.

Nuances novas de alma, caminhos não explorados no mundo do Pensamento, certos segredos e transfigurações, rumos inéditos, paragens de uma inaudita melancholia, tudo é parallellamento julgado pelo Asinino, que logo estabelece para as relações de cada caso especial a mesma esphéra de acção de multiplos casos diversos.

Sempre sol contra sol, sempre sombra contra sombra, sempre espelho contra espelho.

Sempre este espelho—Homéro, contra este espelho—Virgilio. Sempre este espelho—Shakspeare, contra este espelho—Balzac, ou contra este espelho—Dante, ou contra este espelho—Hugo. Sempre este espelho—Flaubert, contra este espelho—Zola, ou contra este espelho—Goncourt. Sempre este espelho—Baudelaire, contra este espelho—Pöe, contra este espelho—Villiers e contra este espelho—Verlaine. Sempre este espelho—Ibsen, contra este espelho—Maeterlinck.

Sempre, eternamente estes espelhos impollutos e astraes que reproduzem a perfectibilidade de sentimentos nas gerações, parallellamente igualados, medidos e pesados pelo Asinino, que os equipára, confundindo-lhes a delicadeza e fulguração dos crystaes.

Sempre um Sentimento contra outro Sentimento, como se podesse haver uma alma com a côr e a sonoridade de outra alma!

E tu, na impaciencia, na inquietação do teu vôo astral para as serenas Esphéras, buscarás libertar-te, desacorrentar-te dos grilhões a que essa Rotina te prendeu, a que ella te sujeitou com a responsabilidade das primitivas camadas

da Intelligencia, para poderes affirmar que, como os Eleitos guiados a sós pelo seu Destino, tu tambem vieste só, representando um phenomeno disprendido no Espaço, sem leis de correlação no sentimento da tua Dôr—uno e indivisivel phenomeno no obscuro e perpetuo germinal da Natureza.

Na solidão do teu Ideal ficarás como um astro singular vivendo na luz nostalgica de uma órbita imaginaria, sem que a confusão dos tempos possa jámais quebrar a intensidade do teu brilho e a serenidade da tua força.

O Asinino continuará lá em baixo, na turba, na multidão, no rodar das épocas, estreitamente e empiricamente a comparar, a comparar, a medir o teu Infinito pelo infinito da sua myopia secular, lá em baixo, na turba, na multidão. Tu, além, lá em cima, superpondo-te aos mundos rolarás, transbordarás, na augusta perpetuidade do Sentimento.

ABRINDO FÉRETROS

Agora, que deixei para lá, na plebéa rua, a philaucia e a mordacidadesinha do inquallificavel cretino; agora, que consigo sacudir-me á vontade da poeira da frivolidade dos caminhos; que já estou, afinal, longe dos perturbadores, vampiricos contacto execrandos, pósso, talvez, fechando-me nos meus secretros isolamentos, nas minhas solemnes abstracções, concentrando-me, afinal, penetrar serenamente no Além, debruçar-me transfigurado no Mysterio.

Sinto mesmo que o Mysterio chama-me, elle chama-me, atravéssa-me com os seus subtis e poderosos philtros.

Dilue-se na atmosphéra do meu ser uma luz doce, dolente, meiga tristeza de leves nuanças violaceas que deve ser melancolia...

Accendem-se e ficam crepitando, ardendo, todos os altos cyrios sagrados da velada capella da minh'alma onde, o meu passado e morto

Amor, como o Santissimo Sacramento, está exposto.

Lampada por lampada vae tambem se accendendo o langue, unctuoso luar das lampadas, como nas azuladas e scintillantes arcarias da Via-Lactea estrella por estrella.

E, neste tom do Angelus da minh'alma, nesta surdina vesperal, começam as litanias vagas, as preces desoladas por Apparições que só a vara mágica da contricta saudade e da espiritualidade pura sabe fazer desencantar e resurgir nimbadas de transfulgentes lagrimas e luzes...

Sinto-me afinado por uma musica de luar e lyrios, por uma etherificação de beijos celestes.

E, a meu pezar, sáe da minha bocca, como de uma cóva do esquecimento, este doloroso, ancioso clamôr:

—O' marmore impenetravel do Sepulchro! palpita! canta! abre-te em veias! E que por essas veias côrra e estúe a caudal infinita do sangue leonino e virgem das grandes forças creadoras da Belleza! O' marmore misérrimo! ó materia misérrima! Escuta-me, ouve-me, sente-me! Sensibilisa-te, espiritualisa-te, vibratibilisa-te...

Primeiro féretro
ANNA

Alma de collegial que se fizésse, de repente, irmã de caridade. Ah ! essa éra, com effeito, irmã da minha vida e tinha caridade de mim. Fazia meditar n'um destes seres obscuros que morrem sem nunca ninguem lhes penetrar o segredo.

Ella mesmo morreu como uma tarde elysea vagueiada de passaros: — no outomno da castidade, intacta natureza que o Nada devorou sem piedade, reclusa e triste, só, no ascetério da sua fé, penitente da carne, monja sem mancha.

Paréce-me ainda vêl-a no féretro, a fronte livida, que os longos e meigos, fagueiros cabellos auréolavam. E'ra como se um cortejo de aguias, em alas, a levasse pelo Azul, emquanto o seu alvo corpo em flor e gelado ia virginalmente, para sempre, dormindo...

Paréce-me ver no seu olhar se reflectir ainda, talvez do fundo claro da Eternidade, este pensamento candido : ó innocente alegria da Infancia, graça côr de rosa e ingenua dos tempos, para onde te exilaste? E'ram olhos, os seus, onde vagava a harmonia cantante dos claros rios, e a frescura dessa ingénita bondade que florésce instinctivamente e expontaneamente nas almas,

como as estrellas no céo, apesar das tentações malignas, das apostasias do Bem, dos sacrilégios do Amor. Olhos onde havia bizarro e scintillante alvorôço alegre de mocidade, qualquér cousa de farfalhante ruflar d'azas por entre festões de flôres, sonoridades de crystaes e luzes.

Como, pois, aquella fórma de tanta suavidade e de tanto encanto evaporou-se logo?! Como, pois, aquelle ser, tão occulto da terra, tão obscuro, tão humilde, zéro inutil no grande algarismo do Mundo, mas tão simples e tão bom, assim desappareceu um dia, arrebatado n'um vento macabro, convulsivo, de morte?! Como as essencias desconhecidas, os philtros exquesitos d'aquella triste dor nunca fôram descobertos? Como os abafados soluços d'aquella pobre Magoa nunca fôram ouvidos?!

Pois que Deus é esse que faz vigorar nos centros do rumor e da luz, como amplas e verdejantes arvores célebres, existencias mediocres que pompeiam e fazem resoar com vaidoso estrondo a sua prepotencia vasia, emquanto anniquila, abate existencias onde ha um sonho bom de amor e de carinho! Pois que Deus é esse! Que divina misericórdia e que clemencia iguaes elle, cégo, tão cégo, semeia na terra, que todos, bons ou máos, cólhem o mesmo immutavel quinhão?!

Que celeste ironia, acaso, dá-lhe azas satanicas, dá-lhe azas ferozes de fogo, que elle, cégo, tão cégo, tudo por igual incendeia e em toda a parte cóspe lésto a péste ?!

Quando Anna morreu eu senti, tal foi o impressionativo abalo, como que uma espada varar-me, lado a lado, o coração.

Eu estava n'um desses periodos que as reminiscencias para sempre conservam, que se não apagam nunca mais no intimo sadio das nossas fibras, das particulas minimas do nosso sangue, da expontanea florescencia casta do nosso ser. Eu estava na mocidade, na plena e na fortalecente mocidade. Desabrochavam em mim perigosas e viçosas flores de delyrio juvenil. Eu aspirava o Vago, o Turbilhão das Chiméras. Palacios de fadas éram as minhas noites. Palacios de fadas éram os meus dias. Uma saude vital dava-me aços de intrepidez, invergaduras ousadas, phantasia e força e frescura matinal de montanhez que vae galgando montanhas por alvoradas de ouro e aves.

Na paisagem da minha Imaginação só havia canticos e uma brancura purificadora envolvia as cousas na calma de leve e ingenua felicidade ridente.

Anna foi para mim como uma harpa que deixou, de repente, de soar...

Ella era, com effeito, a harpa delicada onde eu, adolescente e sem saber como, tirava as harmonias, os sentimentos rhythmicos que guardei commigo e que agora aqui vou aos poucos diffundindo.

Ella éra a harpa em cujas córdas sensibilisadas eu sempre advinhei os accórdes mysticos e fugitivos de um segredo amargo.

Aquella candidez de virgem tinha luto, aquella madrugada de mulher tinha insomnias.

Um meio dia de sol, onde, por um ethéreo capricho phenomenal dos astros, se entrecruzasse, transfiguradamente, o crepusculo.

Desde que Anna morreu começou a cahir na minh'alma uma cinza fria de desolação, uma sombra dolente.

Ella foi quem primeiro me ergueo a fronte e as mãos para os sublimes Sacrificios. Foi ella quem primeiro me ungio com os seus cuidados cordeaes. Foi ella quem me deo a commungar a hostia da Vida com as suas mãos de amor. Ella arejou a minh'alma, deo sol ao meu Desconhecido, deu luar de paz ao meu Sonho.

Vibrações virgens de harpa inviolada para o mundo as emoções da alma de Anna faziam meditar no mesmo vago e no mesmo encanto longinquo de regiões ainda não descobertas.

N'ella dir-se-hia dormir uma vida nova, que, ai!, nunca dispertou e afinal envelheceu no mysterio d'aquelle organismo.

Delicadezas de sensibilidade que nunca transbórdam no mundo, timidas lagrimas reconcentradas que nunca enchem os occeanos!

Com a morte de Anna foi se diluindo a minha sensibilidade, começou de leve, lento, a harmonia velada do meu ser, veio vindo, se diffundindo e deffinindo a Dolencia.

E'ra um fio imperceptivel da minha vida, ligado á vida d'ella, que se partira e que só se tornaria a reunir, talvez, mais tarde, nos reinos encantados e nocturnos da Saudade, perto dos rios rôxos do Esquecimento, ás margens amargas da Illusão.

Anna fôra uma especie dessas crepusculares, outomniças flores nostalgicas, de desconsoladas perpetuas do celibato que as insomnias aquebrantadoras e perigosas definham e créstam como mormaços venenósos.

Fazia lembrar uma d'essas donzellas de honor, insontes e peregrinas; seres para os quaes a Dôr torna-se de alguma sorte um vinho selvagem e allucinante que embriaga, illuminando de certa fórma, e cujas religiosas surpresas e revelações da alma estão para sempre veladas e veladas a muitas almas profanas.

E lá, nos reinos encantados e nocturnos da Saudade, essa, para mim veneranda e magnanima Creatura—coração, sem duvida, inquiéto, mas parecendo alheio ás seducções do mundo e que, quem sabe!, falhou ao seu Destino, lá estará nos parques solitarios da Melancolia, no renunciamento de tudo e na indifferença augusta e classica, n'essa doce expressão de belleza de certas estatuas antigas, envelhecidas pelo tempo e tristes, que se vê atravez de grandes jardins ennevoados...

Segundo féretro
Antonia

Sombra de luto, de viuvez e de velhice. Angelus sem plangencias consoladoras de campanario, sem échos saudosos, sem élos de affecto, só, na solidão árida, no abandono sem limites de uma voz que chamasse por ella— já apagada a ultima luz dos pharóes interiores, escura já toda aquella vasta região de velhice.

E'ra a harpa soturna, surda, sem córdas, como as que ficam ao acaso, para alli a um canto no leilão dos tempos, sem que uma vibração ambiente as faça gemer, sem que um vento dormente as faça cantar. Vida já de vacillações e de

ancias baixinho, de certos nirvanismos curiosos e mudos— alma sem impulso, sem hora, sem desejo, apenas vácuo e vácuo infernalmente circulado de symbolos desesperadores. Sentimentos anonymos, sem consolo mas de profunda significação genésica, e que o mundo vãmente arrasta nos seus turbilhões medonhos, no seu pó secular, no tumulto das suas venenósas seducções. Typo que vaga, typo que ondeia, typo que gyra sem órbitas deffinidas, ao acaso dos Designios, confundidos, amalgamado no supremo Commum mas Existente original no fundo abysmal do seu ser.

Para os que sóffrem a Dor do Infinito e mergulham nas profundas, longas e compléxas galerias dos subterraneos das almas, na claridade saudosa dos olhos de Antonia parecia haver a transfiguração de uma cegueira singular da alma, que andava, como as fugidias, capciosas mãos sem visão de um cégo, tacteando por penumbras de bruma.

N'aquella ignorada allucinação da vida, que circulos, quantas correntes tão oppóstas se cruzariam !

E a ephemera velhinha, sempre obscura, verdadeira nebulosa de gemidos, dispertava curiosidades esthericas, emotivas, como os signos

assignaladôres do arco de alliança—todas as côres, todo o chromatismo exquisito do soffrimento de um ser que vive isolado na ermida da alma, sobre os penhascos, os asperos outeiros do mundo.

Alma apoiada ao bordão da velhice, tiritando e se arrastando sob as laminas cruas das espadas glaciaes da Desolação, caminhando sem trégoas por entre ruas soturnas e confusas, ao longo de immensos muros, vestidos de limo, sob o soluçante e lacrimoso brumar eterno de uma chuva fina, muito lenta, triste, monotonamente triste...

Eu a via, n'aquella paz lutuosa dos annos, nas ingenuas manifestações da su'alma, como se ella andasse, sob as provações terrestres, a purificar-se por crysóes immortalisadores, além pelos sete céus crystalinos e astraes.

Terceiro féretro

CAROLINA

Esta, Carolina, uma flor infernal de sangue e treva que a Angustia fecundou.

Esta, a harpa maior, a harpa da Dor, cujas córdas são mais puras, mais admiraveis e onde mais alto e magestoso chóra todo o incomparavel Intangivel da minha Saudade.

Este féretro é um occeano rasgado de tempestades, de ventos imprecativos, anathematisadores e negros.

Fluidifica-se deste féretro uma musica barbara de sensibilidade, de martyrio.

Aberto diante de mim, assim como eu o estou vendo aqui, que suggestões singulares me traz, que despedaçamentos me recórda, que sombrios idylios e dilyrios !

Ah ! na vida avara como os sentimentos são avaros, como o pensamento humano é avaro para perscrutar uma existencia assim !

Onde estão os ascétas que se martyrisáram, onde estão os apostolos que crêram, onde estão os santos que ciliciaram e que escutaram de perto, mudos, o eloquente silencio da Dor, para virem agora, aqui, commigo, aqui, com a minh'alma, traduzir os reconditos segredos que ahi estão nesse féretro, penetrar nos ergástulos sem nome que aqui estão, nessa alma.

Que purificações e que suggestivas grandesas parabólicas, que transcendentalismos das palavras de Christo no Sermão da Montanha, echoando impressionativo e a medo como o ullular primicial e magestoso de imaginarios mundos em gestação, poderão, accaso, interpretar esta vida desérta que subio ás mais longinquas e altas

cordilheiras da Dor, exprimir os ais que a violinéram, os soluços que a transportáram ao céo, os desencontrados combates que a despedaçáram!

Sim! Vasio é tudo no mundo! Os olhos accórdam nesta ancia viva de chorar e de amar! As anciedades que em vão se escondem plangem á flor dos sentidos, diluem-se, fluidificam-se e, vagamente, ahi vem então jorrando, vem vindo as lagrimas . . .

Sim! Creatura dos Anjos que, no entanto, o Inferno possuio e por fim acabou por estrangular! Coração sangrante! Ser do meu ser! Os outros seres vãos que babujam a terra com a argillosa Infamia de que são feitos nunca poderão, nunca saberão, melancolicamente não, nunca, que hóstia sanguinolenta e travorósa déram-te a commungar na Vida, que pão tenebroso de Paschoa de lagrimas déram-te a devorar, que calix de vinho lethal, allucinante, sugado ao fél das chagas e das gangrenas propinéram-te á bocca verminada pelo primeiro beijo de amor, quando tu tinhas as fomes e as sêdes vorases, cegas, desesperadas do Não-Ser, quando aspiravas ás fórmas celestes, quando sentias, apezar da tua inocuidade de poeira mas, talvez!, poeira de algum divino astro diluido, o insaciavel desejo de abranger Infinitos.

Quarto féretro

GUILHERME

O que importa a Vida e o que importa a Morte, obscuro velhinho que te foste, operario humilde da terra, que levantaste as torres das egrejas e os tectos das casas, que fundastes os alicerces d'ellas sobre pedra e areia como os teus unicos Sonhos.

Deixa symphonicamente cantar sobre ti a sacrosanta alegria branca e forte do profundo Reconhecimento que te votei na existencia! Deixa correr sobre o teu virtuoso flanco de lutador, sobre as tuas mãos rudes e abençoadas, sobre os teus olhos hypocondriacos de senil desterrado de Reinos ignótos, sobre o teu coração suave de cordeiro immaculado, as grandes e maravilhosas lagrimas repurificantes que nesta hora sublimisam o meu ser de uma divinisação incomparavel! Velho tronco robusto de onde seivas prodigiosas de Affeição porejáram sempre! A tua alma, blindada de uma honra ingenua, antiga e classica, parecia-se reveladoramente com a natureza — alma franca e virgem, expontanea nos seus phenomenos, puro blóco inteiriço de Sentimento, de onde os cinzelarios do Sonho cincelariam com a sua esthetica soberana as creações immortaes.

A claridade e a harmonia de uma bondade primitiva davam a tua alma, não a consagração spartana unicamente mas uma simpleza e propriedade genésica de sélvas que géram o Desconhecido e o Vago da Pureza, sem contactos egoisticos do mundo. Atravez da tu'alma eu lia, em caracteres indeleveis, a significação eloquente do teu phenomeno triste, do teu sympathico e lhano irradiamento na Existencia!

Para os que tem a boa sombra, o Angelus meigo do Amor, para os que sabem venerar e perdoar do fundo dos grandes Silencios da alma, a flôr genuina da tua sensibilidade tinha esse aroma occulto e amargo que se não deffine— esse aroma acérbo que vem das naturezas chães mas sempre castas, inevitavelmente sepultadas no obscuro centro fatal do seu Destino.

Se afflicto, se desolado, se doloroso tu foste, como que esse sentimento éra alado, éra ethéreo, isolado como tu andavas das cousas originaes de tudo, no relevo de rocha viva da tua Ignorancia pura, mergulhado até ao fundo no mar augusto, formidavel e sem raias da crença em Deus!

A tua figura paternal, que a condição infima das frivolas categorias sociaes obumbrava profundamente na terra, tinha para mim o encanto mythico de vetusto deus d'alguma ilha

abandonada em regiões,longe, vivendo resignado, pasciente, sem queixas, na illuminação theatral, flagrante e acabrunhadora de modernas e auto-ritarias Civilisações, como o legitimo representante dos seres humanos.

Minh'alma ao cuidar em ti, a considerar nos teus dias, a interpretar a tua mudez, a ver as curiosidades e instinctivos caprichos dos teus movimentos de ser, que dava-se n'uma especie d'essa melancolia, d'essa nuance aquebrantadora, desse emovente languor de um verso verlaineano que melancholisa tanto.

Eu, longe que andava, ausente do tecto onde exhalaste o derradeiro gemido, não te pude ver no teu bello e grave desdem tranquillo de morto. Não pude meditar nas ironias secretas e significativas da morte ás vaidades da vida. Não te fui fechar os olhos, conpungidamente, com a delicadesa amoravel das minhas mãos tremulas, nem passar para elles, em fluidos ardentes, o magoado adeus dos meus olhos.

Não te pude diser, de manso, bem junto aos teus olhos e coração moribundos, com toda a volupia da minha dor, as unctuosas e extremas palavras da separação, as cousas ineffaveis e gementes no dilacerante momento em que os nossos braços abandonam, para nunca mais apertar os

amados braços que já estão vencidos, entrégues ao renunciamento de tudo e que nós tanto e tão acariciadamente apertámos.

Mas, nada importa a Vida e nada importa a Morte!

O encanto do teu ser foi todo obscuro; a graça do teu Bem foi toda fugitiva. Porém do seio immenso da minh'alma, do fundo occeanico de soluços de que ella é feita tu emérges e emergirás sempre, proba e doce figura, caridoso phanal do meu passado que emfim me illuminaste com o clarão da Bondade e me troucéste com a tua benção paternal de grande Humilde a Fé sacrificante e salvadora das Resignações para attingir as Espheras supremas do Absoluto.

Lá, no Inexoravel, na perpetua Dispersão, não sentirás mais o grosso rugir da miséria humana, a mão de ferro da prepotencia esmagando tua subjectividade modesta.

Todas as ferocidades, todas as durezas, emfim, cessáram no fundo Silencio negro.

Rebrilháram e resurgiram as Solemnidades transfiguradoras da Saudade! Emfim, és morto, agora! Pósso evocar-te de lá das sombrias e glaciaes immensidades! Pósso sentir-te atravéz do ennevoamento de distancias infinitas estrelladas de lagrimas. Pósso rasgar pelo Azul portas

de Devotamento celestial á procura da tua Imagem. Illuminar a tua funda noite de morte com a triste luz saudosa da minha vida. Tu, eternamente, parteciparás das fórmas incoerciveis...

E eu irei, por este lutulento mundo, com a cabeça um tanto pendida de dolencia, como que vagamente applicando o ouvido a um ponto distante, escutando, enlevado, em arroubos intimos, secréta musica diffusa e longinqua de Além, que parece chamar-me para esse rhythmico Indeffinido onde afinal te dispersaste e sumiste. E, essa musica, de attractivos subtis, lethificas seducções, de mysticos e transcendentalisadores accórdes, fluindo aos meus ouvidos, continuará a chamar-me, a chamar-me, mysteriosamente a chamar-me...

O SONHO DO IDIOTA

> Je suis inconsolable de t'avoir vue. Hélas ! tu es la bien-aimée ! J'ai la mélancolie de toi. Je n'ai de force que vers toi.
> AXËL (Villiers de L'Isle Adam.)

Revelações de genesis que accórda, talvez, no cerebro d'aquelle idiota. Revelações de genio incumbado, que o segredo de um pensamento isolou e emmudecêo . . . Mas, comtudo, o certo era que no cerebro daquelle idiota rasgavam-se esphéras curiosas de sensação, radiavam chammas phenomenaes, linguas malditas fallavam as linguagens cabalisticas, mysteriosas, das paixões humanas, das complexidades psychicas.

Especie de formidavel olho de cyclope esse cerebro deformado via em visão multipla, de sorte que, ainda mesmo na realidade, parecia sempre estar sonhando, ainda mesmo accordado, era um sonho vivo que perambulava . . .

Bello idiota, triste idiota, soturnisado idiota, este, em verdade, atado de pés e mãos ao cêpo da sua propria existencia, como anfractuoso e feroz orango preso em jaula de ferro!

De que rumos obscuros e tortuosos viera elle, gyrando no centro infernal das agonias desconhecidas; especie dessas almas soluçantes na Dor e das quaes a Natureza, por duras e rudes experiencias, faz os eternos marmores e bronzes resistentes onde afia desassombrada e confiantemente as suas espadas e as suas lanças!

Quem sabe se alli não dormiria, nesse ser hediondo, a fina intuição archangélica de um missionario celeste, para sempre irremediavelmente perdido no fundo dos grandes tédios e das grandes saudades ?!

—

Uma vez que êrmo e hirsuto como um dromedario somnolento errava pelas ruas escuras de certa cidade sombria, o pobre idiota foi corrido por apupos, pela chacóta irreverente e apedrejada e penetrou, acolhendo-se,—massa mórbida, riso amollentado, apparencia monstruosa de hydrocephalo—a larga porta aberta de um templo illuminado.

Diante da multidão que murmurinhava dentro elle estacou deslumbrado, como se de repente

lhe parasse a circulação da vida, n'uma expressão animal tão vehemente que os que o viram entrar olharam para elle surpresos, com movimentos instinctivos de defeza, como diante de um perigo imminente.

Elle, mudo, no entanto, mas parecendo fallar comsigo mesmo qualquer cousa intelligivel, exprimir qualquer cousa entre grunhido e voz humana, não se apercebêra desses movimentos e continuava alli, parado, a attitude dura e hostil de uma pedra humanisada, em forma de ser existente, mas sem a completação physiologica de todos os sentidos normalisados.

Um perfume celeste errava, vivo e intenso, no ar, evaporava-se languido das névoas brancas dos incensos . . .

O orgão nebuloso e sensibilisante, dispertando na imaginação a lembrança de uma sombria clausura de almas suspirando e gemendo em sonhos tocantes e solitarias harmonias e magoados queixumes e ao mesmo tempo longinquo, largo, lento e velado vento onduloso e dormente graduado em sons, expirava com enternecimentos melódicos, com taciturnas lagrimas somnambulas, deixando no ar a pungente melancolia fugitiva de um esquecimento amargo . . .

No recinto, agora, bizarros alvorôços passavam . . . Um zumzumnear de turba que ondeia e que murmura. Era o vago adeus de final da festa. Abriam-se vastos e nitidos claros na multidão espêssa, que se affastava, que sahia... Uma agitação subia, uma pressa e confusão de retirada, como se o sôpro rapido e fatal da desolação das cousas tivésse vindo inexoravelmente apagar a chamma d'aquella fé que alli a instantes se accendêra.

E aquella ondulação de corpos ia e vinha circulava, para a direita, para a esquerda, subia e descia, para baixo, para cima, estuando, com a respiração de desabafo de um grande monstro saciado, já decrescendo, diminuindo, com oscillações fugitivas de torrente que escapa, que céde nos turbilhonamentos do curso . . .

Arrastado pelo povo, atirado aqui e alli pela onda que decrescia cada vez mais, o idiota tinha desapparecido de repente, semelhante a um mergulhador exótico que désce aos incoerciveis abysmos do mar para surprehender-lhe os segredcs.

Mas, d'ahi a pouco, como a ultima onda da multidão se approximasse da nave central, voltando do altar-mór onde genuflexára ante a imagem livida e melancólica de Jesus, o idiota então novamente appareceu.

Agora, porém, o seu rosto de uma dureza e aridez de deserto, parecia estar transfigurado por um sentimento de infinita doçura, que o tornava quasi bello. Uma irradiação dava-lhe azas... As linhas do seu perfil tortuoso ameigavam-se, suavisavam-se, e, nos olhos sempre opacos e indifferentes, fluia um brilho ineffavel, uma indizivel emoção, tão intensa, tão viva, que dir-se-hia que os olhos tinham voz, que essa voz fallava, que essa falla vinha pungida de lagrimas e acariciada de beijos... Olhos cheios das humidas fulgurações de ouro liquido dos grandes e commoventes allucinamentos, parecendo terem atravessado a luz virgem de outros mundos intactos, inviolaveis a olhos profanos; olhos que continham em si as febris alegrias de gosos inimaginaveis.

Elle sentira, na verdade, qualquer cousa que o abalára, que o metamorphoseára assim por instantes desse modo.

Desvendára algum mysterio, achára alguma constellação na terra, algum anjo entre os homens, alguma visão entre as mulheres! Sim!

Elle a tinha visto, na sua belleza mais do céo do que da terra, loura, os cabellos finissimos, os olhos azues peregrinos de frescura suave, a bocca deliciosa e doce, na expressão candida, infinitamente delicada, da caricia subtil de beijos alados.

Elle a tinha visto, espiritualisada por nimbos de angelitude—flor de graça e de gloria, mixto de madresilvas e luar, madona de seu viver mumificado, santa de lyrial candidez entre todos as santas dos altares que elle estava vendo, mais bella do que todas, bemdita e branca, inundada do scintillante póllen fecundativo da puberdade, vestida para o seu amor das alvas resplandescencias sidéreas, pomba pulchra que não se dignava abrir e pousar as finas azas niveas e virginaes sobre a necropole vasia do seu coração de Idiota. Sim! elle agora éra como um firmamento pomposo de astros : a belleza d'ella, que sorrira, passára e desapparecêra na multidão, o tinha estrellado celestemente. Vergava, pois, ao peso de tanta e luminosa ventura, da ventura unica de vel-a, de olhal-a sem peccado e sem crime nesse olhar, de sentil-a de longe sem que o seu sentir a lesmasse, a manchasse com a lépra da sua miséria. Não! Ella fôra embóra mas tão immaculada ou mais ainda do que nunca por aquelle olhar-bençam, por aquelle olhar-perdão, por aquelle olhar-amor que elle lhe havia vibrado occultamente, de longe. Nenhuma das particulas da sua desgraça sem limites a maculára, elle bem o sabia.

Ella era a flor, ao mesmo tempo carnal e mystica, onde dormiam somnos mórnos e magnéticos os inséctos miraculosos de uma volupia secreta. E elle, ao vel-a, para alli ficára absorto, contemplativo, no extase mysterioso de uma Sombra sonhando. . .

N'aquelle instante divino todo o seu misero ser estava tambem divino. Um prodigio de sensibilidade, de um sentimento melhor, que não é deste mundo, o illuminava e bemdizia.

E esse sentimento que o transformava e que elle proprio desconhecia assim tão intenso e curioso na sua alma, transcendentalisava-o e dava-lhe ao obtuso idiotismo uma como que super-visão da sua visão, certa regularisação lucida e nobre, fazia-o por instantes viver, reflexamente, na origem ignota de uma especial percepção mental e de uma extravagante emoção.

Podiam ligar-se, pois, elle e ella, no mesmo fundo de abstractas purezas, prender-se pelas mesmas espirituaes correntes, fundir-se nos mesmos emotivos espasmos... Não! elle não violaria os melindres, os escrupulos archangélicos d'aquella natureza delicada, não iria empanar os crystaes impollutos das esphéras azues onde ella triumphava. Podia, pois, reentrar, pura, inviolada, nos seus sacrarios de ouro, nas suas

preciosas redômas, nos seus magestosos dominios e reinados de formosura, incensar-se com o seu perfume de sempre, porque nada inteiramente n'ella nem de leve experimentára o contacto subtil das secrétas e torturantes emoções d'elle. N'aquelle grande momento a sua alma de olvidado tinha altares illuminados como esse templo, onde elle hóstias de sentimento commungava. Sim! ella se fôra, ella passára, rápida e descuidado d'elle, mas deixando-lhe nesse curto espaço de tempo, que synthetisava toda a sua vida, mais funda e mais em chamma que um abysmo de sóes vulcanisados, a sangrante e convulsiva paixão que faz a febre, o delirio mortal do mundo.

Entretanto, parecia-lhe que já a havia encontrado outr'ora, n'outros orientes longinquos, n'outra região de sol e de nectar, d'estrellas e açucenas, sob outra forma divina. Parecia-lhe que no paiz vago, azuladamente nevoento e remóto das suas reminiscencias ella passará um dia, sob um fundo curioso de dolencias, na delicia suprema e nunca mais gozada de sensações inolvidaveis que elle então experimentára.

Mas onde, já, o contacto das suas duas almas, sublimadas no Affecto, se déra na Terra? Onde se assignalára o encontro dos seus seres

oppostos ? Que rhythmos sympathicos os tocáram sensibilisantemente ?

Ah! que vãs Interrogações ao mesmo tempo tão ineffaveis e tão terriveis.

Sim ! não era ella nada mais do que a encarnação palpitante da sua visão, a crystalisação das suas fugitivas saudades e illusões, que por aquella emballadôra e fugitiva forma vinha dizer-lhe o melancólico, o afflictivo, o desesperado adeus para sempre. Esse resurgimento assim inaudito se lhe afigurava ser um fio tenuissimo, disperso, de esquecida melodia, pelo qual se vae lentamente compondo e definindo aos poucos toda uma abandonada musica suggestiva... Creação imprecisa, indecisa, indecisa, e que elle como que sentia ondular, atravez do espirito, na belleza e na tristeza fatal da lua melancolicamente exilada no exilio dos céus !

Elle radiava como uma transfigurada aguia de envergaduras maravilhosas por entre um arco-iris sensacional de mysterios solemnes — elle, miseranda lesma, que queria attingir, com as suas viscosas babas, o sol, purificar-se, perfectibilisar-se no sol !

A sua alma de noite paludosa, de caverna sem écho de vida affectiva parecia agora feita de um azul meigo e crepuscular de firmamento

osculado de luar, acordando n'uma opulenta e prodigiosa floração de pômos pomposos de pasmos sensibilisantes...

Aquelle organismo feio, nauseante, asqueroso, requintára nessa hora imprevista de deslumbramento, n'uma afinação rhythmica de belleza esthésica singularissima, evidenciando ainda mais uma vez, assim desse modo, quanto as chammas da transcendencia moral clarevidenciam e transfiguram os seres, quintescenciando-lhes a forma do Sonho; que só a alma que sóbe, sóbe, sóbe, que attinge ao céu astral de um purificado e abstracto Amor é bella...

N'aquella hora todo o seu ser aspirava ás intangibilidades supremas. Vôos e vôos de vehementes anhélos secrétos crusavam-se no seu ser. Aquelles momentos incoerciveis, ethéreos, refinados n'um goso original, subiam, do pólo negativo da sua humilhada materia, ao pólo augusto das immortalidades do Espirito. Sim! Ficariam intactamente immortaes esses surprehendentes e transfiguradores momentos de sensibilidade sem igual! Uma luz indelevel de illusão e de sonho fazia alvorescer e vibrar para sempre as reconditas e curiosas sensações, as occultas e raras harmonias de tão phenomenal natureza.

Mas, como estivésse nestas profundas e extraordinarias conjecturas e agitações, revôlto e incendido, a exemplo de um terreno onde ha materias inflammaveis, o idiota não havia reparado que a egreja estava quasi vasia e que era elle uma das ultimas sombras que ainda por alli se arrastavam na inconsciencia dos pezadellos.

Nos altares já se haviam apagado todas as velas. Apenas, n'um dos altares lateraes, dois cyrios accêsos, mas quasi extinctos, ardiam, agonisando em fogachos fumosos e sangrentos, ultimos soluços da luz, como almas abandonadas que ainda penassem no final de uma dôr... Em cima, no seu nicho aberto em arabescos dourados, em ornamentações caprichosas, confusas e complicadas como sonhos, uma Santa loura, linda, o manto azul constellado de estrellas de prata, coroada de um diadêma de scintillantes pedrarias,immobilisava-se indifferentemente como se por acaso a visão amada do idiota se tivesse ido alli corporificar n'esse marmore de Santa.

Na sua pequena mão graciosa abria-se um lyrio branco,—florescencia symbolica das castidades mysticas, forma candida e aromal de volupias sagradas e noviças...

O templo, como as portas mysteriosas de um d'esses antigos subterraneos sumptuosos de

riquezas, fechára-se afinal quasi que por encanto...

Uma vida phantastica, mystico-psychica, ia sem duvida se desenvolver agora na sombra, no silencio frio, na solemnidade morta, na solidão sagrada, atravez das vestiduras dos Santos, das luzes d'occaso das lampadas, dos paramentos chamalotados, dos vitraes multicôres, surgir, emfim, do ennevoado esquecimento dos Ritos, como se o templo, significando e concentrando symbolicamente toda a hysterica uncção devóta da Idade Média, n'aquelle instante representasse o seu curioso cerebro hyper-catholico, machiavélico e fabuloso.

E, ou fosse porque não o tivessem visto ou porque o julgassem inócuo dentro do templo ou por qualquer outra capciosa razão, que escapára á penetração fiscalisadora dos acolytos, o certo é que ninguem deo pela presença do idiota sob aquellas abobodas, só, silencioso e sombrio, apoz estarem seguramente fechadas todas as altas, largas e pesadas portas chapeadas de ferro.

Um profundo mutismo amortalhava o vasto recinto, dando á impassibilidade marmorea dos Santos uma expressão assustadora.

Parecia que todos elles dormiam somnos seculares e que por milagre inconcebivel iam

afinal accordar coincidentemente n'aquelle momento, mover-se nos seus nichos, descer pé ante pé dos altares e, um a um desfillando, avultando, crescendo em numero, enchendo toda a amplidão do templo, surprehender o idiota e punil-o para sempre da culpa de tão insólita profanação.

Elle, porém, n'aquella solidão magestosa de onde se levantava o pavôr, ia e vinha absôrto n'um sentir extravagante, fechado no segredo tremendo da sua exquisita sensação de idiota, perdido o olhar attentamente nas Imagens mudas, a bocca meio-aberta, as narinas dilatadas n'um gozo mórbido de volupias hystéricas, como que na absorpção das ultimas névoas entontecedôras dos incensórios, percorrendo altar por altar, na perambulação hypnótica de phantasma do proprio phantasma do seu Desejo, de sombra da propria sombra do seu Affecto.

As altas, caladas e concavas abobodas, das quaes parecia-lhe aos seus ouvidos allucinados do Desconhecido ouvir o profundo côro apocalyptico, reboando, echoando de aboboda em aboboda; as grandes lampadas, á semelhança vaga de luas marchetadas ou de estranhas lagrimas estractificadas; todas essas magnificencias de rituaes que emmudécem, de culto que dorme no granito e nos marmores dos seus sanctuarios e

Imagens, nas suas pratas e nos seus ouros lavrados, o magno e solemne somno austéro das Religiões, tudo isso incutia na impressionabilidade doentia do idiota emoções esparsas e amórphas, que não éram propriamente nem ingenitamente oriundas das idéas, mas curiosos estados de ser, enigmáticos monologos, phenomenos nebulosos, talvez recuados ao anthropomorphismo das cellulas, á noite cahótica, primitiva, da sensibilidade humana.

Mas, assim perambulando de altar em altar, de nicho em nicho, o triste idiota estacou diante d'aquella Santa loura, linda, o manto azul constellado d'estrellas, coroada de um diadêma de scintillantes pedrarias, tendo na mão um lyrio branco.

Estacou diante d'ella como que impellido por intimo sobresalto, batido d'alguma recordação impulsiva que o tornava mais estranho que nunca. Levantou bem para ella os olhos em bugalhos de delyrio, de afflicção sem remedio e, cahindo de joelhos, prosternado, os braços invocativamente abertos, n'um espasmo terrivel, rolou para alli todo o seu tormento medonho, toda a sua dôr amordaçada, toda a sua miséria secreta, n'uma linguagem obtusa e confusa de demencia.

A alma do Idiota alvorava n'uma aurora negra de lagrimas, abria n'uma grande flor glacial e lacerante de soluços.

Eram soluços e grunhidos, verdadeiramente grunhidos animaes e soluços humanos, que abalariam as pedras, se as pedras não fossem mortas, que abalariam os Santos, se os Santos não fossem pedra.

Cahido de bruços, babando, como mordido por serpentes, na impotencia da Dor que encarcéra e despedaça a alma, o Idiota tinha viva, de pé, em flor e em belleza diante da sua angustia, como um tentador espectro divino, a florescente apparição que elle vira alli mesmo no templo.

Passava-lhe agora pela mente todo esse clarão mortificante de gozo, todo esse tantalismo de mulher que sorri uma vez, brilha e para sempre desapparéce. E elle nunca mais a veria, nunca mais, nunca mais, nunca mais!

Ah! que inferno nunca sonhado tinha posto ante os seus olhos inuteis e despresados essa luz consoladôra, essa luz que elle jamais sentira, tão bella e tão funésta, apparecendo na serenidade dessa manhã dentro do templo illuminado? Que força desconhecida arrancára dos limbos do mysterio aquella formosura ondulante como um vérme, perigosa como um veneno, para deixal-o

prostrado assim, assim de bruços rojado, impotente e impenitente, babando a baba do ciume, talvez a baba verde da Inveja ?!

Sim! ciume desesperado por vel-a de outro, por sentil-a nos braços de outro, exhalando a frescura matinal da sua mocidade inteira nos braços de outro, abrindo e desfolhando todas as rosas e magnólias olentes e virgens dos seus encantos para o goso de outro! Sim! Ciume feroz e inveja ainda mais feroz por vêr-se idiota, inérme e inutil para florescer, para brilhar ao lado de outro homem são e forte que a desejasse, que a possuisse! Ah! elle tinha uma inveja inistra de toda essa humanidade que passava equilibrada, direita, sempre com os mesmos e rectos raciocinios, pela sua presença. Em cada homem elle via um rival desapiedado, indifferente, que lhe roubaria, não somente essa apparição alvoral, mas todas as outras femeninas bellezas que serpenteiam no mundo.

Só o silencio, só a solidão o consolava e por isso alli estava sob a vastidão d'aquellas abobodas, misero, de rastros, supplicando, como o mais estranho e ignóbil dos mendigos, a esmóla santa da morte. Só na morte elle podia sibertar-se desta inveja que o acorrentava, que lhe porejava do sangue, que lhe vertia um fél

verde á bocca—inveja verde, nauseabundo reptil verde enroscando-se-lhe nas carnes, medonho reptil verde sahindo-lhe dos olhos, asqueroso reptil verde sahindo-lhe das narinas, todo o seu miseravel corpo invadido por hediondos reptis verdes.

E como se essa suggestão doentia e diabólica da inveja lhe tomasse logo todo o cérebro e pasmosamente lhe gerasse absurdas visões na retina, jungido á mais perseguidora e atroz obsessão, o idiota, como um monstruoso reptil verde, sentiu-se subdividido, multiplicado infinitamente em milhões e biliões de reptis verdes de todos os aspectos e fórmas, longos, lentos, elásticos, subindo pelos altares, descendo pelos paramentos, viscando as vestes dos Santos, se arrastando pelas azas, pelos frizos das columnatas, pelo arco cruzeiro, tatuando de verde a prata das lampadas e subindo, sempre triumphaes, avassalladoras, suffocantes, n'uma péste verde, n'uma allucinação verde, até ao altar-mór, sobre o cibório de ouro, sobre o calix de ouro, sobre a cruz do Christo de ouro, esmeraldeando maravilhosamente com bizarrismos bysantinos de fórmas as requintadas cinzeluras refulgentes, de niveas claridades puras e brumosas de via-lactea, da velada e sumptuosa Capella de reverencias, tabernaculai, do Santissimo Sacramento.

Era uma phantastica vegetação de reptis que tomára todo o templo, ondas e ondas de reptis que se accumulavam convulsamente, n'um surdo murmurinhar e sibillos de esmeraldas ondulantes. Uns, de tamanho disconforme, verdadeiras serpentes formidaveis que com as cabeças e as caudas agitadas galgavam as grandes columnas do côro, os suppórtes dos pulpitos, enlaçando-se-lhes no bojo, em convulsões delyrantes, como se os quizessem pôr por terra. Outros, de conformações exóticas, esguios, fugidios, languidos, esgueirando-se como crimes, encaracolavam-se nos cóllos brancos das Santas á maneira de collares. Por toda a parte a invasão sinistra dos reptis verdes da inveja lesmando tudo. Por toda a parte esse pezadello verde, brilhos, refléxos, refracções esverdeadas por toda a parte, como se aquella vastidão sagrada se abrisse toda n'uma floresta de lugubres assombros.

Batido, esporeado por um terror supremo, agrilhoado por todos esses reptis verdes, com os olhos transparentes do verde deslumbrados de panico, no meio de todo aquelle mar verde que o affogava, perdida quasi a noção de que era humano, o idiota foi se arrastando, se arrastando até ao centro da igreja, como um sapo no fundo de um subterraneo, agora ironicamente

constellado em cheio pelo largo clarão matinal que osculava os vitraes ao alto.

A sua figura vil, miseranda, parecia torcida, crispada toda em garras, se arrastando sempre, sempre, a monstruosa cabeça bambaleiando— craneo de mentecapo gyrando dentro do templo como dentro de outro mysterioso craneo. Tentou gritar. Mas os gritos, nesse horror de tumulo, morriam-lhe na garganta, suffocavam-n'o, como se grossas córdas o enforcassem. Apenas podia se arrastar assim, mudo, sem um só gemido! — massa inutil rojada por terra, dôr humana mordendo-se, devorando-se, despedaçando-se...

E elle se arrastava, se arrastava, em direcção ás portas, para sahir, para correr, fugindo atterrorisado d'aquella colossal avalanche de reptis verdes, que por toda a parte, como elle, se arrastava.

Queria fugir como um homem allucinado que fóge absurdamente da sua sombra n'um louco desespero; na agonia tremenda de um cégo de nascença que se sentisse de repente presa pelas chammas de um incendio, sósinho a tactear, a tactear n'um aposento fechado, aflicto, gemente, terrivel, sinistramente doloroso, a tactear, a tactear, sosinho, rasgando as roupas, rasgando

as carnes, sem nunca conseguir libertar-se das chammas que cada vez mais o fossem devorando verminalmente.

E o Idiota se arrastava, se arrastava, se arrastava... Até que, exhausto, banhado em suór, batendo os dentes de frio e de febre, grunhindo de horror, n'uma indeffinivel sensação, aos arrancos, aos solavancos, chegou afinal á grande e chapeada porta central do templo, que logo, como por encanto, abriu-se ás amplas scintillações do sol do meio-dia—alta e larga—de par em par...

E só então foi que elle, acordando entre soluços, justamente e coincidentemente n'um meio-dia de sol, se apercebeu, perpléxo, que tinha estado a sonhar, preso ás inconsequencias reveladôras do seu Sonho de Idiota, que mesmo assim acordado, continuaria eternamente e amargamente a sonhar...

A SOMBRA

> O' Dôr das Origens millenarias! Divina Consagração das Lagrimas! Seio profundo e mysterioso das Apotheoses negras do Gemido e do Soluço! Dôr das supremas Dôres! Dôr da imponderavel Saudade! Que tu sejas neste momento commigo e me unjas com a tua espiritualisante graça...

Sim! devia ser em sonhos, n'um fundo de phosphorescencias e neblinas, que eu vi a tua sombra, o teu vulto—certo a tua carne, o teu corpo, palpitando vida, caminhando para mim, espectral e ao mesmo tempo vivo, dessa vida que respira, que falla, que olha, que olfacta, que gesticula e ondula...

Sim! foi em sonhos!

Não sei que estado eu experimentava em certa hora, que estado de nêrvos, de sensibilidade,

de vibração; não sei que mus a dolente de melancolia, nem que amargurantes tristezas patheticas de saudade me invadiam em certa hora, que distinctamente, nitidamente vi!—vi e senti que estava perto de mim aquella Sombra santa e amada que eu perdêra um dia no Léthes do esquecimento que a Morte cava...

Não éra allucinação nem pezadello—não éra allucinação: eu estava sentindo diante de mim, como se surgisse do cháos da Existencia, aquella Sombra muda, mas viva, que caminhava para mim resolutamente, na affirmação vital do Ser.

Percorria-me um frio álgido o corpo todo, um frio de pavôr, pavôr de vel-a, mêdo de olhal-a assim, n'aquella imprevista resurreição.

Ah! eu a amára muito, muito, com a eloquencia profunda de um sentimento que não éra talvez bem amor, mas sagração, adoração, fé religiosa, veneração e compaixão. Um sentimento que subia como incensos da minh'alma, que se exhalavam ante a sua Imagem, como n'um altar sagrado. Sentimento épico, quasi classico, como por marmores augustos, por antigos templos christãos. Um sentimento de carinhosa piedade patriarchal pelos seus sacrificios, pela sua abnegação, pelos seus affectos extremos e dedicações sem limites, pela sua lhaneza estóica,

pela sua caridosa ingenuidade humana, pela sua celeste ternura e misericórdia.

Mas a Sombra avultava, crescia, avultava mais, destacava da tréva d'onde surgira, da tréva do Além, das geladas névoas do sepulchral Silencio... E das névoas, das névoas sepulchraes dos crepusculos lôbregos das tenebrosas argillas, vinha ella, n'uma transfiguração, surgindo viva:—vivas as carnes palpitantes, vivos os olhos amargurados, vivas as mãos batalhadôras, vivo e vibrante o coração magestoso de infinita bondade.

Eu a vira, a principio em linhas indecisas, vagas, o contorno apagado, esboçado apenas n'um meio tom de luz esmaecida como n'uma pallida claridade de lua d'alta noite, quando já os aspectos fulgurantes vão esmaiando, esvaindo lentos e perdendo a graça vaporosa e velada com as primeiras côres de rosa, os primeiros deluimentos e tenuidades da madrugada...

Depois, todo aquelle phantasma tomava miraculosa feição singular, pouco a pouco; compunha-se todo aquelle systhema de nêrvos, ampliavam-se aquellas fórmas, ganhavam as essenciaes correcções, a estructura de um corpo vitalisado que áge, que móve-se, que sente.

E a Sombra buscava-me, caminhava para mim resolutamente.

Como circulos concentricos de uma luz pallejante, iam-se formando em torno d'ella auréolas, ethéreos resplendores, nimbos diaphanos, refulgencias de meteóros, vaga tonalidade violacea e amarellada, scintillas de ardentia, como que as dormentes refracções ouro-aço-azuladas de um sol de eclipse...

Parecia-me que ella vinha transfiguradamente irrompendo por entre discos, discos, discos e discos luminosos que se multiplicavam, que se accumulavam, n'um movimento de rodomoinho de sylphides aéreas vaporosamente circulando, gyrando em volta de lacteo clarão de leve luz nevoenta e gelada de uma lua polar...

Taes cambiantes, taes myriades de scintillações iriadas affectavam-me de tal modo a retina absôrta, que nova e original commoção, nova sensibilidade a tocava, como de um rhythmo fino...

Mysticismos de extases, delicadezas de sensação, espasmos de ascétas enclausurados, de martyres lividos nos cilicios da penitencia, serenos na suprema Dôr—circumvolviam-me de uma ideal beatitude de attenção resignada, para vêl-a, para olhal-a, para reparar, tremulo, no seu

aspecto de Passado, de Esquecimento, de Tumulo, percorrendo com magoada ternura nos olhos todas as meigas curvas de sua face que eu beijára, como se o meu olhar deslumbrado tivésse tacto, a apalpasse; evocando com lancinante saudade toda a angustia da sua velha e fatigada cabeça que eu tanto amára.

Doia-me aquella Apparição, affligia-me aquelle Resurgimento, tão vivo na minha presença, tão tangivel alli, tão flagrantemente, que eu não sei de abnegações nem de resignações humanas, só celestes, só divinas! capazes de soffrer, sem estranha convulsão d'espanto, essa realidade móvel que vinha do Desconhecido...

E a Sombra buscava-me, caminhava para mim resolutamente!

Uma onda forte de emoções me inebriava, me attordoava como uma dôr physica, fazia-me pairar n'um circulo dantesco de phenomenos, paralysando-me a voz, o gésto, o andar, mumificando-me á terra.

Só, dentro do meu cérebro, o pensamento gyrava, funccionava como em brumas muito altas, n'um revolvimento de gérmens reconditos; formavam-se mudamente idéas que não achavam a expressão eloquente da linguagem, tão confusas e attropelladas de terror sagrado vinham ellas...

Mas, um mysterio maior desolava-me de morte, torturava-me, dava-me o supplicio gelado de achar-me vivo n'uma sepultura: — o mysterio da semelhança!

Ella parecer-se commigo, ter os mesmos traços, certos estremecimentos da face, o mesmo olhar, o mesmo espêsso labio sensual, a mesma expressão nostalgica de beduino no semblante, a mesma fugitiva melancolia—tudo, tudo isso me flagellava, éram tormentos insanos que eu soffria calado, parecendo que ella trazia em si, em impressionismos abstractos, desfeita, desapparecida, muita sensação que já fôra minha, muita esperança, metade da minh'alma já morta, particulas originaes de affecto, de cuidados, segredos e curiosidades intimas, perdões e clemencias que tinham ido embóra para sempre com ella.

Uma infinidade de sentimentos obscuros, secrétos, eu via passar, ondulando, atravez d'aquella Sombra, como atravez de um espelho phantastico que alli estivésse milagrosamente reflectindo paixões...

Eu existia n'aquella semelhança perseguidôra, n'aquella semelhança que parecia reproduzir immensa alluvião de phenomenos da alma que já dormiam eternamente no meu ser...

E'ram periodos gradativos e curiosos, a evolução lenta de organismo novo que procura adaptar-se á Vida, a intuição eloquente dos Destinos, formando grandes e ennevoadas columnas de mysterio, como as hebraicas columnas de fogo. . .

Então, eu via-me alli quasi que vivendo em parte, tendo bem pouco do que tinha quando ella, de facto, vivia—via-me em parte, porque se ella na existencia trouxéra o meu sangue e esse sangue gelára, deixára de circular nas suas veias, certo éra que bem pouco desse sangue eu trazia tambem agora a circular nas minhas.

E sentia, diante de tão flagellante semelhança, uma dualidade de natureza operando em mim mesmo: — a que partia, fremente, do meu ser, que existia no meu eu e a que partia, estranha, d'aquella Sombra móvel. . . E no espirito crescia-me a obsessão de que ambas essas naturezas, pertencendo-me, se desiquilibravam no entanto no plano geral de existirem unas e indivisiveis. Uma éra a natureza real, a propriamente minha; outra éra a natureza da Sombra, extranha. E eu debatia-me, debatia-me com ancia para libertar-me da segunda e envolver-me todo, isolar-me, concentrar-me e subjectivar-me profunda, fundamentalmente na primeira...

E eu lutava, bracejava doloridamente, bracejava, tacteando n'uma duvida cruciante, para sahir fóra d'aquelle carcere de angustia, para desprender-me daquella tumular Visão, para fugir d'aquelle mirrado esqueleto a que eu estava agrilhetado e cujo impressionismo de pavôr me dilacerava e queimava as carnes, me devorava como uma chaga, rasgava-me a punhaladas o coração, hypertrophiava-me, despedaçava-me os nêrvos...

E eu abria muito os olhos, assombrado, n'um espanto mudo... E um silencio negro e gelado e espêssas névoas de somno pezavam no ambiente... E nos olhos passavam-me deslumbramentos cegantes, visões pulverulentas de além-sepulchro... E eu abria cada vez mais os olhos, assombrado, n'um espanto mudo... E eu abria cada vez mais os olhos, cada vez mais, cada vez mais... E os olhos, espasmados de terrôr, afflictos, perseguidos pela Sombra, parecia-me sentil-os crescer, dilatarem-se, grandemente, longamente, rasgadamente abertos e fascinados pelos magnetismos lethaes da Sombra...

Invadia-me um desejo angustioso, soluçante, um delyrio mortal de gritar, de gritar alto, attroadôramente, de encher todo aquelle ambiente com os meus gritos desesperados; mas,

apenas meus labios se moviam para gritar, um soluço estrangulador guilhotinava-me a voz, desarticulava-me a lingua e apenas rouco, surdo, absurdo som inintelligivel, como o grunhido animal de um mudo, rolava, arrastava, rangia aspera, pedregosamente na garganta o seu tôrvo tartamudismo.

Parecia-me que se eu gritasse, se abalasse a athmosphera com grandes e longos brados, talvez que o Phantasma, assim arrebatado, assim repellido, assim violentamente sacudido pelos gritos, se atterrorisasse e desaparecesse. . .

Parecia-me que esses gritos de terror sobrepujariam, venceriam afinal o allucinante Phantasma, que éra o proprio terror. . .

Mas ao mesmo tempo, temia que esses gritos, como um vento sinistro que levanta, torna mais intensas as chammas de um incendio, dispertassem, accordassem de repente com impetuosidade, com estranha vehemencia, a vida insana, estupenda, que eu imaginava estar nebulosamente dormindo lá dentro, lá bem no fundo mysterioso desse Phantasma.

E a Sombra buscava-me, caminhava para mim resolutamente!

Por um phenomeno singular da visão, que os nervos super-esthesiavam, eu a via, ora perto,

ora longe, mais longe, muito longe, quasi já sumida, já apagada no fundo das cinzas da distancia, vindo e se affastando, se affastando e vindo para mim...

Mas que gérmens occultos fecundaram de novo aquella vida, que seivas inauditas a gerám de novo, que philtros mágicos, maravilhosos, a resuscitaram, que ella me apparéce de tal fórma agora, muda, muda, caminhando serenamente para mim, solemne e augusta na divinal attitude, sublime, egrégia, como se fosse soberanamente julgar as almas no suprêmo Juiso Final!

E como eu a reconhecia então—ella—a mesma que a Imaginação sonhára—Mãe! Mãe! Mãe! — tres vezes bemdita entre as mulheres, tres vezes crucificada de Agonia!

E toda a longinqua e azulada collina de um passado foi se desnevoando, desnevoando, apparecendo aos meus olhos, biblica, povoada dos brancos e mansos rebanhos da paz, da alegria, da suavidade infantil, da adolescencia ingenua, guardados pelo amor d'aquella Sombra,—candido pastor, simples e tranquillo, vestido de linho alvo, guiado pela estrella symbólica, sob a clemencia dos Céus...

E porque me viéra assim surprehender essa heróica e transcendente Apparição? O que vinha

ella saber de mim? O que quereria nesse extremo momento? O que buscava? A minh'alma, o meu peccado, o meu crime em viver ainda e abandonal-a no Além, só e fria, enterrada tantos tôrvos palmos, tão profundamente enterrada na terra lutulenta e enregelada? O que buscava ella? O que procurava em mim assim surgindo, andando somnambula, vagando sem rumo e rumôr como sobre onda, nuvem, espuma?

Mas porque me apparecia ella agora? Seria para exprobar-me o passado? Seria, por acaso, porque não pude envolver na vida em mais delicados cuidados e reconditas caricias as suas longas dores angustiadas?! Ah! porém ella agora está morta, ella agora está morta! Se estivésse viva sentiria então que devotamentos, que consagrações, que inabalaveis, que terriveis dedicações a cercariam, deffendendo-a, como couraças e lanças gloriosas de um soberbo e insólito heroismo; como eu a estremeceria de um amor infinito, como eu lhe votaria affectos supremos, entranhados, profundos!

Que segredos tremendos me vinha agora trazer essa Sombra viva, que eu sentia, que eu via, olhando-me muito, em silencio!, mergulhando os seus olhos cavados nos meus olhos, estendendo — ah! horrivel!— os braços longos,

para mim, como para abraçar-me n'um abraço, por certo, gélido, n'um abraço, por certo, esquelético e terrivel!

Oh! como éra lancinante, que afflicção de afogado ante essa Visão que me chumbava os pés, que me punha um peso immenso de pavôr na lingua, um suór lethal na fronte e como que lugubres cadeias de ferro nos pulsos!

Como éra dolorosamente, lugubremente medonho o seu caminhar tacteante, oscillante, mas que seguia resoluto para mim, perseguindo-me, attrahindo-me como um demonio, fascinando-me como um philtro peccaminoso, como um vicio secreto, como um mal doentio, como uma serpente magnética, como uma nevrose fatal!

E a Sombra caminhava, caminhava para mim resolutamente, resolutamente, agora com o passo mais largo, alongando mais para mim o vulto hediondo... Caminhava, caminhava... E eu, pregado, estatelado ao chão, jazia inérte, hirto, petrificado, sem acção para libertar-me d'aquelle horrôr... E ella perseguia-me, perseguia-me, inexoravel Remorso! com o passo cada vez mais largo, alongando cada vez mais para mim o vulto hediondo, quasi já—ó Trevas eternas!— tocando as minhas véstes, quasi, quasi... Quando, eu, quebrando, partindo, despedaçando

todos os férros de algêmas das tormentosas masmôrras do meu Sonho, n'um grande grito, afinal, por tanto e tão longo tempo angustiadamente suffocado, accordei de repente, esvaindo-se então a Sombra, de um sôpro, retomando as lethificas, glaciaes estradas do Além, de onde por instantes surgira. . .

Apenas, o meu cérebro, atordoado ainda, adormentado, abatido, ficára, como d'entre réstos de fumo denso, de vapôres espêssos do fogo de sanguinolenta batalha, turbado pela pesada bruma lethargica do pezadello que o invadira, subjectivamente clamando este monologo amargo:

—Ah! Sim! Sim! Que estranho pavôr! Que estranho pavôr têr-te bem junto a mim, n'um contacto álgido—Tu!—que eu na Grande Hora da Vida amei já, lá para o passado dos annos! Tu, a quem eu consagrei Evangelhos de Adoração, altas venerações, sentimentos excélsos, solemnes como elevadas torres de crystal tocando sideralmente as Estrellas. . .

Tu! que produziste a dolente, a magoada Obra de sangue da minha existencia e a quem eu dediquei alma, affectos, ternuras, suavidades do coração, symphonias beethovinicas do Amor, Tu! — misericordiosa! — Tu! — clemente para mim como nem os Céus o são!, Tu!—dá-me o

teu perdão, o teu perdão, porque eu não poderia mais receber os teus abraços, os teus beijos, o teu olhar de sepulchro, teria de repellir-te e— ó! desespero dos Esquecimentos eternos! —de repudiar até a tua Sombra, tão grande e tão fundo seria em mim o terrôr de sentir-te perto!

Não que eu desdenhasse da tua Entidade amargurada, afflictiva, tristissima, dolorosissima; da tua bondade suprema, compassiva e commovente; não que eu crivasse de pungentes ironias a tua obscura alma prêsa, arrastada pelos ergástulos das lagrimas, abalada tragicamente por soluços. . .

Mas tu me apparecerias tão mudada, tão transfigurada por fluidos, trazendo tão prodigiosos effluvios de outros mundos, tantos raios d'outras esphéras, tantas phantasticas expressões e singularidades absolutas da tréva de atros, tétros bárathros, que eu, frágil, que eu, materia humana, que eu, tecido tenue de nêrvos, me atterrorisaria e succumbiria de pasmo. . .

No entanto experimento ainda uma exquisita sensação de dôr de lembrança, de saudade, se te evóco, se recórdo os bens assignalados que me fizéste, a Creatura ideal que foste, tão meiga de bondade, que toda a caricia da terra é hoje para mim desprezivel e vã diante do mar soberano da tua espiritual Affeição.

E, é só espiritualmente, só pela etherificação do Pensamento, que sinto que ardes ainda, em chamma perpetua, nas magestosas lampadas evocativas dos sacrosantos occasos das Recordações.

Mas, se por um absurdo da Natureza me apparecesses flagrantemente, tangivelmente viva, não mais esqueleto, não mais cadaver inteiriçado —seria tamanho o abalo, a convulsão do meu ser, tão intensos delyrios e vertigens, tantas ondas de estremecimento me agitariam, tão latentes seriam as transfigurações, as metamorphoses dos meus sentidos, repudiando-te atterrorisado nesse momento—que até tu mesma, que foste Mãe piedosa, Mãe clemente, Mãe misericordiosa, desconhecerias teu filho e talvez então o amaldiçoasses, blasphemando ; talvez lhe arremessasses á face Anathemas como pedras desoladamente chorando e soluçando para sempre por tanto e tão doloroso desamparo e esquecimento eterno!...

NIRVANISMOS

> Ha loucuras que, como as noites polares, se transfórmam em verdadeiras auroras boreaes revelladôras da mais perfeita lucidez e são a ponte mágica de crystal e azul sobre a qual emigramos do golfão infernal da Terra para as alvoradas de ouro de um Ideal.

Madrugada verde, madrugada de esmeraldas liquifeitas que scintillavam na folhagem tenra, foi essa em que Araldo se fez de marcha, florestas densas a dentro, atravez da frescura e da virgindade lyrial da luz que ondulava. . .

Já todo o extremo limite do mar, no horizonte longe, accendia, rebrilhava, n'um polimento de crystal sonóro e a ultima estrella tardia, térna e doce, vagava, peregrinalmente vagava na Bohemia celeste, extincta já no explendor verde da madrugada subindo, a intensidade viva da sua chamma branca das candidas vigilias esponsalicias dos astros.

Pairava no ar um anceio voluptuoso de dispertar, um espreguiçamento, de braços languidos, uma revelação genesica, o nebuloso sentimento da renascença da terra, sempre casta e fecundadôra, sonhando e gerando as perpetuidades da Vida.

A hora da transição, da anciedade do claro-escuro surdinava no ar, bandolinava no céo as derradeiras e saudosas serenatas. . .

Um calafrio luminoso alvoroçava tudo. Começavam delicadamente, harmoniosamente a vibrar leves balladas de auras que vinham picadas do sargaçoso mar salgado, dos bafejos aromados das plantas e das resinas.

Pelo horizonte subia o extase claro da luz diffundida aos poucos e gorgeios e canticos e rumôres e alacridades e murmurios de aguas que accordavam cantando e alaridos e zumbir de insectos e estrépitos e palpitações e vozes estranhas e vôos e cicios e échos e clamôres longinquos e frémitos e beijos e risos e canções e fórmas confusas e vertigens e movimentos, tudo accordava em ondas, borburinhantemente, turbilhonantemente.

Clareava, clareava; e a claridade meiga, suave, que avelludava tudo, parecia cheirar a magnolias desabrochadas ao luar.

Atravez das florestas, por onde Araldo errava foragido, a alma jungida aos remorsos, fugindo á condemnação dos homens, levantavam-se, tremendas e tumultuosas, grandes arvores seculares, sombras e espectros verdes ramalhando as largas cópas agitadas de sonhos.

E'ram florestas immensas, desconhecidas e immensas, por onde nunca o olhar humano vagára, inaccessiveis a outros sêres, mas onde Araldo sonhou, ancioso, achar de repente um abrigo eterno, profundo, que ninguem poderia devassar jámais!

E tinham sumptuosidades e orchestrações de orgãos monstruosos de cathedraes festivas, gemendo e murmurando, plangendo, suspirando graves litanias, canticos acclamatórios de grande uncção choral magnificente, suprema.

Troncos senis e formidandos, como Prometheus petrificados, expunham as suas corpulencias primitivas, lembrando aspirações antigas, velhos desejos fatigados que alli houvéssem para sempre tomado a compostura indifferente das mumias.

Quem teria guiado Araldo por esses invios caminhos? Quem lhe teria, Desespero, Tédio ou Saudade, ensinado o abrigo, a solidão, o obscuro repouso dessas florestas invioladas?!

Elle queria fugir á Vida, fugir, fugir sempre, esconder-se da face do mundo, habitar n'uma furna como selvagem, viver nas florestas como os lobos, errar nos desertos como os párias.

Fugir para longe dos execrandos contactos dos homens, da medonha estagnação dos seus sentimentos, da descarnada nudez dos seus egoismos ferózes.

Errar sósinho, sósinho, sombrio visionario peregrino de suprema Aspiração nova, vulto messianico, talvez um desses graves missionarios cujas vidas sacrificadas por uma idéa rasgam-se nos espinhos dos êrmos, despedaçam-se nas hostilidades ambientes, martyrisam-se crucificadas nas monstruosas cruzes negras dos calvarios tantalicos do Tédio. . .

Ah! a solidão, o deserto, o deserto!

Que bello e que magestoso o deserto, frio e só, só com a lua, só com o sol, só com as estrellas, caminhando sobre as infinitas areias desoladoradôras, sentindo chorar no peito, como negra aguia prêsa e triste, melancholicamente scysmadôra, a que despedaçaram as azas sem piedade, o grande sentimento de uma esperança para sempre extincta.

Esconder, esconder a chaga da Vida para bem longe, fugir para além deste mundo, para o imponderavel Ideal, errar nos somnambulismos da tréva e nos somnambulismos da luz—sombra infórme batida das rebelliões da terra, arrastada pelas thebaidas de uma enorme saudade e enchendo d'ella todo o tempo, todo o vácuo desse existir peregrino, desse existir lacerado de impaciencias, de fébres, de anciedades, de desejos embryonarios cuja primeira flor vermelha e de ouro outras mãos sacrilegamente colhêram.

Invadido pela força poderosa de uma paixão atterradôra, talvez de uma sensibilidade extra humana, Araldo queria esconder em seios inteiramente intactos de florestas desconhecidas, em regiões nunca vistas, o horrôr da sua culpa em muito ter amado e em muito ter illudido o coração e os olhos. Verdadeiramente açoitado pela péste, pela lépra sinistra do ódio e do despreso humano, como um animal acuado, elle espiritualisára mais e mais a sua natureza, requintára o seu sentir, quintescenciára os seus nêrvos e, no sensibilisante mysticismo de um Santo, mergulhou no mysterio, pairou no maravilhoso, vagueou no Sonho, etherificando-se, diluindo-se em lagrimas, em gemidos abafados, quasi perdendo todas as qualidades ingenitas que o prendiam fatalmente á Materia.

E, Araldo, é agora o Espectro, a Sombra, o Phantasma de si mesmo, que vê rodar, eternamente rodar diante dos olhos, n'um espasmo de allucinado, o tropél de Visões da alma gemente, das suas desesperadas Saudades. Vê rodar, eternamente rodar os inquisidôres circulos multiplos, tragicos, onde as suas excelsas Esperanças lentamente, monotonamente nascêram e morrêram.

Já, clara e quente nos horizontes, a luz subira de todo, intensa, larga—mar de ouro, mar de ouro e pedrarias prodigiosas, auréolas de iris, sangue, azul e leite derramado abundantemente, vinhos preciosos de astros escorrendo das dórnas celestes.

E Araldo, na sua peregrinação constante pelas florestas, caminhava...

Livido, a cabeça n'um bamboleio de fadiga, com os cabellos em pathético desalinho, como a cabeça de um enforcado, os olhos traspassados de um tormento mudo, a bocca sêcca, áspera, retorcida por um môrno lugubre, o seu perfi dolorosamente esquecido tinha uma doçura triste uma caricia dolente, uma taciturnidade tão funda, uma angustia tão cruel, uma afflicção tão desamparada, que parecia álgido cadaver que procurava para unico descanso o tumulo que até mesmo na morte lhe éra vedado; ou então um

louco que por alguma suggestão hypnotica, por algum presentimento estranho que os altos Signos assignalam, corresse a vêr, despenhado e incérto, os funeraes de sua mãe...

E Araldo, nessa peregrinação pelas florestas, caminhava, caminhava.

O sol leonino e guerreiro fazia fuzilar d'alto as suas couraças d'aço, de crystal e prata e d'esses coruscantes tropheos d'armas facetadas viva marchetaria de raios e de scentelhas cravejava as florestas por onde Araldo seguia vestido do manto miraculoso das pompas constelladas.

Ah! que transitório, que ephemero nababo ia elle e que mendigo, que miserando eterno!

Mas, que florestas éram essas que Araldo rompia sempre e a quanto tempo elle as rompia?

Moço, forte, a cabeça ainda chammejante das Chiméras, todos, com pasmo, o viram partir um dia, desapparecer bruscamente de todos, occultar-se n'um exquisito Segredo de viver, cujos fabulosos perigos e originaes deslumbramentos ninguem perscrutou jamais!

Elle éra da eterna Raça maldita dos gloriosos Tristes, dos gloriosos Grandes e vinha de um fundo muito carregado de Meditações e de Scysmas, de sêde de Sonho, como do centro

mysterioso e flammejante de um Systhema planetario.

A terra parecêra-lhe sempre um formidavel buraco onde os homens se arrastavam com as cabeças vasias mas com os ventres cheios.

A mulher parecêra-lhe sempre a perfidia, a traição mordente, verminal de Iago, com negras azas subtis de tentação fatal e com caricias de fél.

Assim, sem objectivo entre os homens, sem laços terrestres e sem amor, como que ia deixando finar-se, apodrecer a materia, para só resurgir e vitalisar a flor melindrosa e virgem das quintescencias da Espiritualidade.

Lembrava um ser que quizésse absurdamente transpôr as barreiras inevitaveis da Vida sem estar sob as directas influencias e as correntes impulsionantes e fataes da matéria.

Perdido, emmaranhado por obscuras e confuras psychologias, de synthese em synthese, de generalisação em generalisação, operando-se em todas as suas faculdades creadôras, imaginativas, em todas as complexidades do seu ser mental, uma profunda, radical Transformação, como esses abaladores terremótos que agitam e convulsionam o frágil organismo do mundo, Araldo foi pouco a pouco rasgando horisontes desconhecidos, attingindo pólos raros e mágicos, subindo a

Transcendentalismos invisiveis, imperceptiveis, desprendendo-se cada vez mais da velha Causa tangivel, despindo-se do Real, fugindo do seu raio biologico de acção commum, entregando-se completamente ao Isolamento, á Abstracção absoluta, até que afinal, um dia, em virtude das proprias Regiões quasi extra-humanas a que ascendêra, penetrou, transfigurado, em outras delyrantes e nebulosas Regiões!

Tempos passáram, muitos annos, talvez um século e eil-o que ahi ségue ainda, velho já, as pernas bambas, bambas, trôpego velhinho que o Silencio e o Passado santificam e envólvem com os seus longos véos nocturnos...

Que florestas eram essas, com animaes peiores que os lobos, peiores que os tigres, peiores que as serpentes, peiores que os homens? Não éram, de certo, em região nenhuma da terra, nem do céo, nem do inferno. Onde éram, então, essas florestas? Onde éram?

Mas Araldo, na sua peregrinação constante, caminhava, caminhava, caminhava, como que arrebatado por um vento acre de Imaginação.

O sol, que se tornára intenso, flammejava cada vez mais, ardia-lhe cruamente na face em chicotadas de fogo, fervia, chiava-lhe na pelle,

abria-lhe a pelle em echymoses vermelhas, chagava-o com as suas tenazes em brasa e elle rasgava os pés nos cardos bravos, ensanguentava nos tentaculos hostis das ramagens intrincadas, da multiplicidade maravilhosa de vegetações extravagantes, multifórmes, confuzas, de exuberancias phenomenaes de folhagens inauditas, d'entre as apotheoses viridentes de todas aquellas seivas, das possanças de todos aquelles gérmens, das impollutas manifestações de todas aquellas vidas vegetativas, sentindo uivar, bramir, rugir féras terriveis que lhe parecia virem de dentro de si proprio, sempre caminhando, caminhando pelas florestas como um deus singular ou um indio magnetisador e feiticeiro que, sob a acção de philtros mágicos, annulasse todo o poder dos animaes selvagens, que se abatiam timidos ante o horror doloroso do seu Espectro peregrinante e como que sobrehumano.

E as florestas se reproduziam infindavelmente, cheias de um pavôr magestoso, de phenomenos que as fecundavam e circulavam por todas ellas como estupendas creações feéricas.

E elle rompia florestas, florestas, florestas, caminhando como um pezadello, n'uma onda surda de anciedades que não lhe arrancavam, no entanto, nem um grito, nem um ai agoniado,

nem um soluço abafado—mas que o transfiguravam, que o tornavam livido, mais livido, muito livido e as pernas mais bambas e os braços mais desolados e o olhar mais perdido, mais errante, mais perdido...

E a hora desse dia éra infinita, uma hora que não acabava mais, por um sol que abrasava cada vez mais, incendiava as florestas e parecia não findar nunca! Um dia cruel, interminavel, de um sol duro e bruto, pregado impassivel no firmamento, que parecia não ter jamais o oásis repousante de um occaso. Um dia de hora accêsa no espaço, como n'um relogio immutavel. Um dia de século, um dia que elle sentia penetrar, abranger a eternidade, á proporção que ia envelhecendo mais, que lhe cresciam barbas mais longas, rugas mais imponderaveis, tremuras mais senis, mais pavorosos arripios, apezar da caustica flammejação do sol.

Envelhecia mais, gradualmente, com as arvores, com as florestas, que se cobriam tambem surprehendentemente de um nevoeiro branco como de cabelleiras de velhice...

Envelhecia, envelhecia e as florestas envelheciam juntas com elle, n'uma fraternidade piedosa de acompanhal-o na mesma suprema e insana desolação, na mesma allucinação da Vida.

E elle caminhava, caminhava, tão velho como as Edades, no seu constante peregrinar...

Para que novo e intacto Inferno caminhava então elle assim ?!

Mas, de repente, eis que as florêstas recúam, se apagam, vão desapparecendo aos poucos como por encanto; o assombroso explendor verde das arvores some-se no longinquo horisonte, como névoas que se desfazem, e começam, então, de repente, a surgir areiaes, areiaes de desertos inhóspitos, areiaes infindaveis, areiaes que successivamente se reproduzem, longos, muito longos e alvejantes, lá, para além das distancias que a retina não póde abranger nem descortinar...

E Araldo coméça de novo a mergulhar n'outra anciedade, a engolphar os pés nos fôfos areiaes fugidios que como que recúam a cada passo que elle vae dando.

E os areiaes se prolongam, n'uma intraduzivel tristeza de vastidão, surdos e estéreis, com as suas ondas brancas de pó accumuladas solitariamente.

Vencido pelo tempo, villipendiado, Araldo vae mergulhando nas surdas areias tôrvas. Mas, a cada passo que elle dá para adiante, a onda de areia, fôfa, frouxa, o arrasta mais para atraz;

cada envestida que elle dá para a frente parece uma envestida falsa, vã, inutil, porque os seus pés pesados e adormentados pela marcha perpetua paralysam completamente quando em mais fôfa, mólle vaga de areia anciosamente mergulham.

Em certas zonas, em certas regiões, a vastidão plana dos areiaes se modifica, dá-se uma transmutação subita; e elevações de collinas, cômoros altos, de protuberancias pyramidaes de catafalcos, ostentam-se ameaçadores diante do escarnecido pária, que galga por elles acima, vae subindo, subindo, lá, enterrando inquietamente os pés nos lassos areiaes, descendo apoz ás amplidões planas, galgando novamente os catafalcos de pó, subindo, descendo, descendo, subindo, ás vezes abalado pela impressão de ir suspenso no ar, com as mãos, tremulas e tysicas, lesmadas por um frio tumular de mêdo, tacteando, oscillando no espaço como duas azas hirtas e a envelhecida e espectral cabeça martyrisantemente nimbada pelo sol.

E, á proporção que elle caminha mais para a frente, os horizontes se ampliam e affastam para longe como se obedecessem a um movimento gradual e curioso da elasticidade nos corpos...

E Araldo séque, assombroso, sinistro, atravez da amplidão e da solidão dos areiaes mortos, como a Epopéa symbolica das sensações!

Subito uma legião de phantasticas aves acolossaes, formidaveis, de corpulencia humana bateo-se sobre elle, precipitou-se, n'um vôo, incisivo, como se acaso alli mesmo o fossem devorar inclementemente.

Mas, talvez por tel-o reconhecido, por sentil-o irmão n'aquellas agonias supremas, como éram tambem ellas, aves symbolisantes do Sentimento e do Vago, da Piedade e do Consolo, deslisáram suavemente sobre Araldo em caricias de azas, em grásnos compassivos, quasi gemidos, cobrindo-o, envolvendo-o com as suas plumagens errantes do Azul e da Tréva, na infinita mizericórdia das Esphéras!

E Araldo assim ficou por alguns momentos, subjugado por esse terror sagrado e ao mesmo tempo pascificante, de olhos fechados aos vultos negros e sepulchraes das aves, atordoado, somnambulo, dir-se-hia gosando mórbidamente, inconscientemente, o espanto dessas incognosciveis e emplumadas Apparições.

Depois, quando abrio lentamente os olhos, tinham desapparecido todas as aves, reentrado no Mysterio, remergulhado no Vácuo, levando

na fimbra das azas olvidadas e poderosas os ultimos raios ouro-violaceos do crepusculo que essas aves ignótas pareciam ter trazido nas immensas sombras das azas e que descêra então afinal sobre aquelle pasmoso e interminavel dia tão duramente impassivel como as pedras.

As sombras, amplas, largas, pezadas, circunvolvêram logo os sáfaros areiaes dezertos.

Por entre brumas espêssas, vagorosa e taciturna, na lenta génese da sua luz, apparecêo a lua, vagamente lembrando a nebulosa de um Espirito...

Uma claridade diluida, fina, frouxa, ia ungindo tudo...

Ondas e ondas nervosas de brancuras lividas se derramavam como rezinas illuminantes; evaporações subiam, se exhalavam como de amphoras ardentes, envolvendo a vastidão entre diaphanas auréolas phantasiosas.

Certas tonalidades azuladas, roxas, sulphúreas, languesciam, quebravam-se ..

E aquelles aspectos deslumbradores, magos, dos dezertos que se repetiam e que o luar martyrisava de uma grande magoa muda, pareciam os aspectos quiétos, calados, lacerantemente, silenciosamente dolorosos, das paragens mortas do Esquecimento...

E agora, no luar, outra original anciedade se diffundia — profunda, mais profunda do que nunca, para o Desventurado eterno.

Harmonias violinadas e doloridas alanceavam-lhe os nêrvos; finas e subtilissimas melodias afinadas pela mais introdusivel amargura fluiam dos raios do luar, das neblinas, dos Angelos do luar...

E jamais, jamais Araldo parecêra tanto um Espectro como agora, com o sêllo impenetravel das Desilluções augustas, os olhos, a bocca, o peito e os pés já lethargica, somnolentamente tocados por fluidos gélidos e magnéticos de morte, como que revestido do sambenito para os Autos de fé, caminhando dentro do Sonho, do espasmo branco do luar soturno e cirial...

E todos os sentidos de Araldo se requintavam, atilados na sonoridade acustica da alva claridade nocturna; uma percuciencia maior, mais intensa, os vibrava; elle sentia a acuidade penetrante de tal modo expressiva e flagrante como se o seu ser fôsse parte esparsa, diluida no grande todo que a lua lyriava, agindo com o agir dos inorganicos, do alado, do evaporavel, na mesma sensibilidade intangivel da naturesa circundante.

Elle sentia diffundir-se-lhe diante dos olhos esse indeffinido perpetuar de visões e sensações,

essas onduiações de mundos fascinadôres e novos, o fluctuante, o vaporoso estado principal de órbes, de esphéras flammantes em condensação; sentia a suggestão original de genesis que se revéllam e todo esse torpôr, esse adormecido quebranto de corpos que se fecundam e géram, todo o caprichoso cháos germinativo e allucinante que deve singularmente affectar, com o mais intenso e profundo névro-psychismo, impressionar curiosamente a retina interior dos cégos no seu somnambulismo tactil.

Fógos-fátuos, prismas cambiantes, eclypticos, gyravam-lhe, phosphoreavam-lhe dormentemente diante dos olhos, no inebriamento entorpecedor do luar...

Os ouvidos, a cada instante mais ducteis, mais rhythmicos, mais afinados, tinham a pouco e pouco mais aguda susceptibilidade.

O terror do deserto, o sigillo amedrontador do luar, a amplidão, o vago, o incoercivel da Noite, punha-lhe em todo o organismo essa excessiva vibração, essa extrema sensibilidade, essa extraordinaria super-esthesia nervosa.

Então, atravéz dos finos crystaes musicaes do luar, com o ouvido de uma delicadesa quasi mórbida de percepção, que actuava no seu systhema nervoso pela anciedade flagelante, pelo

excesso attordoador do soffrimento, pelo refinamento da angustia, parecia a Araldo escutar, vibrado longe na limpidez glacial da lua, o seu nome desventurado :—Araldo! Araldo ! Araldo !

E essa voz compungida, n'um brado claro, como timbrada em aço, chamava alto :— Araldo ! Araldo! Onde estás ? Onde estás, Araldo ?! E como que essa voz se reproduzia, se multiplicava, cada vez se approximando mais d'elle :— éra um marulhar de vozes que estallavam, cantavam de todos os lados, subiam dos areiaes mortos, desciam dos infinitos céus, do esplendor fabuloso da lua, bradando: Araldo! Araldo !— vibração deslocada na crystalisação luminosa; Araldo! Araldo ! ; osculando os areiaes desertos, Araldo! Araldo ! ; vozes castas, carinhosas, abençoadôras e ternas, aladas phantasticamente atravez do luar tão cheio de miragens, de illusionismos, tão velado de suggestões e gérmens miraculosos.

De toda a parte elle ouvia o mesmo clamôr, chamando-o, procurando-o, buscando-o por toda a parte. E todo esse clamôr formava como que um Requiem triste de impaciencia, de inquietitudes, de anciedades, crescendo em mar attroante de vozes, sombriamente : Araldo ! Araldo ! Araldo!

A sua velha e atormentada cabeça como que accordava então d'aqualla peregrinante alluci-

nação, agitada pelas saudades que essas erradias vózes lhe traziam, saudades que se transfiguráram outr'ora nas lendas do luar, saudades que fôram para sempre se asylar nos estrellados sanctuarios da Via Lactea e que vagueiavam por lá, sonhando, Virgens e Santas de regiões inaccessiveis vestidas do linho immaculado tecido nas refulgencias e lactescencias dos astros, alanceadas por todas as grandes dores do Mundo, aureoladas de scintillantes diadêmas feitos de todas as puras lagrimas transfundidas, serenas na graça langue dos seus corpos venusinos e com os seios intactos dos beijos tentadores sagradamente nús, aflorados da pubescencia inicial.

Agora, as vózes vinham-lhe em gradações de sonoridade— vózes graves, soturnisadas e prophéticas de canto-chão e vózes angélicas e frescas de choraes gloriosos nas Dulias matutinas e floreadas de Maio.

E'ram os seus bizarros instinctos de Mocidade que acordavam gritando; os aviarios de ouro das suas alegrias magoadamente ironicas, que gorgeiavam; os seus desejos adormecidos, procurando-o, seduzindo-o, tentando-o; as vibrantes fanfarras, já emmudecidas, dos seus vagos triumphos, attordoando-o de échos dolentes; todo o seu goso chammejante de outr'ora

e as suas amarguras, desalentos, desesperanças, que o buscavam enternecidamente, com carinho, com profundos estremecimentos.

A requintada magia, as deliquescencias do luar, davam velada, quasi apagada reminiscencia de um luar muito vago, muito remóto, muito triste, já visto, já sentido e já contemplado outr'ora n'algum paiz tumular d'além dos tempos, um luar velho, em diluencias de giéstas amarellas, de margaridas rôxas, de pallidos monsenhores...

Longo, largo disco azulado circundava prognosticamente agora a face immovel da lua, que parecia penetrada de um lethargo môrno... Immensas, immensas e incomparaveis tristezas se diffundiam no mysterio d'aquelles desertos infinitos, cujo sentimento tremendo da desolação e do nada dilacerava.

Toda a vastidão éra como um solitario sarcophago monstruoso, onde— visão dos imprescriptiveis Destinos— errasse, cégo e só, esse ser desconhecido, unica palpitação, unica chamma nervosa, unica alma em ancias, unico suspiro vivo disprendido na mudez absoluta do mágico luar...

D'entre o peso aflictivo da grande noite rhythmada de magoadas surdinas, o céo, o impassivel céo, estava agora brumosamente velado

de um fino nevoeiro d'estrellas, como uns olhos de lagrimas...

E Araldo seguia, esquecido Archanjo primitivo, levado pelas azas sulphúreas dos corcéis árdegos d'aquelle phantastico somnambulismo, tatuado pelos gilvases do luar; lá ia aquella tormenta viva de nêrvos, aquella alta psychose, nas transfigurações e nas auréolas da Dôr; lá ia o nirvanismo do nirvanismo, o infinito do infinito...

Subito, porém, um vendaval terrivel, o attordoante simoun convulsivo, epileptico, abrazador e medonho, tão espesso, tão denso que encobrio totalmente o luar, bramio em rodomoinhos, em vórtices tenebrosos, revolvendo, levantando em montanhas no espaço toda a tôrva poeira dos areiaes.

Um simoun estranho, mais horrivel que nos desertos da Nubia, ennovelado, torcicoloso, em grossas espiraes de serpentes gigantescas, cyclópicas, com as caudas e as cabeças titanicas vertiginosamente alvoroçadas nos delyrios sanguisidentos dos lethificos e monstruosos venenos.

Nas córdas tempestuosas desse vento tremendo choravam por vezes symphonias thaunauserianas, loucuras rei-leareanas. E'ra como se turbilhões de demonios sôltos, arrancando os cabellos com desespero, bufassem e ullullassem.

Um pavôr tragico enchia o deserto, assombrava o deserto. Indefinidas angustias gemiam e soluçavam no vento, velhas queixas encantadas, velhas tristezas millenarias e fundas ; primitivas linguas barbaras violenta e confusamente se dilaceravam, se atropellavam; uivos felinos, ganidos, urros formidaveis de monstros cruzavam-se no ar...

A brancura tenra, de anho branco, de cordeiro immaculado, da lua, apparecia, por vezes, de uma tonalidade sombria, apagada, de um étherismo mórbido de eclypse, dando um diluente sentimento de remotividade amarga, como se a lua assim desse modo vista troucésse a impressão longinqua de ser ella propria a saudade da lua...

No meio desse tétrico deserto nunca imaginado, desse luar inquisitorial, mortal, esse vento sinistro tinha uma resonancia subterranea, funésta e cruel de clamôr nihilista, evocava as florescencias e as quintescencias doentias das sensibilidades do Bhudhismo.

E Araldo, cada vez mais Espectro em meio á Natureza toda, cada vez mais silhouettico, mais perdido, mais apagado, mais vago no vácuo tremendo d'aquellas vastidões dolorosas, o vulto cada vez mais diminuido, sumindo-se, sumindo-se,

sumindo-se na distancia, na absorpção da Immensidade circumvolvente, absurda e insensivelmente mergulhou nos turbilhões do vendaval terrivel, foi arrebatado nas malhas atrozes e negras do simoun, envôlto na lugubre mortalha dos areiaes — louco, no auge da sua loucura, na crise formidavel dos accordados e allucinados pezadellos que lhe abalavam assim, sempre, fundamente, o cérebro e éram, no entanto, atravez da grande allucinação da Vida, do abysmo eterno da Vida, as unicas horas mais felizes e puras em que elle se enclausurava nos tabernaculos fechados da sua Paixão, os unicos instantes sagrados, os unicos momentos lucidos para os sóes febricitantes, exquisitos e magestosos da sua fabulosa e sobrehumana Imaginação de louco...

EXTREMA CARICIA...

O que elle, apenas, em realidade sentia naquella hora velada, além de uma esparsa e acerba saudade de tudo, era uma caricia infinita, verdadeiramente inexplicavel, invadil-o todo, difundir-se pelo seu ser como que em musicas e mornos toxicos luminosos. Era uma dormencia vaga, uma leve quebreira e lethargia que o mergulhava n'um somno nebuloso, por entre irisações de brancura, n'um apaziguamento suave, como si elle estivesse acaso adormecido em cisternas de leite, ouvindo passaros invisiveis cantar e sons subtilissimos de harpas docemente, finamente fluindo...

Era um luar espasmodico, em deliquios, que nervosamente o aureolava, que lhe cahia em neblinas de lyrios madidos nas origens mais reconditas da alma. Era um oleo paradisiaco que manso e manso o acalmava, o anesthesiava. Uma extrema caricia, que fazia dilatarem-se-lhe

todas as fibras, percorrendo-lhe pelo organismo, extasiantemente, n'uma onda de fluidos maravilhosos, de longos languores, de demorados gozos, de supremas quintescencias de sensibilidade.

O sentido palatal, o sentido olfactivo e o sentido visual, profundas manifestações da vida mollecularisada, elle os sentia agora de uma aguda penetração superorganica, prodigiosamente penetrados da extrema caricia, dos phenomenos desconhecidos que o invadiam.

Um nimbo azul, ouro, azul, ouro, azul, etherisava-o, como se elle, por abstractas fórmas estranhas, gyrasse nas constelações, nas curiosidades prismaticas, cambiantes dos eclipses...

Parecia que áspides delicadas, de uma volupia ultra-celeste, enroscavam-se nelle, enlaçavam-lhe o corpo todo, sugando-lhe com insaciavel phrenesi a força vital das vertebras e dando-lhe uma nova vida ainda não vivida pelos seus nervos, ainda não experimentada pelo seu sangue, ainda não soffrida pelos seus sentidos — vida de outras origens, de outras sensações fugitivas, de outras complexidades multiplas, de outras nevroses absurdas, de outras esthesias candidas, de outros sóes e de outras noites, de outras recordações e de outros esquecimentos... Uma vida sem os contactos epidermicos, sem os quebrantos doentes

da carne, sem os delirios da materia — inteiramente livre de todos os grilhões do organismo humano. Vida desmollecularisada nas espheras, plainando no absoluto — luz de harmonia, harmonia de luz evaporada, diluida na grande luz astral, subindo camadas, camadas, mais camadas de luz, mais camadas de harmonia, quintescenciadamente subindo sempre, subindo, impessoalisando-se e sideralisando-se através dos corpos em gestação, nas particulas minimas, infinitesimaes do Ser, no branco infinito do Sonho...

E aquella extrema caricia, sempre a inocular-lhe nas veias um frio e divino vinho voluptuoso de graça langue, de graça morbida, de graça somnambula. Sempre aquella caricia adormentadora, miraculosamente adormentadora.

Sempre aquelle opio fascinante que o somnolentava, pouco a pouco mais intenso, mais profundo... E nevoas, nevoas de uma deliciosa e pacificadora noite aveludada, sem uma só estrella! o iam envolvendo de fórma capciosa e lenta. Aos poucos se extinguia, num final de crepusculo, a vida chammejativa e original de seus olhos, a ancia derradeira, o alento ultimo de sua boca já apagada, já muda. No cerebro ia-se-lhe vagamente distendendo, tentaculorisando a sensação secreta de um negro sinistro silencio...

As reminiscencias recuavam, sumiam-se nos indefiniveis mysterios... Mesmo, agora, finas mãos glaciaes, esqueleticas e invisiveis, de longos e esguios dedos tremulos, andavam-lhe demoradamente a palpar o corpo todo, de baixo a cima, tacteando pelo seu rosto, de vagar, pousando sobre os seus olhos, sobre as palpebras, a cerral-as a fechal-as com cuidado, de vagar na delicadeza e na extrema caricia dos longos e esguios dedos tremulos... Até que, na convulsa vibração das intimas cordas sensibilisadas de todo o seu ser, elle sentiu então, comprehendeu então irremediavelmente já, do mais horrivel modo tenebroso e gelado, pela primeira e unica vez! todos esses subtis e exquisitos effeitos lethaes daquella extrema caricia...

EMPAREDADO

> Ah! Noite! feiticeira Noite! ó Noite mizericordiosa, coroada no thrôno das Constellações pela tiára de prata e diamantes do Luar, Tu, que resuscitas dos sepulchros solemnes do Passado, tantas Esperanças, tantas Illusões, tantas e tamanhas Saudades, ó Noite! Melanchólica! Soturna! Voz triste, recordativamente triste, de tudo o que está morto, acabado, perdido nas correntes eternas dos abysmos bramantes do Nada, ó Noite meditativa! fécunda-me, penetra-me dos fluidos magnéticos do grande Sonho das tuas Solidões pantheistas e assignaladas, dá-me as tuas brumas paradisiacas, dá-me os teus scysmares de Monja, dá-me as tuas azas reveladôras, dá-me as tuas auréolas tenebrosas, a eloquencia de ouro das tuas Estrellas, a profundidade mysteriosa dos teus suggestionadores phantasmas, todos os surdos soluços que rugem e rásgam o magestoso Mediterraneo dos teus evocativos e pacificadôres Silencios!

Uma tristeza fina e incoercivel errava nos tons violaceos vivos d'aquelle fim sumptuoso de tarde accêso ainda nos vermelhos sanguineos,

cuja côr cantava-me nos olhos, quente, inflammada, na linha longe dos horisontes em largas fachas rutilantes.

O fulvo e voluptuoso Rajah celeste derramára além os fugitivos esplendores da sua magneficencia astral e rendilhára d'alto e de leve as nuvens da delicadeza architectural, decorativa, dos estylos manuelinos.

Mas, as ardentes fórmas da luz pouco a pouco quebravam-se, velavam-se, e os tons violaceos vivos, destacados, mais agora flagrantemente crepusculavam a tarde, que expirava anhelante, n'um anceio indeffinido, vago, dolorido, de inquiéta aspiração e de inquiéto sonho...

E, descidas, afinal, as névoas, as sombras claustraes da noite, timidas e vagarosas Estrellas começavam a desabrochar florescentemente, n'uma tonalidade peregrina e nebulosa de brancas e erradias fadas de Lêndas...

E'ra aquella, assim religiosa e ennevoada, a hora eterna, a hora infinita da Esperança...

Eu ficára a contemplar, como que somnambulisado, como o espirito indeciso e febricitante dos que espéram, a avalanche de impressões e de sentimentos que se accumulavam em mim á proporção que a noite chegava com o séquito radiante e real das fabulosas Estrellas.

Recordações, desejos, sensações, alegrias, saudades, triumphos, passavam-me na Imaginação como relampagos sagrados e scintillantes do esplendor lithurgico de pállios e viaticos, de casúlas e dalmáticas fulgurantes, de tochas accêsas e fumosas, de thuribulos cinzelados, n'uma procissão lenta, pomposa, em apparatos ceremoniaes, de Corpus Christi, ao fundo longinquo de uma provincia suggestiva e serena, pittorescamente aureolada por mares cantantes. Vinha-me á flor melindrosa dos sentidos a melopéa, o rhythmo fugìdio de momentos, horas, instantes, tempos deixados para atraz na arrebatada confusão do mundo.

Certos lados curiosos, expressivos e tocantes do Sentimento, que a lembrança venéra e santifica; lados virgens, de magestade significativa, parecia-me surgirem do sumptuoso fundo estrellado d'aquella noite larga, da amplidão saudosa d'aquelles céus...

Desdobrava-se o vasto silphorama opulento de uma vida inteira, circulada de accidente, de longos lances tempestuosos, de desolamentos, de palpitações ignoradas, como do rumôr, das acclamações e dos fogos de cem cidades tenebrosas de tumulto e de pasmo...

E'ra como que todo o branco idyllio mystico da adolescencia, que de um tufo claro de nuvens, em Imagens e Visões do Desconhecido, caminhava para mim, leve, ethéreo, atravez das immutaveis fórmas.

Ou, então, massas cerradas, compactas, de harmonias wagnerianas, que cresciam, cresciam, subiam em gritos, em convulsões, em alaridos nervosos, em estrépitos nervosos, em sonoridades nervosas, em dilaceramentos nervosos, em catadupas vertiginosas de vibrações, echoando longe e alastrando tudo, por entre a delicada alma subtil dos rhythmos religiosos, alados, procurando a serenidade dos Astros...

As Estrellas, d'alto, claras, pareciam cautelosamente escutar e sentir, com os caprichos de relicarios inviolados da sua luz, o desenvolvimento mudo, mas intenso, a abstracta funcção mental que estava n'aquella hora se operando dentro em mim, como um phenomeno de aurora boreal que se revelasse no cérebro, accordando chammas mortas, fazendo viver illusões e cadaveres.

Ah! aquella hora éra bem a hora infinita da Esperança!

De que subterraneos viéra eu já, de que tôrvos caminhos, trôpego de cansaço, as pernas

bambaleantes, com a fadiga de um século, recalcando nos tremendos e magestosos Infernos do Orgulho o coração lacerado, ouvindo sempre por toda a parte exclamarem as vãs e vagas boccas: Esperar! Esperar!

Porque estradas caminhei, monge hirto das desillusões, conhecendo os gêlos e os fundamentos da Dôr, dessa Dôr estranha, formidavel, terrivel, que canta e chóra Requiens nas arvores, nos mares, nos ventos, nas tempestades, só e taciturnamente ouvindo: Esperar! Esperar! Esperar!

Por isso é que essa hora suggestiva éra para mim então a hora da Esperança, que evocava tudo quanto eu sonhára e se desfiséra e vagára e mergulhára no Vácuo... Tudo quanto eu mais eloquentemente amára com o delyrio e a fé suprema de solemnes assignalamentos e victorias.

Mas as grandes ironias trágicas germinadas do Absoluto, conclamadas, em anathemas e deprecações inquisitoriaes cruzadas no ar violentamente em linguas de fogo, cahiram martyrisantes sobre a minha cabeça, implacaveis como a péste.

Então, á beira de cahóticos, sinistros despenhadeiros, como outr'ora o doce e archangélico Deus Negro, o trismegisto, de córnos

agrogalhardos, de fagulhantes, estriadas asas enigmaticas, idealmente meditando a Culpa immeditavel; então, perdido, arrebatado d'entre essas mágicas e poderosas correntes de elementos antipathicos que a Natureza regularisa, e sob a influencia de desconhecidos e venenosos philtros, a minha vida ficou como a longa, muito longa véspera de um dia desejado, anhelado, anciosamente, inquietamente desejado, procurado atravez do deserto dos tempos, com angustia, com agonia, com exquisita e doentia nevróse, mas que não chêga nunca, nunca !!

Fiquei como a alma velada de um cégo onde os tormentos e os flagellos amargamente vegetam como cardos hirtos. De um cégo onde parece que vaporosamente dórmem certos sentimentos que só com a palpitante vertigem, só com a febre matinal da luz clara dos olhos accordariam; sentimentos que dórmem ou que não chegaram jámais a nascer porque a densa e amortalhante cegueira como que apagou para sempre toda a claridade serena, toda a chamma original que os poderia fecundar e fazer florir na alma...

Elevando o Espirito a amplidões inaccessiveis, quasi que não vi esses lados communs da Vida humana, e, igual ao cégo, fui sombra, fui sombra !

Como os martyrisados de outros Golgothas mais amargos, mais tristes, fui subindo a escalvada montanha, atravez de urzes eriçadas, e de brenhas, como os martyrisados de outros Golgothas mais amargos, mais tristes.

De outros Golgothas mais amargos subindo a montanha immensa,— vulto sombrio, tétro, extra-humano!— a face escorrendo sangue, a bocca escorrendo sangue, o peito escorrendo sangue, as mãos escorrendo sangue, o flanco escorrendo sangue, os pés escorrendo sangue, sangue, sangue, sangue, caminhando para tão longe, para muito longe, ao rumo infinito das regiões melanchólicas da Desillusão e da Saudade, transfiguradamente illuminado pelo sol augural dos Destinos !...

E, abrindo e erguendo em vão os braços desesperados em busca de outros braços que me abrigassem; e, abrindo e erguendo em vão os braços desesperados que já nem mesmo a millenaria cruz do Sonhador da Judéa encontravam para repousarem pregados e dilacerados, fui caminhando, caminhando, sempre com um nome extranho convulsamente murmurado nos labios, um nome augusto que eu encontrára não sei em que Mysterio, não sei em que prodigios de Investigação e de Pensamento profundo :— o sagrado

nome da Arte, virginal e circundada de loureiraes e myrtos e palmas verdes e hosannas, por entre constellações.

Mas, foi apenas bastante todo esse movimento interior que pouco a pouco me abalava, foi apenas bastante que eu consagrasse a vida mais fecundada, mais ensanguentada que tenho, que désse todos os meus mais intimos, mais reconditos carinhos, todo o meu amor ingénito, toda a legitimidade do meu sentir a essa translucida Monja de luar e sol, a essa incoercivel Apparição, bastou tão pouco para que logo se levantassem todas as paixões da terra, tumultuosas como florestas cerradas, proclamando por brutas, titanicas trombêtas de bronze, o meu nefando Crime.

Foi bastante pairar mais alto, na obscuridade tranquilla, na consoladôra e doce paragem das Idéas, á cima das graves lettras maiusculas da Convenção para alvoroçarem-se os Preceitos, irritarem-se as Regras, as Doutrinas, as Theorias, os Schemas, os Dogmas, armados e ferozes, de cataduras hostis e severas.

Eu trazia, como cadaveres que me andassem funambulescamente amarrados ás costas, n'um inquietante e interminavel apodrecimento, todos os empirismos preconceituosos e não sei quanta

camada morta, quanta raça d'Africa curiosa e desolada que a Phisiologia nullificára para sempre com o riso hœckeliano e papal!

Surgido de barbaros, tinha de domar outros mais barbaros ainda, cujas plumagens de aborigene alacremente fluctuavam atravez dos estylos.

E'ra myster romper o Espaço toldado de brumas, rasgar as espessuras, as densas argumentações e saberes, desdenhar os juizos altos, por decreto e por lei, e, emfim, surgir...

E'ra mystér rir com serenidade e afinal com tédio dessa cellulasinha bitolar que irrômpe por toda a parte, salta, fecunda, alastra, explóde, transbórda e se propága.

E'ra mystér respirar a grandes haustos na Natureza, desaffogar o peito das oppressões ambientes, agitar desassombradamente a cabeça diante da liberdade absoluta e profunda do Infinito.

E'ra mystér que me deixassem ao menos ser livre no Silencio e na Solidão. Que não me negassem a necessidade fatal, imperiosa, ingénita, de sacudir com liberdade e com volupia os nêrvos e disprender com largueza e com audacia o meu verbo soluçante, na força impetuosa e indomavel da Vontade.

O temperamento que rugia, bramava dentro de mim, esse, que se operasse:—precisava, pois, tratados, largos in-fólios, toda a bibliotheca da famosa Alexandria, uma Babel e Babylonia de applicações scientificas e de textos latinos, para sarar...

Tornava-se forçoso impôr-lhe um compendio admiravel, cheio de sensações imprevistas, de curiosidades estheticas muito lindas e muito finas —um compendio de geometria!

O temperamento entortava muito para o lado da Africa:—éra necessario fazel-o indireitar inteiramente para o lado Regra, até que o temperamento regulasse certo como um thermometro!

Ah! incomparavel espirito das estreitesas humanas, como és secularmente divino!

As civilisações, as raças, os povos degladiam-se e mórrem minados pela fatal degenerescencia do sangue, despedaçados, anniquilados no pavoroso tunnel da Vida, sentindo o horrôr suffocante das suprêmas asphixias.

Um veneno corrosivo atravéssa, circúla vertiginosamente os póros dessa deblaterante humanidade que se véste e triumpha com as purpuras quentes e funestas da guerra!

Povos e povos, no mesmo fatal e instinctivo movimento da conservação e propagação

da especie, frivolamente lutam e proliféram diante da Morte, no ardôr dos connubios secrétos e das batalhas obscuras, no phrenesi genital, animal, de perpetuarem as seivas, de eternisarem os gérmens.

Mas, por sobre toda essa vertigem humana, sobre tanta monstruosa miséria, rodando, rodomoinhando, lá e além, na vastidão funda do Mundo, alguma cousa da essencia maravilhosa da Luz paira e se perpetúa, fecundando e inflammando os séculos com o amor indelével da Fórma.

E' do sabôr prodigioso dessa essencia, vinda de bem remótas origens, que raros Assignalados experimentam, envôltos n'uma athmosphéra de etherificações, de visualidades inauditas, de surprehendentes abstracções e brilhos, radiando nas correntes e forças da Natureza, vivendo nos phenomenos vagos de que a Natureza se compõe, nos phantasmas dispérsos que circulam e érram nos seus explendores e nas suas trévas, conciliados supremamente com a Natureza.

E, então, os temperamentos que surgissem, que viéssem, limpos de mancha, de mácula, puramente lavados para as extremas perfectibilidades, virgens, sãos e impetuosos para as extremas fecundações, com a virtude eloquente de

trazerem, ainda sangradas, frescas, humidas das terras germinaes do Idealismo, as raizes vivas e profundas, os gérmens legitimos, ingénitos, do Sentimento.

Os temperamentos que surgissem:—podiam ser simples, mas que essa simplicidade accusasse tambem complexidade, como as claras Illyadas que os rios cantam. Mas igualmente podiam ser compléxos, trazendo as inéditas manifestações do Indeffinido, e intensos, intensos sempre, synthéticos e abstractos, tendo esses inexprimiveis segredos que vagam na luz, no ar, no som, no arôma, na côr e que só a visão delicada de um espirito artistico assignala.

Poderiam tambem parecer obscuros por serem compléxos, mas ao mesmo tempo serem claros nessa obscuridade por serem lógicos, naturaes, faceis, de uma expontaneidade sincéra, verdadeira e livre na enunciação de sentimentos e pensamentos, da concepção e da fórma, obedecendo tudo a uma grande harmonia essencial de linhas sempre determinativas da indole, da feição geral de cada organisação.

Os lados mais carregados, mais fundamente cavados dos temperamentos sangrentos, fecundados em origens novas de excepcionalidades, não seriam para complicar e enturvescer mais as

respectivas psychologias; mas apenas para tornal-as claras, claras, para dar, simplesmente, com a maxima eloquencia, dessas proprias psychologias, toda a evidencia, toda a intensidade, todo o absurdo e nebuloso Sonho. . .

Dominariam assim, venceriam assim, esses Sonhadôres, os reservados, eleitos e melancholicos Reinados do Ideal, apenas, unicamente por fatalidades impalpaveis, imprescriptiveis, secrétas, e não por juxtaposições mechanicas de theorias e didactismos obsoletos.

Os caracteres nervosos mais subtis, mais finos, mais vaporosos, de cada temperamento, perder-se-hiam, embóra, na vaga truculenta, pesada, da multidão inexpressiva, confusa, que borborinha com o seu lento ar parado e vasio, conduzindo em seu bojo a concupiscencia bestial enroscada como um sátyro, com a alma gasta, olhando móllemente para tudo com os seus dous pequeninos olhos gulosos de simio.

Mas, a paixão inflammada do Ignóto subiria e devoraria reconditamente todos esses Imaginativos dolentes, como se elles fossem abençoada zona ideal, preciosa, guardando em sua profundidade o orientalismo de um thesouro curioso, o relicário mágico do Imprevisto—abençoada zona saudosa, plaga d'ouro sagrada, para

sempre sepulchralmente fechada ao sentimento herético, á barbara profanação dos sacrilegos.

Assim é que eu sonhára surgirem todas essas aptidões, todas essas feições singulares, dolorosas, irrompendo de um alto principio fundamental distincto em certos traços breves, mas igual, uno, perfeito e harmonioso nas grandes linhas geraes.

E'ssa é que fôra a lei secréta, que escapára á percepção de philosophos e doutos, do verdadeiro temperamento, alheio ás orchestrações e aos incensos acclamatórios da turba profana, porém alheio por causa, por sinceridade de penetração, por subjectivismo mental sentido á parte, vivido á parte,—simples, obscuro, natural,— como se a humanidade não existisse em torno e os nêrvos, a sensação, o pensamento tivéssem latente necessidade de gritar alto, de expandir e transfundir no espaço, vivamente, a sua psychose atormentada.

Assim é que eu via a Arte, abrangendo todas as faculdades, absorvendo todos os sentidos, vencendo-os, subjugando-os amplamente.

E'ra uma força occulta, impulsiva, que ganhára já a agudeza picante, acre, de um appetite estonteante e a fascinação infernal, tóxica, de um fugitivo e deslumbrador peccado...

Assim é que eu a comprehendia em toda a intimidade do meu ser, que eu a sentia em toda a minha emoção, em toda a genuina expressão do meu Entendimento—e não uma especie de iguaria agradavel, saborosa, que se devesse dar ao publico em dóses e no gráo e qualidade que elle exigisse, fosse esse publico simplesmente um symbolo, um bonzo antigo, taciturno e côr de óca, uma expressão seródia, o publico A+B, cujo consenso a Convenção em lettras maiusculas decretára.

Afinal, em these, todas as idéas em Arte poderiam ser antipathicas, sem preconcebimentos a agradar, o que não quereria dizer que fôssem más.

No entanto, para que a Arte se revelasse propria, éra essencial que o temperamento se desprendesse de tudo, abrisse vôos, não ficasse nem continuativo nem restricto, dentro de varios móldes consagrados que tomáram já a significação representativa de clichés officiaes e antiquados.

Quanto a mim, originalmente foi crescendo, alastrando o meu organismo, n'uma vehemencia e n'um impeto de vontade que se manifesta, n'um diluvio de emoção, esse phenomeno de temperamento que com subtilesas e delicadesas

de névoas alvoraes vem surgindo e formando em nós os maravilhosos Encantamentos da Concepção.

O Desconhecido me arrebatára e surprehendêra e eu fui para elle instinctiva e intuitivamente arrastado, insensivel então aos attritos da frivolidade, indifferente, intediado por indole diante da philaucia lettrada, que não trazia a expressão viva, palpitante, da chamma de uma physionomia, de um typo affirmativamente eleito.

Muitos diziam-se rebellados, intransigentes —mas eu via claro as ficélles dessa rebeldia e dessa intransigencia. Rebellados, porque tivéram fome uma hora apenas, as botas rôtas um dia. Intransigentes, por despeito, porque não conseguiam galgar as futeis, para elles gloriosas, posições que os outros galgavam.

E'ra uma politicasinha engenhosa de mediocres, de estreitos, de tacanhos, de perfeitos imbecilisados ou cynicos, que faziam da Arte um jogo capcioso, maneiroso, para arranjar relações e prestigio no meio, de geito a não offender, a não fazer córar o dilettantismo das suas idéas. Rebeldias e intransigencias em casa, sob o tecto protector, assim uma especie de atheismo academico, muito demolidor e feroz, com ladainhas e

amuletos em certa hora para livrar da trovoada e dos celestes castigos imponderaveis!

Mas, uma vez cá fóra á luz crúa da Vida e do Mundo, perante o ferro em brasa da livre analyse, mostrando logo as curvaturas mais respeitosas, mais grammaticaes, mais classicas, á decrépita Convenção com lettras maiusculas.

Um ou outro, pairando, no entanto, mais alto no meio, tinha manhas de raposa fina, argucia, vivacidades satanicas, no fundo, frivolas, e que a maior parte, inteiramente ôca, sem penetração, não sentia. Fechava systhematicamente os olhos para fingir não vêr, para não sahir dos seus commodos pacatos de acclamado banal, fazendo esforço supremo de conservar a confusão e a complicação no meio, transtornar e estontear aquellas raras e adolescentes cabeças que por acaso apparecessem já com algum nebuloso segredo.

Um ou outro tinha a habilidade quasi mechanica de apanhar, de recolher do tempo e do espaço as idéas e os sentimentos que, estando dispérsos, formavam a temperatura burguesa do meio, portanto corrente já, e trabalhar algumas paginas, alguns livros, que por trazerem idéas e sentimentos homogeneos dos sentimentos e idéas

burguezes, aqueciam, alvoroçávam, atordoavam o ar de applausos. . .

Outros, ainda, adaptados ás épocas, aclimados ao modo de sentir exterior; ou, ainda por mal comprehendido ageitamento, fazendo absoluta apostasia do seu sentir intimo, proprio, illudidos em parte; ou, talvez, evidenciando com flagrancia, trahindo assim o fundo futil, sem vivas, entranhadas raizes de sensibilidade esthetica, sem a ideal radicalisação de sonhos ingenitamente fecundados e quintescenciados na alma, das suas naturezas passageiras, desapercebidas de certos movimentos inevitaveis da esthesia, que imprimem, por fórmulas fataes, que arrancam das origens profundas, com toda a sanguinolenta verdade e por causas fugidias a toda e qualquer analyse, tudo o quanto se sente e pensa de mais ou menos elevado e completo.

Mystificadores affectados de *canaillerie* por tom, por modernismos falhos apanhados entre os absolutamente fracos, os pusillanimes de tempera no fundo, e que, no entanto, tanto apparentam correcção e serena força propria.

Naturezas vacillantes e mórbidas, sem a integração final, sem mesmo o equilibrio fundamental do proprio desequilibrio e, ainda mais do que tudo, sem esse poder quasi sobrenatural,

sem esses attributos excepcionaes que gravam, que assignalam de modo estranho, ás chammejantes e intrinsecas obras d'Arte, o caracter imprevisto, extra-humano, do Sonho.

Hábeis *viveurs,* geitosos, sagazes, accommodaticios, affectando pessimismos mais por desiquilibrio que por fundamento, sentindo, alguns, até á saciedade, a atropellação do meio, fingindo despresal-o, aborrecel-o, odial-o, mas mergulhando n'elle com phrenesi, quasi com delyrio, mesmo com certa volupia maligna de frouxos e de nullos que trazem n'um gráo muito apurado a faculdade animal do instincto de conservação, a habilidade de nadadores dextros e intrépidos nas ondas turvas dos calculos e effeitos convencionaes.

Tal, desse modo, um prestidigitador ágil e atilado, cólhe e prende, com as miragens e trucs da nigromancia, a frivola attenção passiva de um publico dócil e embasbacado.

Incipientes, uns, obscenamente cretinos, outros, devorados pela desoladôra impotencia que os tórna lividos e lhes dilacéra os figados, eu bem lhes percebo as psychologias subterraneas, bem os vejo passar, todos, todos, todos, d'olhos obliquos, n'uma expressão physionomica azêda e vêsga de despeito, como errantes duendes da

Meia-Noite, verdes, escarlates, amarellos e azues, em vão grasinando e chocalhando na treva os guisos das sarcasticas risadas...

Almas tristes, afinal, que se dilúem, que se acabam, n'um silencio amargo, n'uma dolorosa desolação, murchas e doentias, na febre fatal das desorganisações, melancolicamente, melancolicamente, como a decomposição de tecidos que gangrenáram, de corpos que apodrecêram de um modo irremediavel e não pódem mais viçar e florir sob as refulgencias e sonoridades dos finissimos ouros e crystaes e saphyras e rubis incendiados do Sol...

Almas lassas, debochadamente relaxadas, verdadeiras casérnas onde a mais rasgada libertinagem não encontra fundo; almas que vão cultivando com cuidado delicadas infamiasinhas como áspides galantes e curiosas e que de tão baixas, de tão rasas que são nem merecem a magnificencia, a magestade do Inferno!

Almas, afinal, sem as chammas mysteriosas, sem as névoas, sem as sombras, sem os largos e irisados resplendores do Sonho—supremo Redemptor eterno!

Tudo um ambiente dilacerante, uma athmosphera que suffóca, um ar que afflige e dóe nos olhos e asphixia a garganta como uma poeira

triste, muito densa, muito turva, sob um meio-dia ardente, no atalho êrmo de villa pobre por onde vae taciturnamente seguindo algum obscuro enterro de desgraçado . . .

Elles riem, elles riem e eu caminho e sonho tranquillo! pedindo a algum bello Deus d'Estrellas e d'Azul, que vive em tédios aristocraticos na Nuvem, que me deixe serenamente e humildemente acabar esta Obra extrema de Fé e de Vida!

Se alguma nova ventura conheço é a ventura intensa de sentir um temperamento, tão raro me é dado sentir essa ventura. Se alguma cousa me tórna justo é a chamma fecundadôra, o effluvio fascinador e penetrante que se exhala de um verso admiravel, de uma pagina de evocações, legitima e suggestiva.

O que eu quéro, o que eu aspiro, tudo por quanto anceio, obedecendo ao systhema arterial das minhas Intuições, é a Amplidão livre e luminosa, todo o Infinito, para cantar o meu Sonho, para sonhar, para sentir, para soffrer, para vagar, para dormir, para morrer, agitando ao alto a cabeça anathematisada, como Othello nos delyrios sangrentos do Ciume . . .

Agitando ainda a cabeça n'um derradeiro movimento de desdem augusto, como nos scysmativos occasos os desdens soberanos do sol que

ufanamente abandona a terra, para ir talvez fecundar outros mais nobres e ignorados hemisphérios...

Pensam, sentem, estes, aquelles. Mas a caracteristica que denóta a selecção de uma curiosa natureza, de um ser d'arte absoluto, essa, não a sinto, não a vejo, com os delicados escrupulos e susceptibilidades de uma flagrante e real originalidade sem escólas, sem regulamentações e methodos, sem cotterie e annaes de critica, mas com a força germinal poderosa de virginal affirmação viva.

D'alto a baixo, rasgam-se os organismos, os instrumentos da autopsia psychologica penétram por tudo, sondam, prescrutam todas as cellulas, analysam as funcções mentaes de todas as civilisações e raças; mas, só escapa á penetração, á investigação desses positivos exames, a tendencia, a indole, o temperamento artistico, fugidios sempre e sempre imprevistos, porque são casos particulares de selecção na massa immensa dos casos geraes que régem e equilibram secularmente o mundo.

Desde que o Artista é um isolado, um esporádico, não adaptado ao meio, mas em completa, lógica e inevitavel revólta contra elle, n'um conflicto perpetuo entre a sua natureza compléxa e

a natureza opposta do meio, a sensação, a emoção que experimenta é de ordem tal que fóge a todas as classificações e casuisticas, a todas as argumentações que, parecendo as mais puras e as mais exhaustivas do assumpto, são, no entanto, sempre deficientes e falsas.

Elle é o super-civilisado dos sentidos, mas como que um super-civilisado ingénito, transbordado do meio, mesmo em virtude da sua percuciente agudesa de visão, da sua absoluta clarevidencia, da sua innata perfectibilidade cellular, que é o gérmen fundamental de um temperamento profundo.

Certos espiritos d'Arte assignaláram-se no tempo vehiculado pela hegemonia das raças, pela preponderancia das civilisações, tendo, porém, em toda a parte, um valôr que éra universalmente conhecido e celebrisado, porque, para chegar a esse gráo de notoriedade, penetrou primeiro nos dominios do officialismo e da cotterie.

Os de Esthetica emovente e exótica, os gueux, os requintados, os sublimes illuminados por um clarão phantastico, como Baudelaire, como Pöe, os surprehendentes da Alma, os imprevistos missionarios suprêmos, os inflammados, devorados pelo Sonho, os clarevidentes e evocativos,

que emocionalmente suggestionam e accórdam luas adormecidas de Recordações e de Saudades, Esses, ficam immortalmente cá fóra, d'entre as augustas vózes apocalypticas da Natureza, chorados e cantados pelas Estrellas e pelos Ventos!

Ah! bemditos os Revelladores da Dôr infinita! Ah! soberanos e invulneraveis aquelles que, na Arte, nesse extremo requinte de volupia, sabem transcendentalisar a Dôr, tirar da Dôr a grande Significação eloquente e não amesquinhal-a e desvirginal-a!

A verdadeira, a suprema força d'Arte está em caminhar firme, resoluto, inabalavel, sereno atravez de toda a perturbação e confusão ambiente, isolado no mundo mental creado, assignalando com intensidade e eloquencia o mysterio, a predestinação do temperamento.

E' preciso fechar com indifferença os ouvidos aos rumôres confusos e attropellantes e engolphar a alma, com ardente paixão e fé concentrada, em tudo o que se sente e pensa com sinceridade, por mais violenta, obscura ou escandalosa que essa sinceridade á primeira vista parêça, por mais longe das nórmas preestabelecidas que a julguem,—para então assim mais elevadamente estrellar os Infinitos da grande

Arte, da grande Arte que é só, solitaria, desacompanhada das turbas que chasquêam, da materia humana doente que convulsiona dentro das estreitezas asphixiantes do seu tôrvo caracól..

Até mesmo, certos livros, por mais exóticos, attrahentes, abstrusos, que sejam, por mais acclamados pela trompa do momento, nada pódem influir, nenhuma alteração pódem trazer ao sentimento geral de idéas que se constituiram systhema e que affirmam, de modo radical, mas simples, natural, por mais exagerado que se supponha, a calma justa das convicções integraes, absolutas, dos que séguem impavidamente a sua linha, dos que trazendo comsigo imaginativo espirito de Concepção, caminham sempre com tenacidade, serenamente, imperturbaveis aos apupos inoffensivos, sem tonturas de fascinação ephemera, sentindo e conhecendo tudo, com os olhos claros levantados e sonhadôres cheios de uma radiante ironia mais feita de clemencia, de bondade, do que de ódio.

O Artista é que fica muitas vezes sob o signo fatal ou sob a auréola funésta do odio, quando no entanto o seu coração vem transbordando de Piedade, vem soluçando de ternura, de compaixão, de misericórdia, quando elle só paréce máo porque tem cóleras soberbas,

tremendas indignações, ironias divinas que causam escandalos ferozes, que passam por blasphemias negras, contra a Infamia official do Mundo, contra o vicio hypocrita, pervérso, contra o postiço sentimento universal mascarado de Liberdade e de Justiça.

Nos paizes novos, nas terras ainda sem typo ethnico absolutamente deffinido, onde o sentimento d'Arte é selvicola, local, banalisado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidavel de um temperamento fatalisado pelo sangue e que traz comsigo, além da condição inviavel do meio, a qualidade physiologica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora sciencia d'hypotheses negou em absoluto para as funcções do Entendimento, e, principalmente, do entendimento artistico da palavra escripta.

Deus meu! por uma questão banal da chimica biologica do pigmento ficam alguns mais rebéldes e curiosos fósseis preoccupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e attropellados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadôra, irrevogavel!

Mas, que importa tudo isso ?! Qual é a côr da minha fórma, do meu sentir ? Qual é a côr da tempestade de dilacerações que me abala ? Qual

a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre?

Ah! esta minuscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animaes bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnivoro, é que não póde comprehender-me.

Sim! tu é que não pódes entender-me, não pódes irradiar, convulsionar-te nestes effeitos com os archaismos duros da tua comprehensão, com a carcassa paleonthologica do Bom-Senso.

Tu é que não pódes vêr-me, attentar-me sentir-me, dos limites da tua tóca de primitivo, armada do bordão symbolico das convicções pre-históricas, patinhando a lama das theorias, a lama das conveniencias equilibrantes, a lama sinistra, estagnada, das tuas insaciaveis luxurias.

Tu não pódes sensibilisar-te diante destes extasiantes estados d'alma, diante destes deslumbramentos esthesiacos, sagrados, diante das eucharisticas espiritualisações que me arrebatam.

O que tu pódes, só, é agarrar com phrenesi ou com ódio a minha Obra dolorosa e solitaria e lêl-a e detestal-a e revirar-lhe as folhas, truncar-lhe as paginas, ennodoar-lhe a castidade branca dos periodos, profanar-lhe o tabernaculo da linguagem, riscar, traçar, assignalar, cortar com

disticos estygmatisantes, com labéos obscenos, com gólpes fundos de blasphemia as violencias da intensidade, dilacerar, emfim, toda a Obra, n'um impeto covarde de impotencia ou de angustia.

Mas, para chegares a esse movimento apaixonado, dolorido, já eu antes terei, por certo— eu o sinto, eu o vejo! — te arremessado profundamente, abysmantemente pelos cabellos á minha Obra e obrigado a tua attenção comatosa a accordar, a accender, a olfactar, a cheirar com febre, com delyrio, com cio, cada adjectivo, cada verbo que eu faça chiar como um ferro em brasa sobre o organismo da Idéa, cada vocabulo que eu tenha pensado e sentido com todas as fibras, que tenha vivido com os meus carinhos, dormido com os meus desejos, sonhado com os meus sonhos, representativos integraes, unicos, completos, perfeitos, de uma convulsão e aspiração supremas.

Não conseguindo impressionar-te, affectar-te a bóssa intellectiva, quéro ao menos sensacionar-te a pelle, ciliciar-te, crucificar-te ao meu estylo, desnudando ao sol, pondo abertas e francas, todas as expressões, nuances e expansibilidades d'este amargurado ser, tal como sou e sinto.

Os que vivem n'um completo assédio no mundo, pela condemnação do Pensamento, dentro de um bárathro monstruoso de leis e preceitos obsoletos, de convenções radicadas, de casuisticas, trazem a necessidade inquiéta e profunda de como que traduzir, por traços fundamentaes, as suas faces, os seus aspectos, as suas impressionabilidades e, sobre tudo, as suas causas originaes, vindas fatalmente da liberdade phenomenal da Natureza.

Ah! Destino grave, de certo modo funésto, dos que viéram ao mundo para, com as correntes secrétas dos seus pensamentos e sentimentos, provocar convulsões subterraneas, levantar ventos oppóstos de opiniões, mystificar a inscipiencia dos adolescentes intellectuaes, a ingenuidade de certas cabeças, o bom senso dos cretinos, deixar a oscillação da fé, sobre a missão que trazem, no espirito fraco, sem consistencia de critica propria, sem impulsão original para affirmar os Obscuros que não contemporisam, os Negados que não reconhécem a Sancção official, que repéllem toda a sorte de conchavos, de compadrismos interesseiros, de applausos forgicados, por limpidez e decencia e não por frivolidades de orgulhos humanos ou de despeitos tristes.

Ah! Destino grave dos que viéram ao mundo para ousadamente deflorar as puberes e cobardes intelligencias com o orgão másculo, poderoso da Synthese, para inocular nas estreitezas mentaes o sentimento vigoroso das Generalisações, para revellar uma obra bem fecundada de sangue, bem constellada de lagrimas, para, afinal, estabelecer o chóque violento das almas, arremessar umas contra as outras, na sagrada, na bemdita impiedade de quem traz comsigo os vulcanisadores Anathemas que redimem.

O que em nós outros Errantes do Sentimento flammeja, arde e palpita. é esta ancia infinita, esta sêde santa e inquiéta, que não céssa, de encontrarmos um dia uma alma que nos veja com simplicidade e clareza, que nos comprehenda, que nos ame, que nos sinta.

E' de encontrar essa alma assignalada pela qual viémos vindo de tão longe sonhando e andámos esperando ha tanto tempo, procurando-a no Silencio do mundo, cheios de febre e de scysmas, para no seio d'ella cahirmos frementes, alvoroçados, enthusiastas, como no eterno seio da Luz immensa e bôa que nos acólhe.

E' esta bemdita loucura de encontrar essa alma para desabafar ao largo da Vida com ella, para respirar livre e fortemente, de pulmões

satisfeitos e limpidos, toda a onda viva de vibrações e de chammas do Sentimento que contivémos por tanto e tão longo tempo guardada na nossa alma, sem acharmos uma outra alma irmã á qual pudéssemos communicar absolutamente tudo.

E quando a flor dessa alma se abre encantadôra para nós, quando ella se nos revélla com todos os seus seductores e reconditos aromas, quando afinal a descobrimos um dia, não sentimos mais o peito opresso, esmagado: — uma nova torrente espiritual deriva do nosso ser e ficamos então desaffogados, coração e cérebro inundados da graça de um divino amor, bem pagos de tudo, sufficientemente recompensados de todo o transcendente Sacrificio que a Natureza heroicamente impoz aos nossos hombros mortaes, para ver se conseguimos aqui em baixo na Terra encher, cobrir este abysmo do Tédio com abysmos de Luz!

O mundo, chato e mediocre nos seus fundamentos, na sua essencia, é uma dura fórmula geométrica. Todo aquelle que lhe procura quebrar as hirtas e caturras linhas rectas com o poder de um simples Sentimento, deslóca de tal módo elementos de ordem tão particular, de natureza tão profunda e tão séria que tudo se

turba e convulsiona; e o temerario que ousou tocar na velha fórmula experimenta toda a Dor imponderavel que esse simples Sentimento responsabilisa e provóca.

Eu não pertenço á velha arvore genealógica das intellectualidades medidas, dos productos anemicos dos meios lutulentos, especies exóticas de altas e curiosas girafas verdes e spleenéticas de algum maravilhoso e babylonico jardim de lêndas . . .

N'um impulso somnambulo para fóra do circulo systhematico das Fórmulas preestabelecidas, deixei-me pairar, em espiritual essencia, em brilhos intangiveis, atravez dos nevados, gelados e peregrinos caminhos da Via-Lactea...

E é por isso que eu ouço, no adormecimento de certas horas, nas mólles quebreiras de vagos torpôres enervantes, na bruma crepuscular de certas melancolias, na contemplatividade mental de certos poentes agonisantes, uma voz ignóta, que parece vir do fundo da Imaginação ou do fundo mucilaginoso do Mar ou dos mystérios da Noite—talvez accórdes da grande Lyra nocturna do Inferno e das harpas remótas de velhos céos esquecidos, murmurar-me:

—"Tu és dos de Cham, maldito, réprobo, anathematisado! Fallas em Abstracções, em

Fórmas, em Espiritualidades, em Requintes, em Sonhos! Como se tu fôsses das raças de ouro e da aurora, se viésses dos aryanos, depurado por todas as civilisações, cellula por cellula, tecido por tecido, crystalisado o teu ser n'um verdadeiro cadinho de idéas, de sentimentos—direito, perfeito, das perfeições officiaes dos meios convencionalmente illustres! Como se viésses do Oriente, rei!, em galéras, d'entre opulencias, ou tivésses a aventura magna de ficar perdido em Thébas, desoladamente scismando atravez de ruinas; ou a iriada, peregrina e fidalga phantasia dos Mediévos, ou a lênda colorida e bizarra por haveres adormecido e sonhado, sob o rhythmo claro dos Astros, junto ás priscas margens venerandas do Mar Vermelho!

Artista! póde lá isso ser se tu és d'Africa, tórrida e barbara, devorada insaciavelmente pelo deserto, tumultuando de mattas bravias, arrastada sangrando no lôdo das Civilisações despóticas, tôrvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angustia! A Africa arrebatada nos cyclones torvelinhantes das Impiedades suprêmas, das Blasphemias absolutas, gemendo, rugindo, bramando no cháos feroz, hórrido, das profundas sélvas brutas, a sua formidavel Dilaceração humana! A Africa laocoontica, alma de

trévas e de chammas, fecundada no Sol e na Noite, errantemente tempestuosa como a alma espiritualisada e tantalica da Russia, gerada no Degrêdo e na Néve—pólo branco e pólo negro da Dôr!

Artista?! Loucura! Loucura! Póde lá isso ser se tu vens dessa longinqua região desolada, lá do fundo exótico dessa Africa suggestiva, gemente, Creação dolorosa e sanguinolenta de Satans rebellados, dessa flagellada Africa, grotesca e triste, melancholica, génese assombrosa de gemidos, tétricamente fulminada pelo banzo mortal; dessa Africa dos Supplicios, sobre cuja cabeça nirvanisada pelo despreso do mundo Deus arrojou toda a péste lethal e tenebrosa das maldições eternas!

A Africa virgem, inviolada no Sentimento, avalanche humana amassada com argillas funéstas e secretas para fundir a Epopéa suprema da Dôr do Futuro, para fecundar talvez os grandes tercetos tremendos de algum novo e magestoso Dante negro!

Dessa Africa que parece gerada para os divinos cinzéis das colossaes e prodigiosas esculpturas, para as largas e phantasticas Inspirações convulsas de Doré-Inspirações inflammadas, soberbas, choradas, soluçadas, bebidas nos

Infernos e nos Céos profundos do Sentimento humano.

Dessa Africa cheia de solidões maravilhosas, de virgindades animaes instinctivas, de curiosos phenomenos de exquisita Originalidade, de espasmos de Desespero, gigantescamente medonha, absurdamente ullulante — pezadello de sombras macabras—visão valpurgiana de terriveis e convulsos soluços nocturnos circulando na Terra e formando, com as seculares, despedaçadas agonias da sua alma renegada, uma auréola sinistra, de lagrimas e sangue, toda em torno da Terra...

Não! Não! Não! Não transporás os pórticos millenarios da vasta edificação do Mundo, porque atraz de ti e adiante de ti não sei quantas gerações fôram accumulando, accumulando pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para ahi estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça.

Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás ancioso, afflicto, n'uma parede horrendamente incommensuravel de Egoismos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Sciencias e Criticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para a frente, ainda

nova parede, feita de Despeitos e Impotencias, tremenda, de granito, broncamente se elevará ao alto! Se caminhares, emfim, para atraz, ah! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo — horrivel! — parede de Imbecilidade e Ignorancia, te deixará n'um frio espasmo de terror absoluto . . .

E, mais pedras, mais pedras se sobreporão ás pedras já accumuladas, mais pedras, mais pedras . . . Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes Civilisações e Sociedades . . . Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir, — longas, negras, terrificas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até ás Estrellas, deixando-te para sempre perdidamente allucinado e emparedado dentro do teu Sonho . . . "

INDICE

DO MESMO AUTOR

MISSAL (PROSA) esgotado

BROQUEIS (VERSOS)

EVOCAÇÕES (PROSA).

INÉDITOS

PHARÓES (VERSOS)

ULTIMOS SONETOS

PROSAS INÉDITAS.